

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2014-2015





**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg  
Administração e Finanças

Luiz Antonio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural





# FAPESC

FUNDAÇÃO DE AMPARO À  
PESQUISA E INOVAÇÃO DO  
ESTADO DE SANTA CATARINA

***Síntese Anual da Agricultura de  
Santa Catarina  
2014-2015***

## Estado de Santa Catarina

Governador do Estado - João Raimundo Colombo

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca - Moacir Sopelsa

Presidente da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri - Luiz Ademir Hessmann

Diretores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina - Epagri

Desenvolvimento Institucional - Ivan Luiz Zilli Bacic

Administração e Finanças - Jorge Luiz Malburg

Ciência, Tecnologia e Inovação - Luiz Antônio Palladini

Extensão Rural - Paulo Roberto Lisboa Arruda

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola - Epagri/Cepa - Reney Dorow

### Coordenação

Tabajara Marcondes

### Elaboração

Alex Alves dos Santos

André Torquato Novaes

Angelo Mendes Massignam

Cristina Pandolfo

Daniel Rogério Schmitt

Evandro Uberdan Anater

Fabiano Müller Silva

Fernando Soares Silveira

Gláucia Padrão

Gilnei Bruno Fachin

Lilian de Pellegrini Elias

Luiz Toresan

Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin

Reney Dorow

Rogério Goulart Junior

Sergio Winckler da Costa

Tabajara Marcondes

Vinícius Caliar

Wilian da Silva Ricce

### Colaboração

Alexandre Luís Giehl

Cléverson Buratto

Édila Gonçalves Botelho

Elvys Taffarel

Getúlio Tadeo Tonet

Gilberto Luiz Curti

Saturnino Claudino dos Santos

### Editora Técnica

Lucia Morais Kinceler

### Diagramação e Arte Final

Sidaura Lessa Graciosa

### Revisão textual

Abel da Silveira Viana

João Batista Leonel Ghizoni

Laertes Rebelo

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: Dioesc

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. v.1 1976 -  
Florianópolis: Epagri/Cepa, 1976-  
Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura  
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

Editada pela Epagri-Cepa (2005 - )

1. Agropecuária - Brasil SC - Periódico. I. Instituto de Planejamento e Economia  
Agrícola de Santa Catarina, Florianópolis, SC. II Empresa de Pesquisa Agropecuária e  
Extensão Rural de Santa Catarina/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola  
- Epagri/Cepa, Florianópolis, SC.

ISSN 1677-5953

Epagri/Cepa - Rod. Admar Gonzaga, 1.486 - Itacorubi - 88034-000 - Florianópolis - SC  
Tel. (48) 3665.5078 - <http://cepa.epagri.sc.gov.br>

## Apresentação

A importância de informações setoriais para as ações das organizações públicas e privadas é uma evidência histórica em Santa Catarina. O reconhecimento dessa importância para as ações do setor público agrícola estadual em prol da promoção do desenvolvimento da agropecuária está formalizado na Lei Agrícola Estadual, que define, entre os instrumentos da política de desenvolvimento rural, a informação agrícola. Essa Lei define também que a Secretaria da Agricultura “elaborará, manterá e divulgará, periodicamente, informações sobre o desempenho dos setores agropecuário, pesqueiro e florestal...”.

Isso contribui para explicar o histórico da ação institucional do que é atualmente o Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Epagri, o Cepa, que nos seus três diferentes formatos organizacionais (Cepa/1975, Instituto Cepa/1982 e Epagri-Cepa/2005) completou 40 anos de existência em 2015.

É nesse contexto que se destaca a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina, publicação que praticamente “nasceu” com o que é hoje o Cepa, já que sua 1ª edição é de 1976. É, portanto, o documento mais tradicional do Cepa e de consulta quase obrigatória para os que querem conhecer alguns detalhes da dinâmica produtiva e mercadológica das principais cadeias de produção da agropecuária estadual.

Em face de ser uma publicação que reflete parte dessa trajetória de 40 anos, para a edição deste ano criamos uma capa que resgata algumas das edições de anos anteriores, as quais continuam disponíveis para consulta no site da Epagri.

Assim, é com grande satisfação que apresentamos esta que é a 36ª edição, a Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2014-2015. Aproveitamos para agradecer a todas as pessoas e entidades que colaboraram para sua realização e informar que a versão eletrônica desta e de várias edições anteriores da publicação estão disponíveis em arquivo eletrônico no item Publicações no endereço <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br>.

Luiz Ademir Hessmann  
Presidente da Epagri

## Convenções

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

- o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

Nota: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

# Sumário

## Parte I

<b>Desempenho da agropecuária catarinense - safra 2013/14</b> .....	7
---	---

<b>Desempenho da produção vegetal</b> .....	10
---	----

Arroz.....	10
Banana.....	18
Cebola .....	26
Feijão.....	31
Fumo .....	37
Maçã.....	43
Milho .....	51
Soja.....	57
Tomate .....	63
Trigo .....	66
Uva e vinho.....	72

<b>Desempenho da produção animal</b> .....	76
--	----

Carne bovina .....	76
Carne de frango.....	83
Carne suína.....	88
Leite.....	95

<b>Desempenho da aquicultura catarinense</b> .....	104
--	-----

<b>Desempenho do setor florestal</b> .....	111
--	-----

<b>Análise climática do Estado de Santa Catarina</b> .....	128
--	-----

## Parte II

Séries históricas.....	135
Área e população .....	137
Exportações e importações.....	139
Preços agrícolas.....	143
Calendário agrícola.....	146





## Desempenho da agropecuária catarinense - safra 2013/14

Luiz Toresan – Eng. agr., Dr. – Epagri/Cepa

toresan@epagri.sc.gov.br

Lilian de Pellegrini Elias – Economista, mestranda

lilianpellegrini@gmail.com

### *Produção agropecuária segue em crescimento, mas preços não acompanham a inflação*

O valor bruto da produção agropecuária (VBP) de Santa Catarina cresceu 5,8% na safra 2013/14 e atingiu 21,4 bilhões de reais. Esse desempenho pode ser considerado positivo se se considerar que na safra anterior (2012/13) esse valor havia crescido 22,9%, o qual serviu de base para os cálculos (Tabela 1). O crescimento da produção foi mais importante no aumento do VBP do que o crescimento dos preços. O índice de quantidade (Iq) da safra ficou positivo em 2,7%, enquanto o índice de preços (Ip) foi apenas 2,6% superior na comparação com a safra anterior (Tabela 2). Assim, essa safra foi mais produtiva pelo aumento da produção e ajudou a conter a inflação que teve crescimento bem superior aos preços agrícolas.

Entre os produtos importantes em valor, as maiores variações positivas foram da maçã (+40,5%), da cebola (+34,4%), da carne suína (+25,6%), da soja (+21,5%) e do arroz (+13,3%) (Tabela 1). No lado negativo, os produtos de maior importância econômica que tiveram decréscimos significativos no valor da produção foram o feijão (-27,4%), o tomate (-27,4%), a madeira para produção de papel e celulose (-16,4%) e para outras finalidades (-10,3%) e o milho (-7,9%).

O segmento pecuário em 2014 contribuiu com mais da metade do VBP da agropecuária de SC (53%). A carne de frango, item economicamente mais importante da agropecuária catarinense, teve participação de 20% no valor total da produção da safra 2013/14. A produção pecuária cresceu 3,6% em 2014, com destaque para as carnes bovina (+6,8%) e suína (+6,5%).

Os preços dos produtos da pecuária, no seu conjunto, foram apenas 2,5% superiores ao ano anterior, bem abaixo dos índices inflacionários. Os melhores preços anuais foram dos suínos e dos ovos de galinha, com evolução de 18% e 15% respectivamente, enquanto aves, leite e bovinos apresentaram queda nos preços.

O crescimento da produção e dos preços da carne suína se deveu, em parte, à melhoria das exportações. O cenário internacional favorável permitiu aumento de 25,6% no valor produzido em 2014, em relação a 2013. Também merece destaque o contínuo crescimento da produção de leite nos últimos anos, tendo-se aproximado dos 3 bilhões de litros em 2014 (crescimento anual de quase 6% entre 2010 e 2014).

O VBP das lavouras teve crescimento médio anual de 9% nas quatro últimas safras. Esse importante desempenho foi puxado principalmente pela soja, que apresentou crescimento de mais de 140% no valor de sua produção no período. A cultura da soja, devido à sua maior valorização no mercado internacional, teve uma forte expansão da área cultivada (+27% nos últimos quatro anos), tendo avançado sobre áreas antes cultivadas com milho e feijão por apresentar maior rentabilidade perante essas culturas.

Os grãos tiveram crescimento de 1,8% na produção da safra 2013/14 e de apenas 1,6% nos preços. As culturas da soja e do arroz tiveram aumento expressivo tanto na produção quanto nos preços. Já o milho teve redução de 5,3% no volume produzido e seus preços médios praticados na safra foram 2,7% menores que os da safra anterior.

Tabela 1/I. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária - SC e posição dentre os produtos

(mil reais)

PRODUTO/SEGMENTO	2010	2011	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>	Posição geral
<b>Pecuária</b>	<b>8.030.061</b>	<b>9.057.461</b>	<b>8.819.316</b>	<b>10.742.313</b>	<b>11.401.386</b>	
Carne de frango	3.111.738	3.608.760	3.373.133	4.097.444	4.069.338	1º
Carne suína	2.371.875	2.416.388	2.221.128	2.507.534	3.149.032	2º
Leite	1.542.082	1.891.481	2.145.805	2.688.746	2.687.978	3º
Carne bovina	606.321	699.894	626.373	897.380	877.279	7º
Ovos de galinha	369.432	411.434	417.581	513.014	572.550	11º
Mel	21.900	22.391	27.870	30.930	36.988	26º
Ovos de codorna	6.713	7.113	7.426	7.265	8.221	35º
<b>Lavouras</b>	<b>5.951.444</b>	<b>5.976.495</b>	<b>6.028.288</b>	<b>7.808.434</b>	<b>8.387.309</b>	
<b>- Grãos</b>	<b>2.521.918</b>	<b>3.131.513</b>	<b>2.914.243</b>	<b>4.008.184</b>	<b>4.146.375</b>	
Soja	730.264	1.031.549	877.642	1.449.428	1.761.491	5º
Milho	939.801	1.445.497	1.153.163	1.392.252	1.282.417	6º
Arroz	539.982	389.611	574.108	650.038	736.588	8º
Feijão	208.446	164.253	228.956	331.626	240.812	16º
Trigo	99.863	96.287	74.065	181.727	123.595	19º
Cevada	3.562	4.316	6.309	3.113	1.472	40º
<b>- Demais lavouras temporárias</b>	<b>2.638.029</b>	<b>2.084.224</b>	<b>2.271.374</b>	<b>2.858.458</b>	<b>3.050.083</b>	
Fumo	1.591.222	1.297.418	1.413.661	1.761.207	1.900.294	4º
Cebola	416.157	223.136	300.627	284.142	381.792	13º
Tomate	185.632	150.542	119.093	315.904	237.938	17º
Mandioca	165.540	183.565	140.860	179.218	191.407	18º
Alho	99.483	54.624	118.477	86.882	107.865	20º
Batata-inglesa	95.106	72.407	62.602	95.060	89.092	23º
Cana-de-açúcar	40.466	57.709	65.029	74.366	63.193	24º
Batata-doce	23.324	22.028	23.177	25.195	32.102	27º
Melancia	15.953	16.450	18.538	18.357	27.547	30º
Aveia	3.705	5.096	7.962	16.734	17.118	32º
Amendoim	1.441	1.249	1.348	1.393	1.735	39º
<b>- Lavouras permanentes</b>	<b>791.497</b>	<b>760.758</b>	<b>842.671</b>	<b>941.792</b>	<b>1.190.851</b>	
Maçã	440.017	407.764	434.205	451.522	634.430	10º
Banana	211.908	230.096	275.528	312.335	354.729	15º
Uva	77.090	60.327	62.488	83.311	98.693	22º
Pêssego	13.787	20.019	27.982	27.405	31.347	28º
Maracujá	4.197	5.745	5.077	25.047	28.918	29º
Laranja	24.875	19.556	18.529	19.928	19.618	31º
Pera	4.801	7.546	9.603	9.073	10.890	34º
Tangerina	4.379	4.022	5.032	7.229	7.597	37º
Caqui	4.449	4.620	3.043	4.653	3.942	38º
Figo	5.785	714	648	795	384	42º
Limão	209	349	536	494	303	43º
<b>Silvicultura e extração vegetal</b>	<b>1.569.285</b>	<b>1.725.143</b>	<b>1.788.837</b>	<b>1.790.641</b>	<b>1.637.087</b>	
Madeira para outras finalidades	733.807	845.675	829.701	754.256	676.600	9º
Lenha	287.235	359.456	360.145	368.834	420.551	12º
Madeira para papel e celulose	490.914	463.044	496.355	426.349	356.471	14º
Erva-mate	25.684	26.561	40.453	137.114	102.261	21º
Palmito	21.531	20.494	50.455	86.721	58.657	25º
Carvão	7.076	7.128	7.854	11.658	14.891	33º
Pinhão	3.038	2.785	3.874	5.709	7.656	36º
<b>Total</b>	<b>15.550.790</b>	<b>16.759.099</b>	<b>16.636.441</b>	<b>20.341.388</b>	<b>21.425.782</b>	

<sup>(1)</sup> Estimativa Epagri/Cepa.

Fonte: IBGE; Epagri/Cepa.

**Tabela 2/1. Índice de variação da quantidade (Iq) e do preço (Ip) da agropecuária catarinense e de seus principais segmentos - safra 2013/14**

Componente	Iq <sup>(1)</sup>	Ip <sup>(1)</sup>
<b>Total Agropecuária</b>	<b>2,7%</b>	<b>2,6%</b>
Pecuária	3,6%	2,5%
Lavouras	3,5%	3,8%
Grãos	1,8%	1,6%
Demais lavouras temporárias	2,9%	3,7%
Lavoura permanente	11,4%	13,6%
Silvicultura e extração vegetal	-6,3%	-2,5%

$$I_q = \frac{\sum_{i=1}^n p_i^0 q_i^1}{\sum_{i=1}^n p_i^0 q_i^0} \quad I_p = \frac{\sum_{i=1}^n p_i^1 q_i^0}{\sum_{i=1}^n p_i^0 q_i^0}$$

<sup>(1)</sup> Índice de Laspeyres para variação da quantidade (Iq) e do preço (Ip)

Fonte: IBGE; Epagri/Cepa.

Nas demais lavouras temporárias, as culturas da cebola e do alho tiveram forte crescimento no valor da produção, puxado pelos aumentos dos preços praticados, no caso da cebola, pelo maior volume produzido (+11%) e por melhores preços de comercialização (+12%), no caso do alho. Já o tomate, embora a produção tenha sido 11% maior, teve uma queda de 32% nos preços da safra, resultando em uma produção com valor bem inferior ao da safra anterior, que havia sido excepcionalmente elevado (+165%).

Para as lavouras permanentes, a safra 2013/14 foi de excelente resultado, com crescimento de 26% no valor produzido. Para esse grande resultado contribuíram tanto os preços (+14%) quanto a quantidade produzida (+11%) (Tabela 2). A maior contribuição coube à cultura da maçã pelo forte crescimento na produção e nos preços praticados ao produtor.

O segmento florestal (silvicultura e extração vegetal), ao contrário dos demais grupos de produtos, teve redução de produção e de preços (-6,3% e -2,5% respectivamente). A queda no valor da produção se deveu, na maior parte, pela madeira em tora para papel e celulose (-16%) e para outras finalidades (-10%). Contribuíram positivamente a lenha (+14%) e o carvão vegetal (+2,8%).

Em síntese, a agropecuária e o agronegócio catarinenses tiveram bom desempenho produtivo na safra 2013/14. Os preços, de modo agregado, subiram bem menos que a inflação do período e contribuíram para seu controle.

# Desempenho da produção vegetal

## Arroz

Glaucia Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
 glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

### Produção e mercado mundiais

O arroz é o segundo cereal mais cultivado no mundo, caracterizando-se pela importância nutricional para a alimentação humana. Em termos de área plantada, a produção de cerca de 747 milhões de toneladas de arroz em casca ocupa uma área de aproximadamente 158 milhões de hectares no mundo. Esse arroz em casca foi convertido em um total mundial de aproximadamente 476 milhões de toneladas de arroz beneficiado, cuja produção se concentra na Ásia, sobretudo China e Índia, responsáveis, respectivamente, por 30,24% e 21,52% na safra 2014/15. Para a safra 2015/16 é esperada uma variação da produção de 0,51%. Esse pequeno aumento percentual se deve à redução na prospecção de produção da Índia e China, em decorrência de possíveis efeitos climáticos do fenômeno El Niño (Tabela 1). No que tange o consumo mundial, enquanto a safra 2014/15 totalizou 483 milhões de toneladas, para a safra 2015/16 é esperado um incremento acima da produção, aproximadamente 0,88%, totalizando 487 milhões de toneladas (Figura 1).

Tabela 1/I. Arroz beneficiado – Principais países produtores – safras 2011/12-2015/15

País	(mil t)						
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (2011-14)	Var. % (2014 - 15)
<b>Total Mundial</b>	<b>467.673</b>	<b>472.683</b>	<b>478.190</b>	<b>476.223</b>	<b>478.654</b>	<b>0,61</b>	<b>0,51</b>
China	140.700	143.000	142.530	144.500	146.000	0,89	1,04
Índia	105.310	105.240	106.540	102.500	104.000	-0,90	1,46
Indonésia	36.500	36.550	36.300	36.300	36.650	-0,18	0,96
Bangladesh	33.700	33.820	34.390	34.500	35.000	0,79	1,45
Vietnã	27.152	27.537	28.161	28.050	28.200	1,09	0,53
Tailândia	20.460	20.200	20.460	18.750	18.000	-2,87	-4,00
Burma	11.473	11.715	11.957	12.600	12.800	3,17	1,59
Filipinas	10.710	11.428	11.858	11.880	12.400	3,52	4,38
Brasil	7.888	8.037	8.300	8.500	8.000	2,52	-5,88
Japão	7.812	7.923	7.937	7.842	7.900	0,13	0,74
Outros Países	65.968	67.233	69.757	70.801	69.704	2,38	-1,55

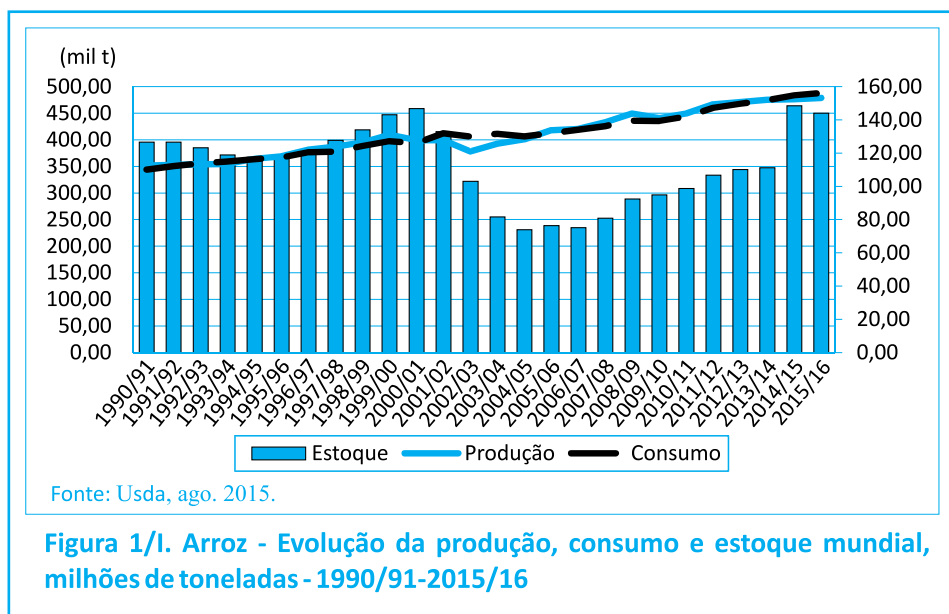
<sup>(1)</sup> Estimativa de safra de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

Nota-se que apesar do potencial de crescimento do consumo, por representar parte significativa da alimentação humana no mundo e desempenhar papel estratégico no que diz respeito à problemática da segurança alimentar, tanto a produção quanto o consumo se mantêm relativamente estáveis ao longo dos anos. Essa estabilidade faz com que o comércio internacional não seja tão expressivo – cerca de 9% da produção mundial ou 42 milhões de toneladas. Entre os principais exportadores estão Índia e Tailândia, que na safra 2014/15 representaram, juntas, aproximadamente 48% do total mundial. A expectativa de que o consumo na safra 2015/16 seja superior à produção reduz a expectativa de comércio internacional em 0,48%. Nessa safra é esperado arrefecimento das exportações da Índia em 18,18%, o que em parte deverá ser compensado pela Tailândia e pelo Vietnã (Tabela 2). Quanto aos principais importadores, China,

Nigéria e Filipinas, que responderam juntos por 24,23% do total mundial na safra 2014/15, é esperada uma redução dessas importações na safra 2015/16, nos últimos, na ordem de 25% e 22,22%, respectivamente (Tabela 3).

Também como consequência da redução da produção e do incremento do consumo, o estoque final esperado para a safra 2015/16 é 9,17% inferior à safra passada, totalizando aproximadamente 144 milhões de toneladas de arroz. Historicamente, desde 2011 o estoque reduz em média 2,18% ao ano, em razão de praticamente a totalidade da produção (mais de 90%) ser consumida internamente nos principais países produtores.



**Tabela 2/I. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – safras 2011/12-2015/16**

País						(mil t)	
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (2011-14)	Var. % (2014 - 15)
<b>Total Mundial</b>	<b>39.948</b>	<b>39.466</b>	<b>43.375</b>	<b>42.504</b>	<b>42.301</b>	<b>2,09</b>	<b>-0,48</b>
Índia	10.250	10.480	10.907	11.000	9.000	2,38	-18,18
Tailândia	6.945	6.722	10.969	9.000	10.200	9,02	13,33
Vietnã	7.717	6.700	6.325	6.700	7.000	-4,60	4,48
Paquistão	3.399	4.126	3.600	4.000	4.000	5,58	0,00
Estados Unidos	3.298	3.295	2.998	3.400	3.450	1,02	1,47
Burma	1.357	1.163	1.688	2.000	2.200	13,80	10,00
Camboja	900	1.075	1.000	1.100	1.000	6,92	-9,09
Uruguai	1.056	939	957	950	950	-3,46	0,00
<b>Brasil</b>	<b>1.105</b>	<b>830</b>	<b>850</b>	<b>800</b>	<b>800</b>	<b>-10,21</b>	<b>0,00</b>
Guiana	265	346	500	500	520	23,57	4,00
Outros países	3.656	3.790	3.581	3.054	3.181	-5,82	4,16

<sup>(1)</sup> Estimativa de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

Tabela 3/I. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – Safras 2011/12-2015/16

(milhões de t)

País	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (2011-14)	Var. % (2014-15)
<b>Total Mundial</b>	<b>39.948</b>	<b>39.466</b>	<b>43.375</b>	<b>42.504</b>	<b>42.301</b>	<b>2,09</b>	<b>-0,48</b>
China	2.900	3.483	4.168	4.500	4.700	15,77	4,44
Nigéria	3.400	2.400	3.200	4.000	3.000	5,57	-25,00
Filipinas	1.500	1.000	1.800	1.800	1.400	6,27	-22,22
Irã	1.500	2.220	1.650	1.700	1.600	4,26	-5,88
União Européia	1.313	1.375	1.556	1.580	1.550	6,36	-1,90
Arábia Saudita	1.193	1.326	1.410	1.460	1.550	6,96	6,16
Indonésia	1.960	650	1.225	1.250	1.100	-13,92	-12,00
Iraque	1.478	1.294	1.080	1.250	1.300	-5,43	4,00
Senegal	1.200	1.075	1.200	1.100	1.100	-2,86	0,00
África do Sul	870	990	910	1.000	1.000	4,75	0,00
Outros países	19.800	20.685	22.791	20.773	21.443	1,61	3,23

<sup>(1)</sup> Estimativa de Agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

Tabela 4/I. Arroz beneficiado – Estoque final mundial e dos países selecionados – Safras 2011/12-2015/16

(mil t)

País	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (2011-14)	Var. % (2014-15)
<b>Total Mundial</b>	<b>106.862</b>	<b>110.657</b>	<b>107.373</b>	<b>100.018</b>	<b>90.849</b>	<b>-2,18</b>	<b>-9,17</b>
China	45.023	46.826	46.811	46.911	46.211	1,38	-1,49
Índia	25.100	25.440	22.651	15.300	11.600	-15,21	-24,18
Tailândia	9.330	12.808	11.724	10.074	6.174	2,59	-38,71
Indonésia	7.403	6.476	5.501	4.451	3.551	-15,60	-20,22
Japão	2.735	2.857	3.108	3.262	3.412	6,05	4,60
Filipinas	1.509	1.487	1.695	2.075	2.525	11,20	21,69
Paquistão	550	500	1.431	1.561	1.631	41,58	4,48
Estados Unidos	1.303	1.156	1.025	1.531	1.346	5,52	-12,08
Outros países	13.909	13.107	13.427	14.853	14.399	2,21	-3,06

<sup>(1)</sup> Estimativa de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015..

## Produção e mercado nacionais

No ranking de produtores mundiais, o Brasil ocupa a nona posição, tendo a safra 2014/15 evoluído conforme o esperado, apontando para redução da área em 1,2% e aumento da produção em 3,2% em relação à safra 2013/14. O País segue a tendência mundial de estabilidade da área e produção, marcado pelo incremento médio da produção em 2% ao ano no período de 2010 a 2014, enquanto a área plantada reduziu 4,02% ao ano. Esse comportamento deve-se ao aumento da produtividade, resultante do desenvolvimento de novas tecnologias e melhorias no manejo da cultura. Os principais estados produtores são Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que totalizaram em 2014/15 cerca de 77% da produção nacional, equivalente a 9 milhões de toneladas. Para a safra 2015/16 é esperado incremento da produção em 4,36% e redução de 1,9% da área plantada em relação à safra anterior (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Arroz – Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2010/11 – 2015/16<sup>(1)</sup>**

País/UF	Área plantada (mil ha)						Quantidade produzida (mil t)					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>2.778</b>	<b>2.855</b>	<b>2.443</b>	<b>2.387</b>	<b>2.357</b>	<b>2.313</b>	<b>11.236</b>	<b>13.477</b>	<b>11.550</b>	<b>11.783</b>	<b>12.160</b>	<b>12.690</b>
RS	1.101	1.170	1.043	1.086	1.114	1.128	6.875	8.940	7.692	8.099	8.241	8.679
SC	150	151	149	150	150	149	1.042	981	1.097	1.021	1.082	1.082
MA	482	469	432	410	389	351	590	708	439	481	587	498
MT	235	206	142	158	182	188	687	655	457	497	583	613
TO	138	133	111	115	110	139	447	468	348	490	511	737
PA	127	103	98	92	80	66	264	209	211	205	192	169
PR	40	39	35	33	30	28	167	192	178	176	154	165
PI	132	146	118	125	106	92	113	272	131	90	144	112
GO	90	72	59	43	38	26	221	201	182	147	139	110
RO	68	160	83	46	48	42	165	169	239	125	135	118
Outros	213	207	175	131	110	103	665	683	575	450	391	407

<sup>(1)</sup> Estimativa inicial de área e produção da safra de 2015/16.

Fonte: PAM e LSPA (agosto de 2015).

Do volume produzido no País, cerca de 8% é exportado, principalmente para a Venezuela, Senegal e Cuba, que demandam do Brasil 38,58% do total ofertado (Tabela 6). Quanto às importações, a maior parte é proveniente de países pertencentes ao Mercosul: Paraguai (52%), Uruguai (20%) e Argentina (15%). A facilidade de entrada do produto pela fronteira e a similaridade do grão com o produzido no Brasil, bem como o custo de produção comparativamente menor, torna o acesso do arroz paraguaio ao mercado nacional cada vez maior, podendo significar um risco à competitividade do produto nacional, principalmente àquele com origem em Santa Catarina.

**Tabela 6/I. Arroz – Exportações brasileiras por países de destino – 2010-15**

(mil t)

País	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
<b>TOTAL</b>	<b>430,49</b>	<b>1.350,92</b>	<b>1.152,71</b>	<b>918,05</b>	<b>929,92</b>	<b>417,03</b>
Venezuela	0,00	66,00	103,42	148,07	141,52	0,00
Senegal	140,89	119,21	116,39	95,18	112,24	55,84
Cuba	0,13	42,00	116,02	107,47	105,02	83,29
Serra Leoa	12,28	77,27	98,75	74,84	84,59	52,34
Gâmbia	72,95	95,78	50,39	70,28	78,23	8,75
Nicarágua	0,21	50,09	47,03	105,43	65,74	16,87
Bolívia	10,61	19,19	10,13	25,79	50,68	21,04
Peru	0,00	13,84	29,94	14,81	32,46	31,99
Suíça	37,61	40,04	51,07	20,30	31,53	21,10
Outros	155,81	827,51	529,56	255,88	227,90	125,82

<sup>(1)</sup> Soma das exportações de janeiro a julho de 2015.

Fonte: Fonte: MDIC/Aliceweb (agosto de 2015).



Tabela 7/I. Arroz – Importações brasileiras por países de destino – 2010-15

Países	(mil t)					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
<b>Total</b>	<b>783,54</b>	<b>621,84</b>	<b>740,37</b>	<b>757,18</b>	<b>624,40</b>	<b>227,67</b>
Paraguai	124,28	185,17	204,22	309,94	326,53	158,81
Uruguai	370,63	174,59	229,85	179,83	126,90	19,94
Argentina	251,02	259,02	281,43	239,54	96,14	25,06
Tailândia	0,64	0,45	0,55	0,38	60,88	0,26
Guiana	0,00	0,00	0,00	0,04	6,56	18,56
Chile	0,00	0,00	0,00	0,00	4,46	2,41
Itália	1,19	2,31	3,18	3,66	2,21	1,53
Paquistão	0,00	0,05	0,08	0,00	0,31	0,03
Vietnã	0,25	0,00	19,97	19,94	0,17	0,32
Estados Unidos	35,41	0,17	0,52	0,59	0,14	0,68
Outros países	0,11	0,09	0,58	3,27	0,10	0,08

<sup>(1)</sup> Soma das importações de janeiro a julho de 2015.

Fonte: MDIC/Aliceweb (agosto de 2015).

## Produção e mercado estaduais

O arroz posiciona Santa Catarina como o segundo maior produtor do País, ocupando a nona posição em termos de Valor Bruto da Produção (VBP). O produto movimentava uma cadeia de valor organizada e representativa, principalmente nas regiões Litoral Sul e Norte e Alto Vale do Itajaí. A safra 2014/15 seguiu a trajetória de relativa estabilidade dos anos anteriores, tanto na área plantada quanto na produção, representando 8,53% da produção nacional. As principais microrregiões produtoras no Estado são Araranguá (33,05%), Joinville (14,49%), Tubarão (14,15%) e Criciúma (13,77%). Na safra 2014/15, a qualidade dos grãos colhidos foi boa, confirmando a produção em cerca de 1,090 milhões de toneladas, apesar da ocorrência de doenças provocadas por fungos, como a brusone, em toda a região produtora. Problemas climáticos como chuvas excessivas, alta umidade do ar e temperaturas altas também interferiram no resultado final da safra, culminando na redução da produtividade média em relação à safra anterior (Tabela 8).

Em Santa Catarina, como no resto do mundo, o comércio internacional de arroz ainda é incipiente, uma vez que praticamente tudo que é produzido é consumido internamente. No ano de 2014, foram exportados aproximadamente US\$ 3.841 mil, destinados principalmente ao Panamá e Trinidad e Tobago. As importações catarinenses, originárias principalmente do Uruguai, Paraguai e Itália, totalizaram US\$ 3.578 mil. Salienta-se que países como o Paraguai e Itália vêm apresentando crescimento anual significativo do valor exportado para o Estado, o que deve ser observado com cautela, haja vista que o grão paraguaio possui característica parecidas com o catarinense. Já o italiano vem ocupando nichos de mercado que o Estado potencialmente pode ocupar. No entanto, cabe ao Estado desenvolver estratégias para ocupar esses mercados, na medida em que possui tecnologia e áreas disponíveis (Figura 2).

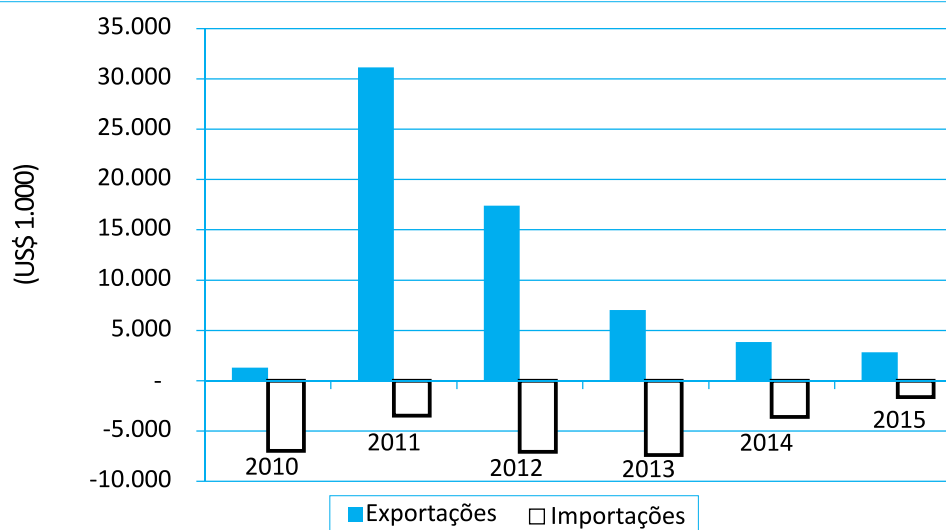
**Tabela 8/I. Arroz – Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – Safras 2009/10-2014/15**

UF/Microrregião	Área plantada (ha)					
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
<b>Santa Catarina</b>	<b>150.473</b>	<b>151.130</b>	<b>149.317</b>	<b>148.584</b>	<b>148.120</b>	<b>148.129</b>
Araranguá	49.480	50.092	51.370	50.910	51.650	51.660
Joinville	20.552	20.539	20.002	20.002	19.783	19.811
Tubarão	22.057	21.133	21.219	20.917	21.250	21.268
Criciúma	20.847	20.883	20.864	20.934	20.773	20.869
Rio do Sul	10.913	10.972	10.810	10.782	10.898	10.798
Itajaí	8.900	10.290	9.965	9.965	9.283	9.283
Blumenau	8.987	8.874	8.566	8.566	8.235	8.235
Tijucas	2.713	2.713	2.690	2.690	2.690	2.690
Florianópolis	3.410	3.410	3.210	3.210	3.210	3.110
Outras	2.614	2.224	621	608	348	405

UF/Microrregião	Quantidade produzida (t)					
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
<b>Santa Catarina</b>	<b>1042,00</b>	<b>984,00</b>	<b>1101,00</b>	<b>1020,00</b>	<b>1097,55</b>	<b>1087,23</b>
Araranguá	334,00	319,00	378,00	322,00	362,40	359,29
Joinville	151,00	147,00	152,00	154,00	167,19	157,49
Tubarão	156,00	129,00	154,00	153,00	151,61	153,82
Criciúma	135,00	132,00	143,00	128,00	146,27	149,74
Rio do Sul	91,00	64,00	90,00	80,00	86,59	88,97
Itajaí	62,00	74,00	72,00	72,00	69,87	71,38
Blumenau	66,00	69,00	69,00	69,00	72,62	65,60
Tijucas	20,00	21,00	21,00	21,00	21,00	20,30
Florianópolis	19,00	19,00	18,00	18,00	18,00	17,34
Outras	8,00	10,00	4,00	3,00	2,00	3,31

Fonte: IBGE/PAM, Epagri/Cepa, 2015.

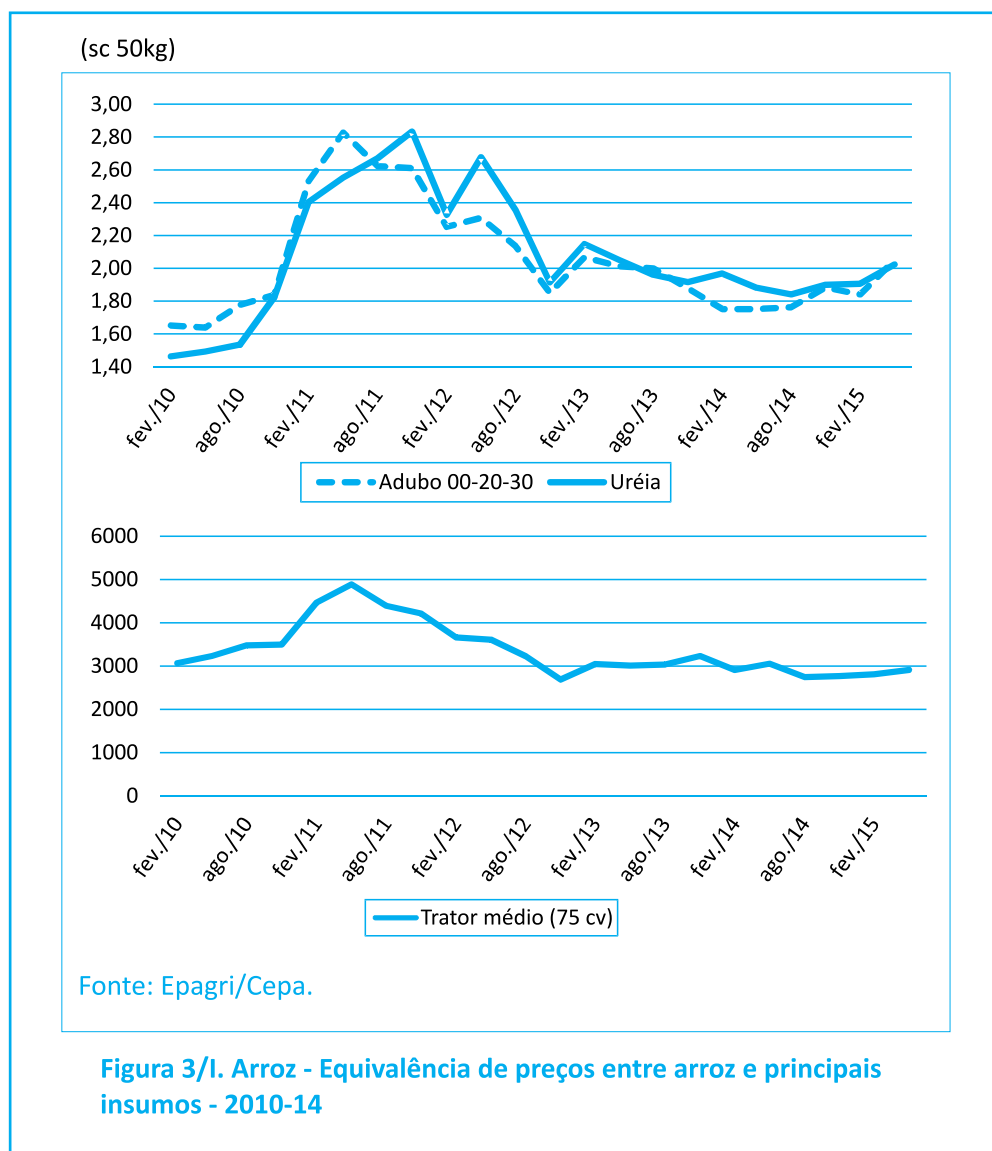


Fonte: MDIC/Aliceweb.

**Figura 2/I. Arroz - Valor das exportações e importações catarinenses - 2010-15**

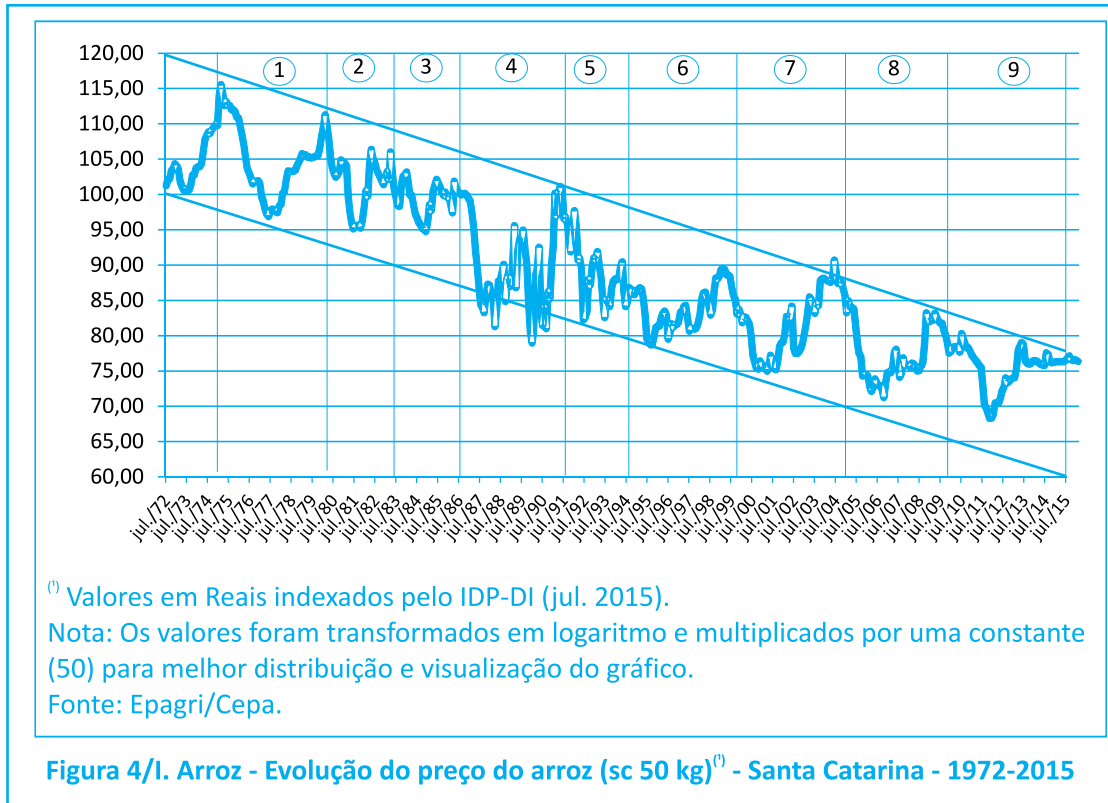
Quanto ao comportamento dos preços, observa-se que a relação de troca entre o grão e os principais insumos utilizados na produção tem se mostrado desfavorável ao produtor, como mostra a Figura 3. Apesar de na safra 2014/15 essa relação de troca aparentar-se estável, ela vem crescendo nos últimos meses, ou seja, são necessárias cada vez mais sacas de arroz para adquirir os insumos relacionados. Isso ocorre

devido à baixa nos preços do produto e ao aumento dos preços dos insumos, em função do aumento da produção na última safra e valorização do dólar frente ao real, que provoca aumento nos preços dos insumos importados.



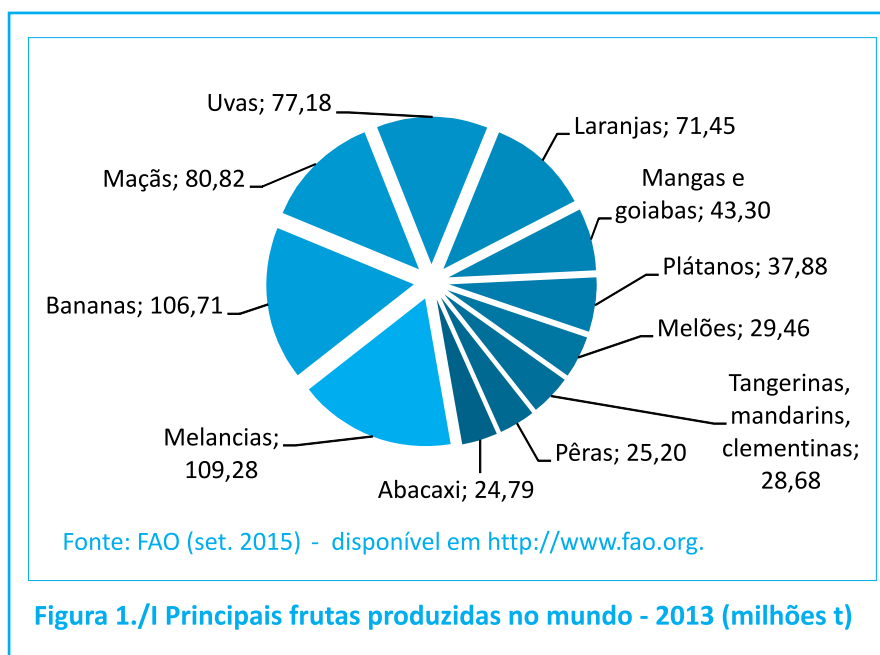
Os preços de arroz em Santa Catarina apresentam comportamento cíclico, de três a cinco anos, conforme pode ser observado na Figura 4. Analisando a evolução dos preços de janeiro de 1975 a julho de 2015, observa-se que o preço do grão tem variado aproximadamente -4% ao ano, considerando-se o preço médio de cada ciclo. De 1975 a 2015 foram identificados 9 ciclos, sendo que a partir de 1994 todos foram de cinco anos. Admitindo que esse comportamento se mantenha (ciclos de cinco anos), é possível estabelecer algumas possibilidades para esse novo ciclo que iniciou nos primeiros meses de 2014. O preço inicial desse ciclo é o preço final do ciclo 9, que corrigido a preços de julho de 2015, corresponde a R\$ 33,65/saca. Do ponto de vista da análise gráfica, tanto o pico final quanto o fundo do ciclo 9 ficaram abaixo do limite superior e inferior, respectivamente o que pode ser explicado pela atuação da Conab na redução do estoque de quase meio milhão de toneladas de arroz. A tendência a partir desse pico que marcou o início do ciclo 10 é a queda dos preços até meados de 2016. O preço deve se igualar ao último fundo, ocorrido em meados de 2011, ficando em torno de R\$ 23,11; ou pode cair até o limite inferior, que, corrigido considerando uma inflação anual de 8%, ficaria em R\$ 20,50. Depois de atingir o fundo, que é caracterizado pelo menor preço do ciclo, os preços deverão reagir e apresentar tendência crescente

até 2019. No entanto, conforme pode ser visto no gráfico, é possível que o comportamento dos preços passe por mudanças, como o estreitamento dos canais de alta e baixa, redução do período dos ciclos e/ou estabilidade dos preços no médio prazo.



## Produção e mercado mundiais

Até o ano de 2011 a banana era a fruta com maior produção no mundo, mas, a partir de 2012, ela passou para o segundo lugar no ranking (Figura 1). Do total de banana produzido no mundo, 56% estão na Ásia, 25% nas Américas e 16% na África.



Nos últimos cinco anos, a produção de banana se expandiu na maioria dos países produtores a uma taxa de crescimento média de 1,6% ao ano. No mundo, os níveis de produtividade, resultantes de inovações e tecnologias utilizadas na cadeia da bananicultura, cresceram a uma taxa média anual de 1,7%, e nos dez maiores produtores o ganho de produtividade se deu a uma taxa média de 3,7% ao ano.

Em 2013, os seis países com maior produção foram responsáveis por quase 63% da produção mundial. A Índia lidera a produção mundial (25,8%) seguida por China continental (11,3%), Filipinas (8,1%), Brasil (6,5%), Equador (5,6%) e Indonésia (5,0%). Entre 2012 e 2013, dos dez maiores produtores mundiais, o Equador e a Indonésia tiveram decréscimo de produção acima de 13%. Já a Índia e a China continental obtiveram aumento de mais de 4% (Tabela 1).

O Equador, responsável por 27% das exportações mundiais, apresentou uma taxa de crescimento anual negativa de 3% de 2009 a 2012, reflexo de eventos climáticos que afetaram as lavouras e a qualidade da banana equatoriana. As Filipinas, com 14% da quantidade exportada, ampliaram em 52% o volume negociado no mercado externo. E a Guatemala, com 9,7% das exportações mundiais, obteve uma taxa média de crescimento anual de 8%, passando para quarto maior exportador da fruta em 2012.

Tabela 1/I. Banana – Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2009-13

(mil t)

País	Produção					Part. 2013 (%)	Crescimento anual (%) 2009-13
	2009	2010	2011	2012	2013		
Mundo	100.271	105.829	106.328	105.636	106.714	100,0	1,6
Índia	26.470	29.780	28.455	26.509	27.575	25,8	1,0
China continental	8.834	9.561	10.400	11.558	12.075	11,3	8,1
Filipinas	9.013	9.101	9.165	9.226	8.646	8,1	-1,0
Brasil	6.783	6.969	7.329	6.902	6.893	6,5	0,4
Equador	7.637	7.931	7.428	7.012	5.996	5,6	-5,9
Indonésia	6.374	5.755	6.133	6.189	5.359	5,0	-4,2
Guatemala	2.544	2.637	2.680	3.079	3.188	3,0	5,8
Angola	1.985	2.048	2.646	2.991	3.095	2,9	11,7
Tanzânia	3.006	3.156	3.144	2.525	2.679	2,5	-2,8
Burundi	1.846	1.913	1.849	1.184	2.236	2,1	4,9
Costa Rica	1.795	2.020	2.125	2.136	2.175	2,0	4,9
México	2.232	2.103	2.139	2.204	2.128	2,0	-1,2
Colômbia	1.994	2.020	2.043	1.963	2.099	2,0	1,3
Outros	19.757	20.834	20.792	22.157	22.572	21,2	3,4

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

Tabela 2/I. Banana – Maiores exportadores mundiais – 2012

País	Valor (mil US\$)	Quantidade (mil t)	Participação (%)	Ranking
Mundo	8.805	19.263	100	-
Equador	2.068	5.183	26,9	1º
Filipinas	648	2.646	13,7	2º
Costa Rica	705	1.882	9,8	3º
Guatemala	584	1.866	9,7	4º
Colômbia	773	1.733	9,0	5º
Bélgica <sup>(1)</sup>	1.256	1.231	6,4	6º
Honduras	207	583	3,0	7º
EUA	423	516	2,7	8º
Costa do Marfim	140	339	1,8	9º
México	126	309	1,6	10º
Brasil	34	92	0,5	20º

<sup>(1)</sup> Via portuária.

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em <<http://www.fao.org>>.

Entre 2009 e 2012, a importação mundial de banana cresceu a uma taxa média de 2% ao ano. Entre os principais países importadores, os EUA apresentaram um crescimento de 22%, com 23,4% da quantidade importada, a Federação Russa, com 7%, ampliou em 28,5% o volume negociado. Já na China, com 3,4% das importações, a taxa de crescimento de sua demanda foi de 27,4% no período. A Bélgica é importante intermediária na comercialização internacional de banana e por meio dos seus portos importa a fruta dos principais produtores mundiais e exporta para diversos países da União Europeia.

Na safra de 2013, as duas maiores produtividades médias foram alcançadas pela Indonésia e pela África do Sul, com valores 2,6 vezes acima da média mundial. Já a produtividade média brasileira representa apenas 25% da indonésia (maior média mundial) e 67% da média mundial (Tabela 4).

**Tabela 3/I. Banana – Maiores importadores mundiais – 2012**

País	Valor (mil US\$)	Quantidade (mil t)	Part. (%)	Ranking
Mundo	12.445	18.263	100	-
EUA	1.939	4.353	23,8	1º
Bélgica <sup>(1)</sup>	1.385	1.287	7,0	2º
Federação Russa	925	1.260	6,9	3º
Alemanha	947	1.199	6,6	4º
Japão	886	1.087	5,9	5º
Reino Unido	789	1.037	5,7	6º
China Continental	366	626	3,4	7º
Itália	467	616	3,4	8º
Irã	457	590	3,2	9º
França	413	523	2,9	10º

<sup>(1)</sup> Via portuária. Fonte: FAO (setembro de 2015). (Disponível em <http://www.fao.org>).

**Tabela 4/I. Banana – Maiores rendimentos mundiais – Produtividade média – 2009 a 2013**

País	2009	2010	2011	2012	2013	Ranking <sup>(1)</sup>
Mundo	20.118	21.135	20.849	21.184	21.011	-
Indonésia	53.551	56.826	58.880	59.996	56.412	1º
África do Sul	49.441	49.468	51.293	50.879	55.395	2º
Costa Rica	42.141	46.939	50.581	51.572	50.769	3º
Israel	46.755	44.817	48.999	49.816	49.785	4º
Nicarágua	65.534	47.204	53.253	55.839	47.302	5º
Egito	46.799	45.398	44.871	45.060	46.702	6º
Turquia	47.189	47.466	45.818	46.244	46.140	7º
Guatemala	42.839	41.446	40.599	45.061	45.818	8º
República Dominicana	32.641	27.571	19.126	46.103	41.084	9º
Espanha	38.683	43.500	37.894	40.348	39.670	10º
Brasil	14.144	14.288	14.561	14.346	14.209	60º

<sup>(1)</sup> Países com área de produção acima de 500ha e taxa de crescimento abaixo de 100%.

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em <<http://www.fao.org>>.

No mundo, a banana é a segunda fruta com maior quantidade consumida (12,5kg/per capita/ano), abaixo apenas da laranja (13,3kg/per capita/ano). Entre os países com maior disponibilidade de banana, nos 40 primeiros a quantidade disponível para abastecimento da fruta está acima da média mundial, com destaque para República Dominicana, Angola e Filipinas (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Banana – Quantidade disponível para abastecimento per capita em países selecionados<sup>(1)</sup> – 2011-13**

País	2011	2012	2013	Ranking <sup>(2)</sup>
Filipinas	55,60	50,86	47,63	5º
Angola	48,91	53,59	53,76	7º
República Dominicana	43,66	62,55	63,73	10º
Brasil	31,08	29,06	28,99	12º
Quênia	24,24	27,46	26,80	19º
Indonésia	22,29	22,22	19,02	20º
Haiti	19,81	19,90	19,63	23º
Índia	18,61	17,10	17,59	26º
Vietnã	17,00	17,65	18,39	29º
México	14,07	13,30	12,31	41º

<sup>(1)</sup> Países com dados disponíveis para 2012 e 2013. <sup>(2)</sup> Posição dos países em 2011.

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em <<http://www.fao.org>>.

A maior empresa multinacional do comércio de banana no mundo é a Chiquita Brands e fatura mais de US\$3 bilhões num mercado de mais de US\$7 bilhões. Entre outubro de 2014 e janeiro de 2015 ela foi comprada pelo consórcio de capital brasilo-estadunidense formado pelos grupos Cutrale e Safra, que passaram liderar o mercado. Em 2013, as principais operadoras – Chiquita Brands International (13%), Fresh Del Monte Produce (12%), Dole Food Company (11%), Fyffes (6%) e Noboa Compay (2%) –, juntas, controlavam mais de 44% do mercado bananeiro mundial (FAO, 2014)<sup>(1)</sup>.

As operações das grandes multinacionais passam por mudanças significativas, com tendência de diminuição das propriedades com plantação e produção da fruta, e o aumento nos investimentos em logística de pós-produção, incluindo compra de produtores, transporte, tecnologias de amadurecimento do fruto e marketing. Já as grandes cadeias de supermercados dos Estados Unidos da América e da União Europeia tornam-se atores importantes no comércio mundial de banana, uma vez que dominam o mercado de varejo nos principais países consumidores.

## Produção e mercado nacionais

O Brasil é o quarto maior produtor mundial de banana. Com clima favorável e cultivo da fruta em praticamente todos os estados brasileiros, a produção e a comercialização são escalonadas durante todo o ano, atendendo de forma regular as necessidades de consumo.

### As safras brasileiras de 2014 e 2015

A safra brasileira 2014 apresentou variação de 3% na produção em relação à de 2013, com diminuição da área nas regiões mineira e baiana. Durante a safra, as elevadas temperaturas registradas aceleraram a maturação da fruta, com aumento na quantidade produzida. Com o período de estiagem prolongado no Nordeste e no Sudeste, a fruta apresentou problemas no desenvolvimento, afetando a qualidade da produção ofertada dessas regiões brasileiras. Na safra, os melhores rendimentos foram obtidos no Paraná e em Santa Catarina, com, respectivamente, 64% e 62% acima da média nacional, de 14.628kg/ha (Tabela 6).

Em 2014, as cotações da banana do Sudeste e do Nordeste com baixa qualidade decorrente da falta de chuvas e das altas temperaturas reduziram os preços no mercado, mesmo com a relativa diminuição da quantidade ofertada. Nas exportações brasileiras o reflexo da baixa qualidade da banana nordestina foi sentido com a diminuição da quantidade negociada para os países da União Europeia (como Alemanha e Países Baixos). Já a região Sul garantiu aumento no volume enviado para os países do Mercosul como forma de escoar a fruta em estoque devido à baixa demanda pela fruta no mercado interno.

Para 2015, a estimativa da safra nacional é de aumento de 2,6% na área a ser colhida e cerca de 1% na produção (Tabela 6). A partir de maio os preços foram afetados pela concorrência de outras frutas da estação e pela ocorrência de granizo nos bananais de São Paulo, além da seca prolongada em Minas Gerais, Bahia e Pernambuco. Ao longo do primeiro semestre a estiagem no Sudeste e o racionamento na irrigação dos bananais do Nordeste diminuíram a expectativa de aumento na oferta, havendo recuperação nos preços com o aumento relativo da demanda nacional.

Para o segundo semestre a expectativa é que a valorização nos preços seja limitada em São Paulo e na Bahia. No norte mineiro, com frutas de melhor qualidade na roça, a tendência é de aumento na oferta da banana no mercado interno. A demanda interna segue reprimida para o consumo de frutas, e o aumento

<sup>(1)</sup> FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations). The changing role of multinational companies in the global banana trade: market and policy analyses of raw materials, horticulture and tropical (RAMHOT) products team. Rome: Intergovernmental Group on Bananas and Tropical Fruits, 2014. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep>>.



do volume exportado incentivado pela desvalorização cambial pode ser uma alternativa para escoar a produção nos próximos meses nos estados do Sul.

Na exportação brasileira, entre 2010 e o primeiro semestre de 2015, em torno de 32% das exportações foram para o Uruguai, 23% para a Argentina e em torno de 13% para a Alemanha. E os negócios com os países do Mercosul são liderados pelos estados da Região Sul, representando 55% do total comercializado.

**Tabela 6/I. Banana – Área colhida, produção e rendimento no Brasil e nos principais estados produtores – 2011-15**

	2011	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>	2015 <sup>(1)</sup>	Ranking
<b>Área colhida (ha)</b>						
<b>Brasil</b>	<b>503.354</b>	<b>481.116</b>	<b>485.075</b>	<b>484.833</b>	<b>497.330</b>	-
São Paulo	59.157	53.696	50.709	54.563	54.563	2º
Bahia	74.965	72.379	73.837	71.704	81.738	1º
Minas Gerais	41.409	41.765	41.341	40.996	45.303	4º
Santa Catarina	30.427	29.559	29.031	29.509	29.312	7º
Pará	40.710	41.384	43.510	45.428	45.935	3º
Ceará	47.745	47.413	49.255	46.654	44.637	5º
Pernambuco	51.028	40.805	36.309	38.856	38.084	6º
Paraná	10.684	11.551	11.707	11.800	11.800	11º
Espírito Santo	21.035	21.350	21.793	22.330	23.132	8º
Rio Grande do Norte	5.540	5.305	5.186	5.816	5.329	20º
Paraíba	13.319	12.830	12.442	10.230	11.253	12º
Rio de Janeiro	22.945	23.000	22.365	21.075	21.136	9º
Rio Grande do Sul	12.217	12.197	12.208	12.226	12.233	10º
Goiás	12.640	12.549	12.441	12.353	9.735	13º
Demais estados	59.533	55.333	62.941	61.293	63.140	-
<b>Quantidade produzida (t)</b>						
<b>Brasil</b>	<b>7.329.471</b>	<b>6.902.184</b>	<b>6.892.622</b>	<b>7.092.355</b>	<b>7.150.605</b>	-
São Paulo	1.354.528	1.215.435	1.090.009	1.133.819	1.133.819	1º
Bahia	1.239.650	1.083.346	1.113.930	1.088.647	1.070.830	2º
Minas Gerais	654.566	687.293	736.038	711.397	815.018	3º
Santa Catarina	650.518	689.815	664.336	701.501	706.836	4º
Pará	545.493	547.098	585.943	588.655	595.798	5º
Ceará	494.250	415.763	375.531	452.541	434.776	6º
Pernambuco	545.707	407.574	364.144	396.470	370.038	7º
Paraná	243.595	276.890	280.458	283.200	283.200	8º
Espírito Santo	218.016	241.997	248.653	294.371	269.864	9º
Rio Grande do Norte	142.750	147.129	148.304	171.061	158.137	10º
Paraíba	202.791	141.974	145.721	124.945	152.679	11º
Rio de Janeiro	152.326	153.752	150.586	131.702	147.497	12º
Rio Grande do Sul	89.420	110.558	122.934	138.072	138.902	13º
Goiás	173.602	197.990	196.540	196.104	132.788	14º
Demais estados	622.259	585.570	669.495	679.870	740.423	-
<b>Maiores produtividades médias estaduais (kg/ha)</b>						
<b>Brasil</b>	<b>14.561</b>	<b>14.346</b>	<b>14.209</b>	<b>14.628</b>	<b>14.378</b>	-
Rio Grande do Norte	25.767	27.734	28.597	13.992	29.675	1º
Santa Catarina	21.380	23.337	22.884	23.772	24.114	2º
Paraná	22.800	23.971	23.956	24.000	24.000	3º
São Paulo	22.897	22.635	21.495	20.780	20.780	4º
Piauí	18.262	17.968	19.171	10.502	19.526	5º

<sup>(1)</sup> Safras 2014 e 2015 – dados preliminares sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2011 a 2013) e LSPA-julho de 2015 (2014 e 2015).

**Tabela 7/I. Banana – Principais mercados compradores – Brasil – 2010-15**

País	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Uruguai	9.547	37.175	9.795	33.789	7.975	27.126	8.621	31.872
Argentina	7.410	38.544	5.702	23.118	4.442	16.892	4.438	17.541
Alemanha	8.771	19.970	12.188	27.741	7.091	16.134	3.332	7.521
Reino Unido	5.267	11.995	6.213	14.035	4.574	10.493	3.685	8.284
Países Baixos	3.673	8.333	2.955	6.667	2.929	6.653	4.244	9.698
Subtotal (5)	34.668	116.017	36.853	105.350	27.011	77.297	24.320	74.917
Outros países	10.730	23.536	2.395	4.704	8.393	18.402	11.256	24.299
<b>Total</b>	<b>45.398</b>	<b>139.553</b>	<b>39.248</b>	<b>110.054</b>	<b>35.405</b>	<b>95.699</b>	<b>35.576</b>	<b>99.216</b>

País	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010 -jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Uruguai	10.955	31.984	5.013	20.930	51.905	182.877	25,7	31,7
Argentina	7.089	21.419	4.487	14.787	33.567	132.300	16,6	23,0
Alemanha	836	1.811	23	58	32.241	73.235	15,9	12,7
Reino Unido	4.867	10.863	2.450	5.545	27.056	61.215	13,4	10,6
Países Baixos	3.542	8.011	1.765	3.622	19.109	42.983	9,4	7,5
Subtotal (5)	27.288	74.088	13.737	44.942	163.879	492.610	81,0	85,5
Outros países	4.462	9.856	1.152	2.718	38.387	83.516	19,0	14,5
<b>Total</b>	<b>31.750</b>	<b>83.945</b>	<b>14.889</b>	<b>47.659</b>	<b>202.266</b>	<b>576.126</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC /Secex – Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina a banana-caturra representa 87,1% e a banana-prata 12,9% do total da produção. Os cinco maiores municípios produtores de caturra, que representam 68,6% do total, são: Corupá (25,0%), Luiz Alves (19,6%), Massaranduba (9,7%), Jaraguá do Sul (7,6%) e São João do Itaperiú (6,7%). Os seis maiores municípios produtores de prata, que representam 59% do total, são: Jacinto Machado (16%), Santa Rosa do Sul (11,1%), Corupá (9,7%), Barra Velha (8,8%), Criciúma (7,9%) e Luiz Alves (5,4%) (EPAGRI/CEPA, 2013).

## As safras catarinenses de 2014 e 2015

Ao comparar as safras catarinenses de 2013 e 2014, percebem-se aumentos na área colhida, no rendimento e no volume produzido, de 1,6%, 9,2% e 5,6% respectivamente (Tabela 6). Esse comportamento pode estar relacionado ao excesso de chuva e a temperaturas altas no ano, o que propiciou o aumento na produção da fruta nas lavouras dos principais municípios produtores.

Em 2014, no Litoral Norte Catarinense, estima-se que 60% da produção tenham sido absorvidos pelo mercado estadual, 35% destinados aos mercados de outros estados brasileiros e 5% para os países do Mercosul. Na região Sul Catarinense, estima-se que 60% tenham sido comercializados na própria região, parte in natura e parte para as indústrias, e os demais 40% da produção, principalmente para o Rio Grande do Sul.

Os preços ao produtor da banana-caturra que estavam valorizados no primeiro trimestre de 2014 atingiram as cotações máximas nos meses de abril e maio. Na média do ano o preço foi 12,4% maior que o do ano anterior. Na banana-prata, a média anual foi 18,4% acima da de 2013 (Tabela 8). No mercado

atacadista os preços apresentaram variações menores com influência da expectativa de aumento na oferta do período (Tabela 9).

Os dados preliminares da safra catarinense de 2015 indicam área e produção praticamente inalteradas com relação a 2014 (Tabela 6). Durante o primeiro semestre, nas regiões produtoras, as temperaturas estavam mais amenas no início do período e mais altas que a média nos meses de junho e julho.

Neste período, os preços ao produtor da banana-caturra ficaram abaixo dos preços praticados no ano anterior. E com o excesso de calor a oferta da banana, no atacado, ficou retraída como forma de valorizar os preços. Já os preços da banana-prata, mais resistente às intempéries, ficaram acima das cotações de 2014 durante todo o primeiro semestre (Tabela 8).

No mercado atacadista, com menor volume ofertado da banana-caturra, os preços ficaram acima da média do primeiro semestre de 2014. A banana-prata apresentou preços constantes com leve queda a partir de maio (Tabela 9). Na Ceagesp a quantidade de banana catarinense negociada foi 5,5% maior que a de 2014, entre janeiro e julho, com um total de 43,3 mil toneladas, representando 3,6% do movimento da fruta para o período no entreposto.

No primeiro semestre de 2015, as exportações catarinenses fecharam em 22,2 mil toneladas, aumentando em 18% sua quantidade negociada com relação ao mesmo período de 2014, com 29% desse volume sendo destinados para a Argentina e 7% para o Uruguai. Mas com cotação mais baixa, o valor negociado ficou em US\$5,9 milhões, com aumento de 4% com relação a 2014.

**Tabela 8/I. Banana – Preço mensal ao produtor – Santa Catarina – 2010-15**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maió	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Banana-caturra – R\$/cx 18 a 22kg</b>												
2010	3,75	3,29	6,36	7,56	6,17	6,81	7,03	7,00	7,55	8,85	7,29	7,00
2011	5,65	4,29	5,08	7,42	6,83	6,40	6,84	8,35	9,00	9,00	6,97	6,50
2012	8,89	8,92	8,84	12,07	13,00	11,74	9,60	7,89	6,86	4,15	3,39	3,00
2013	3,00	3,00	4,16	9,23	8,72	8,58	10,43	9,18	14,02	15,76	11,75	10,00
2014	9,29	6,05	13,14	18,50	15,00	9,56	9,80	8,60	8,79	9,95	6,89	5,67
2015	4,78	4,00	8,05	10,67	6,19 <sup>(1)</sup>	5,63 <sup>(1)</sup>	6,13 <sup>(1)</sup>	-	-	-	-	-
<b>Banana-prata – R\$/cx 18 a 22kg</b>												
2010	7,55	5,14	10,43	11,43	11,80	12,17	12,24	11,90	11,93	10,69	9,18	8,29
2011	9,25	10,20	11,14	12,00	12,50	12,62	13,00	11,97	10,48	10,00	9,60	9,38
2012	11,53	13,68	14,07	14,90	15,16	14,00	14,91	16,00	16,00	14,11	9,95	9,50
2013	10,78	12,06	14,58	16,50	17,00	17,89	19,00	19,00	17,90	16,80	14,45	9,00
2014	14,00	17,55	18,05	19,85	20,15	20,32	21,00	21,05	19,41	13,09	10,63	11,13
2015	13,30	15,50	20,64	20,60	20,55	21,65	21,91	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Valores estimados.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 9/I. Banana – Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2010-15**

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
<b>Banana-aturra – R\$/cx 18 a 22kg</b>												
2010	6,50	6,00	8,17	9,56	9,00	9,00	9,90	10,00	10,10	11,00	9,55	9,00
2011	7,90	6,84	7,36	9,79	9,36	8,50	8,50	10,76	11,19	12,00	9,44	8,75
2012	11,56	12,00	12,00	14,00	15,00	14,16	11,93	10,17	8,53	6,57	5,74	6,29
2013	5,71	6,00	7,89	12,55	11,22	10,75	13,14	11,45	15,19	16,59	14,80	12,14
2014	11,00	8,85	17,33	22,00	19,45	15,22	14,80	13,19	12,65	12,65	11,33	9,00
2015	7,44	7,88	11,84	14,67	19,95 <sup>(1)</sup>	18,90 <sup>(1)</sup>	18,90 <sup>(1)</sup>	-	-	-	-	-
<b>Banana-prata – R\$/cx 18 a 22kg</b>												
2010	20,00	20,00	20,75	21,00	22,00	22,69	22,93	22,35	23,65	22,61	20,63	19,75
2011	20,30	20,80	21,07	21,50	21,82	20,97	21,00	21,16	21,00	21,00	20,65	19,69
2012	21,64	23,58	23,73	24,00	24,73	25,00	25,91	26,70	26,00	24,11	21,63	21,00
2013	21,74	22,47	24,42	27,14	27,25	28,58	28,96	27,09	26,52	26,25	25,80	24,67
2014	25,00	26,70	27,53	31,30	33,85	35,05	35,00	35,29	34,77	30,23	25,84	25,00
2015	26,00	26,72	31,32	32,40	32,55	34,15	34,91	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Valores estimados.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 10/I. Banana – Exportação por estado da Federação – 2010-15**

UF	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Santa Catarina	16.253	72.564	14.715	54.278	9.283	34.393	8.730	34.840
Rio Grande do Norte	17.645	40.269	13.621	31.097	13.510	30.397	10.863	24.540
Ceará	11.199	25.382	10.366	23.109	9.846	22.234	11.437	25.277
Rio Grande do Sul	236	1.280	511	1.563	2.742	8.606	4.313	13.964
Paraná	42	9	31	7	7	2	130	461
Subtotal (5)	45.376	139.504	39.245	110.054	35.389	95.632	35.474	99.081
Outros estados	22	49	3	0	16	67	102	135
<b>Total</b>	<b>45.398</b>	<b>139.553</b>	<b>39.248</b>	<b>110.054</b>	<b>35.405</b>	<b>95.699</b>	<b>35.576</b>	<b>99.216</b>

UF	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010-jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
Santa Catarina	10.085	33.171	5.900	22.207	64.966	251.452	32,1	43,6
Rio Grande do Norte	6.299	13.599	970	2.021	62.908	141.924	31,1	24,6
Ceará	8.692	19.109	4.852	10.711	56.394	125.822	27,9	21,8
Rio Grande do Sul	6.106	16.358	2.722	11.355	16.631	53.126	8,2	9,2
Paraná	509	1.584	442	1.366	1.161	3.428	0,6	0,6
Subtotal (5)	31.692	83.822	14.886	47.659	202.060	575.752	99,9	99,9
Outros estados	59	122	3	0	206	374	0,1	0,1
<b>Total</b>	<b>31.750</b>	<b>83.945</b>	<b>14.889</b>	<b>47.659</b>	<b>202.266</b>	<b>576.126</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC /Secex – Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado mundiais

Em 2013 foram cultivados 4,4 milhões de hectares, com rendimento médio de 19,3 t/ha, e produzidas 85,8 milhões de toneladas de cebola no mundo, segundo dados da FAO. Em relação à safra anterior, houve aumento de 4% no volume colhido, seguindo a tendência de crescimento constante, com a produção dobrando nos últimos 15 anos. A China e a Índia, em função da grande área cultivada, são os dois principais produtores mundiais, com 22,3 e 19,3 milhões de toneladas, respectivamente.

Com a globalização da economia o comércio de cebola vem se ampliando de forma constante entre os países. Em 2012 as vendas alcançaram 6,5 milhões de toneladas do bulbo, significando 7,9% do que foi produzido. O volume comercializado também dobrou nos últimos quinze anos, mas as vendas estão concentradas em poucos países. Segundo a FAO, em 2012, Índia, Holanda e China representaram 52% das exportações mundiais com 1.528, 1.227 e 620 mil toneladas, respectivamente (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Cebola – Produção, exportação e importação – Mundial e principais países – 2012 e 2013**

País	Produção (mil t)			Exportação (mil t)			Importação (mil t)		
	2013	Partic. %	Posição	2012	Partic. %	Posição	2012	Partic. %	Posição
China	22.300	19,1	1	620	9,5	3	0	0	-
Índia	19.299	16,6	2	1.528	23,4	1	0	0	-
EUA	3.159	2,7	3	332	5,1	5	385	6,1	2
Irã	2.382	2	4	15	0,2	-	0	0	-
Rússia	1.985	1,7	5	0	0	-	230	3,6	8
Turquia	1.905	1,6	6	141	2,2	10	0	0	-
Egito	1.903	1,6	7	319	4,9	6	0	0	-
Paquistão	1.661	1,4	8	36	0,5	-	138	2,2	-
<b>Brasil</b>	<b>1.539</b>	<b>1,3</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>-</b>	<b>180</b>	<b>2,8</b>	<b>10</b>
Argélia	1.344	1,1	10	141	2,2	-	0	0	-
Holanda	1.310	1,1	-	1.227	18,8	2	162	2,6	11
México	1.270	1,1	-	375	5,7	4	35	0,5	-
Espanha	1.187	1	-	256	3,9	7	52	0,8	-
Bangladesh	1.168	1	-	0	0	-	374	5,9	3
Japão	1.070	9,2	-	0	0	-	342	5,4	4
Peru	748	6,4	-	162	2,5	8	0	0	-
Argentina	739	6,3	-	150	2,3	9	0	0	-
Malásia	0	0	-	33	0,5	-	442	7	1
Reino Unido	368	0,3	-	10	0,2	-	339	5,4	5
Arábia Saudita	102	0,1	-	16	0,2	-	306	4,8	7
Alemanha	406	0,3	-	76	1,2	-	232	3,7	8
Emir. Ar. Unidos	0	0	-	12	0,2	-	225	3,6	9
<b>Mundo</b>	<b>85.795</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	<b>6.522</b>	<b>100</b>	<b>-</b>	<b>6.308</b>	<b>100</b>	<b>-</b>

Fonte: FAO (8/2015), disponível em (<http://www.fao.org>); MDIC (08/2015), disponível em (<http://alicesweb.mdci.gov.br/>).

As cebolas indianas e chinesas são comercializadas principalmente no mercado asiático, abastecendo a Malásia, Bangladesh e Japão, que representam o primeiro, segundo e quarto maiores importadores mundiais, respectivamente. Já as exportações da Holanda são mais globalizadas, atendendo cerca de 70 países, em todos os continentes, com destaque para a União Europeia, Norte da África e Oriente Médio. As vendas ocorrem praticamente o ano todo.

Atualmente, como destaque no mercado mundial pode se considerar a posição da Holanda como grande exportador. Das 1,31 milhão de toneladas produzidas em 2012, exportou 1,23 milhão, ou seja, 93,6%. Além disso, importou 162 mil toneladas nesse período. Pela posição estratégica do porto de Roterdã, funciona como um centro de entrada de produtos para o país e a Comunidade Europeia, e parte dessa cebola importada foi revendida para outros países.

Na América do Sul, o destaque é o Peru. Ultrapassou a Argentina, em 2012, tanto na produção como na exportação, tornando-se o maior exportador da região e o segundo produtor. Perde apenas para o Brasil, que, embora seja o 9º maior produtor mundial, não tem tradição na exportação e, pelo contrário, é o 10º maior importador, com 180 mil toneladas. Deste total, 70% foram fornecidos pela Argentina.

## Produção e mercado nacionais

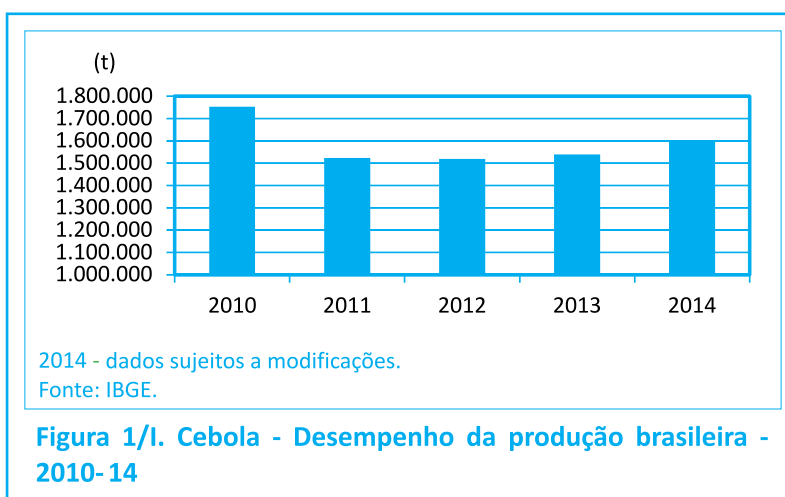
Os dados do IBGE mostram que a produção brasileira de cebola em 2014 alcançou 1,6 milhão de toneladas, com área colhida de 57.321 hectares e rendimento médio de 27.944 kg/ha. Esses valores são estimados, pois foram registrados até o momento somente os dados dos oito principais estados produtores. Mesmo sem a consolidação final dos dados, é possível prever um aumento na produção bruta em relação ao ano anterior, quando o total ficou em 1,5 milhão de toneladas. O crescimento é fruto da evolução contínua do rendimento médio das lavouras, uma vez que a área de cultivo no País está estabilizada em torno de 57 mil hectares, nas últimas safras (Tabela 2 e Figuras 1 e 2).

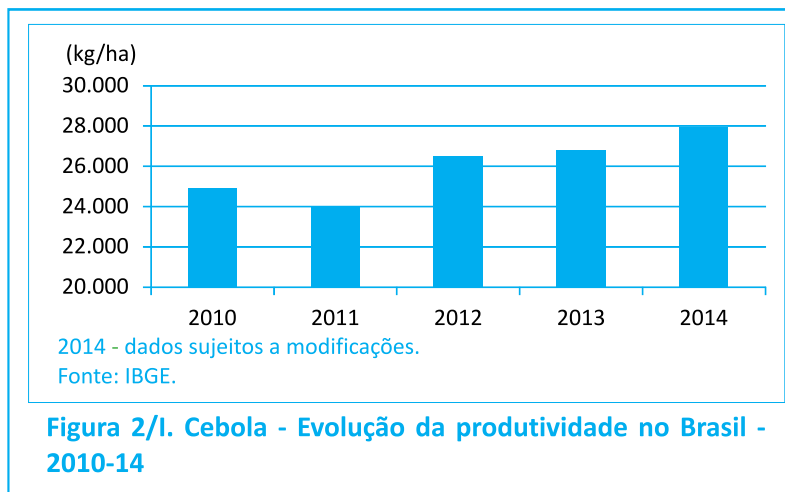
**Tabela 2/I. Cebola – Área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores – 2012-14**

Estado	Área colhida (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>	2012	2013	2014 <sup>(1)</sup>
Pernambuco	4.696	4.457	2.250	95.906	96.076	48.440	20.423	21.556	21.529
Bahia	7.474	4.958	9.273	217.352	112.858	323.120	29.081	22.763	34.845
Minas Gerais	2.746	3.145	3.109	145.455	172.461	171.485	52.970	54.837	55.158
São Paulo	6.710	5.371	5.350	238.300	190.268	178.751	35.514	35.425	33.411
Paraná	7.449	7.093	5.833	163.441	154.088	135.609	21.941	21.724	23.249
Santa Catarina	18.799	19.029	19.311	376.603	496.973	474.709	20.033	26.117	24.582
Rio Grande do Sul	10.622	9.963	9.795	207.089	159.735	171.195	19.496	16.033	17.478
Goiás	923	1.812	2.400	42.695	120.600	98.458	46.257	66.556	41.024
Outros estados	1.512	1.574	-	32.181	35.870	-	21.284	22.789	-
<b>Brasil</b>	<b>60.931</b>	<b>57.402</b>	<b>57.321</b>	<b>1.519.022</b>	<b>1.538.929</b>	<b>1.601.767</b>	<b>26.500</b>	<b>26.810</b>	<b>27.944</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

Fonte: IBGE.





A área recuou consideravelmente desde 2010, quando foram cultivados 70.429ha. Os baixos preços decorrentes da superprodução daquele ano motivaram a redução. Com área menor a oferta se estabilizou e os produtores, de maneira geral, receberam preços remuneradores nas últimas cinco safras. Nestes anos, a exceção fica por conta do período de outubro a dezembro, quando os preços, normalmente, têm sido baixos, em função do aumento da oferta. O crescimento da produção dos estados de Minas Gerais e Goiás, que estão se tornando, juntamente com São Paulo, tradicionais no abastecimento nacional nos meses de primavera, combinado com a oferta remanescente do Nordeste e as primeiras colheitas de precoces no sul do Brasil, são as causas deste excesso de oferta. Os estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, apesar de representarem apenas 19% da área colhida, são responsáveis por 28% da produção nacional, em função do maior rendimento das suas lavouras. Trata-se de cultivo com semeadura direta, população alta de plantas, uso de irrigação, onde o clima é mais seco e há boa luminosidade.

Para complicar a situação, em outubro de 2014, importações antecipadas e fora do contexto congestionaram ainda mais o mercado, reduzindo os preços e causando prejuízos aos produtores de cultivares precoces do sul do Brasil, notadamente os catarinenses. A sequência de safras frustrantes fez com que em 2015 o cultivo destas cultivares sofresse redução em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. No estado gaúcho as frequentes quebras de safra por problemas climáticos têm reduzido o cultivo nos municípios de São José do Norte, Tavares e Mostardas, no litoral sul. Já na Serra Gaúcha a produção segue estabilizada e com maior adoção de tecnologia.

A redução de área também foi significativa em Pernambuco, que em 2014, devido à falta de água, cultivou somente 2.250ha, com produção de 48,4 mil toneladas. São Paulo é outro estado que diminuiu o cultivo e a produção, com a migração de produtores da região de São José do Rio Pardo para o vizinho estado de Minas Gerais. Esta redução não foi maior em função da recuperação dos cultivos na região de Piedade. Em Goiás e Minas Gerais as áreas de cultivo foram ampliadas constantemente nos últimos três anos. São cultivos em área de cerrado com rendimentos médios superiores a 40t/ha. Na produção brasileira, a participação conjunta de Goiás e Minas Gerais subiu de 6,2 para 9,4% no último quadriênio.

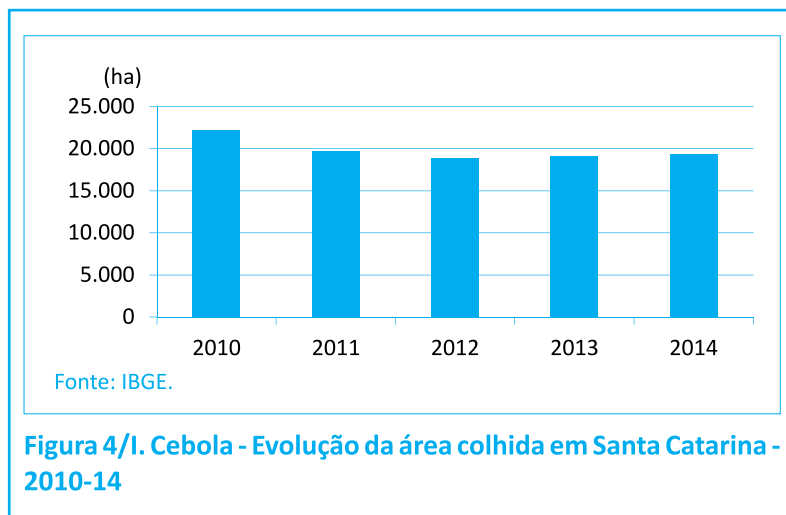
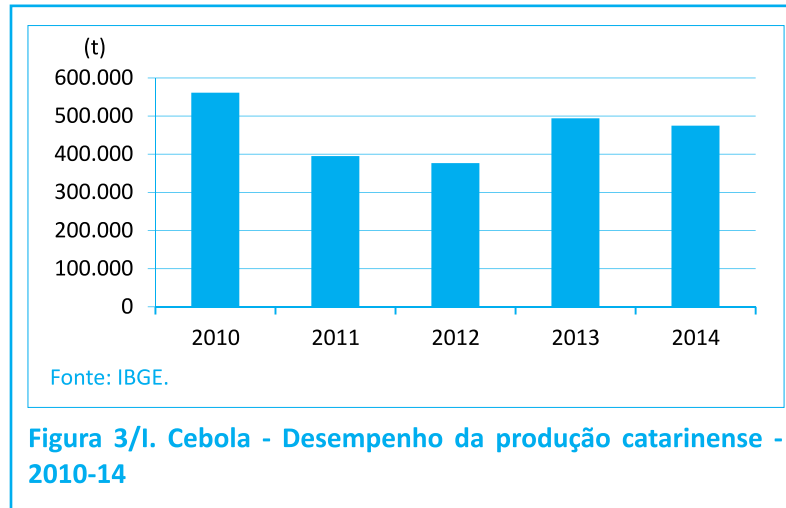
No primeiro semestre de 2015 a combinação da redução de área com problemas climáticos nas safras do sul do país culminaram com a falta do produto no mercado nacional. O preço aos produtores chegou a R\$4,00/kg (classe 3) em julho/2015, o maior preço dos últimos 25 anos. Contribuiu para isso a pouca oferta de cebolas argentinas, tendo em vista que no país vizinho as perdas também foram muito altas na safra 2014/15. A ocorrência de chuvas intensas no verão causou podridões e perdas acima de 40% na produção. Deste modo, a Argentina, em 2015 (janeiro a julho), exportou apenas 79 mil toneladas para o Brasil. A média de venda nos dez anos anteriores foi de 170 mil anuais. Há de se considerar, todavia, que o mercado interno argentino também está aquecido em 2015.

Se o tradicional exportador não tinha oferta para os atacadistas brasileiros, a solução foi buscar no mercado mundial. Assim as compras da Holanda significaram verdadeiro recorde em 2015 (janeiro a julho). Foram

95,6 mil toneladas, 46,5% do total internalizado, tornando o país europeu, pela primeira vez, o principal fornecedor. O crescimento já era percebido desde 2012 quando a importação da Holanda significou 23,2% das compras. Anteriormente não superava o patamar de 6%.

## Produção e mercados estaduais

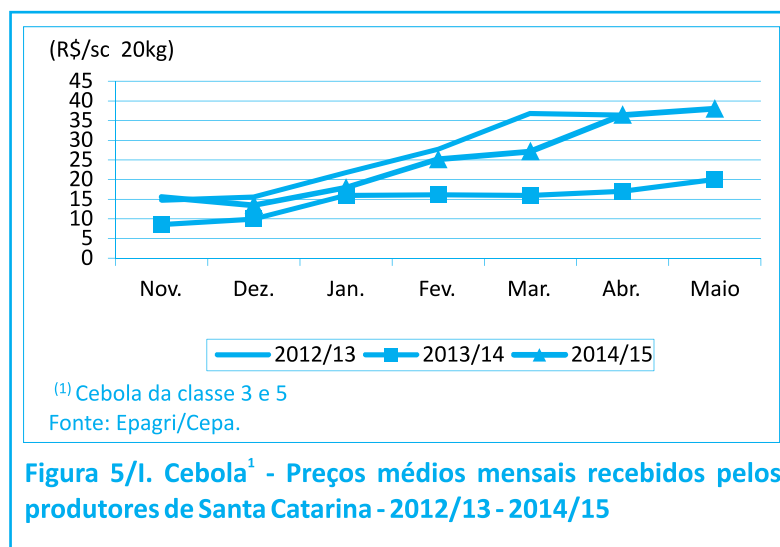
A safra catarinense de cebola 2014/15 foi bastante atípica. Segundo o IBGE foram colhidas 474,7 mil toneladas, significando um decréscimo de 4,6% em relação ao ano anterior, estimada em 497 mil toneladas. O rendimento médio também sofreu redução, ficando em 24.582kg/ha, significando 6% de recuo em relação à safra anterior (Figuras 3 e 4).



Se na produção e no rendimento as perdas foram pequenas, na oferta líquida a queda foi mais significativa. Estima-se que o estado catarinense ofertou cerca de 330 mil t e as demais 144,7 mil toneladas foram perdidas no processo de cura e armazenagem. Os problemas climáticos, com ausência de frio no inverno de 2014, mudanças bruscas de temperatura e alternância entre períodos de estiagens e de excesso de chuvas no final do ciclo (outubro/novembro de 2014) foram extremamente danosas para a cultura. A ocorrência de podridões nos bulbos, além de causar perda direta, não permitiu o armazenamento por período mais longo, reduzindo as possibilidades de escalonamento das vendas e obtenção de preços melhores. Dados da Epagri/Cepa mostram redução na oferta na ordem de 16,4% em relação ao período anterior, quando o estado comercializou 395 mil toneladas.



Com a quebra, a expectativa de preços médios mais altos de início não se cumpriu, ocorrendo forte valorização do produto somente na fase final da comercialização. Deste modo repetiu-se o que vem acontecendo nas últimas cinco safras. Os produtores catarinenses de cebola precoce iniciam as vendas quando há no mercado nacional muita oferta e preços baixos (Figura 5).



O mercado abarrotado significou prejuízo para muitos produtores de cebolas precoces que tiveram que vender o seu produto em novembro e dezembro/2015 a preços inferiores a R\$0,60/kg, considerado o valor do custo de produção. Como este tipo de bulbo não resiste ao armazenamento mais prolongado, a venda logo após a cura a campo é a única alternativa.

Os preços somente reagem a partir de fevereiro quando a produção catarinense responde por mais de 80% do consumo brasileiro. Para os produtores das regiões mais altas do Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Planalto Serrano, que cultivam variedades de ciclo médio e tardio, as vendas foram mais favoráveis. Os preços subiram de forma constante desde o início de 2015, atingindo no final da safra, em abril/maio, valores superiores a R\$1,50. Todavia, estima-se que somente 20% da produção do estado foram comercializados nesta condição. O preço médio ponderado de toda a safra do estado foi de R\$1,06/kg para a classe 3, considerado satisfatório, uma vez que os custos de produção foram estimados em média em R\$0,60/kg.

Da oferta líquida de 330 mil toneladas estima-se que 80% eram da classe 3 (5 a 7cm de diâmetro), e em menor escala, das classes 4 e 5 (7cm ou mais de diâmetro). Os 20% remanescentes foram classificados como classe 2 (3,5 a 5cm de diâmetro). Para o primeiro grupo o preço médio calculado foi de R\$1,06/kg; para o segundo grupo, nessa safra, pagou-se 60% deste valor. O normal é o pagamento de 50% do valor para cebolas de menor diâmetro, mas com a falta do produto esses bulbos tiveram remuneração superior às safras passadas. Deste modo, o valor bruto da safra catarinense de cebola de 2014/15 foi estimado em R\$314,8 milhões, significando 15,3% de aumento em relação à temporada de 2013/14.

Para a safra 2015/16 a previsão de cultivo do IBGE é de 20.772ha, representando aumento de 7,3% em relação ao ano passado. O aumento da área era previsto, haja vista a permanência de preços altos desde o encerramento da safra anterior. O crescimento de Santa Catarina compensará a redução nos demais estados do Sul, pois ambos diminuiram a área de cultivo, segundo o IBGE. As preocupações dos produtores e técnicos estão relacionadas com as condições climáticas. Em Santa Catarina, o fenômeno El Niño já provocou chuva excessiva, atrasando o transplante de mudas, seguido de estiagem, que causou pequenas perdas e atrasos, além de onerar o custo de produção.

# Feijão<sup>1</sup>

Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin – Economista, M.Sc. – Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br

## Produção e comércio mundiais

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de feijão, atrás do Mianmar e da Índia. Em 2013, mais da metade (50,5%) da produção mundial teve como origem quatro países (Tabela 1).

Tabela 1/I. Feijão – Produção mundial – 2009-13

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2009	2010	2011	2012	2013	2009	2010	2011	2012	2013
Mianmar	2.719,0	2.710,0	2.712,0	2.750,0	2.700,0	3.375,0	3.530,0	3.750,0	3.650,0	3.700,0
Índia	6.000,0	11.000,0	11.000,0	9.100,0	9.100,0	2.430,0	4.890,0	4.330,0	3.710,0	3.630,0
Brasil	4.100,0	3.423,6	3.673,2	2.709,5	2.813,5	3.486,8	3.158,9	3.435,4	2.794,9	2.892,6
México	1.205,3	1.630,2	895,0	1.559,0	1.754,8	1.041,4	1.156,3	567,8	1.080,9	1.294,6
Tanzânia	868,3	1.208,7	737,7	1.265,4	1.151,4	773,7	867,5	675,9	1.199,3	1.113,5
EUA	592,1	745,7	467,8	684,1	530,7	1.150,3	1.442,5	899,6	1.448,1	1.110,7
China	900,0	907,0	908,5	855,6	930,5	1.480,0	1.330,0	1.572,0	1.150,0	1.037,8
Quênia	960,7	689,4	1.036,7	1.058,9	1.030,4	465,4	390,6	577,7	613,9	529,3
Uganda	925,0	952,0	983,5	1.060,0	1.100,0	452,0	463,0	447,4	425,4	461,0
Ruanda	345,9	319,3	341,8	479,9	480,0	326,5	327,5	331,2	432,9	438,2
Outros	7.104,4	7.264,1	7.675,6	7.527,9	7.461,6	6.167,9	6.216,4	6.590,7	6.915,1	6.598,4
<b>Mundo</b>	<b>25.720,6</b>	<b>30.850,0</b>	<b>30.431,7</b>	<b>29.050,3</b>	<b>29.053,0</b>	<b>21.149,0</b>	<b>23.772,7</b>	<b>23.177,7</b>	<b>23.420,3</b>	<b>22.806,1</b>

Fonte: FAO. Faostat. FAO Statistics Division 2014. 30 maio/2014.

No mercado mundial de feijão circulam, anualmente, cerca de 31 milhões de toneladas da leguminosa. A Índia é o maior consumidor, seguida pelo Brasil, que também é o segundo maior importador mundial do produto (Tabelas 2 e 4). As exportações mundiais são lideradas por Mianmar e as importações, pela Índia (Tabelas 3 e 4).

Tabela 2/I. Feijão – Consumo nos países maiores consumidores e mundial – 2009-13

(t)

País	2009	2010	2011	2012	2013
Índia	2.819.550	4.515.868	4.190.691	3.818.756	3.805.654
Brasil	3.154.548	3.176.246	3.230.414	3.048.284	3.219.696
México	1.136.350	1.220.101	893.384	1.178.898	1.269.264
Tanzânia	676.344	632.979	560.518	598.586	641.463
Quênia	429.297	354.033	515.114	507.981	464.671
Coréia do Norte	296.315	264.418	300.414	265.650	270.300
Indonésia	275.035	281.708	347.657	266.548	246.408
Etiópia	183.477	207.009	197.113	205.732	196.779
Angola	164.122	170.288	182.606	184.542	192.446
Paquistão	178.500	131.767	183.292	158.952	189.629
Subtotal	9.313.538	10.954.417	10.601.203	10.233.930	10.496.311
Outros Países	6.069.721	6.310.537	6.395.465	1.771.948	1.827.933
<b>Total Mundial</b>	<b>15.383.259</b>	<b>17.264.954</b>	<b>16.996.669</b>	<b>12.005.878</b>	<b>12.324.244</b>

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/FB/CC/E.8.jul./2015>.

<sup>(1)</sup>Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:

IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – diversos períodos.

[www.fao.org](http://www.fao.org)

[www.cna.org.br](http://www.cna.org.br)

[www.conab.gov.br](http://www.conab.gov.br)

Jornais diversos e internet.

Tabela 3/I. Feijão – Exportações dos principais países exportadores e mundial – 2008-12

País	2008	2009	2010	2011	2012
Mianmar	1.770.000	1.500.000	1.400.000	1.586.271	1.285.000
China	959.552	1.045.859	950.004	949.337	944.106
EUA	415.321	433.553	406.957	385.860	487.800
Argentina	229.199	290.105	326.549	350.824	346.864
Canadá	293.595	257.012	255.619	217.909	264.600
Subtotal	3.667.667	3.526.529	3.339.129	3.490.201	3.328.370
Outros	742.529	912.428	787.714	917.746	940.568
<b>Total mundial</b>	<b>4.410.196</b>	<b>4.438.957</b>	<b>4.126.843</b>	<b>4.407.947</b>	<b>4.268.938</b>

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/T/TP/E>. 09 jul./2015.

Tabela 4/I. Feijão – Importações dos principais países importadores e mundial – 2008-12

País	2008	2009	2010	2011	2012
Índia	604.518	1.031.324	495.368	630.677	788.811
<b>Brasil</b>	<b>209.690</b>	<b>109.921</b>	<b>181.162</b>	<b>207.092</b>	<b>311.909</b>
México	95.038	174.822	117.470	104.897	235.687
Estados Unidos	166.783	154.998	141.942	172.017	167.542
Japão	119.113	115.715	106.973	128.733	128.302
Venezuela	82.405	105.952	115.084	66.076	115.598
Reino Unido	148.055	136.974	124.964	128.190	115.253
Itália	109.875	96.003	107.775	117.799	109.805
China	111.911	53.172	116.478	64.754	80.407
África do Sul	70.040	93.887	87.567	85.552	79.913
Subtotal	1.717.428	2.072.768	1.594.783	1.705.787	2.133.227
Outros	1.609.063	1.599.391	1.495.474	1.672.131	1.366.234
<b>Total mundial</b>	<b>3.326.491</b>	<b>3.672.159</b>	<b>3.090.257</b>	<b>3.377.918</b>	<b>3.499.461</b>

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/T/TP/E>. 08 jul./2015.

Em 2013, o Brasil passou a ocupar a posição de maior consumidor per capita, com 16,1kg/per capita/ano. Em 2011 o Brasil tinha um consumo de 16,4kg/per capita/ano e a primeira posição era ocupada por Ruanda, com um consumo de 27,1kg/per capita/ano. Em 2013 este país não apareceu nas estatísticas da FAO.

## Produção e comércio nacionais

A safra 2013/14 foi significativamente maior que a anterior. Houve um aumento de 11,9% na área plantada e de 12,7% na produção. Já as estimativas para a safra 2014/15, de maio/2015, indicam redução na área semeada com o feijão (Tabela 5).

Tabela 5/I. Feijão – Safra brasileira – 2010/11–2014/15

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2010/11	3.907.926	3.435.366	879
2011/12	3.182.815	2.794.854	878
2012/13	3.040.202	2.936.444	966
2013/14 <sup>(1)</sup>	3.402.194	3.308.079	972
2014/15 <sup>(2)</sup>	3.172.934	3.310.835	1.043

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

<sup>(2)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE (LSPA maio de 2015).

O momento ruim pelo qual passou o mercado de feijão no segundo semestre de 2014 desestimulou o plantio da primeira safra em quase todo o País. Algumas regiões ainda optaram por aumentar o cultivo do feijão preto – que apresentava melhores preços no mercado.

A tudo isso é necessário que se leve em conta ainda os problemas relacionados ao clima, que sempre acabam interferindo no rendimento e na produção das regiões. Em 2014 o destaque foram as secas no Sudeste e Nordeste.

O feijão é cultivado em quase todo o território nacional, sendo que dez estados são responsáveis por 89% da produção nacional. Os principais estados produtores de feijão, em 2015, são apresentados na Tabela 6.

**Tabela 6/I. Feijão – Safra dos principais estados produtores e do Brasil – 2010/11–2014/15**

Estado	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>(1)</sup>	2014/15 <sup>(2)</sup>	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>(1)</sup>	2014/15 <sup>(2)</sup>
Paraná	521,2	478,2	485,7	519,2	411,8	815,3	700,4	690,8	830,3	739,0
Minas Gerais	399,3	419,3	418,8	389,8	358,7	583,0	633,8	564,3	573,2	534,1
Bahia	551,2	319,5	460,2	582,2	533,9	222,4	106,7	248,0	357,3	374,1
Mato Grosso	169,9	181,4	207,2	223,1	238,2	196,0	243,4	280,3	303,6	319,7
Goiás	134,4	140,5	129,8	128,6	121,1	311,8	336,3	289,9	313,4	288,8
Ceará	600,1	456,8	319,0	403,7	432,9	264,2	52,7	55,6	109,1	205,5
São Paulo	131,5	111,9	116,1	90,8	86,2	216,8	206,7	236,6	198,0	173,5
Santa Catarina	105,7	85,3	80,3	89,3	75,9	156,7	115,7	135,9	145,2	141,7
Rio Grande Sul	89,4	81,8	72,3	76,5	67,0	119,1	85,6	94,5	111,1	95,5
Pernambuco	320,5	264,9	85,1	229,3	208,4	107,4	18,2	41,1	52,8	82,2
Outros Estados	884,7	643,2	665,7	669,7	638,8	442,6	295,3	299,4	314,1	356,7
<b>Brasil</b>	<b>3.907,9</b>	<b>3.182,8</b>	<b>3.040,2</b>	<b>3.402,2</b>	<b>3.172,9</b>	<b>3.435,4</b>	<b>2.794,9</b>	<b>2.936,4</b>	<b>3.308,1</b>	<b>3.310,8</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

<sup>(2)</sup> Estimativa

Fonte: IBGE (LSPA maio de 2015).

Da produção brasileira, 63% são de feijão-cores, 18% de feijão-preto e 19% de macaçar (caupi). O feijão-carioca está distribuído uniformemente nas três safras anuais; o feijão-preto concentra-se no Sul do País, e 70% de sua produção origina-se da primeira safra. A variedade macaçar, cultivada na Região Nordeste, concentra-se na segunda safra, à exceção da produção do estado da Bahia.

Na safra 2014/15, a produção deverá ser distribuída da seguinte forma: 55,7% oriundos da primeira safra; 38,7% da segunda safra; e 5,6% da terceira safra.

Nos últimos anos as importações brasileiras de feijão seguiam em ritmo ascendente, mas no ano passado houve arrefecimento. Este ano devem continuar em baixa, pois até o primeiro semestre de 2015 foram importadas apenas 51,1 mil toneladas, muito embora a maior parte das importações ocorra no segundo semestre, quando o produto nacional entra na entressafra. Argentina, Bolívia e China são, respectivamente, nossos principais fornecedores (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Feijão – Importação brasileira por país de origem – 2011-15**

País	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Argentina	121.181	134.351	46.387	107.852	29.886
Bolívia	20.899	27.352	28.962	18.181	7.450
China	63.320	147.916	226.539	7.017	13.313
Paraguai	418	777	237	1.508	426
Países Baixos	2	8	499	0	14
Suíça	0	0	480	0	0
Outros Países	46	1.284	58	413	22
<b>Total Brasil</b>	<b>205.866</b>	<b>311.687</b>	<b>303.162</b>	<b>134.971</b>	<b>51.110</b>

<sup>(1)</sup> Até Junho.

Fonte: MDIC/Sistema Aliceweb.

Muito embora haja uma perspectiva de queda na produção nacional, os estoques este ano estão maiores do que na temporada anterior. Assim sendo, ao que tudo indica, as necessidades de importação podem crescer um pouco, mas não voltar aos patamares das safras 2012/13 e anteriores (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Feijão – Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 2010/11–2014/15**

Discriminação	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>
Estoque inicial	366,9	686,4	373,8	129,2	304,0
Produção	3.732,8	2.918,4	2.806,3	3.454,0	3.275,0
Importação	207,1	312,3	304,4	136,0	150,0
Suprimento	4.306,8	3.917,1	3.484,5	3.719,0	3.729,0
Consumo	3.600,0	3.500,0	3.320,0	3.350,0	3.350,0
Exportação	20,4	43,3	35,3	65,0	40,0
Estoque final	686,4	373,8	129,2	304,0	339,0

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: Conab (Junho/15. Indicadores da Agropecuária, p.74).

A baixa produção da safra 2012/13 acarretou elevação nos preços e contribuiu para que o governo aumentasse significativamente os preços mínimos governamentais para incentivar o plantio na safra 2013/14 e regularizar o abastecimento. O preço mínimo do feijão-preto foi reajustado em 41,6%, alcançando o valor de R\$105,00/saca. As variedades cores aumentaram 28,1%, chegando a R\$95,00/saca.

Esses valores permaneceram valendo para a safra 2014/15, cuja vigência teve início em novembro/2014 e se encerra em Outubro/15 nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e sul da Bahia. Já para a safra 2015/16 os preços do feijão cores, preto e caupi sofrerão redução entre 16% e 17,89% (Portaria MAPA nº 142, publicada no D.O.U em 09/07/15).

## Produção e comércio estaduais

Santa Catarina deve acompanhar a tendência nacional na safra 2014/15, qual seja, a de queda na área e na produção de feijão. Com preços pouco remuneradores, mercado bem abastecido (de feijão preto) e o risco climático, o produtor não se sentiu suficientemente estimulado a investir na cultura. Por isso, a estimativa atual é de uma redução de 13,7% na área plantada e de 4,4% na produção (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Feijão – Safra de Santa Catarina – 2010/11–2014/15**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2010/11	105.661	156.744	1.483
2011/12	85.321	115.719	1.356
2012/13	80.348	135.868	1.691
2013/14 <sup>(1)</sup>	89.294	145.165	1.626
2014/15 <sup>(2)</sup>	77.051	138.848	1.802

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

<sup>(2)</sup> Estimativa.

Fonte: IBGE (LSPA Maio de 2015).

O clima também prejudicou muitas lavouras no Estado. Em alguns momentos seco, alternando com excessivamente chuvoso, prejudicou a produtividade e a qualidade do grão em várias regiões, como o Sul do Estado. No Alto Vale, por conta das chuvas que atingiram as lavouras da safrinha (ou 2ª safra), 20% das áreas foram perdidas e 10% abandonadas.

A primeira safra deverá ser responsável por 69,9% e a segunda safra, por 30,1% da produção total da safra 2014/15 estadual de feijão. As regiões de Curitibaanos, Campos de Lages e Canoinhas são as principais produtoras catarinenses (Tabela 10).

**Tabela 10/I. Feijão – Safra por microrregião geográfica de Santa Catarina – 2012/13–2014/15**

Microrregião	Área plantada(ha)			Produção(t)			Rendimento médio(kg/ha)		
	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>
Araranguá	1.005	975	880	1.007	894	895	1.002	917	1.017
Blumenau	273	273	236	341	326	229	1.249	1.194	970
Campos de Lages	10.770	12.670	9.940	19.773	19.380	18.970	1.836	1.530	1.908
Canoinhas	9.500	10.030	9.695	16.817	19.060	17.897	1.770	1.900	1.846
Chapecó	5.752	7.313	5.340	8.835	11.027	8.523	1.536	1.508	1.596
Concórdia	707	644	436	698	863	595	987	1.340	1.365
Criciúma	3.342	3.612	3.626	4.506	4.438	4.420	1.348	1.229	1.219
Curitibanos	19.430	20.265	17.175	36.112	33.844	34.263	1.859	1.670	1.995
Florianópolis	160	140	140	185	185	185	1.156	1.321	1.321
Itajaí	15	17	17	23	26	23	1.533	1.529	1.353
Ituporanga	2.375	3.060	2.735	3.942	4.204	4.304	1.660	1.374	1.574
Joaçaba	5.797	5.839	5.004	10.720	9.243	8.811	1.849	1.583	1.761
Joinville	36	14	14	27	10	10	750	714	714
Rio do Sul	1.683	2.427	1.710	2.689	3.535	2.186	1.598	1.457	1.278
São Bento do Sul	575	1.020	705	1.025	1.845	1.280	1.783	1.809	1.816
São Miguel do Oeste	3.565	3.836	3.197	5.172	6.265	5.220	1.451	1.633	1.633
Tabuleiro	617	505	540	1.044	561	603	1.692	1.111	1.117
Tijucas	458	538	458	555	738	595	1.212	1.372	1.299
Tubarão	3.588	3.836	2.558	4.002	2.948	3.202	1.115	769	1.252
Xanxerê	10.700	12.280	12.645	18.395	25.773	26.637	1.719	2.099	2.107
<b>Santa Catarina</b>	<b>80.348</b>	<b>89.294</b>	<b>77.051</b>	<b>135.868</b>	<b>145.165</b>	<b>138.848</b>	<b>1.691</b>	<b>1.626</b>	<b>1.802</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

Fonte: IBGE.

Em função da maior quantidade de produto no mercado, em 2014, os preços do feijão preto estiveram bons para os produtores até maio. Depois começaram a declinar por todo o ano. Voltaram a subir apenas em 2015, sendo que atualmente encontram-se novamente em queda. O feijão carioca esteve com preços em baixa durante todo o ano de 2014. Em 2015 começaram a subir, mas permanecem abaixo dos níveis alcançados em 2013 (Tabelas 11 e 12).

**Tabela 11/I. Feijão-preto – Preço médio aos produtores<sup>(1)</sup> – 2011-15**

(R\$/saco 60kg)

Mês	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	65,00	105,83	122,65	127,39	130,00
Fevereiro	60,50	93,89	127,81	120,00	130,00
Março	67,71	86,59	130,00	127,22	121,67
Abril	74,83	90,00	130,23	134,71	105,33
Mai	73,33	98,33	141,00	112,25	88,24
Junho	72,50	115,79	142,50	85,94	80,56
Julho	70,00	110,45	140,00	88,75	
Agosto	65,43	110,00	140,00	90,00	
Setembro	65,00	110,00	140,00	90,00	
Outubro	68,68	110,00	140,00	90,00	
Novembro	70,00	110,00	127,62	90,00	
Dezembro	73,13	117,50	120,00	90,00	

<sup>(1)</sup> Praça de Chapecó.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 12/I. Feijão-carioca - Preço médio aos produtores<sup>(1)</sup> - 2011-15

(R\$/saco 60kg)

Mês	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	...	108,33	144,09	80,00	130,00
Fevereiro	...	138,33	197,78	99,50	135,36
Março	105,00	160,45	196,67	130,00	138,00
Abril	105,00	183,00	218,41	128,42	120,00
Mai	92,65	185,00	205,00	85,56	120,00
Junho	84,00	140,00	185,00	80,00	120,00
Julho	75,00	109,09	174,78	80,00	
Agosto	75,00	100,00	140,00	70,00	
Setembro	75,00	140,00	120,00	70,00	
Outubro	75,00	140,00	120,00	70,00	
Novembro	75,00	140,00	120,00	70,00	
Dezembro	75,00	140,00	88,57	70,00	

<sup>(1)</sup> Praça de Joaçaba.

Fonte: Epagri/Cepa.

Mesmo com a redução na área plantada no País para esta safra, não haverá diminuição na oferta do produto no mercado, uma vez que o Governo tem bons estoques. Assim sendo, não se tem perspectiva, a curto prazo, de aumento nos preços da leguminosa. Por isso, se apenas este fator (preço) fosse ser considerado na tomada de decisão de plantio da safra 2015/16, teríamos uma nova queda na área de feijão.

# Fumo<sup>1</sup>

Márcia J. Freitas da Cunha Varaschin – Economista, M.Sc. – Epagri/Cepa  
marciacunha@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

A produção mundial de fumo está concentrada em dez países, que detêm 81% do total produzido. A China, o maior produtor, é responsável por 42,4% dessa produção. Em 2013 a produção bateu recorde: 7.435 mil toneladas. O Brasil passou a ocupar a posição de segundo maior produtor (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Fumo – Produção dos principais países produtores e mundial – 2009-13**

País	Área (mil ha)					Produção (mil t)				
	2009	2010	2011	2012	2013	2009	2010	2011	2012	2013
China	1.391,7	1.345,7	1.462,1	1.481,2	1.527,6	3.067,9	3.005,9	3.158,7	3.127,9	3.150,2
Brasil	442,4	449,6	454,5	410,2	405,3	863,1	787,8	951,9	810,6	850,7
Índia	390,7	444,3	490,0	460,0	490,0	622,8	690,0	830,0	820,0	830,0
EUA	143,3	136,6	131,5	136,1	136,1	373,1	325,8	271,4	345,8	345,8
Indonésia	204,5	216,3	228,8	270,3	270,2	176,5	135,7	214,6	260,8	260,2
Zimbábue	101,8	94,2	92,6	93,0	115,0	85,1	109,7	111,6	115,0	150,0
Malawi	183,1	165,6	162,7	71,2	120,2	208,2	172,9	174,9	72,6	132,8
Argentina	74,5	75,5	76,4	59,2	59,2	135,5	137,0	145,0	115,3	115,3
Paquistão	49,7	55,8	51,3	45,8	49,8	105,0	119,3	102,8	97,9	108,3
Turquia	116,1	81,3	76,7	108,0	136,2	85,0	55,0	45,0	75,0	90,0
Outros	842,1	891,1	986,2	954,9	928,6	1.334,7	1.350,7	1.442,9	1.407,5	1.401,7
<b>Mundo</b>	<b>3.939,8</b>	<b>3.956,0</b>	<b>4.212,8</b>	<b>4.090,0</b>	<b>4.238,1</b>	<b>7.056,9</b>	<b>6.889,9</b>	<b>7.448,8</b>	<b>7.248,3</b>	<b>7.435,1</b>

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>. 20 July 2015.

No ano de 2015 a produção africana ficou aquém do esperado, o que pode incrementar nossas exportações, pois países daquele continente são, de certo modo, concorrentes.

O Brasil é o maior exportador mundial de fumo, participando, em 2012, com 23,6% do total exportado (Tabela 2). Rússia, Estados Unidos e China, por sua vez, são os principais importadores (Tabela 3).

<sup>1</sup> Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes:

IBGE – Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – Vários.

[www.fao.org](http://www.fao.org)

[www.afubra.com.br](http://www.afubra.com.br)

Jornais diversos e internet.



Tabela 2/I. Fumo – Exportações dos principais países exportadores e mundial – 2008-12

(t)

País	2008	2009	2010	2011	2012
Brasil	677.877	661.738	493.003	533.579	624.699
Índia	208.314	230.804	218.914	188.223	234.221
China	198.622	207.835	251.276	225.966	212.369
Estados Unidos	169.231	172.244	180.937	187.020	165.039
Malawi	138.896	183.552	144.676	159.842	141.009
Zimbábue	59.103	54.262	90.196	134.466	131.853
Tanzânia	45.910	43.561	69.095	74.022	107.593
Argentina	104.263	89.125	65.497	80.618	89.122
Bélgica	63.634	81.164	74.140	78.594	85.536
Itália	100.194	80.200	75.253	61.232	76.654
Subtotal	1.766.044	1.804.485	1.662.987	1.723.562	1.868.095
Outros	885.481	832.686	810.487	741.619	774.318
<b>Total mundial</b>	<b>2.651.525</b>	<b>2.637.171</b>	<b>2.473.474</b>	<b>2.465.181</b>	<b>2.642.413</b>

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/T/TP/E>. 20 July 2015.

Tabela 3/I. Fumo – Importações dos principais países importadores e mundial – 2008-12

(t)

País	2008	2009	2010	2011	2012
Rússia	304.840	256.382	241.905	238.440	250.324
Estados Unidos	214.042	197.840	159.189	171.886	219.159
China	104.847	105.032	89.626	130.481	180.306
Alemanha	178.279	175.839	175.744	182.876	173.253
Países Baixos	107.581	142.572	140.473	147.440	151.815
Indonésia	77.302	53.198	65.685	106.570	137.426
França	117.193	120.452	101.691	103.961	117.236
Bélgica	98.249	121.528	105.034	104.930	114.592
Polônia	67.231	69.543	81.446	80.395	89.338
Malásia	43.371	46.892	48.039	55.399	63.554
Subtotal	1.312.935	1.289.278	1.208.832	1.322.378	1.497.003
Outros	1.250.393	1.147.511	1.298.665	1.112.002	1.134.455
<b>Total mundial</b>	<b>2.563.328</b>	<b>2.436.789</b>	<b>2.507.497</b>	<b>2.434.380</b>	<b>2.631.458</b>

OBS: Fumo não manufaturado.

Fonte: <http://faostat3.fao.org/download/T/TP/E>. 20 July 2015.

## Produção e mercado nacionais

Na safra 2014 houve aumento na área plantada e na produção brasileira de fumo. Já em 2015, embora a área plantada tenha decrescido 1,5%, em virtude da melhora no rendimento médio a produção cresceu 9,2% (Tabela 4). O fumo colhido foi considerado de boa qualidade.

Tabela 4/I. Fumo – Safra brasileira – 2010/11- 2014/15

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
2010/11	454.521	951.933	2.094
2011/12	410.675	810.550	1.974
2012/13	405.146	851.133	2.101
2013/14	415.200	857.484	2.065
2014/15 <sup>(1)</sup>	408.910	873.945	2.137

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

Fonte: IBGE (LSPA junho de 2015).

A dificuldade nesta safra diz respeito à comercialização, pois os preços vão ficar menores do que os praticados na safra 2013/14 (ainda que tenha havido um aumento de 6%). Isso porque, com o dólar alto (em relação ao Real), as empresas exportadoras ganham mais em reais. Assim sendo, o importador quer pagar menos em dólar. Já houve queda acentuada nas exportações em 2014 e, por conta disso, a formação de um estoque não exportado (em torno de 100.000 toneladas), pode servir de poder de barganha na hora da compra de fumo novo.

A tendência para a safra 2015/16 é de uma nova redução na área plantada. As Federações dos Produtores e as Indústrias solicitam aos produtores que isso aconteça. As estimativas iniciais indicam uma redução de 10% na área plantada com fumo Burley e de 5% na de fumo Virginia.

A fumicultura é uma atividade cuja importância social é irrefutável. Por meio de uma análise mais ampla sobre a cadeia produtiva do tabaco no Brasil, verifica-se que, segundo informações da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), a atividade abrange cerca de 2,20 milhões de pessoas. Trata-se de uma extensa rede que envolve fábricas (de agroquímicos, materiais de construção, máquinas e implementos), transportadores, postos de distribuição, usinas de processamento, exportadores, fábricas de cigarros, varejistas, além de milhares de fumicultores (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Número de fumicultores – Brasil – Safras 2010/11–2014/15**

Estado/Região	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>
Rio Grande do Sul	94.890	85.560	82.740	84.160	79.740
Santa Catarina	55.810	48.140	46.400	47.280	44.390
Paraná	36.110	31.470	30.455	30.970	29.600
Região Sul	186.810	165.170	159.595	162.410	153.730
Outros estados	21.720	21.620	19.510	20.560	14.790
<b>Brasil</b>	<b>208.530</b>	<b>186.790</b>	<b>179.105</b>	<b>182.970</b>	<b>168.520</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa Afubra.

Fonte: Afubra.

A atividade gera 761 mil empregos diretos, considerando-se o total de pessoas que trabalham na lavoura e na indústria, além de 1,44 milhão de empregos indiretos. Somando ambos, tem-se 2,20 milhões de pessoas trabalhando com a atividade no País.

Além disso, 64% dos produtores envolvidos na atividade são considerados pequenos agricultores (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Distribuição fundiária dos fumicultores do Sul do Brasil – Safra 2013/14**

Área da propriedade (ha)	Nº Famílias	Partic. %
0 <sup>(1)</sup>	47.465	29,2
De 1 a 10	56.385	34,7
De 11 a 20	37.960	23,4
De 21 a 30	14.130	8,7
De 31 a 50	5.120	3,2
Mais de 50	1.350	0,8
<b>Total</b>	<b>162.410</b>	<b>100</b>

<sup>(1)</sup> Produtores que trabalham em regime de parceria.

Fonte: Afubra.

A Região Sul é responsável por 98% da produção da produção brasileira (Tabela 7). Nesses três estados, a produção de fumo é realizada em regime de integração com a indústria e, assim, o dimensionamento do plantio se dá de acordo com as necessidades internas e de exportação do produto, muito embora, algumas vezes, os produtores acabem produzindo além do combinado com a indústria, o que acaba acarretando prejuízos na hora da comercialização.

**Tabela 7/I. Fumo – Safras da Região Sul do Brasil – 2012/15<sup>(1)</sup>**

Estado	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rend. médio (kg/ha)			
	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015	2012	2013	2014	2015
RS	202.731	203.823	205.306	201.052	396.861	430.903	412.622	418.267	1.958	2.114	2.010	2.080
SC	118.280	117.060	120.641	116.392	237.213	244.458	258.245	255.961	2.006	2.088	2.141	2.199
PR	70.376	71.172	76.137	78.189	156.834	160.956	171.673	184.636	2.229	2.262	2.255	2.361
<b>Total</b>	<b>391.387</b>	<b>392.055</b>	<b>402.084</b>	<b>395.633</b>	<b>790.908</b>	<b>836.317</b>	<b>842.540</b>	<b>858.864</b>	<b>2.021</b>	<b>2.133</b>	<b>2.095</b>	<b>2.171</b>

<sup>(1)</sup> Dados de 2015 são preliminares.

Fonte: IBGE.

A maior parte da produção brasileira de fumo tem como destino o mercado externo (Tabela 8). O fumo brasileiro é de excelente qualidade e seu sabor é bastante apreciado no mercado internacional. Contudo a valorização do Real muitas vezes dificulta a exportação, pois o nosso produto perde competitividade no mercado internacional. Em 2014 isso ficou bem caracterizado: as exportações brasileiras caíram quase pela metade, deixando um estoque considerável nas indústrias.

**Tabela 8/I. Fumo – Produção e exportação do Brasil – 2010-15**

Ano	Produção (t)	Exportação (t)	Exp./Prod. (%)
2010	780.942	505.620	64,7
2011	949.216	545.603	57,5
2012	806.685	472.734	58,6
2013	851.133	609.927	71,7
2014	857.404	348.022	40,6
2015	873.945 <sup>(1)</sup>	147.822 <sup>(2)</sup>	-
<b>Média<sup>(3)</sup></b>	<b>849.076</b>	<b>496.381</b>	<b>58,5</b>

<sup>(1)</sup> Dado de produção sujeito a alterações.

<sup>(2)</sup> Janeiro a junho.

<sup>(3)</sup> 2010 a 2014.

Fonte: IBGE e MDIC (Sistema Alice)

## Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, a safra 2013/2014 apresentou um acréscimo de 3,1% na área plantada. As condições climáticas favoráveis também contribuíram para um bom rendimento médio, elevando a produção em 5,6% (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Fumo – Safra de Santa Catarina – 2010/11–2014/15**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rend. médio (kg/ha)
2010/11	134.248	261.776	1.950
2011/12	118.280	237.213	2.006
2012/13	117.060	244.458	2.088
2013/14	120.641	258.245	2.141
2014/15 <sup>(1)</sup>	116.392	255.961	2.199

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

Fonte: IBGE.

**Tabela 10/I. Fumo – Safra por micro e mesorregião geográfica de Santa Catarina – 2012/13–2014/15<sup>(1)</sup>**

Micro/ Mesorregião	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento médio (kg/ha)		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
São Miguel do Oeste	7.795	7.120	6.695	14.584	14.357	11.854	1.871	1.842	1.665
Chapecó	8.458	7.425	6.929	15.362	15.152	13.385	1.816	1.791	1.803
Xanxerê	1.501	1.333	1.223	2.912	2.784	2.340	1.940	1.855	1.755
Joaçaba	932	916	896	1.527	1.439	1.539	1.638	1.544	1.680
Concórdia	238	234	214	392	426	401	1.647	1.790	1.714
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>18.924</b>	<b>17.028</b>	<b>15.957</b>	<b>34.777</b>	<b>34.158</b>	<b>29.519</b>	<b>1.838</b>	<b>1.805</b>	<b>1.734</b>
Canoinhas	32.420	37.535	35.915	74.644	85.036	86.952	2.302	2.623	2.317
São Bento do Sul	825	887	937	1.577	1.813	1.913	1.912	2.198	2.157
Joinville	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Norte Catarinense</b>	<b>33.245</b>	<b>38.422</b>	<b>36.852</b>	<b>76.221</b>	<b>86.849</b>	<b>88.865</b>	<b>2.293</b>	<b>2.612</b>	<b>2.313</b>
Curitibanos	652	623	526	1.180	1.193	1.034	1.810	1.830	1.660
Campos de Lages	910	906	1.116	1.602	1.651	2.224	1.760	1.814	2.455
<b>Serrana</b>	<b>1.562</b>	<b>1.529</b>	<b>1.642</b>	<b>2.782</b>	<b>2.844</b>	<b>3.258</b>	<b>1.781</b>	<b>1.821</b>	<b>2.131</b>
Rio do Sul	20.568	20.042	19.907	42.724	43.084	44.666	2.077	2.095	2.229
Blumenau	571	691	611	1.277	1.517	1.373	2.236	2.657	1.987
Itajaí	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ituporanga	12.600	13.200	13.150	25.455	27.160	29.778	2.020	2.156	2.256
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>33.739</b>	<b>33.933</b>	<b>33.668</b>	<b>69.456</b>	<b>71.761</b>	<b>75.817</b>	<b>2.059</b>	<b>2.127</b>	<b>2.234</b>
Tijucas	2.926	3.266	2.923	6.789	6.533	6.323	2.320	2.233	1.936
Florianópolis	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tabuleiro	1.359	1.369	1.369	2.995	2.486	2.486	2.204	1.829	1.816
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>4.285</b>	<b>4.635</b>	<b>4.292</b>	<b>9.784</b>	<b>9.019</b>	<b>8.809</b>	<b>2.283</b>	<b>2.105</b>	<b>1.901</b>
Tubarão	9.160	9.008	8.573	20.155	20.399	18.158	2.200	2.227	2.016
Criciúma	6.268	6.356	6.078	12.136	13.565	12.685	1.936	2.164	1.996
Araranguá	9.900	9.730	9.330	19.202	19.650	18.850	1.940	1.985	1.937
<b>Sul Catarinense</b>	<b>25.328</b>	<b>25.094</b>	<b>23.981</b>	<b>51.493</b>	<b>53.614</b>	<b>49.693</b>	<b>2.033</b>	<b>2.117</b>	<b>1.980</b>
Santa Catarina	117.083	120.641	116.392	244.513	258.245	255.961	2.088	2.206	2.122

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alteração.

Fonte: IBGE.

Já em 2014/2015 a área caiu 3,5% e a produção quase 1%. O rendimento médio ainda teve um ligeiro aumento em relação à safra anterior. A qualidade do fumo colhido foi considerada boa.

Essa redução na área plantada no Estado resulta das dificuldades no momento da comercialização e/ou insatisfação com os preços recebidos na safra 2013/14.

No Estado a comercialização da safra 2014/15 já foi finalizada, e em algumas regiões os produtores iniciaram o plantio da safra 2015/16. A orientação das entidades (empresas fumageiras, associações) aos fumicultores é de que reduzam sua área plantada para que possam adequar a produção à demanda. Outra recomendação da representação dos fumicultores é que se invista na qualidade do tabaco, pois, ao reduzir a área, o produtor pode se dedicar ainda mais à qualidade, dando ao fumicultor mais competitividade na hora de vender seu produto.

As previsões iniciais em Santa Catarina para a safra 2015/16 apontam para uma redução na área plantada em torno de 7%.

Nas Tabelas 11 e 12 podem ser verificadas as quedas nos preços em quase todos os tipos de fumo na última safra. E, nas Tabelas 13 e 14, têm-se as exportações e os principais mercados consumidores. Vale observar a queda significativa nos embarques – brasileiros e catarinenses – no ano de 2014.

Tabela 11/I. Fumo – Preço médio aos produtores do Sul do Brasil – Safras 2009/10–2013/14

Safr/Tipo	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	Virgínia	Burley	Comum	Média	Virgínia	Burley	Comum	Média
2009/10	6,49	5,72	4,00	6,35	3,60	3,17	2,22	3,52
2010/11	5,01	4,62	3,64	4,93	3,12	2,88	2,27	3,07
2011/12	6,37	6,22	3,89	6,30	3,37	3,29	2,06	3,33
2012/13	7,51	7,35	4,58	7,45	3,60	3,52	2,19	3,57
2013/14 <sup>(1)</sup>	7,47	6,76	5,14	7,34	3,13	2,84	2,15	3,08

<sup>(1)</sup> Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: Afubra.

Tabela 12/I. Fumo – Preço médio aos produtores do Sul do Brasil, por estado – Safras 2009/10–2013/14

Safr/Estado	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	Região Sul	RS	SC	PR	Região Sul
2009/10	6,46	6,38	6,04	6,35	3,58	3,54	3,35	3,52
2010/11	4,87	5,03	4,92	4,93	3,03	3,13	3,07	3,07
2011/12	6,29	6,48	6,01	6,30	3,33	3,43	3,18	3,33
2012/13	7,59	7,49	7,03	7,45	3,63	3,59	3,37	3,57
2013/14 <sup>(1)</sup>	7,38	7,45	7,05	7,34	3,10	3,12	2,96	3,08

<sup>(1)</sup> Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: Afubra.

Tabela 13/I. Fumo – Exportações brasileira e catarinense – 2010-15

Ano	Brasil		Santa Catarina	
	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)	Quantidade (t)	Valor (US\$ 1.000)
2010	505.620	2.762.246	155.974	873.880
2011	545.603	2.935.187	155.901	898.886
2012	472.734	3.099.183	136.132	934.552
2013	609.927	3.192.512	170.192	882.718
2014	348.022	2.354.109	78.987	535.801
2015 <sup>(1)</sup>	147.822	892.787	45.723	288.805

<sup>(1)</sup> Janeiro a junho.

Fonte: MDIC (Sistema Aliceweb).

Tabela 14/I. Fumo – Exportações catarinenses, por país de destino – 2011-15

País	2011		2012		2013		2014		2015 <sup>(1)</sup>	
	(t)	(mil US\$)	(t)	(mil US\$)	(t)	(mil US\$)	(t)	(mil US\$)	(t)	(mil US\$)
Bélgica	15.073	91.513	25.130	170.389	33.359	206.280	15.245	102.598	10.220	58.525
EUA	8.655	51.897	8.751	57.283	14.762	78.933	7.995	52.808	6.048	32.053
Países Baixos	12.829	97.585	12.535	92.993	18.585	92.582	6.880	50.135	3.653	27.127
Rússia	13.268	88.640	13.347	90.785	17.536	80.034	5.753	37.701	3.731	24.315
Turquia	2.813	18.600	4.938	33.817	6.501	31.880	4.379	29.683	3.756	25.744
Alemanha	9.904	63.256	8.126	52.868	8.722	47.911	3.410	22.567	1.669	9.249
Romênia	5.097	37.873	4.106	29.684	4.103	19.427	3.005	21.512	2.377	16.086
Indonésia	4.496	32.523	4.831	29.247	4.083	16.436	2.988	20.595	278	1.880
Nigéria	1.012	7.835	1.699	12.393	2.282	17.747	2.782	18.391	1.529	10.247
Subtotal	73.147	489.722	83.463	569.458	109.932	591.230	52.437	355.989	33.262	205.226
Outros países	56.798	390.137	52.669	365.094	60.261	291.487	26.550	179.812	12.462	83.579
<b>Santa Catarina</b>	<b>129.946</b>	<b>879.859</b>	<b>136.132</b>	<b>934.552</b>	<b>170.192</b>	<b>882.718</b>	<b>78.987</b>	<b>535.801</b>	<b>45.723</b>	<b>288.805</b>

<sup>(1)</sup> Janeiro a junho.

Fonte: MDIC (Sistema Aliceweb).

# Maçã

Rogério Goulart Junior – Economista, Dr. – Epagri/Cepa  
 rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

A maçã é a terceira fruta mais produzida no mundo, com mais de 80 milhões de toneladas em 2013. Desse total de maçã produzido no mundo, 64% estão na Ásia, 20% na Europa e 12% nas Américas (FAO, 2015).

Nos últimos cinco anos, a produção de maçã se expandiu na maioria dos países produtores com uma taxa de crescimento médio de 3,3% ao ano. No mundo, os níveis de produtividade, resultantes de inovações e tecnologia utilizadas na cadeia da maleicultura, cresceram a uma taxa média anual de 0,8%. A produtividade entre os dez maiores produtores apresentou maior perda na Áustria, com taxa média de crescimento negativa de 3,6% ao ano. Na Suíça e nos Países Baixos houve a mesma taxa anual média decrescente de 2,8%. Já no Chile houve o maior ganho anual, com taxa média de crescimento de 4,7%.

Em 2013, os três países com maior produção foram responsáveis por quase 62% da produção mundial. A China (continental) lidera a produção mundial (49,1%) e cresceu a uma taxa de 25,3% no período, tendo apenas a Argentina (31,1%) e o Chile (28,5%) superado o crescimento chinês. Entre 2009 e 2013, dos dez maiores produtores mundiais, os EUA e o Irã tiveram decréscimo na produção acima de 7%, com taxa anual acima de 1,9%. Já a Argentina, o Chile, a China e a Polônia obtiveram crescimento de mais de 17% no período, com taxa anual acima de 4% (Tabela 1).

Tabela 1/I. Maçã – Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2008/09-2012/13

País							(mil t)	
	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	Part. (%) 2013	Crescimento anual (%) 2009-13	
Mundo	71.007,63	70.585,83	76.053,68	77.488,54	80.822,52	100,0	3,3	
China (continental)	31.680,79	33.263,00	35.985,00	38.491,00	39.682,62	49,1	5,8	
EUA	4.402,07	4.214,60	4.275,11	4.110,05	4.081,61	5,1	-1,9	
Turquia	2.782,37	2.600,00	2.680,08	2.889,00	3.128,45	3,9	3,0	
Polônia	2.626,27	1.877,91	2.493,08	2.877,34	3.085,07	3,8	4,1	
Itália	2.325,65	2.204,97	2.411,20	1.991,31	2.216,96	2,7	-1,2	
Índia	1.985,00	1.777,20	2.891,00	2.203,40	1.915,00	2,4	-0,9	
França	1.803,37	1.788,43	1.857,35	1.384,85	1.737,48	2,1	-0,9	
Chile	1.330,62	1.624,24	1.588,35	1.625,00	1.709,59	2,1	6,5	
Irã	2.000,00	1.662,43	1.842,97	1.700,00	1.693,37	2,1	-4,1	
Federação Russa	1.441,20	992,00	1.200,00	1.403,00	1.572,00	1,9	2,2	
Argentina	950,00	1.050,00	1.043,51	947,49	1.245,02	1,5	7,0	
Brasil	1.222,89	1.279,12	1.339,00	1.339,77	1.231,47	1,5	0,2	
Outros	16.457,41	16.251,93	16.447,04	16.526,34	17.523,88	21,7	1,6	

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

A China, responsável por 11,8% das exportações mundiais, apresentou taxa de crescimento anual negativa de 6% de 2009 a 2012, reflexo de eventos climáticos que afetaram as lavouras chinesas. A Itália, com 11% de quantidade exportada, ampliou em 27% o volume negociado no mercado externo. A Polônia, a África do Sul e o Chile, que, juntos, têm mais de 25% das exportações mundiais, obtiveram taxa média de crescimento anual acima de 4% com estratégias comerciais de ampliação da participação no mercado mundial da fruta. Como destaque, a Espanha e a Alemanha, com menor representação no mercado, seguem estratégias similares com crescimento anual acima de 12% e mais de 40% no período de 2009 a 2012.

Tabela 2/I. Maçã – Maiores exportadores mundiais – 2012

Local	Valor (mil US\$)	Quantidade (mil t)	Participação (%)	Ranking
Mundo	7.177.517	8.271	100,0	-
China (continental)	959.913	975	11,8	1º
Polônia	437.824	958	11,6	2º
Itália	936.655	933	11,3	3º
EUA	1.083.975	870	10,5	4º
Chile	728.912	761	9,2	5º
França	688.464	626	7,6	6º
África do Sul	316.772	388	4,7	7º
Nova Zelândia	295.091	284	3,4	8º
Países Baixos	296.118	283	3,4	9º
Bélgica <sup>(1)</sup>	162.589	180	2,2	10º
Espanha	120.114	141	1,7	12º
Alemanha	102.052	136	1,6	13º
Argentina	117.644	132	1,6	14º
Brasil	48.560	72	0,9	22º

<sup>(1)</sup> Via portuária.

Fonte: FAO (setembro de 2015). (Disponível em: <<http://www.fao.org>>).

Entre 2009 e 2012, a importação mundial de maçã expandiu mais de 11%, com crescimento anual de 3,7% no período. Nos principais países importadores, a Federação Russa, com mais de 15% da quantidade importada da fruta, apresentou crescimento de 15,4%. O Egito e a Arábia Saudita ampliaram em mais de 50% o volume negociado de 2009 a 2012. Nos Países Baixos, com 3,7% das importações, houve diminuição na quantidade importada em mais de 13% como reflexo do crescimento do Egito e Arábia Saudita no mercado. Na Espanha e na Alemanha há substituição de importações com ampliação da produção interna.

Tabela 3/I. Maçã – Maiores importadores mundiais – 2012

Local	Valor (mil US\$)	Quantidade (mil t)	Participação (%)	Ranking
Mundo	7.496.171	8.369	100,0	-
Federação Russa	796.600	1.278	15,3	1º
Alemanha	597.363	614	7,3	2º
Reino Unido	555.070	482	5,8	3º
Países Baixos	316.943	311	3,7	4º
México	291.284	235	2,8	5º
Espanha	215.257	231	2,8	6º
Egito	232.811	221	2,6	7º
França	162.991	206	2,5	8º
Canadá	235.786	202	2,4	9º
Arábia Saudita	188.387	187	2,2	10º
Brasil	60.854	57	0,7	37º

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

Na safra 2012/13, as duas maiores produtividades médias foram alcançadas por Áustria e Suíça, com valores 3,4 vezes acima da média mundial. Já a produtividade média brasileira representa 60% da austríaca (maior média mundial) e é o dobro da média mundial (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Maçã – Maiores rendimentos mundiais – Produtividade média – Safras 2008/09-2012/13**

Local	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	Ranking <sup>(1)</sup>
Mundo	14.986	14.849	15.263	14.988	15.490	-
Áustria	62.258	62.686	69.208	59.613	53.850	1º
Suíça	59.407	47.805	78.218	56.442	52.966	2º
Nova Zelândia	46.424	50.562	49.472	50.650	49.627	3º
Chile	37.909	46.368	45.342	45.560	45.534	4º
Israel	38.473	45.180	40.833	55.531	45.231	5º
França	42.439	42.895	44.363	33.655	43.977	6º
Itália	39.792	38.078	42.406	36.415	40.109	7º
Países Baixos	44.583	38.475	50.569	35.355	39.717	8º
África do Sul	38.938	34.324	34.717	34.749	35.805	9º
Eslovênia	35.144	42.520	38.535	20.466	34.979	10º
<b>Brasil</b>	<b>32.009</b>	<b>33.033</b>	<b>35.165</b>	<b>34.630</b>	<b>32.167</b>	<b>13º</b>

<sup>(1)</sup> Países com área cultivada acima de 500ha e taxa de crescimento abaixo de 100%.

Fonte: FAO (setembro de 2015). Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

## Produção e mercado nacionais

Em 2013, o Brasil foi o 12º produtor mundial de maçã e o 13º em produtividade média, ficando acima de países com ótimo rendimento médio, como Argentina, EUA e Alemanha.

### As safras brasileiras de 2014 e 2015

A safra brasileira 2013/14 apresentou variação negativa de 3% na área em relação à de 2012/13, com diminuição da área nas regiões gaúcha (4,0%) e catarinense (1,3%). Mas a produção brasileira aumentou 11,8%, tendo o Rio Grande do Sul tido aumento na produção de 30%, determinando produtividade 35,5% acima da obtida na safra passada. Isso ocorreu como resultado da adoção de novas tecnologias, com renovação de pomares e emprego de técnicas de poda e condução, aliadas a efeitos mais brandos do clima. Durante a safra gaúcha, as adversidades climáticas foram menos rigorosas que as anteriores, o que também pode ter ajudado nos resultados obtidos na produção e consequente melhoria na produtividade média em 2013/14.

Para 2014/15, a estimativa da safra nacional é de diminuição de mais 3% na área a ser colhida. E, ao contrário do ocorrido na safra anterior, haverá diminuição na produção nacional de cerca de 8%, sendo de menos 13% na produção gaúcha e menos 3% na catarinense (Tabela 5). No segundo semestre de 2014, como efeitos de temperaturas elevadas, houve menor acúmulo de frio para superação da dormência, além da ocorrência de granizo, que, de certa maneira, afetaram os resultados da produção dos principais produtores gaúchos e catarinenses.



**Tabela 5/I. Maçã – Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/11-2014/15**

Local	Safr					Ranking
	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14 <sup>(1)</sup>	2014/15 <sup>(1)</sup>	
<b>Área colhida (ha)</b>						
Brasil	38.077	38.688	38.284	37.122	35.884	
Santa Catarina	17.124	17.839	17.979	17.747	17.604	1º
Rio Grande do Sul	18.785	18.708	18.161	17.433	16.368	2º
Paraná	1.846	1.764	1.732	1.730	1.700	3º
Demais estados	322	377	412	212	212	
<b>Quantidade produzida (t)</b>						
Brasil	1.338.995	1.339.771	1.231.472	1.377.393	1.266.025	
Santa Catarina	634.436	620.841	642.987	633.197	613.828	1º
Rio Grande do Sul	640.676	659.756	530.725	690.422	598.513	2º
Paraná	58.537	50.975	49.188	48.786	51.000	3º
Demais estados	5.346	8.199	8.572	4.988	2.684	
<b>Maiores produtividades médias estaduais (kg/ha)</b>						
Brasil	35.165	34.630	32.167	37.104	35.281	
Santa Catarina	37.050	34.802	35.763	35.679	34.869	2º
Rio Grande do Sul	34.106	35.266	29.223	39.604	36.566	1º
Paraná	31.710	28.897	28.400	28.200	30.000	3º
Demais estados	16.602	21.748	20.806	23.528	12.660	

<sup>(1)</sup> Safras 2014 e 2015 com dados preliminares e sujeitos a retificação.

Fonte: IBGE. Produção Agrícola Municipal (2011 a 2013) e LSPA-julho/15 (2014 e 2015).

Na exportação brasileira de maçãs frescas (in natura), entre 2010 e o primeiro semestre de 2015, 62% das exportações foram para os cinco maiores compradores da maçã brasileira. Os dois maiores destinos são Bangladesh e os Países Baixos, responsáveis por 37% da quantidade negociada no período (Tabela 6).

Entre 2013 e 2014 o forte recuo de 51% na quantidade exportada deveu-se à perda da qualidade exigida para a negociação da fruta no mercado externo, provocada por condições climáticas desfavoráveis no segundo semestre de 2013, e baixo estoque. Em 2015 está sendo recuperada a participação no mercado, mas com cotação média menor que a do ano anterior devido, principalmente, ao aumento na oferta mundial da fruta em 2014.

O volume exportado de suco de maçã, entre 2010 e o primeiro semestre de 2015, está concentrado em dois compradores que representam mais de 85%. E mais de 67% negociados apenas com os EUA. No período, observa-se a redução de mais da metade do volume exportado do produto processado. Mas há expectativa de ampliação do mercado interno de sucos nos próximos anos (Tabela 7).

Na importação de maçãs frescas (in natura), entre 2010 e o primeiro semestre de 2015, em torno de 97% das frutas eram de origem argentina ou chilena. Em 2014 houve expressiva participação de frutas europeias vindas da Itália, da França, da Espanha e de Portugal, e com aumento de 19% com relação a 2013 (Tabela 8). Em parte, essa ampliação nas importações brasileiras deveu-se ao aumento da produção de maçã na Europa acompanhado de um embargo russo às frutas europeias que provocaram excesso de oferta mundial, com baixa nas cotações negociadas no mercado.

**Tabela 6/I. Exportação brasileira de maçã fresca – 2010-15**

País	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
<b>Maçã in natura</b>								
Bangladesh	3.793	6.735	4.329	6.251	7.385	11.218	8.880	14.407
Países Baixos	15.499	26.688	10.449	15.200	8.958	14.934	16.062	22.208
Irlanda	3.218	4.805	3.356	4.058	3.976	6.047	3.441	4.338
Reino Unido	4.945	7.340	2.142	2.599	7.243	11.152	15.873	19.539
Portugal	4.082	7.067	3.037	4.485	2.651	4.713	2.700	3.934
Subtotal	31.537	52.635	23.312	32.591	30.213	48.065	46.955	64.426
Demais países	23.245	37.267	11.035	14.307	17.609	23.243	15.986	21.003
<b>Total</b>	<b>54.782</b>	<b>89.902</b>	<b>34.347</b>	<b>46.898</b>	<b>47.822</b>	<b>71.307</b>	<b>62.940</b>	<b>85.429</b>

País	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010-jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
<b>Maçã in natura</b>								
Bangladesh	6.865	11.123	12.058	17.285	43.311	67.019	18,5	19,4
Países Baixos	8.009	10.978	6.466	10.754	40.423	63.619	17,2	18,4
Irlanda	2.394	3.153	4.664	6.260	21.050	28.660	9,0	8,3
Reino Unido	3.466	3.938	2.804	3.802	20.600	28.832	8,8	8,4
Portugal	1.907	2.718	1.964	3.646	16.341	26.564	7,0	7,7
Subtotal	22.642	31.911	27.957	41.747	141.724	214.694	60,4	62,2
Demais países	9.260	12.383	12.689	18.365	92.859	130.219	39,6	37,8
<b>Total</b>	<b>31.903</b>	<b>44.294</b>	<b>40.646</b>	<b>60.112</b>	<b>234.584</b>	<b>344.913</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC /Secex – Sistema Aliceweb.

**Tabela 7/I. Exportação brasileira de suco de maçã – 2010-15**

País	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
<b>Suco de maçã</b>								
EUA	25.155	29.651	23.441	19.320	32.233	24.560	20.084	15.546
Japão	3.333	3.534	8.451	6.129	8.312	5.260	7.660	5.307
África do Sul	1.567	1.934	1.652	999	4.825	3.232	4.107	3.406
Subtotal	30.055	35.119	33.544	26.448	45.369	33.052	31.850	24.258
Demais países	2.863	3.287	8.388	5.162	6.302	4.016	816	515
<b>Total</b>	<b>32.917</b>	<b>38.406</b>	<b>41.932</b>	<b>31.609</b>	<b>51.671</b>	<b>37.069</b>	<b>32.667</b>	<b>24.774</b>

País	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010-jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
<b>Suco de maçã</b>								
EUA	14.125	10.372	10.509	9.990	125.546	109.438	63,8	67,7
Japão	7.029	4.867	2.341	1.718	37.126	26.815	18,9	16,6
África do Sul	115	98	1.786	1.641	14.051	11.309	7,1	7,0
Subtotal	21.269	15.336	14.636	13.349	176.723	147.563	89,7	91,2
Demais países	692	501	1.132	709	20.193	14.191	10,3	8,8
<b>Total</b>	<b>21.961</b>	<b>15.837</b>	<b>15.768</b>	<b>14.059</b>	<b>196.916</b>	<b>161.754</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC /Secex – Sistema Aliceweb.

Tabela 8/I. Importação brasileira de maçã fresca – 2010-15

País	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
Maçã in natura								
Argentina	39.353	48.448	63.546	73.776	33.352	30.937	48.837	46.154
Chile	15.454	23.253	10.375	12.601	17.010	18.296	36.003	39.186
Itália	1.273	1.221	2.379	2.227	3.814	3.013	2.751	2.011
França	2.907	2.700	3.098	2.844	2.321	1.763	3.299	2.692
Espanha	701	838	2.977	2.921	2.820	2.401	3.129	2.454
Portugal	294	346	1.797	1.843	719	709	1.383	1.403
Subtotal	59.983	76.806	84.172	96.211	60.037	57.119	95.401	93.900
Demais países	64	73	315	353	817	801	26	64
<b>Total</b>	<b>60.047</b>	<b>76.879</b>	<b>84.487</b>	<b>96.565</b>	<b>60.854</b>	<b>57.920</b>	<b>95.427</b>	<b>93.964</b>

País	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010-jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
Maçã in natura								
Argentina	52.309	49.719	10.824	10.327	248.221	259.361	55,9	54,3
Chile	35.332	42.366	13.604	17.706	127.778	153.408	28,8	32,1
Itália	7.773	7.518	2.527	2.636	20.517	18.625	4,6	3,9
França	4.526	4.120	1.742	1.661	17.892	15.779	4,0	3,3
Espanha	5.026	5.229	650	691	15.304	14.534	3,4	3,0
Portugal	6.049	6.586	1.256	1.419	11.498	12.307	2,6	2,6
Subtotal	111.014	115.538	30.603	34.440	441.210	474.014	99,3	99,3
Demais países	907	1.159	812	1.086	2.941	3.537	0,7%	0,7
<b>Total</b>	<b>111.921</b>	<b>116.697</b>	<b>31.415</b>	<b>35.526</b>	<b>444.151</b>	<b>477.551</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC/Secex – Sistema Aliceweb.

## Produção e mercado estaduais

Em Santa Catarina, das mais de 600 mil toneladas de maçãs produzidas, 53% são da variedade Gala, 43,6% são da variedade Fuji e os 3,3% restantes agrupam variedades precoces. Conforme o levantamento da Epagri/Cepa (2013) na safra 2012/13, o Planalto Sul Catarinense foi responsável por mais de 90% da produção de maçã Fuji, 63% da Gala e mais de 37% de outras variedades. Já o Alto Vale do Rio do Peixe contribuiu com 22% da produção catarinense de maçã Gala, cerca de 5% da Fuji e 27% de outras variedades. Com 2.427 produtores no Estado, 87% são compostos de produtores, na sua maioria cooperados, do Planalto Sul Catarinense; e 7%, na sua maioria grandes empresas, do Alto Vale do Rio do Peixe, entre outras regiões. Os municípios de São Joaquim, Fraiburgo, Bom Retiro, Bom Jardim da Serra, Monte Carlo e Urubici são os maiores produtores catarinenses (Epagri/Cepa, 2013).

## As safras catarinenses de 2013/14 e 2014/15

No comparativo entre as safras catarinenses de 2013/14 e 2014/15, houve diminuição na área colhida e no volume produzido de 1,3% e 1,5%, respectivamente (Tabela 5). Esse comportamento está relacionado à erradicação de áreas de plantio no Estado e a eventos climáticos com granizo e casos isolados de “geada negra”; porém, temperaturas médias, no inverno, propiciaram o acúmulo adequado de horas de frio necessárias ao bom desenvolvimento da fruta.

Em 2014, o volume comercializado na Ceagesp, em São Paulo, foi de cerca de 103,7 mil toneladas, com a participação catarinense de 63% do volume anual movimentado no entreposto com preço médio de R\$79,56 a caixa de 18kg. O Rio Grande do Sul participou com 27% da quantidade comercializada (PROHORT/CONAB, 2015).

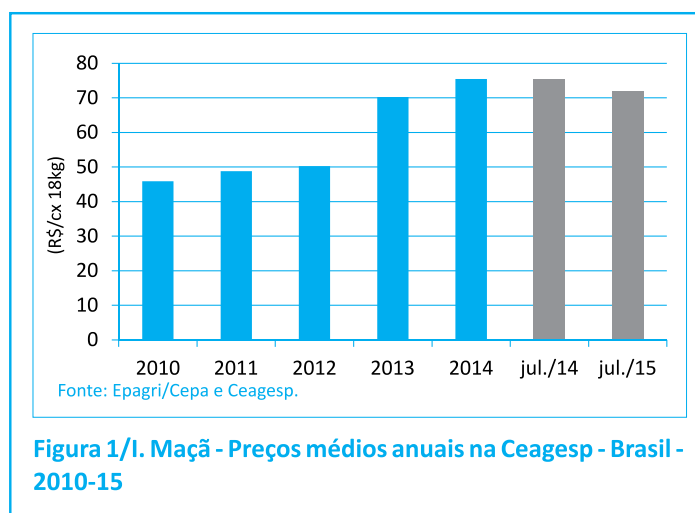
Após o encerramento da colheita, o valor da produção para a safra 2014/15 foi menor que o esperado, com queda da produção nas Microrregiões de Joaçaba e Campos de Lages de 1% e 4% respectivamente. Porém, a participação da segunda continua de 70% do total produzido da fruta no estado, enquanto no Vale do Rio do Peixe houve aumento da participação de 22% para 23% do total de maçãs. No Planalto Norte, houve redução em 34% da área plantada na Microrregião de Canoinhas, o que não afetou o setor, pois era responsável por apenas 1% do total produzido da fruta no Estado.

Os dados preliminares da safra catarinense de 2014/15 indicam que a área colhida está próxima à da safra passada. Já a produção diminuiu 3% com relação a 2013/14, enquanto a produtividade média anual ficou 2,2% abaixo da anterior (Tabela 5). Durante o segundo semestre de 2014, nas regiões produtoras, as temperaturas estavam acima da média, com baixo acúmulo de frio necessário ao período de dormência das macieiras, além da ocorrência de granizo, geadas e doenças nos estádios finais afetando pomares nas regiões produtoras e condicionando um menor desenvolvimento do fruto.

Nas praças catarinenses de Fraiburgo e São Joaquim, e ainda na gaúcha Vacaria, a expectativa é que com a menor produção prevista para a safra 2014/15 e a diminuição no volume estocado comercializado a partir do segundo semestre de 2016, os preços da maçã no próximo ano possam ser valorizados no mercado.

Entre janeiro e julho de 2015, o volume negociado na Ceagesp foi de 64,3 mil toneladas, representando cerca de R\$233,1 milhões, com preço médio de R\$65,34 a caixa de 18kg. Santa Catarina participou com 62% do total no período, e o Rio Grande do Sul com outros 32%, representando mais de 90% do total nacional comercializado na Ceagesp (PROHORT/CONAB 2015).

Os preços negociados no entreposto estão em recuperação, mas em patamares ainda abaixo dos negociados em 2014. Na Argentina, o volume estocado da fruta está alto, o que pode estimular a exportação argentina para os países mais próximos do Cone Sul.



No primeiro semestre de 2015, da fruta armazenada nas principais empresas catarinenses, já foram negociados cerca de 80% de Gala e em torno de 60% do estoque da Fuji. Conforme a ABPM e a Agapomi (2015), no Brasil a capacidade de armazenagem é de 923.341 toneladas, sendo 70% em atmosfera controlada (AC) e 30% em ambiente normal (AN). Em Santa Catarina estão 53% dos armazéns para estocagem de maçã, sendo 40% em câmaras frigoríficas.

**Tabela 9/I. Preço médio mensal no atacado<sup>(1)</sup> – Brasil e Santa Catarina – 2014-15**

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
<b>Maçãs Nacionais – Brasil – R\$/cx 18kg</b>												
2014	81,18	78,84	76,86	74,52	70,02	72,72	73,62	80,64	79,74	80,64	79,56	82,26
2015	79,56	77,40	67,32	67,50	69,12	71,64	70,56	-	-	-	-	-
<b>Maçãs Nacionais – Santa Catarina – R\$/cx 18kg</b>												
2014	87,84	86,94	73,80	73,62	82,26	69,66	82,08	82,44	62,28	80,64	85,32	87,66
2015	83,70	60,66	50,40	50,58	69,48	71,64	70,92	-	-	-	-	-

<sup>(1)</sup> Valores estimados.

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

No período entre 2010 e 2014, a exportação catarinense de maçã fresca apresentou decréscimo anual de mais de 24%, enquanto as exportações rio-grandenses decresceram em mais de 13%. No total, o Rio Grande do Sul representou mais de 80% do volume exportado de maçã in natura, e Santa Catarina cerca de 19% do total (Tabela 10).

No mesmo período, no mercado do suco de maçã, o volume negociado movimentou o equivalente a 38% do mercado da fruta fresca e representou 67% do valor bruto obtido no negócio da maçã in natura. O Estado de Santa Catarina representou 78,5% da quantidade negociada, e o estado gaúcho 21,4% (Tabela 10).

A agregação de valor obtida com o processamento das frutas para a produção de suco é uma alternativa importante para a fruticultura catarinense – que se destaca, principalmente, na produção de suco de uva e de maçã.

**Tabela 10/I. Exportação de maçã fresca e suco de maçã por estado da Federação – 2010-15**

UF	2010		2011		2012		2013	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)
<b>Maçã in natura</b>								
Rio Grande do Sul	36.184	62.732	31.067	41.595	39.595	60.647	51.859	71.977
Santa Catarina	19.173	28.099	4.990	7.068	8.964	11.604	11.081	13.452
Outros estados	9	8	2	3	1	1	2	0
<b>Total</b>	<b>55.366</b>	<b>90.839</b>	<b>36.059</b>	<b>48.666</b>	<b>48.560</b>	<b>72.253</b>	<b>62.942</b>	<b>85.429</b>
<b>Suco de maçã</b>								
Santa Catarina	27.620	32.193	28.942	23.700	36.452	27.302	25.091	18.773
Rio Grande do Sul	5.277	6.196	12.871	7.838	15.210	9.760	7.568	5.994
Outros estados	20	17	118	71	9	7	7	6
<b>Total</b>	<b>32.917</b>	<b>38.406</b>	<b>41.932</b>	<b>31.609</b>	<b>51.671</b>	<b>37.069</b>	<b>32.667</b>	<b>24.774</b>

UF	2014		Até jul./2015		Acumulado no período		Participação 2010-jul./2015	
	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (US\$ mil)	Quantidade (t)	Valor (%)	Quantidade (%)
<b>Maçãs in natura</b>								
Rio Grande do Sul	24.137	35.294	35.389	52.790	218.230	325.035	79,2	80,9
Santa Catarina	7.766	9.001	5.258	7.322	57.232	76.546	20,8	19,1
Outros estados	-	-	-	-	14	12	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>31.903</b>	<b>44.294</b>	<b>40.646</b>	<b>60.112</b>	<b>275.476</b>	<b>401.594</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Suco de maçã</b>								
Santa Catarina	19.021	13.702	12.322	11.291	143.380	121.890	75,9	78,5
Rio Grande do Sul	2.924	2.119	3.437	2.760	42.643	30.792	24,0	21,4
Outros estados	16	16	9	8	188	136	0,1	0,1
<b>Total</b>	<b>21.961</b>	<b>15.837</b>	<b>15.768</b>	<b>14.059</b>	<b>186.211</b>	<b>152.817</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: MDIC /Secex – Sistema Aliceweb.

# Milho

Glaucia Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
 glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

O mercado internacional do milho nos últimos anos tem sido marcado pela forte oscilação dos preços, com valores mais baixos para os preços internacionais. O contínuo aumento da produção nos últimos anos, que vem resultando em estoques cada vez maiores, é o principal fator associado à baixa dos preços. De 2011 a 2014, a produção cresceu em média 4,25% ao ano, enquanto os estoques cresceram em média 14,25% ao ano (Tabelas 1 e 2). Na safra 2014/15, a condição climática favorável ao maior produtor mundial, os Estados Unidos, resultou em uma produção superior à safra 2013/14, bem como no Brasil e União Europeia, culminando no aumento da produção global de milho em 1,56% em relação à safra 2013/14 (Tabela 1). Para a safra 2015/16 é esperada uma redução da produção, dada a expectativa de ocorrência de problemas climáticos decorrentes do fenômeno El Niño.

**Tabela 1/I. Milho – Principais países produtores – Safras 2011/12-2015/16**

(milhões de t)

País	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (11-14)	Var. % (14 - 15)
Total mundial	888,18	869,30	990,78	1.006,24	985,61	4,25	-2,05
Estados Unidos	312,79	273,19	351,27	361,09	347,64	4,90	-3,72
China	192,78	205,61	218,49	215,67	225,00	3,81	4,33
Brasil	73,00	81,50	80,00	84,00	79,00	4,79	-5,95
União Europeia	68,12	58,90	64,66	75,13	62,25	3,32	-17,13
Ucrânia	22,84	20,92	30,90	28,45	27,00	7,60	-5,10
Argentina	21,00	27,00	26,00	26,50	25,00	8,06	-5,66
Índia	21,76	22,26	24,26	22,50	23,50	1,12	4,44
México	18,73	21,59	22,88	25,00	23,50	10,11	-6,00
Rússia	6,96	8,21	11,64	11,33	13,50	17,61	19,21
África do Sul	12,76	12,37	14,98	11,30	13,50	-3,97	19,47
Outros países	137,45	137,74	145,70	145,28	145,71	1,87	0,30

<sup>(1)</sup> Estimativa de safra de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

**Tabela 2/I. Milho – Estoque final mundial e de países selecionados – Safras 2011/12-2015/16**

(milhões de t)

País	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (11-14)	Var. % (14-15)
Total mundial	132,39	137,18	174,97	197,42	195,09	14,25	-1,18
China	59,34	67,57	77,32	81,26	90,21	11,05	11,01
Estados Unidos	25,12	20,86	31,29	45,02	43,53	21,47	-3,33
Brasil	9,21	14,15	18,97	19,77	16,57	28,99	-16,18
União Europeia	6,68	5,15	6,82	9,15	6,40	11,03	-30,04
Irã	3,34	3,24	4,48	5,82	4,66	20,36	-19,94
México	1,32	1,06	2,69	3,44	2,79	37,81	-18,87
Indonésia	0,73	1,04	1,73	2,50	2,57	50,57	3,00
África do Sul	1,28	0,66	2,26	1,71	2,33	10,14	36,66
Outros países	25,38	23,45	29,41	28,76	26,03	4,25	-9,49

<sup>(1)</sup> Estimativa de safra de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

Entre os principais produtores, o Brasil ocupa o terceiro lugar, com 84 milhões de toneladas produzidas na safra 2014/15 e expectativa de redução para 79 milhões de toneladas na safra 2015/16. O primeiro

e segundo lugares no ranking são ocupados pelos Estados Unidos e China, cujas participações giram em torno de 36% e 21% da produção mundial, respectivamente, na safra 2014/15.

Apesar da produção mundial elevada, as exportações reduziram em 3,88% na safra, não confirmando a expectativa do USDA de que os preços internacionais aumentariam a partir de janeiro de 2014 e impulsionariam as vendas externas. Estas devem voltar a se recuperar na safra que se inicia (2015/16), com expectativa de aumento na ordem de 1,39%. A recuperação do mercado internacional se deve em grande parte ao Brasil, que é o segundo maior exportador mundial. Espera-se um aumento do volume vendido em 27,27%, uma vez que o dólar se encontra valorizado frente ao real e o País vive um bom momento para as vendas externas (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Milho – Principais países exportadores – Safras 2011/12-2015/16**

País	(milhões de t)						
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (11-14)	Var. % (14-15)
Total mundial	103,68	100,53	130,15	125,10	126,84	6,46	1,39
Estados Unidos	38,34	18,26	50,68	46,00	47,00	6,26	2,17
Brasil	12,67	26,04	22,04	22,00	28,00	20,18	27,27
Ucrânia	15,16	12,73	20,00	19,00	17,50	7,82	-7,89
Argentina	16,50	22,79	12,85	19,00	15,50	4,81	-18,42
Rússia	2,03	1,92	4,19	2,90	4,00	12,68	37,93
Paraguai	2,19	2,86	2,71	2,00	2,30	-2,95	15,00
União Europeia	3,29	2,19	2,40	3,80	2,00	4,95	-47,37
Índia	4,67	4,77	3,89	1,00	2,00	-40,19	100,00
Sérvia	2,33	0,60	1,74	2,90	1,80	7,55	-37,93
África do Sul	1,83	2,40	2,10	1,00	1,00	-18,26	0,00
Burma	0,20	0,55	0,70	0,85	0,90	61,98	5,88
Outros países	4,47	5,42	6,84	4,65	4,84	1,32	3,98

<sup>(1)</sup> Estimativa de safra de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

Quanto aos importadores, destacam-se a União Europeia, Japão e México, que em 2014/15 importaram juntos 27,3% do total mundial. Para a safra 2015/16 é esperado um aumento do volume demandado por estes três países, passando para 31,6% do total mundial. Esse aumento pode ser explicado principalmente pelo aumento das importações da União Europeia em cerca de 67%, haja vista a expectativa de redução de sua produção em 17% na safra 2015/16 (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Milho – Principais importadores mundiais – Safras 2011/12-2015/16**

País	(milhões de t)						
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>	Cresc. % (11-14)	Var. % (14-15)
Total mundial	103,68	100,53	130,15	125,10	126,84	6,46	1,39
União Europeia	6,11	11,36	15,92	9,00	15,00	13,76	66,67
Japão	14,89	14,41	15,12	14,90	14,80	0,02	-0,67
México	11,17	5,68	10,95	10,30	10,30	-2,67	0,00
Coreia do Sul	7,64	8,17	10,41	10,00	10,00	9,41	0,00
Egito	7,15	5,06	8,73	7,50	8,00	1,59	6,67
Colômbia	3,21	3,27	4,44	4,40	4,50	11,09	2,27
Arábia Saudita	1,82	2,06	2,68	3,50	4,50	24,45	28,57
Taiwan	4,34	4,23	4,19	4,20	4,30	-1,09	2,38
Argélia	3,23	2,92	4,16	4,00	4,20	7,38	5,00
Irã	4,00	3,70	5,50	6,00	4,00	14,47	-33,33
Outros países	37,89	38,28	43,00	44,46	42,17	5,48	-5,14

<sup>(1)</sup> Estimativa de safra de agosto de 2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

## Produção e mercado nacionais

O clima favorável resultou em safra significativa de milho no Brasil em 2014/15, cerca de 1,4% menor do que a safra 2013/14, que foi a maior de sua história tanto em área quanto em quantidade (Tabela 5). Os principais estados produtores são Mato Grosso (23%), Paraná (20%) e Goiás (12%), equivalente a 44 milhões de toneladas distribuídos em 7 milhões de hectares. No período de 2009 a 2014, a quantidade produzida foi incrementada em média 11% ao ano, enquanto a área plantada cresceu 3,32% ao ano.

**Tabela 5/I. Milho – Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – 2009-14**

UF	Área plantada (mil ha)						Quantidade produzida (mil t)					
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Brasil	13.373	12.186	13.605	15.065	15.708	15.746	47.072	51.420	55.660	71.073	80.273	79.171
MT	1.665	2.014	1.923	2.741	3.417	3.330	8.182	8.164	7.764	15.647	20.186	17.956
PR	2.806	2.257	2.470	3.012	3.014	2.569	11.288	13.567	12.473	16.555	17.342	15.726
GO	906	856	961	1.221	1.230	1.408	4.981	4.759	5.744	8.230	7.687	9.123
MS	937	874	1.000	1.245	1.544	1.595	2.181	3.783	3.628	6.477	7.573	8.251
MG	1.288	1.191	1.197	1.273	1.278	1.325	6.537	6.090	6.536	7.625	7.448	6.967
RS	1.386	1.151	1.100	1.119	1.034	926	4.187	5.634	5.772	3.155	5.420	5.390
SP	-	-	805	839	820	753	-	-	3.363	4.479	4.408	3.601
SC	649	582	542	525	484	443	3.245	3.654	3.652	2.870	3.326	3.150
BA	890	810	799	590	680	826	2.158	2.223	2.052	1.883	2.110	2.917
MA	357	383	381	452	511	555	524	536	646	783	1.322	1.528
Outros	2.488	2.067	2.427	2.049	1.696	2.016	3.790	3.010	4.031	3.368	3.451	4.562

Fonte: PAM.

No que tange ao mercado externo, cerca de 28% (22 milhões de toneladas) do que foi produzido em 2014 foi exportado, totalizando US\$3,93 bilhões, aproximadamente 38% menos divisas geradas em relação ao ano anterior. Os principais países de destino no ano foram Irã, Vietnã, Coreia do Sul e Taiwan, que juntos representaram 53,35% do valor das importações com origem no Brasil.

**Tabela 6/I. Milho – Valor das exportações brasileiras por países de destino – 2010-15**

(bilhões de US\$)

Países	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	Part. (%) 2014
Total	2,12	2,62	5,28	6,31	3,93	1,25	100,00
Irã	0,27	0,53	0,8	0,50	0,88	0,25	22,31
Vietnã	0,03	0,03	0,02	0,25	0,60	0,28	15,26
Coreia do Sul	0,04	0,04	0,7	0,86	0,35	0,06	9,00
Taiwan (Formosa)	0,22	0,33	0,52	0,51	0,27	0,10	6,78
Egito	0,06	0,13	0,49	0,38	0,24	0,08	6,11
Indonésia	0,09	0,05	0,03	0,29	0,24	0,12	6,07
Malásia	0,19	0,16	0,17	0,22	0,24	0,10	5,99
Japão	0,11	0,23	0,81	0,90	0,23	0,03	5,92
Arábia Saudita	0,17	0,11	0,2	0,25	0,14	0,03	3,47
Outros países	0,61	0,67	0,75	1,24	0,36	0,09	19,09

<sup>(1)</sup> Dados referentes à soma das exportações de janeiro a julho de 2015.

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2014.

Do volume restante, 85% foi destinado ao consumo animal (49,48 milhões de toneladas), tendo como principais segmentos consumidores a avicultura de corte e a suinocultura, que representaram 76,5% deste consumo (37,9 milhões de toneladas). O valor estimado para o estoque na safra 2014/15 foi de 15,6



milhões de toneladas, demonstrando uma tendência de crescimento médio à taxa de 6,27% ao ano no período de 2009 a 2014 (Tabela 7).

Tabela 7/I. Milho – Consumo no Brasil – Safras 2009/10-2014/15

	(mil t)					
Demanda	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Consumo animal	36.868	38.828	40.298	43.453	46.981	49.484
Aves de corte	16.758	19.127	19.796	21.479	23.412	24.583
Aves de postura	3.221	3.275	3.390	3.661	3.899	4.074
Suinocultura	10.902	10.670	10.937	11.648	12.524	13.275
Bovinocultura	4.033	3.188	3.427	3.684	3.942	4.139
Outros animais	1.954	2.568	2.748	2.981	3.205	3.413
Consumo industrial	4.415	4.636	4.868	5.209	5.729	6.274
Consumo humano	1.854	1.873	1.892	1.882	1.873	1.863
Outros usos	2.986	2.849	3.545	4.257	3.965	3.892
Perdas	1.052	1.075	1.418	1.669	1.635	1.605
Sementes	325	393	404	425	378	384
Exportação	10.819	9.486	19.802	26.625	20.655	21.000
Demanda Total	58.320	59.139	72.226	83.519	81.217	84.502
Estoque final	11.547	9.212	11.223	14.077	17.412	15.651

Fonte: Abimilho, abril de 2015.

## Produção e mercado estaduais

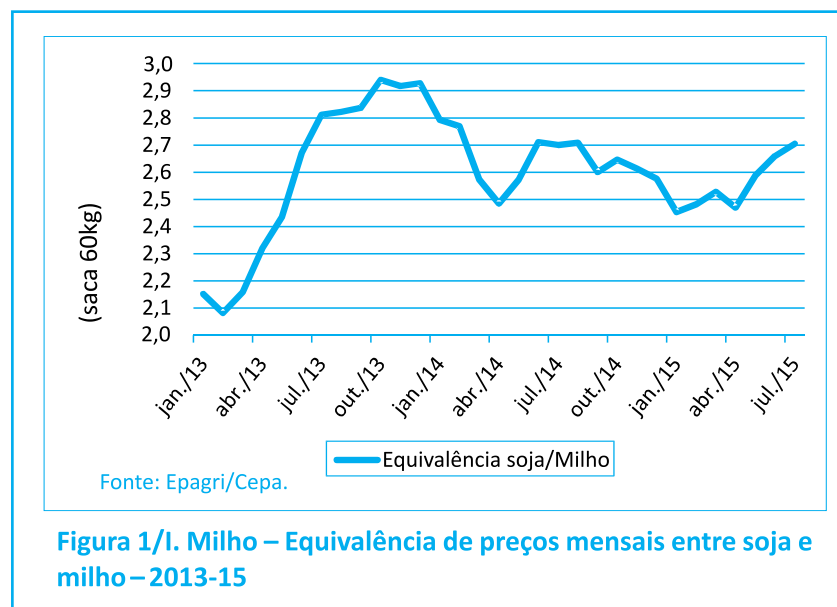
Em âmbito estadual, a safra 2014/15 manteve a tendência de decréscimo na área plantada dos anos anteriores. De 2009 a 2014, em média houve uma redução de aproximadamente 9% ao ano. Em relação à safra 2013/14, a área plantada de milho em Santa Catarina foi reduzida em 7,62%, o equivalente a 34 mil hectares. As principais microrregiões responsáveis por essa redução no período foram Canoinhas (-15,5%), Chapecó (-12,3%), Curitibanos (-12,1%) e Xanxerê (-10,8%) (Tabela 8). A decisão do produtor entre o plantio de milho e o de soja leva em consideração o rendimento de cada cultura e o retorno obtido. Assim, essa redução da área plantada de milho pode ser explicada pelos maiores ganhos potenciais na cultura da soja, dadas as relações de rentabilidade e custos de produção. Isso faz com que o produtor, sempre que possível, opte por substituir áreas de milho por áreas de soja. Os preços do milho e da soja na safra 2014/15 reduziram no Estado, haja vista a expressividade da produção do grão no referido ano em nível mundial. No entanto, a relação de equivalência de soja e milho continuou favorável ao sojicultor. Considerando os custos de produção e o retorno obtido com a produção de soja, essa relação de equivalência média no período de julho de 2014 a junho de 2015 foi igual a 2,58, ou seja, o preço da soja é quase três vezes maior do que o preço do milho, garantindo ao produtor maior rentabilidade ao produzir soja em detrimento do milho (Figura 1).

Outros fatores interferem na redução de área plantada do grão, como o aumento das áreas de milho para silagem, o aumento da produção de milho pelos próprios suinocultores para alimentação dos animais, além da avicultura, cuja produção é quase toda integrada, de forma que os produtores recebem a ração diretamente das granjas, não havendo necessidade de a produção do grão ter localização próxima da produção de aves.

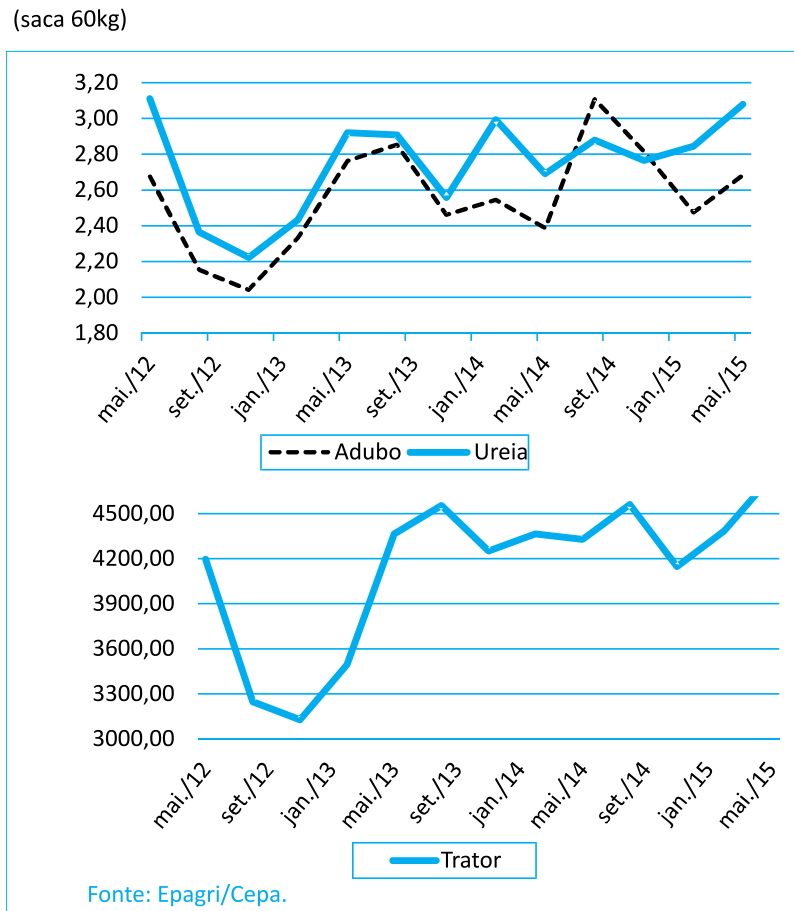
Tabela 8/I. Milho – Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – 2010-14

UF/Microrregião	Área plantada (mil ha)					Quantidade produzida (mil t)					Part. (%)
	2010	2011	2012	2013	2014	2010	2011	2012	2013	2014	
Santa Catarina	582	542	525	446	412	3.654	3.652	2.870	3.291	3.196	100,00
Joaçaba	86	78	76	68	63	599	565	483	590	531	17,01
Chapecó	107	95	77	73	64	646	622	306	571	498	15,63
Canoinhas	64	67	66	46	39	538	595	557	407	367	11,76
SMO	72	58	60	54	51	425	396	210	389	353	10,67
Xanxerê	39	38	41	37	33	308	301	232	346	318	9,18
Curitibanos	40	38	40	31	27	288	280	270	285	270	8,66
Campos de Lages	46	45	41	38	36	212	241	211	170	234	7,48
Concórdia	45	43	40	37	34	250	245	184	240	232	7,43
Rio do Sul	23	21	23	21	23	116	113	128	107	141	4,53
Ituporanga	9	11	13	8	11	52	69	79	34	79	2,55
Outros	51	48	48	33	31	218	225	210	152	172	5,10

Fonte: IBGE/PAM e Epagri/Cepa, 2015.



A quantidade produzida no Estado acompanhou a tendência de redução da área, variando -3,89% em relação à safra de 2013/14. Contudo, essa redução foi menor em relação à redução da área, dados os ganhos de produtividade vivenciados pelo Estado nos últimos anos. Em algumas microrregiões, como Campos de Lages, Rio do Sul e Ituporanga, foi possível verificar um incremento de produção. Para a safra 2015/16, mantida a relação de equivalência entre soja e milho, espera-se que o produtor destine mais área para soja do que para milho, apesar de a alta nos preços dos insumos aumentar os custos de produção (Figura 2). Na safra 2014/15, a relação de equivalência entre o milho e os principais insumos indica que a aquisição de insumos por parte dos produtores de milho ficou mais cara. Um exemplo é a aquisição de fertilizantes. Eram necessárias cerca de 2,68sc de milho para adquirir 50kg de Adubo NPK e 3,08sc de milho para adquirir 50kg de Ureia, em maio de 2015. Já para adquirir um trator médio, em maio de 2015, foram necessários aproximadamente 4.746sc 60kg de milho. Essa capacidade de compra dos produtores de milho teve melhor momento entre novembro de 2012 e fevereiro de 2013, mas voltou a reduzir nos períodos que se seguiram.



**Figura 2/1. Milho – Equivalência de preços entre milho e principais insumos – 2012-15**

# Soja

Gláucia Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundial

A produção mundial de soja em grão na safra 2013/14 aumentou 12,75% em relação à safra anterior, totalizando 319 milhões de toneladas. O clima favorável ao desenvolvimento da cultura nos principais países produtores, além de fatores como o aumento do consumo de países como a China, que apesar de ser o quarto maior produtor representa o maior importador mundial de soja em grão, impactou positivamente na decisão do sojicultor, culminando na maior safra mundial dos últimos cinco anos. Em 2014/15 o ranking dos maiores produtores mundiais do grão não se alterou, sendo os Estados Unidos responsável por 34% da produção mundial, seguido pelo Brasil com 30% e pela Argentina com 19%. Esses três países se destacam ainda na produção de farelo e óleo de soja. No entanto, a China entra como maior produtor desses derivados do grão. Na produção de farelo e óleo de soja a China representa cerca de 29% do total mundial, seguida pelos Estados Unidos (20%), Brasil e Argentina, com 15% cada. A China ocupa ainda o primeiro lugar no ranking de consumidores de farelo e óleo de soja, consumindo respectivamente 29,05% e 30,53% do total em nível global (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Soja – Principais países produtores do grão, farelo e óleo – Safras 2011/12-2015/16**

(mil t)

Ano safra	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16 <sup>(1)</sup>
<b>Soja em grão</b>					
Total mundial	240.427	268.824	283.245	319.361	320.049
Estados Unidos	84.291	82.791	91.389	108.014	106.588
Brasil	66.500	82.000	86.700	94.500	97.000
Argentina	40.100	49.300	53.500	60.800	57.000
China	14.485	13.050	12.200	12.350	11.500
Índia	11.700	12.200	9.500	9.800	11.500
Paraguai	4.043	8.202	8.190	8.400	8.800
Canadá	4.467	5.086	5.359	6.050	6.200
Outros	14.841	16.195	16.407	19.447	21.461
<b>Farelo de soja</b>					
Total mundial	180.470	181.246	189.449	203.693	214.109
China	48.288	51.440	54.531	58.770	62.960
Estados Unidos	37.217	36.174	36.909	40.097	40.120
Argentina	27.945	26.089	27.892	29.890	32.180
Brasil	29.510	27.310	28.540	30.530	30.610
União Europeia	9.668	10.398	10.614	10.980	11.455
Índia	7.720	7.920	6.640	5.920	7.280
México	2.910	2.890	3.185	3.380	3.435
Outros	17.212	19.025	21.138	24.126	26.069
<b>Óleo de soja</b>					
Total mundial	42.740	43.085	45.002	48.123	50.658
China	10.914	11.626	12.335	13.280	14.230
Estados Unidos	8.954	8.990	9.131	9.550	9.752
Argentina	6.839	6.364	6.785	7.380	7.860
Brasil	7.310	6.760	7.070	7.570	7.590
União Europeia	2.359	2.501	2.553	2.642	2.755
Índia	1.708	1.752	1.478	1.315	1.630
Paraguai	172	564	640	707	783
Outros	4.484	4.528	5.010	5.679	6.058

<sup>(1)</sup>Refere-se à estimativa para a safra 2015/16 no mês de ago./2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

As exportações do grão, que desde 2011 vinham em ritmo acelerado de crescimento, cerca de 11% ao ano, devem apresentar variação menos significativa na safra 2015/16, aproximadamente 2%, conforme apresentado na tabela 2. Isso se deve ao desaquecimento do mercado, marcado pela queda acentuada dos preços, decorrente do volume expressivo produzido em 2014/15 e da expectativa de poucos efeitos climáticos adversos na produção mundial decorrente do fenômeno El Niño. Entre os principais exportadores destaca-se o Brasil, que ultrapassou os Estados Unidos, passando na safra 2014/15 a ocupar a primeira posição no ranking, com um volume comercializado equivalente a 50 milhões de toneladas. O Brasil deve permanecer nessa posição na safra 2015/16, haja vista a expectativa de aumento das exportações do País acima da mundial, cerca de 9%. Para a mesma safra, os Estados Unidos esperam uma retração das exportações em 5%, devendo exportar 47 milhões de toneladas.

**Tabela 2/I. Soja – Exportações mundiais e dos principais exportadores, milhões de toneladas – Safras 2011/12-2015/16<sup>(1)</sup>**

País	Soja em grão					Farelo de soja					Óleo de soja				
	11/12	14/15	15/16	Var. (11-14)	Var. (14-15)	11/12	14/15	15/16	Var. (11-14)	Var. (14-15)	11/12	14/15	15/16	Var. (11-14)	Var (14 -15)
Total	92,19	124,30	127,18	10,48	2,32	58,27	63,36	66,21	2,83	4,51	8,47	10,30	10,87	6,76	5,50
Brasil	36,26	49,80	54,50	11,16	9,44	14,68	15,00	15,20	0,73	1,33	1,89	1,37	1,39	-10,09	1,46
EUA	37,19	49,67	46,95	10,13	-5,48	8,85	11,48	10,57	9,07	-7,90	0,66	0,88	0,91	10,01	2,60
Argentina	7,37	9,60	9,75	9,22	1,56	26,04	27,85	30,20	2,26	8,44	3,79	4,70	5,10	7,40	8,51
Paraguai	3,57	4,60	4,60	8,78	0,00	0,52	2,55	2,98	69,57	16,86	0,13	0,67	0,74	74,08	9,70
Outros	7,80	10,63	11,38	10,86	7,08	8,19	6,48	7,26	-7,49	12,08	2,00	2,68	2,74	10,30	2,20

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2015/16 no mês de ago./2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

O estoque mundial, por sua vez apresentou aumento significativo na safra 2014/15, cerca de 28%. Isso se deve ao aumento da produção entre os principais produtores mundiais e aos baixos preços, o que permitiu o aumento dos estoques em cada um deles.

**Tabela 3/I. Soja em grão – Estoque mundial e de países selecionados – Safras 2011/12-2015/16<sup>(1)</sup>**

(mil t)

País	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16
Total Mundial	53.889	56.153	62.725	80.565	86.881
Argentina	15.949	20.962	26.050	33.450	34.102
Brasil	13.024	15.330	15.945	18.320	18.300
China	15.909	12.378	14.427	17.552	16.152
Estados Unidos	4.610	3.825	2.504	6.530	12.783
Canadá	232	178	282	582	900
Outros	4.165	3.480	3.517	4.131	1.644

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2015/16 no mês de ago./2015.

Fonte: Usda, agosto de 2015.

## Produção e mercado nacionais

A produção nacional de soja cresceu 6% na safra 2014/15 em relação à safra anterior, devendo aumentar em 12% na safra 2015/16, segundo estimativa do IBGE (2014). Na safra 2014/15, os principais responsáveis por esse crescimento foram os estados de Mato Grosso e Rio Grande do Sul, que permaneceram ocupando o primeiro e terceiro lugar, respectivamente, no ranking de maiores produtores do País. Juntamente com o Paraná (segundo maior produtor), responderam de forma consolidada por 63% do total produzido. A região Centro-Oeste permanece com maior representatividade nacional na produção do grão, sendo responsável por 48% do total, seguida pela Região Sul, que respondeu por 30% do total (Tabela 4).

O aumento da produção nacional foi explicado principalmente pela incorporação de área. A área plantada aumentou em média 8% ao ano no período de 2011 a 2014, devido à maior liquidez e rentabilidade da

soja em relação à cultura do milho, que concorre diretamente em área. Na safra 2015/16 é esperado um crescimento menor da área, mas não menos expressivo: aproximadamente 6%. O rendimento médio, por outro lado, tem apresentado leve tendência de redução ao longo do período analisado. Na safra 2014/15 essa variação correspondeu a -2,4% (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Soja – Área plantada, quantidade produzida e rendimento do Brasil e principais estados produtores – 2011-15**

País/Estado	Área plantada (milhões ha)					Quantidade produzida (milhões ha)					Rendimento (t/ha)				
	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Brasil	24,03	25,09	27,91	30,26	32,02	74,82	65,85	81,70	86,42	96,74	3,11	2,62	2,93	2,86	3,02
Mato Grosso	6,46	6,98	7,93	8,61	8,95	20,80	21,84	23,42	26,44	27,77	3,22	3,13	2,95	3,06	3,10
Paraná	4,56	4,46	4,76	5,02	5,21	15,46	10,94	15,92	14,81	17,15	3,39	2,45	3,35	2,95	3,29
Rio Grande do Sul	4,08	4,27	4,73	4,99	5,26	11,72	5,95	12,76	13,04	15,70	2,88	1,39	2,70	2,62	2,98
Goiás	2,57	2,67	2,94	3,16	3,33	7,70	8,40	8,90	8,87	8,63	3,00	3,15	3,03	2,81	2,59
Mato Grosso do Sul	1,76	1,81	1,99	2,16	2,35	5,08	4,59	5,78	6,34	7,31	2,88	2,53	2,91	2,93	3,11
Minas Gerais	1,02	1,03	1,15	1,24	1,32	2,94	3,07	3,38	3,35	3,51	2,88	2,99	2,93	2,66	2,66
Bahia	1,05	1,11	1,21	1,28	1,44	3,51	3,21	2,77	3,21	4,50	3,36	2,89	2,28	2,82	3,13
São Paulo	0,49	0,56	0,61	0,71	0,73	1,27	1,57	1,93	1,63	2,20	2,60	2,78	3,14	2,27	3,00
Santa Catarina	0,46	0,45	0,52	0,56	0,60	1,49	1,08	1,59	1,69	1,97	3,26	2,39	3,04	2,96	3,28
Maranhão	0,53	0,56	0,56	0,68	0,76	1,57	1,64	1,58	1,88	2,10	2,96	2,95	2,81	2,77	2,76
Outros	1,08	1,19	1,50	1,86	2,07	3,27	3,56	3,68	5,18	5,92	3,04	3,00	2,46	2,69	2,86

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2015/16 no mês de agosto de 2015.

Fonte: IBGE (PAM e LSPA), 2015.

**Tabela 5/I. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2009-15**

Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	Var. 09-13 (%)
<b>Soja</b>								
Estoque inicial	6.215	2.011	3.670	5.852	1.790	1.682	2.393	-26,74
Produção	57.383	68.919	75.248	67.920	81.593	86.397	94.400	9,20
Importação	100	119	40	268	283	578	200	29,70
Sementes/outros	2.700	2.800	2.850	2.900	2.950	2.950	2.950	2,24
Exportação	28.560	29.073	32.986	32.916	42.796	45.692	50.300	10,64
Processamento	30.426	35.506	37.270	36.434	36.238	37.622	40.100	4,47
Estoque final	2.011	3.670	5.852	1.790	1.682	2.393	3.643	-4,37
<b>Farelo</b>								
Estoque inicial	1.199	871	1.116	1.254	1.089	988	1.124	-2,38
Produção	23.287	26.998	28.322	27.767	27.621	28.752	30.400	4,36
Importação	43	39	25	5	4	1	-	-44,90
Consumo doméstico	11.533	12.944	13.758	14.051	14.350	14.799	15.100	5,61
Exportação	12.124	13.849	14.451	13.885	13.376	13.817	15.200	2,49
Estoque final	871	1.116	1.254	1.089	988	1.124	1.224	3,19
<b>Óleo</b>								
Estoque inicial	358	311	361	391	314	288	328	-3,20
Produção	5.896	6.928	7.340	7.013	7.075	7.443	7.950	4,66
Importação	27	16	-	1	5	0	-	-34,65
Consumo doméstico	4.454	5.404	5.528	5.328	5.723	6.109	6.600	6,47
Exportação	1.517	1.490	1.782	1.764	1.383	1.295	1.300	-2,28
Estoque final	311	361	391	314	288	328	378	-1,85

<sup>(1)</sup> Refere-se à estimativa para a safra 2015/16 no mês de agosto de 2015.

Fonte: Abiove, 2015.

Apesar de a produção de soja nacional ter aumentado na safra 2013/14 em relação à safra anterior, os estoques finais do grão, do farelo e do óleo foram reduzidos em 6%, 9,3% e 8,3%, respectivamente. Isso se deve sobretudo ao aumento das exportações do grão e de seus derivados e do consumo doméstico, no caso do grão (Tabela 6).

No que se refere à indústria de óleos vegetais e farelos, observa-se crescimento de 2010 a 2014. Em 2014, foram processadas 37 milhões de toneladas de soja, equivalente a 44% do total produzido. Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul possuem a maior capacidade de processamento, somando 59% da capacidade nacional. Santa Catarina permanece no 9º lugar, com aproximadamente 2% da capacidade nacional. Até julho de 2015 já foram processadas cerca de 52% da capacidade média do País, o que deve ser intensificado nos próximos meses (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Soja – Evolução do processamento no Brasil – 2010-15**

Ano/Mês	(mil t)					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Janeiro	1.767	1.962	1.956	1.751	1.944	2.031
Fevereiro	2.456	2.510	3.021	2.387	2.437	2.340
Março	3.276	3.186	3.536	3.261	3.353	2.877
Abril	3.423	3.536	3.653	3.604	3.532	3.031
Mai	3.533	3.653	3.799	3.796	3.775	3.223
Junho	3.374	3.548	3.536	3.464	3.578	3.042
Julho	3.480	3.451	3.270	3.356	3.433	3.080
Agosto	3.256	3.073	3.285	3.307	3.402	
Setembro	2.910	3.381	3.057	2.987	3.081	
Outubro	3.022	3.385	2.678	3.033	2.959	
Novembro	2.949	2.896	2.462	2.848	3.163	
Dezembro	2.059	2.689	2.182	2.445	2.964	
<b>Total</b>	<b>35.506</b>	<b>37.270</b>	<b>36.434</b>	<b>36.237</b>	<b>37.622</b>	<b>19.623</b>

<sup>(1)</sup> A amostragem de janeiro a julho de 2015 foi revisada e representa de 81% a 85% do setor.

Fonte: Abiove, 2015.

No que se refere ao mercado externo, nota-se intensificação das vendas do complexo soja nos últimos anos. Em 2014 as exportações representaram quase 14% do valor das exportações totais brasileiras. De janeiro a agosto de 2015 essa participação já representa 17,55% do total, o que indica aumento da participação do setor na pauta de exportações nacionais (Tabela 7). A comercialização do grão e seus derivados é intensificada entre fevereiro e julho de cada ano, período em que há a colheita no País (Tabela 8). A composição dessas exportações em 2014 foi 74,11% de soja em grão, 22,29% de farelo e 3,60% de óleo (Figura 1). Em 2015 é esperado que a relação se mantenha.

**Tabela 7/I. Soja – Comparação das exportações brasileiras totais e do complexo soja – 2002-15**

Ano	Jan.-dez.			Jan.-ago.		
	Exportações Totais Brasil (US\$1.000)	Exportações Complexo Soja (US\$1.000)	Part. (%)	Exportações Totais Brasil (US\$1.000)	Exportações Complexo Soja (US\$1.000)	Part. (%)
2002	60.438.653	6.008.907	9,94	37.073.829	3.130.363	8,44
2003	73.203.222	8.125.367	11,10	45.579.171	5.435.116	11,92
2004	96.677.499	10.047.892	10,39	61.485.616	7.597.343	12,36
2005	118.529.185	9.476.727	8,00	76.226.425	6.567.644	8,62
2006	137.807.470	9.311.250	6,76	88.379.650	6.788.169	7,68
2007	160.649.073	11.386.108	7,09	102.433.442	7.998.379	7,81
2008	197.942.443	17.986.409	9,09	130.842.957	13.707.988	10,48
2009	152.994.743	17.250.858	11,28	97.934.319	14.302.972	14,60
2010	201.915.285	17.114.802	8,48	126.096.604	13.407.584	10,63
2011	256.039.575	24.154.416	9,43	166.713.897	17.815.678	10,69
2012	242.579.776	26.121.995	10,77	160.597.838	21.424.228	13,34
2013	242.178.662	30.965.500	12,79	156.654.919	24.887.024	15,89
2014	225.100.885	31.407.621	13,95	154.018.263	27.251.557	17,69
2015	128.347.559	22.520.895	17,55	128.347.559	22.520.895	17,55

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2015.

Tabela 8/I. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2014-15

(US\$ mil)

Mês	2014			2015		
	Soja em grão	Farelo de soja	Óleo de soja	Soja em grão	Farelo de soja	Óleo de soja
Janeiro	17.810	495.242	72.389	35.103	407.559	79.195
Fevereiro	1.385.832	269.927	35.170	346.160	300.534	79.120
Março	3.147.580	362.624	113.644	2.211.790	545.184	49.830
Abril	4.134.746	709.274	110.207	2.534.258	468.725	92.627
Mai	3.866.209	743.580	112.279	3.612.717	633.014	91.851
Junho	3.571.995	918.203	134.158	3.762.211	620.168	102.489
Julho	3.151.183	657.237	130.963	3.224.053	638.929	70.178
Agosto	2.135.355	846.998	128.951	2.004.886	429.737	180.577
Setembro	1.347.500	586.122	59.343			
Outubro	363.993	532.717	88.094			
Novembro	81.601	470.491	79.787			
Dezembro	73.573	408.170	64.673			
<b>Total</b>	<b>23.277.378</b>	<b>7.000.584</b>	<b>1.129.658</b>	<b>17.731.178</b>	<b>4.043.850</b>	<b>745.866</b>

Fonte: MDIC/Aliceweb, 2015.

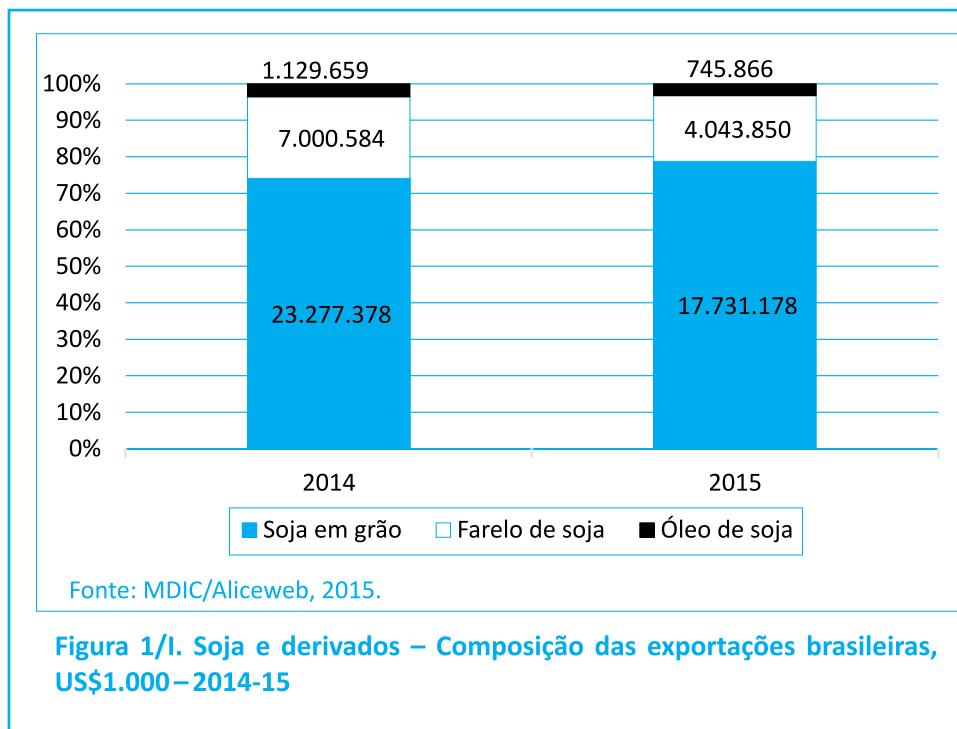


Figura 1/I. Soja e derivados – Composição das exportações brasileiras, US\$1.000 – 2014-15

## Produção e mercado estaduais

Entre 2009 e 2014, a área catarinense destinada à soja vem crescendo cerca de 8% ao ano; os maiores incrementos ocorreram em Rio do Sul, São Bento do Sul, Joaçaba e Ituporanga. O principal indicador para esse crescimento é a relação entre preço e custo da soja e a rentabilidade proporcionada por essa cultura, que em geral tem influenciado a escolha entre a soja e as demais culturas concorrentes em área, como o milho e pastagem (Tabela 9). No caso do milho, principal concorrente da soja em área, dada a relação entre custos de produção e da capacidade de rendimento das culturas, em geral, quando o preço da soja é pelo menos 2,3 vezes o preço do milho, a produção de soja é mais favorável ao produtor, que opta pela oleaginosa. Em Santa Catarina, essa tendência clara tem sido observada há vários anos, o que explica a substituição de áreas de milho por áreas de soja.



Tabela 9/I. Soja – Área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões – 2009-14

Estado/ Micror- região	Área plantada (mil ha)							Quantidade produzida (mil t)						
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Cresc. 09-14	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Cresc. 09-14
Santa Catarina	385,42	440,46	457,42	452,35	548,257	569,703	8,13	993,99	1378,53	1490,55	1079,69	1690,17	1861,27	13,37
Canoinhas	89,51	97,91	99,1	91,45	120	127,3	7,30	237,38	329,22	343,97	295,69	407,28	441,34	13,20
Xanxerê	111,95	127,48	127,45	121,3	130,6	135,435	3,88	326,46	418,28	437,8	255,47	391,34	434,60	5,89
Curitibanos	56,08	64,93	69,68	71,54	78,86	88,301	9,50	137,02	198,93	215,97	178,63	291,26	320,79	18,55
Chapecó	60,12	70,71	76,41	72,02	79,41	84,76	7,11	140,56	207,76	234,29	126,9	199,37	238,31	11,14
Joaçaba	22,43	25,18	29,35	31,76	47,293	53,671	19,06	53,93	75,61	88,83	84,48	169,18	191,00	28,78
SMO	24,37	28,82	30	30,67	35,84	37,51	9,01	50,39	84,98	96,54	47,22	72,07	105,52	15,93
Lages	12,35	15,65	17,07	24,84	37,44	21,94	12,18	26,29	38,22	49,08	67,26	101,37	62,52	18,92
S. B. do Sul	3,55	3,4	3,8	4,57	9,3	9,8	22,52	9,47	9,07	11,25	12,35	29,29	32,34	27,84
Ituporanga	2,53	3,14	2,42	2,25	5,15	5,75	17,84	6,21	8,38	6,71	5,6	16,67	18,93	24,97
Concórdia	1,89	2,5	1,43	1,45	3,115	3,365	12,23	4,82	6,31	4,53	5,02	9,02	10,16	16,09
Rio do Sul	0,44	0,54	0,52	0,48	1,249	1,871	33,57	0,97	1,27	1,09	1	3,33	5,76	42,80
Blumenau	0,2	0,2	0,2	0,03	0,03	0,03	-31,57	0,5	0,5	0,5	0,05	0,05	0,05	-36,90

Fonte: PAM/IBGE. Epagri/Cepa, 2015.

A área plantada e o rendimento da cultura com tendência de aumento resultam em incremento da quantidade produzida, em média 13,37% ao ano. As regiões em que essa variação da produção foi mais acentuada foram Rio do Sul, Joaçaba, São Bento do Sul e Ituporanga, cujas taxas de crescimento foram acima de 20% ao ano. No Estado, as principais microrregiões produtoras em 2014/15 foram Canoinhas, Xanxerê, Curitibanos e Chapecó, que juntos foram responsáveis por cerca de 77% da produção total (Tabela 9).

Do volume produzido, 1,63 milhões de toneladas de soja e derivados são destinados ao mercado externo. De 2011 a 2014 as exportações catarinenses do complexo soja cresceram em média 55% ao ano, o que dá indícios da qualidade do grão produzido no Estado e dos preços externos favoráveis em relação ao mercado doméstico. O principal destino das exportações catarinenses são a China, que sozinha demanda 84,5% do volume total (Tabela 10).

Tabela 10/I. Soja e derivados – Exportações catarinenses por países de destino – 2011-15

Países	2011		2012		2013		2014		2015 <sup>(1)</sup>		Var. 2011-14	
	(US\$ milhões)	(mil t)	US\$ milhões	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)	(US\$ milhões)	(mil t)
Total	217,93	436,16	306,81	599,10	482,35	914,61	833,60	1.630,45	503,33	1.305,01	56,39	55,20
China	176,19	355,04	277,37	542,27	434,55	825,10	705,51	1.378,11	455,60	1.182,34	58,80	57,16
Estados Unidos	-	-	-	-	2,91	5,55	35,95	72,58	-	-	-	-
Taiwan (Formosa)	9,42	19,10	5,56	10,23	8,12	15,47	31,71	62,34	7,79	20,32	49,88	48,33
Portugal	0,27	0,50	2,90	5,87	2,28	4,66	19,17	40,32	-	-	315,32	332,02
Vietnã	0,83	1,78	-	-	-	-	14,52	28,76	15,34	39,41	159,58	152,95
Coreia do Sul	0,62	1,22	1,39	3,04	0,76	1,50	12,36	23,08	-	-	171,16	166,53
Japão	3,02	6,31	-	-	2,74	4,94	4,39	8,12	2,70	7,38	13,20	8,80
Países Baixos	5,26	10,48	-	-	2,73	5,49	3,10	5,96	0,07	0,18	-16,12	-17,14
Tailândia	1,62	3,44	2,43	4,90	4,11	7,02	2,40	4,25	4,53	11,31	14,11	7,32
Turquia	8,23	15,96	-	-	-	-	2,02	3,93	-	-	-37,39	-37,34
Outros	12,48	22,34	17,16	32,78	24,15	44,89	2,46	3,01	17,30	44,08	-41,79	-48,75

<sup>(1)</sup> Referente à soma dos meses de janeiro a agosto de 2015.

Fonte: Aliceweb/MDIC.

# Tomate

Evandro Uberdan Anater – Téc.-agric. – Licenciado em Estudos Sociais - Epagri/Cepa-Joaçaba  
anater@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

Os números mais recentes sobre a safra mundial de tomate são da safra 2012/13. Comparados às safras imediatamente anteriores, indicam expansão da produção de 3,8% e 1,3% sobre as safras 2010/11 e 2011/12, respectivamente. A área plantada apresentou redução de 4,2% em relação à safra 2011/12 e praticamente manteve-se estável em relação à 2010/11. Entre os maiores produtores, o Brasil apresentou a maior expansão na produção em relação à safra anterior, 8,1%. Com isso voltou a figurar como oitavo maior produtor mundial. Espanha e Estados Unidos apresentaram as maiores contrações na produção em relação à safra anterior (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Tomate – Comparativo da safra mundial e dos principais países – Safra 2010/11-2012/13**

Discriminação	Área colhida (mil ha)			Quantidade produzida (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13
China	981,0	1.000,0	985,0	48.450,0	50.000,0	50.664,2	49,4	50,0	51,4
Índia	865,0	870,0	880,0	16.826,0	17.500,0	18.227,0	19,5	20,1	20,7
EUA	146,5	150,1	150,0	12.526,0	13.206,9	12.574,6	85,5	88,0	83,8
Turquia	328,0	300,0	311,0	11.003,4	11.350,0	11.820,0	33,5	37,8	38,0
Egito	212,4	216,4	213,0	8.105,2	8.625,2	8.533,0	38,2	39,9	40,1
Irã	154,2	160,0	163,5	5.565,2	6.000,0	6.174,2	36,1	37,5	37,8
Itália	103,9	91,9	95,3	5.950,2	5.131,9	4.932,5	57,3	55,8	51,8
Espanha	51,2	48,8	45,3	3.864,1	4.007,0	3.683,6	75,5	82,1	81,3
<b>Brasil</b>	<b>71,5</b>	<b>63,9</b>	<b>62,7</b>	<b>4.416,6</b>	<b>3.873,9</b>	<b>4.187,6</b>	<b>61,8</b>	<b>60,6</b>	<b>66,8</b>
México	85,4	96,7	87,0	2.435,7	3.433,5	3.282,5	28,5	35,5	37,7
Subtotal	2.999,1	2.997,8	2.992,8	119.142,4	123.128,4	124.079,1	39,7	41,1	41,5
<b>Mundo</b>	<b>4.723,1</b>	<b>4.933,1</b>	<b>4.725,4</b>	<b>158.019,5</b>	<b>161.793,8</b>	<b>163.963,7</b>	<b>33,5</b>	<b>32,8</b>	<b>34,7</b>

Fonte: FAO, agosto de 2014.

Na América do Sul, a área plantada pelo segundo ano consecutivo apresentou redução em relação às safras imediatamente anteriores. Brasil e Chile lideraram a redução de área na safra 2012/13, menos 2,6% e 25,5%, respectivamente. No que tange à produção o Brasil permanece como o grande produtor, sendo responsável por 62,2% da produção continental. O rendimento médio apresentou incremento de 3,4 t/ha, ou 7,1%, em relação à safra 2011/12 (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Tomate – Comparativo de safras da América do Sul – 2010/11-2012/13**

País	Área colhida (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13
Brasil	71,5	63,9	62,3	4.416,6	3.873,9	4.187,6	61,8	60,6	67,2
Argentina	15,9	16,0	15,9	698,6	715,0	691,3	43,9	44,7	43,5
Colômbia	15,2	16,5	16,7	595,2	658,0	683,5	39,2	39,9	40,9
Chile	4,9	5,5	4,1	726,0	400,0	370,5	148,2	72,7	90,4
Venezuela	11,5	12,2	13,1	251,7	264,1	324,5	21,9	21,6	24,8
Subtotal	119,0	114,1	112,1	6.688,1	5.911,0	6.257,4	56,2	51,8	55,8
Outros	16,6	18,8	19,0	379,3	450,0	474,0	22,8	23,9	24,9
<b>América do Sul</b>	<b>135,5</b>	<b>133,0</b>	<b>131,4</b>	<b>7.067,7</b>	<b>6.360,9</b>	<b>6.731,3</b>	<b>52,2</b>	<b>47,8</b>	<b>51,2</b>

Fonte: FAO, agosto de 2015.

## Produção e mercado nacionais

A produção nacional de tomates apresenta comportamento distinto safra após safra. O resultado da safra influencia sobremaneira no plantio da safra seguinte. Isso decorre de a atividade ter grande rotatividade de produtores, sendo que muitos se dedicam apenas circunstancialmente à produção. Com isso, após safras com perdas de produção e/ou problemas de comercialização, é comum a saída desses produtores não tradicionais, com repercussões sobre a área de plantio da safra seguinte.

Essa peculiaridade fica evidenciada quando se analisam os números relativos à safra nacional. Tanto produção quanto área alternam ano de incremento imediatamente seguido de redução. A propósito, os números relativos à produção e área da safra 2014/15, embora ainda preliminares, estão 13,2% e 10,8% menores quando comparados a safra 2013/14.

Os estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais permanecem como os maiores produtores nacionais, respondendo por 66%, 59% e 57% da produção nacional. Santa Catarina, por sua vez, mantém sua área de plantio próxima a 2.500 hectares, com um rendimento médio acima de 74 t/ha (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Tomate – Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2012/13-2014/15**

UF	Área plantada (mil ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15	2012/13	2013/14	2014/15
Goiás	15,7	11,7	10,4	1.317,6	1.025,6	904,1	84,0	88,0	87,0
São Paulo	12,1	9,3	9,1	885,9	675,0	659,8	73,3	72,5	72,3
Minas Gerais	8,2	11,3	8,8	563,3	849,1	568,9	69,1	75,1	64,9
Paraná	5,0	4,8	4,3	285,2	287,8	261,4	57,3	60,2	60,2
Bahia	4,2	6,4	5,8	201,8	288,5	248,3	47,8	44,7	43,1
Rio de Janeiro	2,4	2,4	4,5	182,1	117,2	221,9	76,3	49,3	49,2
Santa Catarina	2,4	2,7	2,5	166,1	207,4	188,5	69,5	76,3	74,1
Espírito Santo	2,0	2,7	2,6	146,5	185,3	180,1	72,4	67,4	68,2
Ceará	2,8	2,6	2,6	128,5	188,0	155,2	46,0	72,0	60,2
Rio G. do Sul	2,3	4,6	2,4	112,2	224,9	130,7	48,7	49,1	54,6
Pernambuco	2,4	3,6	2,5	91,6	123,5	94,7	38,1	34,7	37,5
Outras UF	3,4	3,1	2,6	106,8	119,0	89,1	31,8	38,9	34,2
<b>Brasil</b>	<b>62,8</b>	<b>65,1</b>	<b>58,2</b>	<b>4.187,6</b>	<b>4.291,2</b>	<b>3.702,4</b>	<b>66,7</b>	<b>65,9</b>	<b>63,7</b>

Nota: Safras 2013/14 e 2014/15 são dados preliminares.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal (Safras 2012/13); LSPA – agosto de 2015 (Safras 2013/14 e 2014/15).

## Produção e mercado estaduais

Os dados preliminares da safra catarinense 2014/15 indicam redução de 4% na área plantada quando comparada a safra 2013/14, e incremento de 10,5% em relação a 2012/13. No que tange à produção, o montante obtido nesta última safra foi 2,9% menor que a safra imediatamente anterior, e 8,4% maior que a safra 2012/13. O rendimento médio obtido praticamente não oscilou nessas safras. (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Tomate – Comparativo de safra de Santa Catarina – 2010/11-2014/15**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (t/ha)
2010/11	2.863	187.900	65,6
2011/12	2.311	153.014	66,2
2012/13	2.390	166.127	69,5
2013/14	2.748	185.332	67,4
2014/15	2.640	180.054	68,2

Nota: Safras 2013/14 e 2014/15 são dados preliminares.

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal; LSPA – agosto de 2015.

Na Microrregião de Joaçaba (especificamente o município de Caçador), destacadamente o mais importante polo produtor do Estado (Tabela 5), a safra se inicia na primavera quando os produtores começam a transplantar as mudas produzidas no sudeste do País a partir das sementes e variedades adquiridas por eles. Esse transplante se dá em até quatro etapas, escalonadamente até dezembro.

**Tabela 5/I. Tomate – Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2010/11-2012/13**

MRG	Área plantada (ha)			Produção (mil t)			Rendimento médio (t/ha)		
	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13	2010/11	2011/12	2012/13
Joaçaba	1.381	1.019	1.122	107,1	80,3	89,3	77,6	78,8	79,6
Tabuleiro	526	296	237	25,8	11	10,8	49	37,2	45,6
Campos de Lages	295	407	386	22,6	33,1	31,1	76,6	81,3	80,6
Florianópolis	262	163	177	12,2	7,7	9	46,6	47,2	50,8
Canoinhas	108	110	127	6,4	6,6	8,3	59,3	60	65,4
Outras	291	316	341	13,8	14,3	17,6	47,4	45,3	51,6
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.863</b>	<b>2.311</b>	<b>2.390</b>	<b>187,9</b>	<b>153</b>	<b>166,1</b>	<b>65,6</b>	<b>66,2</b>	<b>69,5</b>

Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal.

Na safra 2014/15, similarmente ao que ocorrera na safra anterior, a implantação e o desenvolvimento da cultura se deu sob condições climáticas severas, com períodos de chuva intensa e volumes acumulados muito acima do normal para o período. A partir de dezembro e, principalmente, janeiro e fevereiro, quando os trabalhos de colheita se intensificaram, o problema deixou de ser a intensidade e passou a ser constância das chuvas. As precipitações quase que diárias, mais os períodos de céu nublado nesses meses, comprometeram a produtividade e a qualidade da safra, favorecendo o surgimento de doenças. Com isso a obtenção de mercadoria de qualidade foi se tornando difícil e cara, frustrando a expectativa de preços e resultados financeiros por parte dos produtores, que almejavam valores superiores aos da safra anterior. Além disso, já no final de fevereiro, o movimento dos caminhoneiros impediu por alguns dias o carregamento e transporte de parte da produção, aumentando a frustração dos produtores (Tabelas 6 e 7).

**Tabela 6/I. Tomate<sup>(1)</sup> – Preço aos produtores da microrregião de Joaçaba<sup>(2)</sup> – 2011-15**

Mês/Ano	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	20,08	32,00	37,16	18,11	28,06
Fevereiro	18,50	10,56	50,00	32,91	32,00
Março	25,82	11,59	55,83	40,54	30,70
Abril	14,68	9,00	38,50	43,75	32,22

<sup>(1)</sup> Tomate longa vida extra “AA”.

<sup>(2)</sup> A colheita na microrregião de Joaçaba ocorre no período de janeiro a abril.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Tabela 7/I. Tomate<sup>(1)</sup> – Preço no atacado da microrregião de Joaçaba – 2011-15**

Mês/Ano	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	30,69	40,75	54,18	34,50	44,50
Fevereiro	41,67	30,00	58,00	43,75	57,21
Março	42,22	27,36	69,17	82,78	54,00
Abril	39,84	29,67	67,27	50,53	61,00
Mai	45,26	39,45	42,30	64,44	66,50
Junho	52,35	43,16	61,50	71,42	66,78
Julho	44,68	69,32	37,39	52,95	
Agosto	48,74	83,39	37,90	51,38	
Setembro	45,81	66,89	40,20	51,68	
Outubro	47,68	53,91	58,05	59,91	
Novembro	48,40	47,53	55,85	55,00	
Dezembro	37,87	43,08	54,53	49,71	

<sup>(1)</sup> Tomate longa vida extra “AA”.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Produção e mercado mundiais

A safra mundial de trigo 2015/16 deverá bater o recorde anterior (safra 2014/15), alcançando o volume de 727 milhões de toneladas (Tabela 1), com destaque para o crescimento na produção da China e dos Estados Unidos (3,8 e 3 milhões de toneladas de aumento, respectivamente). Na Austrália espera-se um aumento de 2,3 milhões de toneladas na produção.

**Tabela 1/I. Trigo – Produção mundial e dos principais países produtores – Safras 2011/12- 2015/16**

País	(milhões de t)				
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>	2015/16 <sup>(2)</sup>
União Europeia	138,08	133,85	144,42	156,45	147,82
China	117,40	121,02	121,93	126,17	130,00
Índia	86,87	94,88	93,51	95,85	90,00
EUA	54,41	61,67	58,11	55,13	58,13
Rússia	56,24	37,72	52,09	59,08	60,00
Canadá	25,29	27,21	37,53	29,30	26,50
Austrália	29,91	22,86	25,30	23,67	26,00
Paquistão	25,00	23,30	24,00	25,50	25,00
Ucrânia	22,32	15,76	22,28	24,75	25,50
Argentina	15,50	9,30	10,50	12,50	11,10
Cazaquistão	22,73	9,84	13,94	13,00	14,00
Outros países	103,42	100,75	111,50	103,85	112,50
<b>Mundo</b>	<b>697,17</b>	<b>658,16</b>	<b>715,11</b>	<b>725,25</b>	<b>726,55</b>

<sup>(1)</sup> Estimado.

<sup>(2)</sup> Projetado em agosto de 2015.

Fonte: Usda (WASDE, ago./2013 e ago./2015).

Nas regiões da Rússia, Ucrânia e do Cazaquistão as condições das lavouras continuam excelentes, principalmente se for levado em conta a seca do último outono.

A redução na produção do Canadá se deve, em parte, à seca que atingiu o oeste daquele país. A Argentina também deve reduzir sua produção em 1,4 milhões de toneladas, uma vez que a área semeada nesta safra foi menor e, além disso, algumas regiões ainda vêm sendo atingidas por excesso de chuvas.

Assim, o nível de estoques mundiais deve ficar bastante confortável, diferente do que ocorreu em temporadas passadas (Tabela 2).

**Tabela 2/I. Trigo – Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 2011/12-2015/16**

Discriminação	(milhões de t)				
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15 <sup>(1)</sup>	2015/16 <sup>(2)</sup>
Estoque inicial	199,18	196,86	177,12	193,35	209,66
Produção	697,17	658,16	715,11	725,25	726,55
Consumo	696,77	679,42	698,78	708,94	714,74
Estoque final	196,86	177,12	193,35	209,66	221,47

<sup>(1)</sup> Estimado.

<sup>(2)</sup> Projetado em agosto de 2015.

Fonte: Usda (WASDE ago./2013 e ago./2015).

<sup>1</sup> Para este artigo, além de informações da autora, foram utilizadas as seguintes fontes: Conab; IBGE; CEPEA-ESALQ; Boletins diários Agrolink; CNA; Sistema FAEP; www.fao.org; www.usda.gov; jornais diversos e internet.

**Tabela 3/I. Trigo – Principais países consumidores – 2009-13**

(mil t)

País	2009	2010	2011	2012	2013
China	85.806	86.870	88.201	88.713	89.386
Índia	69.900	72.719	71.863	70.589	75.833
Paquistão	19.388	19.681	20.050	20.473	20.696
Brasil	10.335	10.517	10.528	10.387	10.620
Argélia	6.879	6.685	6.983	7.179	7.270
Indonésia	5.087	5.354	5.715	6.334	6.360
Afeganistão	4.538	4.605	4.711	4.810	4.895
México	3.886	4.008	4.123	4.104	4.308
Nigéria	3.701	3.893	4.016	2.821	3.615
Etiópia	3.081	2.792	2.855	2.840	2.942
Subtotal	212.600	217.124	219.044	218.250	225.924
Mundo	436.903	445.422	446.886	329.068	337.881

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2015. 10 ago./2015.

**Tabela 4/I. Trigo – Consumo per capita no mundo – 2009-13**

(kg/per capita/ano)

País	2009	2010	2011	2012	2013
China	210,0	217,9	213,6	215,3	223,8
Argélia	189,1	180,4	184,9	186,6	185,4
Afeganistão	163,8	162,2	161,9	161,3	160,2
Paquistão	114,0	113,7	113,8	114,3	113,6
Yemen	110,8	113,4	118,3	109,2	110,2
Jamaica	67,2	67,7	67,9	65,0	70,7
Oman	53,2	57,6	62,2	61,0	64,1
Índia	58,7	60,3	58,9	57,1	60,6
Macao	49,1	54,1	52,2	51,6	56,4
Peru	52,9	57,1	54,3	55,3	56,1
Brasil	53,4	53,9	53,5	52,3	53,0
Mundo	65,6	66,0	65,4	...	...

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2015. 10 ago./2015.

O trigo, diferentemente de outras commodities, tem sua oferta no comércio mundial menos concentrada. Em 2012, por exemplo, os cinco maiores exportadores somaram 61% do total negociado no mundo, sendo que nenhum deles possui participação de mercado superior a 16% (Tabela 5). Essa dispersão é fator de redução da volatilidade de preço no mercado internacional.

**Tabela 5/I. Principais países exportadores de trigo e seus derivados<sup>(1)</sup> – 2008-12**

(mil t)

País	2008	2009	2010	2011	2012
EUA	30.093	21.942	27.629	32.790	25.769
Austrália	8.278	14.996	15.888	17.657	23.536
Canadá	15.781	19.279	18.394	16.335	17.867
França	16.293	16.872	21.082	20.346	16.469
Rússia	11.720	16.821	11.848	15.186	16.089
Argentina	8.772	5.118	4.039	8.411	11.461
Ucrânia	7.511	12.883	4.303	4.097	8.679
Cazaquistão	4.951	3.229	5.066	2.891	7.459
Alemanha	7.038	9.688	8.915	6.169	6.993
Índia	1	0	0	500	4.585
Subtotal	110.438	120.828	117.165	124.383	138.908
Mundo	131.170	146.967	145.157	148.271	164.607

<sup>(1)</sup> Inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2015. 11 ago./2015.

Em 2012 o Brasil passou a ser o segundo maior importador mundial de trigo e seus derivados. São muitos os países que importam o cereal. Os dez maiores importadores foram responsáveis por 39% do total importado (Tabela 6). Essa pulverização na demanda é mais um fator que dificulta preços abusivos no mercado.

**Tabela 6/I. Principais países importadores de trigo e seus derivados<sup>(1)</sup> – 2008-12**

País	(mil t)				
	2008	2009	2010	2011	2012
Egito	8.328	9.121	10.594	9.800	11.428
Brasil	6.033	5.446	6.323	5.740	6.580
Argélia	6.487	5.720	5.057	7.455	6.347
Indonésia	4.497	4.655	4.811	5.605	6.250
Itália	5.443	6.479	7.477	7.321	6.109
Japão	5.781	4.703	5.476	6.214	5.970
Coréia do Sul	2.682	3.805	4.384	4.671	5.655
Espanha	4.656	6.413	4.595	4.356	5.468
Irã	3.733	5.460	1.406	71	5.445
China	1.016	2.135	2.361	2.612	5.058
Subtotal	48.655	53.937	52.484	53.846	64.311
Mundo	128.090	146.270	143.534	147.206	163.491

<sup>(1)</sup> Inclui farinha.

Fonte: FAO. FAOSTAT. FAO Statistics Division 2015. 11 ago./2015.

## Produção e mercado nacionais

A safra 2015/16 de trigo no País deve ser maior em termos de produção do que a anterior, ainda que a área plantada tenha diminuído cerca de 10%, em virtude das condições de comercialização desfavoráveis e da elevação nos custos de produção do cereal. Esse aumento na produção resulta de uma melhora no rendimento médio das lavouras (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Trigo – Comparativo das safras do Brasil – Safras 2011/15**

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2011	2.175.943	5.690.043	2.615
2012	1.941.703	4.418.388	2.276
2013	2.212.095	5.717.803	2.585
2014	2.799.352	6.164.494	2.202
2015 <sup>(1)</sup>	2.502.652	7.294.261	2.915

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

No Paraná, principal estado produtor de trigo do Brasil, deve haver uma pequena redução na área plantada, a se confirmar. Atualmente as lavouras estão sendo colhidas. As chuvas em excesso preocupam os produtores, pois podem prejudicar a qualidade dos grãos (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Trigo – Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil – Safras 2013/15**

Estado	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
PR	986.600	1.360.859	1.324.048	1.875.407	3.720.582	3.959.722	1.901	2.734	2.991
RS	1.059.232	1.180.179	919.978	3.351.655	1.670.623	2.529.233	3.164	1.416	2.749
SC	77.244	94.974	78.156	244.256	261.308	229.224	3.162	2.751	2.933
Brasil	2.212.095	2.799.352	2.502.652	5.717.803	6.164.494	7.294.261	2.585	2.202	2.915

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE (PAM 14/07/2014; LSPA jun./2015).

No Rio Grande do Sul as culturas de inverno na safra 2013/14 sofreram com problemas climáticos que impactaram negativamente a produtividade e a produção total. Tais fatos contribuíram para a decisão dos agricultores, no caso do trigo, em reduzir a área semeada. As chuvas de julho influenciaram negativamente o desenvolvimento da cultura, que fica suscetível ao ataque de pragas e doenças, além de que as chuvas ainda prejudicam o manejo e os tratos culturais. Cabe destacar que, conforme informações, os produtores gaúchos que optaram em plantar trigo utilizam, em geral, um alto nível tecnológico. Utilizam-se das culturas de inverno para realização de controle de plantas daninhas das culturas de verão.

Em Santa Catarina as estimativas indicam redução de área e de produção nesta safra.

Se na primeira metade de julho foram as chuvas que preocuparam os triticultores brasileiros, no final do mês as temperaturas relativamente altas para o período geraram incertezas, uma vez que tais oscilações climáticas podem afetar fortemente a produtividade das lavouras.

O Governo, por sua vez, continua mantendo sua política de estímulo ao plantio via aumento do Preço Mínimo de Garantia. Nesta safra o aumento foi de 4,57%. Assim, para a temporada 2015/16, a tonelada do tipo 1 (pão) está cotada a R\$583,00, na Região Sul.

Tendo em vista os estoques menores de trigo em mãos do Governo, de acordo com informações da Conab, ainda que a produção interna aumente, houve uma maior necessidade de importação do cereal no Brasil, a fim de poder suprir a demanda doméstica, a qual cresceu cerca de 6% (em relação à temporada anterior). Ainda assim os estoques de passagem da safra 2015/16 deverão ser os menores das últimas cinco temporadas (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Trigo – Oferta e demanda brasileiras – Safras 2011-15**

	(mil t)				
<b>Discriminação</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015<sup>(1)</sup></b>
Estoque inicial (1/8)	2.201,6	1.956,1	1.527,7	2.269,1	1.174,8
Produção	5.788,6	4.379,5	5.527,9	5.971,1	6.995,5
Importação	6.011,8	7.010,2	6.642,4	5.328,8	5.800,0
Suprimento	14.002,0	13.345,8	13.698,0	13.569,0	13.970,3
Consumo	10.144,9	10.134,3	11.381,5	10.713,7	11.368,8
Exportação	1.901,0	1.683,8	47,4	1.680,5	1.500,0
Estoque final (31/7)	1.956,1	1.527,7	2.269,1	1.174,8	1.101,5

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações.

Fonte: Conab (ago./2015 - 11º Levantamento).

Entre as commodities, o trigo é o segundo item de maior participação na pauta de importações brasileiras, sendo menor apenas que a importação de petróleo. O Brasil importa entre 50% e 60% do trigo que consome. As importações brasileiras na temporada 2014/15 foram de 5,6 milhões de toneladas (trigo e seus derivados), o menor volume dos últimos 10 anos (Tabelas 10 e 11).

**Tabela 10/I .Trigo em grão – Quantidade importada pelo Brasil – Safras 2010/11-2014/15**

	(t)				
<b>Origem</b>	<b>2010/11</b>	<b>2011/12</b>	<b>2012/13</b>	<b>2013/14</b>	<b>2014/15</b>
Argentina	3.515.742	4.811.352	4.642.739	1.250.297	2.841.466
EUA	382.442	108.504	1.020.120	3.914.039	1.440.146
Uruguai	1.134.071	498.049	417.516	997.450	499.892
Paraguai	535.734	589.575	824.422	145.380	322.443
Canadá	230.373	4.243	105.393	335.171	210.499
Outros	65	38	38	60	14.452
<b>Total</b>	<b>5.798.427</b>	<b>6.011.762</b>	<b>7.010.228</b>	<b>6.642.398</b>	<b>5.328.899</b>

Nota: Dados referentes ao comercial, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex.



Tabela 11/I. Farinha de trigo – Quantidade importada pelo Brasil – Safras 2010/11-2014/15

Origem	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15
Argentina	635.418	631.970	342.046	98.645	269.725
Uruguai	36.011	30.938	27.272	40.467	19.468
Paraguai	10.145	11.584	31.414	28.374	10.682
Turquia	8	0	0	7.129	1.951
Itália	277	570	637	899	1.472
Peru	0	0	0	667	638
Suriname	0	0	0	97	485
Canadá	1.634	1.734	1.284	1.070	443
Outros	707	493	221	1.585	1.191
<b>Total</b>	<b>684.199</b>	<b>677.290</b>	<b>402.875</b>	<b>178.933</b>	<b>306.056</b>

Nota: Dados referentes ao comercial, de agosto a julho.

Fonte: MDIC/Secex.

Tradicionalmente a Argentina é o principal fornecedor de trigo. Isso acontece por conta de sua proximidade geográfica e pelo fato de esse país integrar o Mercosul, condição que lhe assegura vantagem fiscal em relação a outros países fornecedores, os quais devem pagar 10% de Tarifa Externa Comum (TEC).

Na última temporada os argentinos foram responsáveis por 53% das importações brasileiras de trigo em grão (Tabela 10). Diferentemente do que ocorreu na temporada anterior, quando houve problemas na safra argentina e, por consequência, não se pode exportar como de costume, com o Brasil recorrendo ao cereal dos Estados Unidos.

## Produção e mercado estaduais

A safra 2014/15 em Santa Catarina teve um significativo incremento de área (19,8%). Contudo, em virtude das condições climáticas – que não estiveram tão favoráveis (ventos fortes, chuvas em excesso, granizo) -, a produção não seguiu o mesmo ritmo, alcançando um aumento de apenas 4,4% (Tabela 12). Esses fatores também influenciaram a qualidade do grão, que ficou aquém da esperada (PH inferior a 78 em muitos casos).

Tabela 12/I. Trigo – Comparativo das safras de Santa Catarina – Safras 2011/15

Safra	Área plantada (ha)	Produção (t)	Rendimento (kg/ha)
2011	76.279	229.130	3.004
2012	66.591	139.416	2.094
2013	79.294	250.214	3.156
2014	94.974	261.308	2.751
2015 <sup>(1)</sup>	78.156	229.224	2.933

<sup>(1)</sup> Dados preliminares sujeitos a alterações.

Fonte: IBGE.

Para a safra em andamento (2015/16) as estimativas atuais indicam uma queda de 17,7% na área plantada e uma produção 12,3% inferior à da temporada anterior. A principal razão para essa redução é a alta nos custos de produção, sobretudo dos fertilizantes, resultante da valorização do dólar frente ao real. Outros fatores que também influenciam nessa redução são a frustração da safra passada e a expectativa de ocorrência do fenômeno climático El Niño, que pode, mais uma vez, afetar negativamente as lavouras.

As principais regiões produtoras no Estado na safra 2014/15 foram Xanxerê, Canoinhas, Curitibanos e Chapecó. A maior produtividade foi em Curitibanos, com 3.422kg/ha. Em praticamente todas as regiões houve crescimento na área semeada (Tabela 13).

Com relação ao mercado, o preço do cereal para o produtor catarinense, em 2014, esteve até a metade do ano em patamares superiores aos dos anos anteriores. Contudo, de julho em diante os preços iniciaram uma trajetória de queda, com o trigo chegando ao final do ano cotado a R\$28,75 por saca de 60kg, acompanhando o movimento no mercado nacional (Tabela 14).

**Tabela 13/I. Trigo – Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina – Safras 2013/15**

MRG	Área plantada (ha)			Produção (t)			Rendimento (kg/ha)		
	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Blumenau	30	30	30	54	54	54	1.800	1.800	1.800
Campos de Lages	2.060	1.710	1.710	6.752	5.642	4.438	3.278	3.299	2.595
Canoinhas	14.700	19.650	15.480	44.967	60.410	46.442	3.059	3.074	3.000
Chapecó	15.360	20.326	18.535	45.166	41.609	48.003	2.940	2.047	2.590
Concórdia	556	1.076	916	1.312	2.957	2.599	2.360	2.748	2.837
Curitibanos	13.725	12.820	10.250	52.492	43.870	37.867	3.825	3.422	3.694
Ituporanga	640	1.520	1.370	1.720	3.261	2.994	2.688	2.145	2.185
Joaçaba	5.110	5.005	4.685	13.892	14.053	13.212	2.719	2.808	2.820
Rio do Sul	285	494	482	456	1.022	1.353	1.600	2.069	2.807
São Bento do Sul	200	550	850	410	1.760	2.420	2.050	3.200	2.847
São Miguel do Oeste	5.620	5.420	5.720	13.353	15.561	16.286	2.376	2.871	2.847
Tabuleiro	48	48	48	96	96	96	2.000	2.000	2.000
Xanxerê	20.960	26.325	18.080	69.544	71.013	53.460	3.318	2.698	2.957
<b>Santa Catarina</b>	<b>79.294</b>	<b>94.974</b>	<b>78.156</b>	<b>250.214</b>	<b>261.308</b>	<b>229.224</b>	<b>3.156</b>	<b>2.751</b>	<b>2.933</b>

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a alterações, estimados em junho de 2015.

Fonte: IBGE.

**Tabela 14/I. Trigo – Preços médios mensais aos produtores de Santa Catarina – 2011-15**

Mês/ano	(R\$/sc <sup>(1)</sup> )				
	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	24,00	24,00	36,34	...	29,75
Fevereiro	25,79	24,00	38,30	39,76	29,75
Março	26,36	24,00	36,67	38,41	30,89
Abril	26,25	24,79	36,30	39,51	33,24
Mai	25,76	25,95	36,67	39,93	32,84
Junho	25,75	26,47	36,90	39,67	32,39
Julho	25,75	27,50	37,33	36,81	32,00
Agosto	25,75	28,83	39,13	31,27	32,88
Setembro	25,89	30,25	44,04	29,53	
Outubro	25,42	31,38	44,88	28,69	
Novembro	24,48	33,21	42,17	28,47	
Dezembro	24,13	34,36	40,36	28,50	
<b>Média</b>	<b>25,44</b>	<b>27,90</b>	<b>39,09</b>	<b>34,60</b>	<b>31,72</b>

<sup>(1)</sup> Saca 60kg de trigo pão/melhorador de PH78 (trigo superior).

Fonte: Epagri/Cepa.

O ano de 2015 iniciou com preços mais baixos, mas já estão em leve recuperação, principalmente em virtude da queda na área plantada do cereal na Argentina, o que, concomitantemente com a valorização da moeda americana, pode vir a tornar o cereal nacional mais valorizado, sobretudo o de melhor qualidade. Esta é uma tendência a ser confirmada. Mas, por outro lado, há que se considerar a perspectiva de haver uma safra recorde no Brasil, bem como o fato de as cotações internacionais estarem em queda. Sendo assim, o suporte que seria dado ao mercado brasileiro (preços) pela alta do dólar pode ser anulado.

## Uva e Vinho

Vinícius Caliari - Químico Industrial – Epagri/Estação Experimental de Videira  
caliari@epagri.sc.gov.br

### Produção mundial<sup>(1)</sup>

Em 2014 a área total plantada com videiras no mundo (incluindo as áreas que ainda não estão em produção) apresentou um pequeno crescimento, com aumento aproximado de 8 mil hectares. Nos países da União Europeia (UE) houve pequena redução e nos países de fora da EU aumento de área.

Desde o fim do programa da UE para regular o potencial de produção de vinho, que introduziu prêmios por abandono definitivo de vinhedos, a taxa de declínio das áreas de videiras entre os países da comunidade diminuiu significativamente. Dentre os países da Europa houve um decréscimo de aproximadamente 104 mil hectares entre 2011 e 2014 (Tabela 1).

Tabela 1/I. Área de vinhedos nos principais países – 2011-14

País	2011	2012	2013	2014
	(mil ha)			
Espanha	1.032	1.017	1.021	1.021
China	633	709	760	799
França	796	792	793	792
Itália	720	712	705	690
Turquia	508	497	504	502
EUA	413	412	424	425
Argentina	219	222	224	227
Portugal	236	233	229	224
Chile	206	206	208	211
Romênia	191	192	192	192
Austrália	170	162	157	152
África do Sul	133	135	133	132
<b>Brasil</b>	<b>90</b>	<b>91</b>	<b>90</b>	<b>89</b>
Hungria	65	64	64	65
Bulgária	75	67	65	64
Rússia	63	62	62	63
Áustria	44	44	44	45
Nova Zelândia	37	38	38	38
Suíça	15	15	15	15

Fonte: OIV - State of the Vitiviniculture World Market (abr./2015).

No cenário mundial a Espanha permanece com a maior área de uvas plantadas, em segundo lugar a China e em terceiro lugar a França. Segundo os dados da Organização Internacional da Uva e do Vinho (OIV) houve redução de área na maioria dos países da Europa, crescimento exponencial da área plantada na China e estabilidade de área de produção nos Estados Unidos da América e na Argentina. O Brasil que ocupa agora a 13ª posição em área e produção de uvas, encontra-se com uma área de produção estável, com pequena redução de 2013 para 2014.

<sup>(1)</sup> Material extraído do documento State of the Vitiviniculture World Market (April 2015), publicado pela OIV. Disponível em: <<http://www.oiv.int/oiv/info/enconjoncture>>. Acesso em: 29 jul. 2015

Com relação à produção mundial de vinhos, a França ocupa a primeira posição, com aumento de produção referente a 2013; a Itália e a Espanha, o segundo e terceiro lugar, respectivamente, apresentam redução na produção. Os Estados Unidos da América ocupam a quarta posição; em 2014 tiveram uma produção levemente abaixo do recorde de 2013. Na América do Sul, Argentina e Brasil mantêm-se estáveis, e o Chile apresenta retração na produção quando comparado a safras recordes. Nos últimos dois anos, a produção de vinhos na África do Sul aumentou, enquanto na Austrália observou-se uma pequena redução, conforme Tabela 2.

**Tabela 2/I. Produção mundial de vinhos (excluído sucos e mostos) – 2011-14**

(milhares de hectolitros)

País	2011	2012	2013	2014
França	50,757	41,548	42,004	46,698
Itália	42,772	45,616	54,029	44,739
Espanha	33,397	31,123	45,650	41,620
EUA	19,140	21,650	23,590	22,300
Argentina	15,473	11,778	14,984	15,197
Austrália	11,180	12,260	12,500	12,000
África do Sul	9,725	10,569	10,982	11,316
China	13,200	13,511	11,780	11,178
Chile	10,464	11,554	12,820	10,500
Alemanha	9,132	9,012	8,409	9,334
Portugal	5,622	6,308	6,327	6,195
Romênia	4,058	3,311	5,113	4,093
Nova Zelândia	2,350	1,940	2,484	3,204
Grécia	2,750	3,115	3,343	2,900
Hungria	2,750	1,818	2,666	2,734
Brasil	3,460	2,967	2,710	2,732
Áustria	2,814	2,125	2,392	2,250
Bulgária	1,237	1,442	1,755	1,228
<b>Total Mundial</b>	<b>267,279</b>	<b>257,889</b>	<b>291,902</b>	<b>278,800</b>

Fonte: OIV.

Em 2014, o maior consumo de vinhos continuou sendo dos Estados Unidos da América, com 30,7 milhões de hectolitros (mhl); em seguida, a França, com consumo de 27,9 mhl; depois a Itália, com 20,4 mhl; a Alemanha, com 20,2 mhl; a China, com 15,8; e o Reino Unido, com 12,6 mhl. O consumo mundial total foi de 240 mhl.

O maior exportador mundial de vinhos em volume é a Espanha, com 22.560 milhares de hectolitros (khl); depois a Itália, com 20.540 khl; a França, com 14.387; e o Chile, com 7.999 khl. Em valores de exportação de vinhos, a França está em primeiro lugar, com 7,7 bilhões de Euros; em segundo, a Itália, com 5,1 bilhões; em quarto a Espanha, com 2,4 bilhões; e em quinto o Chile, com 1,3 bilhões de Euros. Isso demonstra que os maiores valores agregados são dos produtos oriundos da França e da Itália.

Os maiores importadores mundiais de vinho são Alemanha, Reino Unido, Estados Unidos, França, Rússia, China, Canadá, Holanda, Bélgica e Japão, nessa ordem.

Uma tendência de mercado que vem sendo percebida mundialmente é o aumento de consumo de vinhos roses. Nos últimos 10 anos houve crescimento de 6% no consumo geral de vinhos e aumento de 25% no consumo de vinhos roses. Tendência de mercado por vinhos menos alcoólicos, menos encorpados e mais aromáticos.

## Produção nacional

A produção nacional de uvas e vinhos tem-se apresentado estável, com pequena redução de área, mas com aumento de produção. Na safra 2015, como na safra 2014, tivemos elevada pluviosidade, o que prejudicou bastante ambas as safras.

O Rio Grande do Sul continua sendo o estado com maior área plantada e maior produção e seguindo a tendência da produção nacional, apresentou pequena retração de área plantada, porém aumento na produção total.

Pernambuco, Paraná, Bahia, Santa Catarina e Minas Gerais apresentaram aumento de área colhida e com exceção de Bahia e Minas Gerais, que demonstraram menor produção, os demais estados apresentaram aumento de produção.

**Tabela 3/I. Uva – Comparativo das safras 2014 e 2015**

Estado	Área colhida (ha)		Produção (t)	
	2014	2015	2014	2015
Rio Grande do Sul	49.998	49.737	812.537	876.286
Pernambuco	6.799	6.814	236.719	237.367
São Paulo	8.155	8.155	146.790	151.960
Paraná	5.580	5.600	80.910	84.000
Bahia	2.862	2.864	77.504	77.392
Santa Catarina	4.827	4.852	67.325	68.782
Minas Gerais	784	836	11.557	11.032
Goiás	138	131	3.330	3.390
Ceará	25	25	573	579
<b>Brasil</b>	<b>79.168</b>	<b>79.014</b>	<b>1.437.245</b>	<b>1.510.788</b>

Nota: Para as UF que, por força do calendário agrícola, ainda não dispõem das estimativas iniciais, os dados correspondem a uma projeção obtida a partir das informações de anos anteriores.

Fonte: IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (junho de 2015).

No que tange à comercialização de vinhos e derivados, utilizamos os dados da UVIBRA (União Brasileira de Vitivinicultura) relativos aos produtos elaborados no Rio Grande do Sul, que, por ser o maior produtor de uvas e vinhos do Brasil, podem ser considerados representativos de todo o País.

Em relação ao mesmo período do ano passado, o volume comercializado no primeiro semestre de 2015 aumentou 2,53% para os vinhos de mesa (elaborados com uvas americanas e híbridas) e 4,87% nos vinhos finos (produzidos com variedades *Vitis vinífera* L.). Houve aumento de 39,26% nos vinhos-base para champenoise, 93,96% nos charmat e redução de 35,23% no espumante moscatel. Quando avaliados os produtos prontos observa-se um aumento de 35,67% na comercialização de espumantes e 21,78% nos espumantes moscatéis. A comercialização de suco de uva aumentou de 54,5 milhões de litros (ML) para 63,5 ML, uma variação de 16,5%.

Apesar do importante aumento da taxa de câmbio brasileira (desvalorização do Real frente ao Dólar), a exportação de nossos produtos foi bastante reduzida no primeiro semestre de 2015. Comparativamente ao primeiro semestre de 2014, a exportação de vinho de mesa decresceu 25,22%, a de vinho fino 84,35% e a de suco de uva, 57,17%. Por outro lado, esse aumento da taxa de câmbio afetou a importação de vinhos de outros países. Ainda assim, o Chile continua sendo nosso maior fornecedor de vinhos, com 19,4 ML, representando 47,7% do total importado de 40,9 ML de vinho, em segundo lugar a Argentina com 17,6% seguidos por Portugal 11,8%, pela Itália 10,0%, França 4,6% e Espanha 3,7%.

Conforme dados da UVIBRA, no primeiro semestre de 2015, de todo vinho fino comercializado no Brasil, o vinho importado correspondeu a 78,0%, e o nacional, 22,0%, a comercialização e consumo de vinhos

importados continua sendo uma tendência no Brasil, porém com aumento de comercialização do produto nacional, comparando com anos anteriores, em 2014 no primeiro semestre 79,8 % do vinho comercializado foi importado e 20,3% nacional. Embora o consumo de vinhos continue modesto, apresenta uma pequena evolução de consumo de 51,4 ML em 2014 para 52,4 ML em 2015.

## Produção estadual

Em Santa Catarina, a área plantada com videiras é decrescente, havendo eliminação de vinhedos em algumas regiões simultaneamente à implantação de novos vinhedos em outras. A maior parte da área está concentrada no Alto Vale do Rio do Peixe (2.109 hectares), com destaque para os municípios de Videira, Pinheiro Preto e Tangará, com aproximadamente 500 hectares cada um. A maior produção de vinhos está concentrada no município de Pinheiro Preto.

Em Santa Catarina existe uma forte predominância da produção de vinhos de mesa sobre os vinhos finos. Porém deve-se considerar o grande incremento na produção de vinhos finos nos últimos anos, o que está relacionado principalmente às tendências de consumo de vinhos finos no Brasil e ao desenvolvimento da atividade nas regiões de altitude de Santa Catarina. Outro dado relevante é o aumento na produção de vinhos espumantes, o que acompanha a evolução de consumo em todo o País.

Pode-se verificar também um importante aumento na produção de sucos de uva e sua relação inversa com a produção de vinhos de mesa. Isso é observado especialmente a partir de 2012 para cá, com conversão da produção de vinhos de mesa na produção de sucos de uvas. O Estado continua buscando matéria prima, principalmente uva bordô no Rio Grande do Sul, necessitando da implantação de novos parreirais para produção de sucos. A safra 2015 foi uma safra regular, que apresentou pluviosidade excessiva no início, nos meses de janeiro e fevereiro, após houve uma redução na intensidade das chuvas favorecendo principalmente as variedades de ciclo longo e também as regiões de altitude, nas quais a colheita ocorre em geral nos meses de março e abril.

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

Reney Dorow, Eng. agr., M.Sc. – Epagri/Cepa  
 reney@epagri.sc.gov.br  
 Gilnei Bruno Fachin, Zootecnista – Cidasc  
 gbfachin@cidasc.sc.gov.br

### Produção e mercado mundiais

As estimativas do United States Department of Agriculture (USDA) sugerem que a produção de carne bovina aumentou 2,4% nos últimos quatro anos. E o departamento ressalta a queda de produção dos EUA (-9,4%) e do Canadá (-10,9%). Enquanto isso, China, Índia, Austrália e Paquistão obtiveram aumento médio de 22,7% no período de 2011 a 2015. A produção de carne bovina apresenta importante concentração – os cinco maiores produtores (EUA, Brasil, União Europeia, China e Índia) detêm 66,3% da produção mundial, impulsionados especialmente pelo crescimento da produção da China (21,6%) e da Índia (29,6%) no mesmo período.

Tabela 1/I. Carne bovina – Produção mundial – 2011-15 (projeção)

País	2011	2012	2013	2014	2015
EUA	11.900	11.860	11.750	11.230	10.861
Brasil	9.030	9.310	9.680	9.920	9.425
União Europeia	8.060	7.770	7.470	7.580	7.540
China	5.550	5.540	5.640	5.760	6.750
Índia	3.240	3.460	3.850	4.000	4.200
Argentina	2.530	2.620	2.850	2.900	2.740
Austrália	2.130	2.150	2.360	2.240	2.550
México	1.800	1.820	1.810	1.820	1.845
Paquistão	1.440	1.400	1.630	1.680	1.725
Rússia	1.360	1.380	1.370	1.380	1.355
Canadá	1.150	1.080	1.040	1.030	1.025
Outros países	8.780	8.880	9.180	8.920	8.427
<b>Total</b>	<b>57.060</b>	<b>57.260</b>	<b>58.620</b>	<b>58.860</b>	<b>58.443</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Quanto ao consumo, EUA, Brasil, União Europeia, China, Argentina, Rússia e Índia respondem por 72,6% do total mundial (Tabela 2), aumentando em 2,6% em relação a 2014, impulsionado especialmente pelo aumento do consumo chinês (14,0%), no período 2011-2015.

Merece destaque a presença da Colômbia entre os maiores consumidores, superando o Canadá pela primeira vez, motivado por um incremento médio do consumo interno de 2,3% a.a. no período 2011-2015.

**Tabela 2/I. Carne bovina – Consumo mundial – 2011-15**

(mil t)

País	2011	2012	2013	2014	2015
EUA	11.650	11.740	11.617	11.172	11.400
Brasil	7.730	7.845	7.885	7.896	7.870
União Europeia	8.034	7.760	7.520	7.515	7.610
China	6.449	6.680	7.052	7.297	7.350
Argentina	2.320	2.458	2.664	2.503	2.510
Rússia	2.040	2.080	2.035	2.018	2.200
Índia	2.346	2.398	2.393	2.289	2.047
México	1.921	1.836	1.873	1.839	1.765
Paquistão	1.503	1.538	1.576	1.617	1.661
Japão	1.237	1.255	1.232	1.226	1.210
Colômbia	816	844	805	875	894
Outros países	10.475	10.614	11.142	11.391	9.949
<b>Total</b>	<b>56.517</b>	<b>57.047</b>	<b>57.785</b>	<b>57.708</b>	<b>56.466</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

O mercado internacional sofreu algumas mudanças nos últimos anos. Países como a China e a Malásia se destacaram como importantes compradores. Do total de importações de carne bovina previstas para 2015, 39,9% são adquiridas por EUA, Rússia, Japão e China. A China, grande consumidora de carne suína, aves e pescado, apresentou aumento de 1.969% nas importações de carne bovina nos últimos quatro anos (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Carne bovina – Importações mundiais – 2011-15 (projeção)**

(mil t)

País	2011	2012	2013	2014	2015
EUA	1.042	933	1.007	1.188	1.055
Rússia	994	1.027	1.023	929	700
Japão	745	737	760	739	740
China	29	99	412	417	600
Hong Kong	152	241	473	646	450
Coréia do Sul	431	370	375	392	400
U. Europeia	365	348	376	372	370
Canadá	282	301	296	284	290
Egito	217	250	195	270	270
Malásia	167	174	194	205	235
Chile	180	187	245	241	200
Outros países	1.956	1.938	2.120	2.068	1.745
<b>Total</b>	<b>8.629</b>	<b>8.432</b>	<b>8.686</b>	<b>8.990</b>	<b>7.759</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Observa-se nas importações de 2011 a 2015 uma retração de 30% nas importações russas, bem como a saída da Venezuela do grupo dos maiores importadores, ambos atingidos por crises internas. Verifica-se ainda o crescimento das importações de Hong Kong, na ordem de 196% no mesmo período. Isso mostra a capacidade dos mercados de se reorganizarem sem prejuízo dos volumes globais comercializados.

Nas exportações, desde 2013 a Índia se apresenta como o maior exportador mundial. O retorno da liderança brasileira não se confirmou em 2014 por uma diferença de 173 mil toneladas em relação à Índia. Os tradicionais exportadores de carne bovina (Brasil, Índia, Austrália e Estados Unidos) detêm uma fatia de 67,4% desse comércio (Tabela 4). A participação dos principais exportadores no comércio internacional



sofrerá uma queda média de 8%, com previsão de um incremento negativo de -14,9% para o Brasil em 2015, segundo o Usda.

**Tabela 4/I. Carne bovina – Exportações mundiais – 2011-15 (projeção)**

País	2011	2012	2013	2014	2015
Índia	1.268	1.411	1.765	2.082	2.000
Brasil	1.340	1.524	1.849	1.909	1.625
Austrália	1.410	1.407	1.593	1.851	1.815
EUA	1.263	1.112	1.174	1.167	1.035
Nova Zelândia	503	517	529	579	590
Paraguai	197	251	250	350	400
Uruguai	320	355	375	385	360
Canadá	426	335	415	355	375
Europa	449	307	300	240	300
México	148	200	166	194	245
Argentina	213	164	180	200	277
Outros países	563	630	610	613	559
<b>Total</b>	<b>8.072</b>	<b>8.138</b>	<b>9.126</b>	<b>9.990</b>	<b>9.601</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Por conta de acordos de comércio regionais específicos, exportadores como Índia, Austrália e EUA têm acesso prioritário aos mercados asiáticos, tendência que foi ampliada com o Acordo de Comércio do Pacífico em 2015. Os maiores crescimentos nas exportações se deram por Paraguai, México e Índia, com aumento de 103%, 66% e 58% respectivamente no período de 2011-15.

O Paraguai receberá mais uma planta frigorífica do grupo brasileiro JBS em 2016, o que aumentará o número de unidades de abate naquele país para 13, ampliando sua capacidade de exportação.

## Produção e mercado nacionais

No período de 2008 a 2014, o rebanho bovino brasileiro cresceu 5%, porém o biênio 2012-14 registrou o menor incremento dos últimos oito anos, com 0,5%. Além disso, a tendência de crescimento da pecuária continua para o “sentido norte” do País, especialmente pela redução dos rebanhos de Bahia, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande de Sul, que deram espaço para cultivos agrícolas. Os estados com os cinco maiores rebanhos (Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Pará) continuam com 54% do rebanho brasileiro, não havendo mudança em relação a 2012. Santa Catarina, com crescimento de 10% no rebanho nos últimos 8 anos, chega a um rebanho de 4,28 milhões de cabeças, o que representa atualmente 2% do rebanho brasileiro (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2008-2014**

Brasil e UFs	(Nº de cabeças)				Variação de 2008 a 2014 (%)
	2008	2010	2012	2014	
Mato Grosso	26.018.216	28.757.438	28.740.802	28.592.183	9,9
Minas Gerais	22.369.639	22.698.120	23.965.914	23.707.042	6,0
Goiás	20.466.360	21.347.881	22.045.776	21.538.072	5,2
Mato Grosso do Sul	22.365.219	22.354.077	21.498.382	21.003.830	-6,1
Pará	16.240.697	17.633.339	18.605.051	19.911.217	22,6
Rio Grande do Sul	14.115.643	14.469.307	14.140.654	13.956.953	-1,1
Rondônia	11.176.201	11.842.073	12.218.437	12.744.326	14,0
São Paulo	11.185.556	11.197.697	10.757.383	10.824.134	-2,5
Bahia	11.099.880	10.528.419	10.250.975	10.126.223	-9,5
Paraná	9.585.600	9.411.380	9.413.937	9.181.577	-4,2
Tocantins	7.392.515	7.994.200	8.082.336	8.062.227	9,1
Maranhão	6.816.338	6.979.844	7.490.942	7.758.352	13,8
Santa Catarina	3.884.264	3.985.662	4.072.960	4.285.931	10,3
Outros estados	19.590.603	20.341.672	19.995.533	20.651.865	5,4
<b>Brasil</b>	<b>202.306.731</b>	<b>209.541.109</b>	<b>211.279.082</b>	<b>212.343.932</b>	<b>5,0</b>

Fonte: IBGE/Sidra (2014).

No que diz respeito ao balanço de oferta e demanda, a disponibilidade interna de carne certificada tem variado em função do comportamento da produção e da relação entre os preços dos mercados interno e externo (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Carne bovina – Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2010-14<sup>(1)</sup>**

Situação	(mil t)				
	2010	2011	2012	2013	2014
Produção	8.916,5	8.863,0	9.310,0	8.166,7	8.062,9
Exportação	1.291,1	1.156,9	1.246,9	1.518,0	1.565,3
Importação	36,5	42,7	42,4	44,8	38,1
Disponibilidade	7.661,9	7.748,8	8.105,5	6.693,5	6.555,5
Kg/habitante/ano	39,7	39,8	41,8	33,1	32,0

<sup>(1)</sup> Referente à soma dos abates com inspeção municipal, estadual e federal.

Fonte: IBGE, Conab, Agrostat, MDIC/Secex e Abrafriço.

Apesar de a tabela 6 informar os valores oficiais de abate para o Brasil, estatísticas extraoficiais apontam para uma produção total de 10.230 mil toneladas para o ano de 2014, o que elevaria à disponibilidade per capita para 41,26kg.

Em 2014 as exportações brasileiras foram 1,8% superiores em dólar a 2013 e 9% em volume, alcançando US\$7,22 bilhões (Tabela 7). Os congelados in natura representam a maior parte das exportações, totalizando US\$5,8 bilhões (Tabelas 8).

**Tabela 7/I. Carne bovina – Exportações do Brasil segundo os principais destinos – 2010-14**

País	(Milhões de US\$)					Incremento 2010-14 (%)
	2010	2011	2012	2013	2014	
Hong Kong	503	691	221	1.443	1.713	241
Rússia	1073	1.060	1.104	1.213	1.314	22
Venezuela	186	376	448	844	901	384
Egito	434	440	551	487	612	41
Chile <sup>(1)</sup>	-	-	-	397	287	-28
Irã	807	688	324	266	275	-66
Outros 165 países	1.178	1.281	3.101	2.008	2.123	80
<b>Total</b>	<b>4.181</b>	<b>4.536</b>	<b>5.749</b>	<b>6.658</b>	<b>7.224</b>	<b>73</b>

<sup>(1)</sup> Incremento corresponde ao período 2013-14.

Fonte: MDIC/Secex/ABIEC (2015).

**Tabela 8/I. Carne bovina – Principais produtos exportados – Brasil – 2014**

Produto	US\$ (1.000)	%	Tonelada	%
“In natura”	5.836.411	80,87	1.244.052	79,60
Industrializada	646.296	8,95	102.807	6,58
Miúdos	590.664	8,18	183.734	11,76
Tripas	117.030	1,62	27.515	1,76
Salgadas	26.981	0,37	4.711	0,30
<b>Total</b>	<b>7.217.382</b>	<b>100,00</b>	<b>1.562.819</b>	<b>100,00</b>

Fonte: MDIC/ Secex /ABIEC - 2015.

Os estados de São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul detêm 73,3% das exportações brasileiras em dólares.

## Produção e mercado estaduais

De acordo com dados do IBGE (2015), o rebanho bovino catarinense totalizava 4,29 milhões de cabeças. Não obstante a contínua expansão da produção leiteira estadual, existe predominância de bovinos de corte (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Rebanho bovino catarinense por faixa etária, sexo e aptidão – 2014**

Faixa etária (meses), aptidão/sexo	Corte		Leite		Misto		Total
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
0 a 12	265.266	213.510	32.255	219.278	37.806	53.401	821.515
13 a 24	203.879	214.798	21.340	207.666	41.340	71.656	760.680
25 a 36	105.988	162.770	12.044	175.177	21.176	54.312	531.467
> 36	232.811	736.790	24.401	829.050	61.236	287.982	2.172.269
<b>Total</b>	<b>2.135.811</b>	<b>1.521.212</b>	<b>1.521.212</b>	<b>628.908</b>	<b>628.908</b>	<b>4.285.931</b>	

Fonte: Cidasc (2014); IBGE (2015). Adaptado pelos autores.

Em 2014, registrou-se o abate de 541 mil cabeças em frigoríficos/abatedouros com serviço de inspeção (SIM, SIE e SIF), um crescimento de 18% em relação a 2013, o que demonstra uma evolução do sistema de inspeção sanitária no Estado.

Além desses abates em agroindústrias/frigoríficos com sistema de inspeção localizado no próprio Estado, 15% dos bovinos abatidos foram para consumo nas propriedades rurais. Apesar de ser um pequeno número de animais, o comércio interestadual de bovinos para abate cresceu 229% em relação a 2013 (Tabela 10).

**Tabela 10/I. Bovinos abatidos por destino – Santa Catarina – 2014**

Destino	Cabeças (nº)	Participação (%)
Com sistema de inspeção	540.781	84,7
Autoconsumo	97.379	15,3
Comércio interestadual	112	0,0
<b>Total</b>	<b>638.272</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Cidasc (2015).

No conjunto dos abates, o estado de Santa Catarina abateu 15% a mais do que em 2013, o que representa um total de 81,8 mil animais a mais.

Do total de bovinos abatidos, 74,7% apresentam Serviço de Inspeção Estadual, sobretudo em razão do grande número desses estabelecimentos distribuídos por todas as regiões. Os estabelecimentos com SIE são os que abatem o maior número de bovinos com aptidão de corte, representando 69,9% do total (Tabela 11).

**Tabela 11/I. Bovinos abatidos por aptidão e sistema de inspeção em SC – 2014**

Inspeção/Aptidão	Corte	Leite	Misto	Total
Municipal	19.280	9.898	4.574	33.752
Estadual	282.346	66.548	54.870	403.764
Federal	54.900	38.980	9.385	103.265
<b>Total de cabeças</b>	<b>356.526</b>	<b>115.426</b>	<b>68.830</b>	<b>540.781</b>

Fonte: Cidasc (2015).

De modo geral, a distribuição dos abates de bovinos entre SIE, SIF e o SIM corresponde a 74,7%, 19,1% e 6,2% respectivamente.

Em 2014, Santa Catarina produziu 151,3 mil toneladas de carne bovina. Essa produção significou pouco mais da metade da oferta de carne bovina para o mercado estadual e mostra uma mudança do Estado, com evolução positiva da participação dos abates próprios no abastecimento interno. O deficit foi atendido com aquisições de carne de outros estados da federação e importações (Tabela 12).

**Tabela 12/I. Carne bovina – Oferta em Santa Catarina – 2015**

Discriminação	(mil t)	% da oferta
Produção estadual	151,3	51,7
Aquisição de outras UF	140,0	47,9
Importação	1,3	0,4
Oferta total	292,7	100
Exportação	1,9	-
Disponibilidade estadual	290,8	-

Fonte: Cidasc, MDIC/Aliceweb (2015).

No que diz respeito aos preços recebidos pelos pecuaristas catarinenses, constata-se uma tendência de alta nos últimos anos. Entre 2010 e 2014, os preços ao produtor aumentaram 72% nas regiões de Chapecó e Rio do Sul (Tabela 13).

**Tabela 13/I. Boi gordo – Preços médios ao produtor – Santa Catarina – 2010-14**

Praça	(R\$/arroba)				
	2010	2011	2012	2013	2014
Chapecó	80,19	93,98	95,29	99,68	138,00
Rio do Sul	86,99	100,36	102,06	105,00	150,00

Fonte: Epagri/Cepa.

De forma geral, o cenário para produção de carne bovina a pasto continua promissor, alicerçado no baixo custo de produção. Evidenciam-se, por todo o estado de Santa Catarina, iniciativas de diferenciação de carne bovina advinda de raças europeias, permitindo ao produtor rural receber mais pela arroba produzida.

# Carne de frango

Reney Dorow, Eng. agr., M.Sc. - Epagri/Cepa  
reney@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

Quase uma unanimidade em todos os mercados, a carne de frango é uma das fontes de proteína de origem animal mais aceitas. Os EUA são o maior produtor, com aproximadamente 20% da produção mundial, seguidos pela China e pelo Brasil, com 15% cada um. Em 2015, EUA, China, Brasil e União Europeia, os quatro maiores produtores mundiais, manterão um patamar ao redor de 62% da produção (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne de frango – Produção mundial – 2011-15

País	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
EUA	16.694	16.621	16.976	17.299	17.966
Brasil	12.863	12.645	12.308	12.692	13.080
China	13.200	13.700	13.350	13.000	13.025
UE-27	9.320	9.565	9.800	10.330	10.600
Índia	2.900	3.160	3.450	3.725	3.900
Rússia	2.575	2.830	3.002	3.260	3.550
México	2.906	2.958	3.010	3.025	3.100
Argentina	1.770	2.014	2.060	2.050	2.060
Turquia	1.619	1.707	1.760	1.956	1.980
Tailândia	1.350	1.550	1.500	1.570	1.650
Indonésia	1.515	1.540	1.550	1.565	1.625
Outros países	14.487	14.953	15.307	16.077	15.408
<b>Total</b>	<b>81.199</b>	<b>83.243</b>	<b>84.073</b>	<b>86.549</b>	<b>87.944</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Por sua aceitação e controle produtivo, a produção de carne de frango foi incentivada em vários países, como Tailândia, Turquia, Índia e Rússia, que tiveram incremento médio de 29% no período de 2011 a 2015.

No que se refere ao consumo, EUA, China, UE-27 e Brasil se destacam como os grandes consumidores mundiais, com 55% do total. Para a China, as estimativas do USDA apontam para uma ampliação de 0,5% no consumo de 2015 em relação ao de 2014, iniciando uma leve recuperação por conta do impacto da influenza aviária no comércio local. Mesmo com essa alteração no quadro do consumo, os quatro maiores consumidores responderão por 55% do consumo global em 2015, com um aumento de 0,9%.

O países que apresentaram os maiores incrementos no consumo foram Índia, Rússia e Argentina, com incremento médio de 26,5% no período de 2011-15, enquanto o incremento médio geral foi de 8,4%.

O Brasil e os EUA continuam a gerar os maiores excedentes, para os quais o USDA projeta um superavit de 6,7 milhões de toneladas, fato que os consolida como os maiores exportadores mundiais de carne de frango. O Brasil segue como líder e deve responder por 36,6% das exportações mundiais de 2015.

Tabela 2/I. Carne de frango – Consumo mundial – 2011-15

País	(mil t)				
	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
EUA	13.664	13.345	13.683	14.034	14.996
China	13.015	13.543	13.174	12.830	12.880
UE-27	9.014	9.198	9.388	9.906	10.160
Brasil	9.422	9.139	8.829	9.137	9.344
México	3.473	3.569	3.679	3.738	3.853
Índia	2.891	3.156	3.445	3.716	3.892
Rússia	3.013	3.321	3.520	3.676	3.775
Japão	2.104	2.213	2.201	2.226	2.245
África do Sul	1.685	1.756	1.753	1.572	1.635
Argentina	1.556	1.726	1.738	1.773	1.861
Indonésia	1.515	1.540	1.550	1.565	1.625
Outros países	18.211	19.099	19.579	20.779	20.010
<b>Total</b>	<b>79.563</b>	<b>81.605</b>	<b>82.539</b>	<b>84.952</b>	<b>86.276</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Tabela 3/I. Carne de frango – Principais países exportadores – 2011-15

País	(mil t)				
	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Brasil	3.219	3.508	3.482	3.558	3.740
EUA	3.171	3.300	3.340	3.312	2.990
UE - 27	1.036	1.094	1.083	1.133	1.150
Tailândia	467	538	504	546	580
Turquia	206	285	262	379	340
China	423	411	420	430	395
Outros países	1.015	954	1.146	1.112	1.036
<b>Total</b>	<b>9.537</b>	<b>10.090</b>	<b>10.237</b>	<b>10.470</b>	<b>10.231</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Observa-se que os três maiores exportadores mundiais respondem por quase 77% do comércio mundial numa projeção do Usda para o ano de 2015.

Do lado dos importadores, o Japão e Arábia Saudita são responsáveis por 21% das importações de carne de frango numa projeção do Usda para 2015 (Tabela 4). Com 18,1% de incremento médio nos últimos quatro anos, o Iraque e a Arábia Saudita têm-se destacado como importadores em contínuo crescimento. No caso iraquiano, o aumento das importações é fruto do processo de estabilização desenvolvido no pós-guerra. No conjunto dos demais países importadores, apresentaram incremento médio de 5% a.a. no mesmo período (Tabela 4).

Tabela 4/I. Carne de frango – Principais países importadores – 2011-15

País	(mil t)				
	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Japão	895	877	854	888	900
Arábia Saudita	745	750	820	775	900
México	-	-	-	722	760
EU-27	734	727	671	709	710
Iraque	598	612	673	722	690
Outros	5.256	5.574	5.671	5.077	4.679
<b>Total</b>	<b>8.228</b>	<b>8.540</b>	<b>8.655</b>	<b>8.873</b>	<b>8.639</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

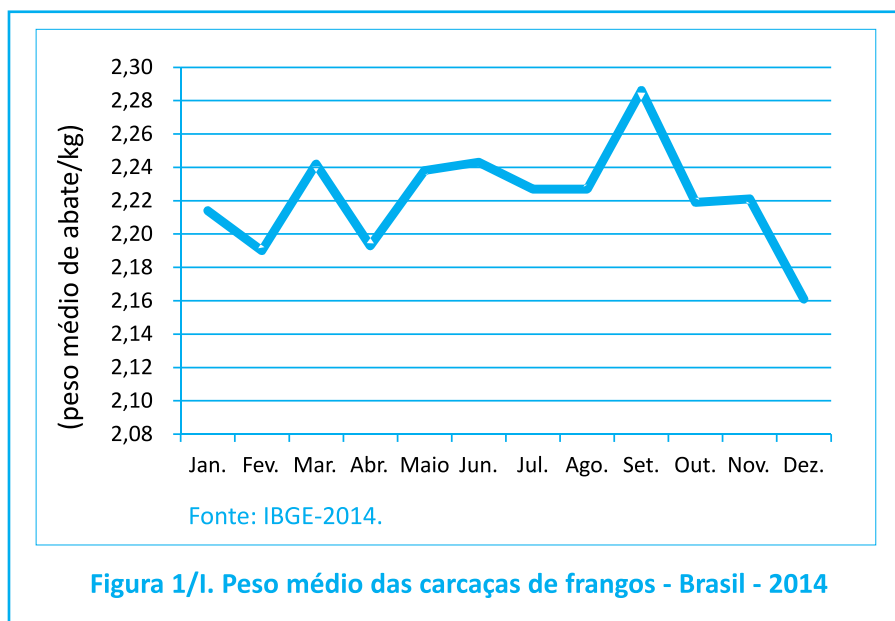
Fonte: Usda (Outubro de 2015).

## Produção e mercado nacionais

A distribuição da criação de frango de corte brasileiro tem passado por modificações ao longo do tempo. Segundo o IBGE, essa criação brasileira se distribui essencialmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste, concentrada especialmente nas mesorregiões geográficas do Oeste Paranaense, Oeste Catarinense, mesorregião de Campinas em SP.

Após longa fase de crescimento, observa-se estabilização na produção de carne de frango no período compreendido entre 2011 e 2014, conforme demonstrado na tabela 5. Ainda assim, a produção de carne de frango apresentou evolução positiva de 8% no período quando comparado com 2010.

Quanto ao peso médio das carcaças abatidas, ficou em 2,16kg, conforme apresenta a Figura 1.



**Tabela 5/I. Abate SIF de frangos de corte no Brasil – 2010-14**

Mês	(mil cabeças)				
	2010	2011	2012	2013	2014
Janeiro	369,99	415,08	441,91	450,38	442,88
Fevereiro	356,29	401,13	414,99	388,92	405,33
Março	426,64	446,95	460,81	408,23	410,89
Abril	380,90	404,71	382,46	455,37	412,33
Mai	401,17	454,44	441,51	434,36	428,86
Junho	395,68	425,76	404,26	405,85	392,13
Julho	419,55	437,93	443,04	458,76	455,45
Agosto	415,66	455,36	461,03	436,99	415,87
Setembro	394,48	428,33	400,85	414,01	432,53
Outubro	396,64	420,99	441,31	457,77	451,08
Novembro	384,76	413,97	393,19	399,86	393,12
Dezembro	389,14	427,56	361,68	372,91	469,68
<b>Total</b>	<b>4.731</b>	<b>5.132</b>	<b>5.047</b>	<b>5.083</b>	<b>5.110</b>

Fonte: Sindiavipar/IBGE.

A evolução da avicultura industrial brasileira por meio da evolução do alojamento de pintos e a produção de carne é apresentada na tabela 6. No período 2010-14, o alojamento de pintos aumentou 4%.

Com a atualização dos dados sobre a população brasileira, feita pelo IBGE, o número de habitantes passou para 202,7 milhões em 2014, e a disponibilidade per capita de carne de frango sofreu uma redução, passando para 35,28kg em 2014.



**Tabela 6/I. Carne de frango – Pintos alojados e produção – Brasil – 2010-14**

Discriminação	2010	2011	2012	2013	2014
Alojamento de pintos de corte <sup>(1)</sup>	5.986,7	6.232,6	5.998,7	6.138,9	6.226,3
Produção de carne de frango (1.000t)	12.312,3	12.863,2	12.645,1	12.428,5	11.146,0
Exportação (1.000t)	3.819,7	3.942,6	3.917,6	3.891,7	3.995,16
Disponibilidade interna (1.000t)	8.492,6	8.920,6	8.727,5	8.638,3	7.151,0
População (milhões de habitantes)	190,75	192,38	193,95	201,03	202,7
Disponibilidade per capita (kg/hab./ano)	44,5	46,4	45,0	42,9	35,28

<sup>(1)</sup> Alojamento – milhões de cabeças.

Fontes: Apinco, Secex e IBGE.

Quanto ao destino da carne de frango brasileira, os principais mercados têm-se mantido estáveis. Japão e Arábia Saudita continuam como os principais mercados.

## Produção e mercado estaduais

As alterações na participação no rebanho avícola foram diferenciadas por mesorregião. De 2008 para 2014, a evolução média anual do Estado foi positiva em 4,72%, com um rebanho efetivo de 164 milhões de cabeças, conforme descrito na Tabela 7.

**Tabela 7/I. Efetivo do rebanho de frango de corte – Santa Catarina – 2008-2014**

Santa Catarina e mesorregião geográfica	Ano				Evolução média 2008-14 %
	2008	2010	2012	2014	
Santa Catarina	160.885.780	157.359.368	149.112.032	164.785.490	4,72
Oeste Catarinense	115.623.610	108.861.544	98.609.949	107.508.642	-1,24
Norte Catarinense	9.572.736	13.723.806	11.610.305	7.903.017	-42,41
Serrana	3.266.300	3.020.264	3.026.885	15.468.748	412,17
Vale do Itajaí	6.767.178	7.906.785	7.782.679	5.074.901	-35,82
Grande Florianópolis	10.938.035	7.434.217	7.982.744	5.368.920	-27,78
Sul Catarinense	14.717.921	16.412.752	20.099.470	23.461.262	42,95

Fonte: IBGE (2015).

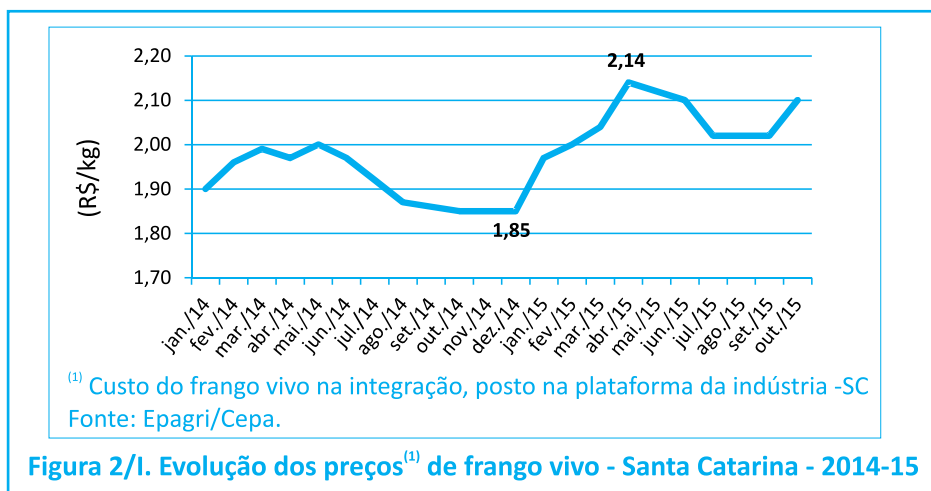
Dos três estados do Sul do Brasil, Santa Catarina registra uma participação de 32,65% em volume e 38,02% em receita advinda das exportações de carne de frango (Tabela 8) por sua produção mais elaborada, mais bem remunerada no mercado internacional.

**Tabela 8/I. Exportação de carne de frango total brasileira e dos principais estados – 2014**

Local	mil t	%	mil US\$	%
Brasil	3.997.264	100,00	7.966.919	100,00
Região Sul	2.998.930	75,00	5.729.594	72,00
Paraná	1.286.648	42,90	2.363.182	41,25
Santa Catarina	979.096	32,65	2.178.643	38,02
Rio Grande do Sul	733.186	24,45	1.388.664	24,24

Fonte: Sindiavipar 2015 e ABPA

Os preços recebidos pelo frango inteiro, que é o custo posto na plataforma da indústria, no período de janeiro de 2014 a outubro de 2015, registram oscilação ascendente. Para o frango vivo, registra-se o mínimo em dezembro de 2014 (R\$1,85/kg vivo) e o máximo em abril de 2015 (R\$2,14), conforme a figura 2.



Quanto aos custos de produção, os melhores resultados continuam a ser obtidos nas maiores densidades produtivas. O sistema climatizado negativo apresenta custo total médio 3,8% menor que os demais sistemas (Tabela 9). Essa situação demonstra a necessidade permanente de investimentos por parte do avicultor no sentido de aumentar sua produtividade, considerando a inserção global da cadeia produtiva.

**Tabela 9/I. Custo<sup>(1)</sup> da produção do frango de corte em diferentes sistemas – Santa Catarina – 2014**

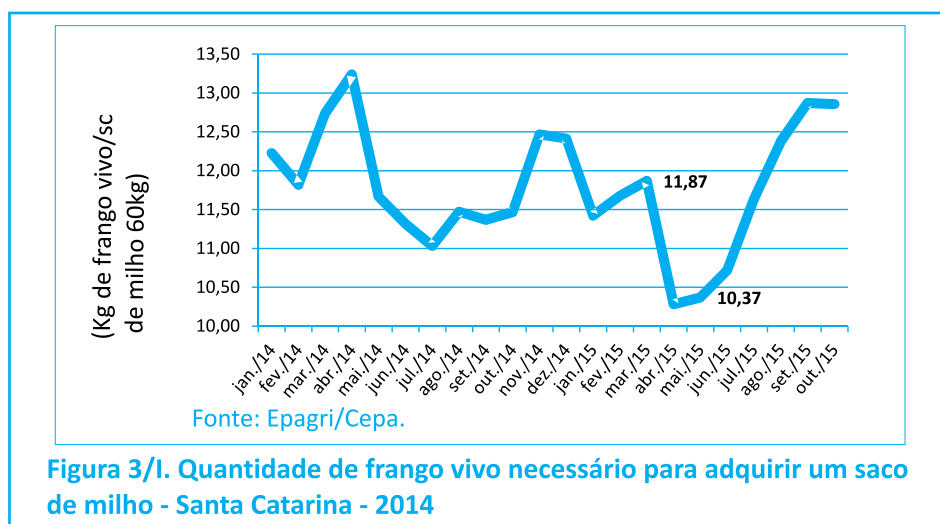
Detalhamento	Unidade	Convencional	Climatizado positivo	Climatizado negativo
Alojamento	Cab.	14.500	16.000	66.000
Área	m <sup>2</sup>	1.200	1.200	4.800
Custo Variável	R\$/kg	2,0870	2,0723	2,0231
Custo Fixo	R\$/kg	0,0701	0,0762	0,0501
Custo Total	R\$/kg	2,1570	2,1484	2,0732

(1) Custo variável médio do ano de 2014 referente aos meses de jan./maio.

Fonte: Embrapa (2014).

A redução do custo do milho, registrada por meio do monitoramento da equivalência insumo/produto, também resultou em ganhos para as integradoras. Como pode ser visto na figura 3, o produto continua em queda, chegando a 10,37kg de frango vivo para adquirir um saco de milho com 60kg em maio de 2015.

O fato novo no cenário da avicultura brasileira em 2015 foi marcado pela alta do dólar americano ante o real, dando a entender que haveria grande vantagem do País no comércio internacional por conta da diferença cambial. Porém, o desempenho do setor também foi afetado por fatores externos, como parada do porto de Itajaí por causa das cheias, principal saída do frango brasileiro, além da greve dos fiscais aduaneiros.



# Carne suína

Reney Dorow - Eng. agr., M.Sc. - Epagri/Cepa  
reney@epagri.sc.gov.br

88

## Produção e comércio mundiais

Segundo a previsão do USDA para 2015, o ranking da produção de carne suína no mundo permanecerá praticamente inalterado, apenas com o México ultrapassando a produção do Japão, por um crescimento de 11% nos últimos 4 anos. O órgão também prevê uma ampliação da estimativa global de produção em 892 mil toneladas, baseado essencialmente nos incrementos do último quadriênio, liderado por Coreia do Sul, Rússia, China e México, que tiveram crescimento médio de 23,6%. A China continua com a maior produção, ultrapassando os 50% do total global, e o Brasil continuará sendo o quarto produtor, com 3,1% da produção, ainda atrás da União Europeia e dos Estados Unidos. Esses quatro maiores produtores somam 84,3% do total da produção (Tabela 1).

Tabela 1/I. Carne suína – Produção por país – 2011-15

País	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
China	50.604	53.427	54.930	56.710	56.375
União Europeia	22.953	22.526	22.359	22.533	23.000
EUA	10.331	10.554	10.525	10.370	11.158
Brasil	3.227	3.330	3.335	3.400	3.451
Rússia	2.064	2.175	2.400	2.510	2.630
Vietnã	2.262	2.307	2.349	2.425	2.450
Canadá	1.817	1.844	1.822	1.805	1.840
Filipinas	1.288	1.310	1.340	1.353	1.370
México	1.202	1.239	1.284	1.290	1.335
Japão	1.267	1.297	1.309	1.264	1.270
Coreia do Sul	837	1.086	1.252	1.200	1.210
Outros países	5.729	5.773	5.918	5.706	5.369
<b>Total</b>	<b>103.581</b>	<b>106.868</b>	<b>108.823</b>	<b>110.566</b>	<b>111.458</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Os principais consumidores são China, União Europeia, EUA, Rússia, Brasil e Japão, os quais apresentam uma projeção de consumo na ordem de 86,1% da demanda mundial em 2015. Entre os maiores consumidores, Japão, Rússia e China apresentam importante deficit de produção, estimado para 2015 em 2.875 t, tornando suas aquisições importantes no cenário do mercado internacional.

Além desses três países (Japão, Rússia e China), que são os principais importadores, também se destacam como compradores México, Hong Kong, EUA e Coreia do Sul (Tabela 3). Essa relação destaca a importância do mercado asiático, que, entre os principais importadores, apresenta uma projeção de importação de 3,225 milhões de toneladas (50% do total) para 2015. Apesar de o Brasil ter-se habilitado a exportar carne suína para o Japão, a recém-criada Aliança do Pacífico criará dificuldades para incrementar as trocas.

**Tabela 2/I. Carne suína – Consumo doméstico por país – 2011-15**

(mil t)

País	2011	2012	2013	2014	2015
China	51.108	53.802	56.096	56.950	57.200
EU-27	20.822	20.382	20.173	22.300	20.662
EUA	8.340	8.441	8.668	10.332	9.340
Rússia	3.035	3.208	3.267	3.400	2.929
Brasil	2.644	2.670	2.696	2.550	2.877
Japão	2.522	2.557	2.549	2.260	2.545
Vietnã	2.113	2.160	2.205	1.820	2.412
México	1.710	1.850	1.953	1.390	2.125
Coreia do Sul	1.487	1.546	1.628	1.305	1.820
Filipinas	1.432	1.446	1.521	1.285	1.579
Taiwan	919	906	892	815	898
Outros países	6.916	7.146	7.273	6.887	6.547
<b>Total</b>	<b>103.170</b>	<b>106.260</b>	<b>108.360</b>	<b>110.044</b>	<b>110.944</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

**Tabela 3/I. Carne suína – Importação mundial – 2011-15**

(mil t)

País	2011	2012	2013	2014	2015
Japão	1.254	1.259	1.223	1.230	1,270
México	594	706	783	818	920
China	758	730	783	785	845
Coreia do Sul	640	502	399	445	600
EUA	364	363	388	457	502
Hong Kong	432	414	399	415	380
Rússia	971	1,077	868	515	300
Austrália	175	194	183	191	230
Canadá	204	240	221	214	220
Singapura	97	105	98	117	130
Outros países	924	1.129	1.094	926	831
<b>Total</b>	<b>6.558</b>	<b>6.858</b>	<b>6.597</b>	<b>6.358</b>	<b>6.438</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

Nas exportações destacam-se os Estados Unidos, responsável por 32% das exportações mundiais em 2015. Pela sua capacidade produtiva e por questões logísticas, esse país consegue atender facilmente as demandas de parceiros comerciais como o México e bem como países asiáticos. As exportações dos Estados Unidos, União Europeia, Canadá e Brasil totalizaram 90% da carne suína comercializada no mundo em 2015. O Brasil é o quarto exportador, atrás também do Canadá, que apresenta demanda muito inferior à produção (Tabela 4).

Tabela 4/I. Carne suína – Maiores exportadores mundiais – 2011-15

País	(mil t)				
	2011	2012	2013	2014	2015
EUA	2.357	2.440	2.262	2.203	2.268
UE-27	2.150	2.165	2.227	2.166	2.350
Canadá	1.197	1.243	1.246	1.218	1.210
Brasil	584	661	585	556	565
China	244	235	244	277	250
Chile	139	180	164	163	185
México	86	95	111	117	130
Sérvia	4	6	4	25	40
Austrália	41	36	36	37	38
Vietnã	32	36	40	40	40
África do Sul	3	3	5	8	12
Outros países	118	168	103	63	57
<b>Total</b>	<b>6.955</b>	<b>7.268</b>	<b>7.027</b>	<b>6.873</b>	<b>7.145</b>

Fonte: Usda (Outubro de 2015).

## Produção e comércio nacionais

Segundo o IBGE, entre 2008 e 2014 o efetivo do rebanho de suínos do Brasil cresceu 3%, com destaque especial para o crescimento de 22,1% da Região Centro-Oeste. De qualquer maneira, a Região Sul permanece com grande concentração do rebanho brasileiro, representando 49,3% do total (Tabela 5).

Tabela 5/I. Efetivo do rebanho por Grandes Regiões – 2008-14

Brasil e Grandes Regiões	(cabeça)			
	2008	2010	2012	2014
Brasil	36.819.017	38.956.758	38.795.902	37.929.357
Norte	1.629.552	1.607.481	1.489.219	1.308.154
Nordeste	6.665.572	6.197.109	5.857.733	5.666.815
Sudeste	6.436.125	7.133.257	7.131.055	7.032.994
Sul	17.798.250	18.643.470	19.212.426	18.681.908
Centro-Oeste	4.289.518	5.375.441	5.105.469	5.239.486

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal 2015.

Quanto à evolução do rebanho nos últimos 6 anos, as regiões Norte e Nordeste tiveram redução do plantel em 19,7% e 15% respectivamente. Enquanto isso, as regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste apresentaram incremento positivo nesse período, de 5%, 9,3% e 22% respectivamente.

No que diz respeito à produção de carne suína, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a produção brasileira de 2014 teve decréscimo de 0,5% em relação a 2012. Analisando os dados de anos anteriores, entretanto, constata-se crescimento de 32,4% entre 2004 e 2014.

Além disso, observa-se também comportamento inverso entre as produções de subsistência e industrial. Enquanto a produção industrial cresceu 52,6% no período de 2004-14, a de subsistência teve decréscimo de 55,7%.

De todo modo, a produção de suínos continua concentrada nos três estados da região Sul, que foram responsáveis por 59% da produção industrial brasileira de 2014 (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Produção industrial de carne suína do Brasil e dos principais estados – 2004-13**

(mil t)

Estado/Ano	2004	2006	2008	2010	2012	2014 <sup>(1)</sup>
Santa Catarina	586,9	732,6	724,3	737,9	805,5	854,0
Rio Grande do Sul	383,3	465,6	528,4	586,1	620,4	679,6
Paraná	376,1	430,8	444,3	491,1	529,7	510,9
Minas Gerais	213,1	314,9	348,1	397,1	460,6	384,1
Mato Grosso	79,1	111,5	140,0	175,0	214,7	236,9
Goiás	97,2	115,1	127,0	147,7	161,4	184,5
São Paulo	171,2	170,0	147,0	156,0	151,3	106,7
Mato Grosso do Sul	67,4	68,5	70,9	102,1	109,1	105,9
Subtotal	1.974,3	2.409,0	2.530,0	2.793,0	3.052,7	3.062,7
Outros estados	158,7	122,0	154,0	164,0	185,3	192,8
Total industrial	2.133,0	2.531,0	2.684,0	2.957,0	3.238,0	3.255,5
Subsistência	488,3	412,1	342,4	280,5	250,4	219,6
<b>Total do Brasil</b>	<b>2.621,3</b>	<b>2.943,1</b>	<b>3.026,4</b>	<b>3.237,5</b>	<b>3.488,4</b>	<b>3.428,6</b>

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos RS e PR e Embrapa.

Essa importante expansão da produção de quase 10% em 10 anos, combinada com exportações que não seguem o mesmo comportamento, fez com que entre 2004 e 2014 houvesse uma oscilação na disponibilidade interna de até 40% e 28% na disponibilidade per capita de carne suína no Brasil (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Oferta e demanda de carne suína – Brasil – 2004-14**

(mil t)

Ano	Produção	Exportação	Disponibilidade	Disponibilidade (kg/per capita/ano)
2004	2.621	508	2.113	11,9
2005	2.709	625	2.084	11,6
2006	2.943	528	2.415	13,3
2007	2.998	606	2.392	13,0
2008	3.026	530	2.496	13,4
2009	3.190	610	2.580	13,7
2010	3.238	544	2.694	14,1
2011	3.398	520	2.878	14,9
2012	3.488	580	2.908	14,9
2013	3.429	517	2.912	14,6
2014	2.880	494	2.386	11,7

Base dos Dados: LSPS (Levantamento Sistemático da Produção de Suínos).

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicarce-SC, Sindicarce-PR, Embrapa.

No que diz respeito ao comércio exterior, de 2009 para 2014 houve queda de 11% na quantidade e 9% no valor exportado pelo Brasil. A quantidade exportada foi a menor dos últimos cinco anos (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Exportações brasileiras de produtos suínos – 2009-14**

Ano	Mil toneladas	Milhões de US\$ FOB	Valor médio (US\$/kg)
2009	610,4	1.229,8	2,01
2010	543,8	1.344,5	2,47
2011	520,4	1.439,1	2,77
2012	579,5	1.490,8	2,57
2013	516,7	1.357,4	2,63
2014	505,7	1.600,0	3,16

Fonte: MDIC/Secex.

Quanto ao destino das exportações, a Rússia tem sido destacadamente o principal mercado externo para o Brasil. Somando-se as exportações de carnes frescas, refrigeradas e congeladas<sup>(1)</sup>, em 2014 esse país adquiriu US\$810,5 milhões, representando 56% do valor exportado pelo Brasil.

## Produção e comércio estaduais

Mesmo sem repetir o crescimento na produção observado em outros estados importantes produtores, Santa Catarina permanece como principal produtor brasileiro de carne suína. Em 2014 Santa Catarina respondeu por 25% da produção brasileira industrial (Tabela 9).

**Tabela 9/I. Produção industrial de carne suína do Brasil e de Santa Catarina – 2004-14**

Ano	(mil t)		
	Brasil	Santa Catarina	Part. % de SC
2004	2.133,0	586,9	27,5
2005	2.247,0	619,0	27,5
2006	2.531,0	732,6	28,9
2007	2.644,0	754,3	28,5
2008	2.684,0	724,3	27,0
2009	2.873,0	751,7	26,2
2010	2.957,0	737,9	25,0
2011	3.120,0	782,1	25,1
2012	3.238,0	805,5	24,9
2013	3.209,0	790,3	24,6
2014	3.255,5	854,0	26,2

<sup>(1)</sup> Estimativa.

Fonte: Abipecs, Sips, Sindicatos RS e PR, Embrapa.

Esses dados da produção estadual (Tabela 9) não estão disponíveis de forma regionalizada, mas a distribuição do rebanho estadual mantém significativa concentração no Oeste Catarinense. O comparativo mostra poucas mudanças ocorridas na suinocultura entre 2012 e 2014, salvo o aumento de participação da Região Sul Catarinense (Tabela 10).

<sup>(1)</sup> Esses produtos representam cerca de 90% do valor total das exportações de suínos.

**Tabela 10/I. Efetivo do rebanho suíno por mesorregião geográfica – Santa Catarina – 2012 e 2014**

Mesorregião Geográfica	2012		2014	
	(mil cabeças)	Part. (%)	(mil cabeças)	Part. (%)
Oeste Catarinense	5.475,3	73,2	4.477,8	72,4
Norte Catarinense	416,9	5,6	252,3	4,1
Serrana	268,9	3,6	259,5	4,2
Vale do Itajaí	520,4	7,0	414,0	6,7
Grande Florianópolis	24,0	0,3	14,1	0,2
Sul Catarinense	774,8	10,4	761,0	12,3
<b>Santa Catarina</b>	<b>7.480,2</b>	<b>100</b>	<b>6.178,7</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal 2015.

Cabe destaque para a retomada da produção catarinense em 26,2% da produção nacional, fortalecendo a posição de primeiro produtor brasileiro de suínos.

Quanto ao comércio internacional, em 2014 Santa Catarina respondeu por 31,4% do volume e 34,3% do valor das exportações brasileiras.

**Tabela 11/I. Exportações catarinenses de produtos suínos – 2009-14**

Ano	Volume (mil t)	Valor (milhões de US\$ FOB)	Valor médio (US\$/kg)
2009	173,5	331,0	1,91
2010	145,8	337,9	2,32
2011	184,4	507,3	2,75
2012	207,0	538,0	2,60
2013	169,8	442,5	2,61
2014	159,5	548,4	3,43

Fonte: MDIC/Secex.

Quanto ao destino das exportações catarinenses, a exemplo do que ocorre com o Brasil, a Rússia é o principal mercado. Totalizando as exportações de carnes frescas, refrigeradas ou congeladas realizadas de 2010 a 2014, esse país representou 47,6% da quantidade e 58,2% do valor exportado por Santa Catarina. Destaca-se também a saída da Ucrânia como importador de carne suína de Santa Catarina.

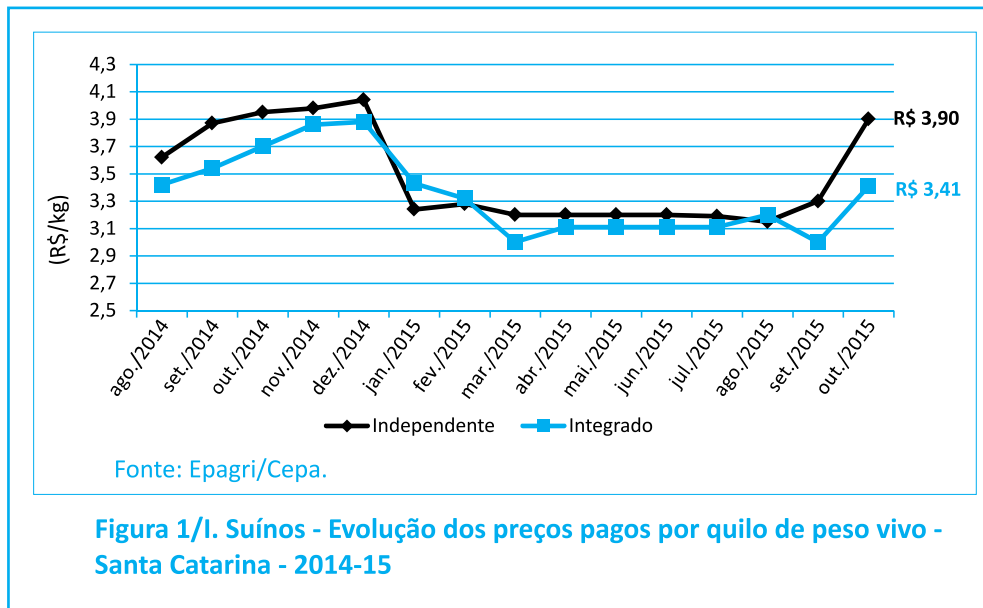
**Tabela 12/I. Santa Catarina – Exportações de carne suína fresca/refrigerada/congelada – 2009-13**

País	(mil t)			(milhões de US\$)		
	2010	2012	2014	2010	2012	2014
Rússia	22,3	53,2	75,9	57,1	148,2	319,0
Ucrânia	23,5	39,7	0,0	63,4	109,7	0,0
Hong Kong	19,7	21,5	41,6	41,0	54,6	16,5
Cingapura	13,9	12,1	10,7	37,4	34,9	29,8
Argentina	8,8	10,8	3,9	26,8	36,3	15,4
Outros países	11,7	13,1	27,4	26,8	29,7	167,7
<b>Total</b>	<b>119,2</b>	<b>180,7</b>	<b>159,5</b>	<b>297,6</b>	<b>492,3</b>	<b>548,4</b>

Fonte: MDIC/Secex.



Os preços recebidos pelos suinocultores têm evoluído positivamente nos últimos anos, especialmente a partir da ampliação das aquisições efetuadas pela Rússia em 2014. O preço recebido por quilo de suíno vivo tem evoluído negativamente a partir de 2015, chegando a R\$3,20/kg ao produtor independente e a R\$3,11/kg ao produtor integrado em julho de 2015, porém recuperaram parte das perdas a partir de outubro (Figura 1).



A visão de futuro para a produção de suínos em Santa Catarina segue promissora, baseada especialmente pela condição sanitária diferenciada, com status livre de aftosa e peste suína clássica desde 2015.

# Leite

Tabajara Marcondes - Eng. agr., M.Sc. – Epagri/Cepa  
 tabajara@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

### Produção mundial

Segundo os dados da FAO, a produção mundial de leite no ano de 2013 foi de 746,7 bilhões de quilos. Entre as diferentes “espécies” animais consideradas nas estatísticas (vacas, búfalas, cabras, ovelhas e camelas), a grande predominância é a produção de leite de vacas. Apenas na Índia e no Nepal a produção de leite de búfalas é superior à de vacas. Embora dispersa por quase 200 países, apenas dez deles respondem por quase 60% da produção mundial (Tabela 1).

**Tabela 1/I. Leite – Produção mundial e dos principais países segundo as espécies animais – 2013**

(bilhões de L)

País	Vaca	Búfala	Cabra	Ovelha	Camela	Total
Índia	60,6	70,0	5,0	0,0	0,0	135,6
EUA	91,3	0,0	0,0	0,0	0,0	91,3
China	35,7	3,1	0,3	1,5	0,0	40,6
Brasil	34,3	0,0	0,2	0,0	0,0	34,4
Alemanha	31,1	0,0	0,0	0,0	0,0	31,1
Fed. Russa	30,3	0,0	0,2	0,0	0,0	30,5
França	23,7	0,0	0,6	0,3	0,0	24,6
Nova Zelândia	18,9	0,0	0,0	0,0	0,0	18,9
Turquia	16,7	0,1	0,4	1,1	0,0	18,2
Paquistão	13,9	2,4	0,8	0,0	0,0	17,2
Subtotal	356,4	75,5	7,5	2,9	0,0	442,3
Outros países	279,2	4,6	10,5	7,2	2,9	304,4
<b>Total mundial</b>	<b>635,6</b>	<b>80,1</b>	<b>18,0</b>	<b>10,1</b>	<b>2,9</b>	<b>746,7</b>
% por espécie	85,1	10,7	2,4	1,4	0,4	100

Fonte: Faostat. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QL/S>>. Acesso em: agosto de 2015.

Apesar dessa concentração, tem havido importantes alterações na distribuição da produção mundial ao longo das últimas décadas. Especial destaque é o fato de a produção do Continente Asiático superar primeiro a do Continente Americano e posteriormente a do Europeu, tornando-se o maior produtor mundial. Isso não se deu apenas pelo aumento da produção na Ásia, mas também porque a Europa teve decréscimo absoluto de produção. A Europa é o único continente em que a produção recente é inferior à de tempos atrás (Tabela 2).

Tabela 2/I. Leite – Produção mundial e por continente – 1980-2013

Ano	Mundo	África	Américas	Ásia	Europa	Oceania
	Produção (bilhões de quilos)					
1980	465,8	17,1	101,0	69,9	265,5	12,3
1990	544,2	21,5	118,2	108,4	282,1	14,0
2000	582,0	28,0	146,2	169,4	215,3	23,1
2013	746,7	45,9	185,9	270,4	216,0	28,5
Ano	Participação na produção mundial (%)					
1980	100	3,7	21,7	15,0	57,0	2,6
1990	100	4,0	21,7	19,9	51,8	2,6
2000	100	4,8	25,1	29,1	37,0	4,0
2013	100	6,1	24,9	36,2	28,9	3,8
Período	Variação da produção (%)					
1980 a 1990	16,8	25,9	17,0	55,1	6,2	13,8
1990 a 2000	6,9	30,1	23,7	56,3	-23,7	65,0
2000 a 2013	28,3	64,0	27,1	59,6	0,4	23,0

Fonte: Faostat. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QL/S>>. Acesso em: agosto de 2015.

Considerando apenas os dez principais produtores mundiais, no período de 2000 a 2013 observa-se que os maiores crescimentos de produção foram nos países asiáticos (China, Turquia<sup>(1)</sup> e Índia), seguidos pelo Brasil e pela Nova Zelândia. Isso alterou bastante as posições dos principais produtores mundiais. A China saiu de 11º para 3º maior produtor, a Turquia de 17º para 9º, o Brasil saiu de 7º para 4º e a Nova Zelândia de 12º para 8º produtor mundial. A Índia consolidou sua posição de 1º produtor aumentando a diferença de produção para os EUA (Tabela 3).

Tabela 3/I. Leite – Produção mundial e dos principais países – 2000 e 2013

País	(bilhões de quilos)		Variação (%)	Participação (%)	
	2000	2013	2000 a 2013	2000	2013
Índia	79,7	135,6	70,2	13,7	18,2
EUA	76,0	91,3	20,1	13,1	12,2
China	12,4	40,6	227,9	2,1	5,4
Brasil	20,5	34,4	67,6	3,5	4,6
Alemanha	28,4	31,1	9,8	4,9	4,2
Fed. Russa	32,3	30,5	-5,4	5,5	4,1
França	25,7	24,6	-4,6	4,4	3,3
Nova Zelândia	12,2	18,9	54,3	2,1	2,5
Turquia	9,8	18,2	86,1	1,7	2,4
Paquistão	25,6	17,2	-32,8	4,4	2,3
Subtotal	322,5	442,3	37,1	55,4	59,2
Outros países	259,5	304,4	17,3	44,6	40,8
Total Mundial	582,0	746,7	28,3	100,0	100,0

Fonte: Faostat. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QL/S>>. Acesso em: ago. 2015.

Segundo dados preliminares de maio de 2015, a produção mundial segue sua trajetória de crescimento. A produção de 2014 está estimada com um crescimento de 3,05% sobre a de 2013, e a de 2015 projetada com um crescimento de 2% sobre a estimativa de 2014. Considerando a produção mundial de 2013 utilizada nas tabelas anteriores (746,7 bilhões de quilos), isso significaria 769,5 bilhões de quilos em 2014 e 784,9 bilhões de quilos em 2015. A Ásia é a principal responsável por essas projeções de aumento, mas a produção deve aumentar em todos os continentes e na maioria dos países exportadores.

<sup>(1)</sup> Embora a Turquia seja um país euro-asiático, a FAO inclui seus dados de produção leiteira apenas no Continente Asiático.

A FAO projeta também ampliação no comércio mundial de lácteos. As exportações mundiais são bastante concentradas na Nova Zelândia, na União Europeia e nos EUA, que em 2014 responderam por 65,7% do total mundial (Tabela 4).

**Tabela 4/I. Exportação mundial de lácteos segundo os principais exportadores – 2011/13-2015**

(bilhões de kg)

País/Bloco	Média 2011-13	Estimativa 2014	Prognóstico 2015	Partic. em 2014 (%)
Nova Zelândia	17,093	19,138	19,852	26,5
União Europeia	15,948	17,727	18,679	24,6
EUA	9,161	10,556	10,662	14,6
Belarus	3,555	4,356	4,394	6,0
Austrália	3,633	3,462	3,652	4,8
Argentina	2,598	2,144	2,021	3,0
Arábia Saudita	1,551	1,199	1,169	1,7
Uruguai	1,286	1,180	1,145	1,6
Ucrânia	0,919	0,777	0,803	1,1
Outros países	9,632	11,643	11,741	16,1
<b>Mundo</b>	<b>65,376</b>	<b>72,182</b>	<b>74,118</b>	<b>100</b>

Fonte: FAO – Food Outlook (maio de 2015).

As importações mundiais são pulverizadas por mais compradores. Embora a China se destaque com quase 20% das importações mundiais, é necessária a soma das compras dos 15 principais importadores para alcançar pouco mais de 63% do total mundial (Tabela 5).

**Tabela 5/I. Importação mundial de lácteos, segundo os principais importadores – 2011/13-2015**

(bilhões de kg)

País/Bloco	Média 2011-13	Estimativa 2014	Prognóstico 2015	Partic. em 2014 (%)
China	9,981	13,186	13,933	19,2
Federação Russa	4,424	3,736	3,398	5,4
Arábia Saudita	2,455	3,143	3,316	4,6
Argélia	2,506	3,115	3,298	4,5
México	2,946	2,861	2,927	4,2
Indonésia	2,499	2,530	2,577	3,7
Malásia	1,662	2,086	2,250	3,0
Singapura	1,722	1,865	1,878	2,7
Japão	1,712	1,815	1,811	2,6
EUA	1,422	1,657	1,622	2,4
Filipinas	1,716	1,580	1,707	2,3
União Europeia	1,378	1,576	1,552	2,3
Tailândia	1,379	1,477	1,586	2,2
Venezuela	1,536	1,447	1,557	2,1
Egito	1,650	1,378	1,424	2,0
Outros países	23,574	25,243	25,790	36,7
<b>Mundo</b>	<b>62,572</b>	<b>68,692</b>	<b>70,626</b>	<b>100</b>

Fonte: FAO – Food Outlook (maio de 2015).

Parte da recente ampliação do comércio mundial é explicada pelo forte declínio dos preços internacionais, mas o que tem sido verificado ao longo dos anos é que sua expansão tem sido sensivelmente maior do que a observada na produção mundial. Com isso surgem novas oportunidades para países que geram ou podem gerar excedentes de produção.

## Produção, importação e exportação brasileiras

Como mostrado nas tabelas anteriores, o Brasil é o quarto produtor mundial de leite. Os dados do IBGE, embora diferentes dos divulgados pela FAO, confirmam que a produção leiteira brasileira tem crescido a taxas bem maiores que as verificadas mundialmente, o que só faz aumentar a sua participação na produção mundial.

Embora tenha havido crescimento na produção de todas as grandes regiões brasileiras, a região Sul se destaca das demais. Entre 2000 e 2013 a produção dessa região cresceu 140,1%, muito acima do que se observou nas demais grandes regiões, ampliando de 24,8% para 34,4% sua participação na produção brasileira (Tabela 6). É bem provável que, quando disponibilizados, os dados de 2014 mostrem a região Sul como a maior produtora do Brasil, superando a região Sudeste.

**Tabela 6/I. Leite – Produção por grandes regiões e do Brasil – 2000 e 2013**

Região	(bilhões de litros)		Var. 2000 a 2013 (%)	Participação (%)	
	2000	2013		2000	2013
Sudeste	8,574	12,020	40,2	43,4	35,1
Sul	4,904	11,774	140,1	24,8	34,4
Centro-Oeste	3,080	5,016	62,9	15,6	14,6
Nordeste	2,159	3,598	66,6	10,9	10,5
Norte	1,050	1,846	75,9	5,3	5,4
<b>Brasil</b>	<b>19,767</b>	<b>34,255</b>	<b>73,3</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal.

No âmbito dos estados também são observadas taxas de crescimento bastante variáveis. Entre os 10 maiores produtores ganham destaque as taxas de crescimento dos três estados da região Sul e de Rondônia, o discreto crescimento da produção do Rio de Janeiro e a redução da produção de São Paulo (Tabela 7).

**Tabela 7/I. Leite – Produção dos principais estados e do Brasil – 2000 e 2013**

Estado	(bilhões de L)		Var. 2000 a 2013 (%)	Participação (%)	
	2000	2013		2000	2013
MG	5,865	9,309	58,7	29,7	27,2
RS	2,102	4,509	114,5	10,6	13,2
PR	1,799	4,347	141,6	9,1	12,7
GO	2,194	3,777	72,2	11,1	11,0
SC	1,003	2,918	190,9	5,1	8,5
SP	1,861	1,676	-9,9	9,4	4,9
BA	0,725	1,163	60,4	3,7	3,4
RO	0,422	0,920	118,0	2,1	2,7
MT	0,423	0,682	61,2	2,1	2,0
RJ	0,469	0,569	21,3	2,4	1,7
Subtotal	16,863	29,870	77,1	85,3	87,2
Outros	2,904	4,385	51,0	14,7	12,8
<b>Brasil</b>	<b>19,767</b>	<b>34,255</b>	<b>73,3</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal.

O IBGE ainda não divulgou os dados relativos à produção total de 2014. Entretanto, é bastante provável que a produção nacional siga a trajetória de crescimento dos últimos anos (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Leite - Produção dos principais estados e do Brasil – 2009-13**

(bilhões de L)					
UF	2009	2010	2011	2012	2013
MG	7,931	8,388	8,756	8,906	9,309
RS	3,4	3,634	3,879	4,049	4,509
PR	3,339	3,596	3,816	3,969	4,347
GO	3,003	3,194	3,482	3,546	3,777
SC	2,218	2,381	2,531	2,718	2,918
SP	1,584	1,606	1,601	1,69	1,676
BA	1,182	1,239	1,181	1,079	1,163
RO	0,747	0,803	0,707	0,717	0,92
MT	0,681	0,708	0,743	0,722	0,682
PE	0,788	0,877	0,953	0,609	0,562
Subtotal	24,873	26,426	27,65	28,005	29,863
Outras	4,212	4,29	4,446	4,299	4,392
<b>Brasil</b>	<b>29,085</b>	<b>30,715</b>	<b>32,096</b>	<b>32,304</b>	<b>34,255</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal.

O fato de em 2014 a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas ter sido 5,1% maior que em 2013 (Tabela 9) é um indicativo de que a produção total também crescerá de maneira sensível.

**Tabela 9/I. Leite – Quantidade adquirida<sup>(1)</sup> pelas indústrias inspecionadas – BR e principais UFs – 2010-14**

(bilhões de L)					
UF	2010	2011	2012	2013	2014
Minas Gerais	5,606	5,649	5,547	6,171	6,590
Rio Grande do Sul	2,978	3,196	3,552	3,460	3,431
Paraná	2,350	2,430	2,589	2,818	2,972
Goiás	2,304	2,237	2,291	2,446	2,685
São Paulo	2,316	2,515	2,332	2,532	2,525
Santa Catarina	1,580	1,796	2,104	2,118	2,340
Rondônia	0,793	0,783	0,769	0,782	0,760
Mato Grosso	0,511	0,543	0,584	0,595	0,618
Rio de Janeiro	0,315	0,327	0,387	0,496	0,512
Bahia	0,381	0,409	0,331	0,327	0,364
Outras UF	1,841	1,911	1,852	1,808	1,952
<b>Brasil</b>	<b>20,976</b>	<b>21,795</b>	<b>22,338</b>	<b>23,553</b>	<b>24,747</b>

<sup>(1)</sup> Os dados da Pesquisa Trimestral do Leite são relativos à compra de leite cru ou resfriado pelas indústrias inspecionadas, independentemente da origem do leite. Isso explica situações como a de São Paulo, onde a quantidade de leite adquirida pelas indústrias inspecionadas é maior do que a produção total (ver Tabelas 7 e 9).

Fonte: IBGE – Pesquisa trimestral do leite.

No que diz respeito à balança comercial brasileira de lácteos, de 2013 para 2014 houve expressiva redução do deficit brasileiro. Isso decorreu tanto do decréscimo das importações quanto, e especialmente, do aumento das exportações, que foram recordes nos anos recentes. No caso das exportações, destaca-se que, de 2013 para 2014, o crescimento do valor foi de 254,3%, enquanto o da quantidade foi de 118% (Tabela 10).

Tabela 10/I. Balança comercial brasileira de lácteos – 2010-14 e janeiro a julho de 2011-15

Ano	Importação		Exportação		Saldo	
	(mil t)	(milhões US\$)	(mil t)	(milhões US\$)	(mil t)	(milhões US\$)
2010	112,0	327,0	53,6	131,6	-58,4	-195,3
2011	165,4	604,9	37,6	97,3	-127,8	-507,6
2012	179,4	627,9	38,4	92,3	-141,0	-535,6
2013	157,3	585,7	38,4	93,8	-119,0	-491,9
2014	106,8	438,7	83,7	332,4	-23,1	-106,2
Var. 2013-14 (%)	-32,1	-25,1	118,0	254,3	-	-
Até jul./2011	84,4	314,4	20,1	52,1	-64,3	-262,3
Até jul./2012	98,4	351,0	21,1	52,2	-77,3	-298,7
Até jul./2013	86,4	300,6	22,9	54,8	-63,5	-245,8
Até jul./2014	58,7	246,3	49,8	193,1	-8,9	-53,2
Até jul./2015	76,0	246,9	35,5	143,2	-40,5	-103,8
Var. % Até jul/2014 e 2015	29,4	0,3	-28,7	-25,9	-	-

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

As importações brasileiras são especialmente da Argentina e do Uruguai. Em 2014, a Argentina representou 52,2% e o Uruguai 28,3% do valor total de lácteos importados pelo Brasil (Tabela 11). Nos sete primeiros meses de 2015 houve inversão de posições; o Uruguai representou 45,6% e a Argentina 41,2% do valor total.

Tabela 11/I. Importação brasileira de lácteos segundo as principais origens – 2013 e 2014

País	(mil t)		(milhões de US\$)	
	2013	2014	2013	2014
Argentina	72,9	62,3	278,3	229,0
Uruguai	65,0	32,7	215,3	124,3
Chile	4,3	3,5	18,5	15,2
EUA	3,9	1,9	16,7	14,0
Holanda	1,0	1,4	9,1	13,2
Nova Zelândia	1,1	1,3	8,0	12,5
França	3,4	1,7	20,6	11,3
Canadá	1,0	1,1	6,5	9,2
Itália	0,6	0,5	5,8	5,2
Alemanha	0,2	0,2	1,5	1,7
Subtotal	153,5	106,5	580,3	435,7
Outros	3,9	0,3	5,4	3,0
<b>Total</b>	<b>157,3</b>	<b>106,8</b>	<b>585,7</b>	<b>438,7</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

Nas exportações, o principal mercado é a Venezuela, com 56,1% do valor de 2014 (Tabela 12). Nos sete primeiros meses de 2015, essa participação foi ainda mais significativa: a Venezuela respondeu por 70,9% do valor total. Esse aumento mostra, por um lado, o crescimento da importância desse mercado para o Brasil, e por outro, a necessidade de buscar alternativas que evitem essa dependência, que, diante de qualquer percalço, pode comprometer significativamente as vendas externas.

**Tabela 12/I. Exportação brasileira de lácteos para os dez maiores compradores – 2013 e 2014**

País	(mil t)		(milhões de US\$)	
	2013	2014	2013	2014
Venezuela	7,9	39,5	18,1	186,6
Argélia	0,1	7,9	0,6	39,2
Arábia Saudita	5,4	5,1	11,8	12,4
Egito	0,0	3,1	0,0	12,1
Angola	5,1	5,0	11,3	12,0
Cuba	0,0	2,0	0,0	9,8
Emir. Árabes Unidos	2,4	2,6	6,2	7,4
Trinidad e Tobago	2,2	2,5	4,9	6,0
Filipinas	2,9	2,2	6,3	5,3
Chile	1,2	1,1	4,7	4,4
Subtotal	27,2	71,1	63,9	295,3
Outros	11,2	12,6	29,9	37,1
<b>Total</b>	<b>38,4</b>	<b>83,7</b>	<b>93,8</b>	<b>332,4</b>

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

## Produção catarinense

Em Santa Catarina, a produção de leite segue uma trajetória de crescimento sensível e constante, aumentando a taxas bem superiores às taxas mundial e brasileira. No período de 2000 a 2013, o crescimento de 190,9% de sua produção foi muito acima dos percentuais dos 10 estados maiores produtores e dos 73,3% do País. Com isso, ao longo desse período, mais exatamente a partir de 2007, Santa Catarina passou a ocupar a posição de quinto produtor nacional. Em 2013, o Estado respondeu por 8,5% da produção brasileira, participação muito acima dos 5,1% do ano 2000, quando ainda tinha produção bem inferior à do estado de São Paulo (Tabela 7, acima).

O aumento da produção foi bastante variado entre as mesorregiões geográficas do Estado. No período considerado, destacam-se as taxas de crescimento das mesorregiões Oeste e Sul (Tabela 13).

**Tabela 13/I. Leite – Produção por mesorregião de Santa Catarina – 2000 e 2013**

Mesorregião	(Milhões de litros)		Var. 2000-13 (%)	Participação (%)	
	2000	2013		2000	2013
Oeste	602,8	2.146,9	256,2	60,1	73,6
Sul	79,5	257,4	223,8	7,9	8,8
Vale do Itajaí	160,1	253,9	58,5	16,0	8,7
Norte	74,1	111,6	50,7	7,4	3,8
Serrana	54,2	81,5	50,5	5,4	2,8
Grande Florianópolis	32,4	67,0	106,6	3,2	2,3
<b>SC</b>	<b>1.003,1</b>	<b>2.918,3</b>	<b>190,9</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal.

Segundo o IBGE, de 2012 para 2013 a produção estadual aumentou 7,4%. Apesar de esse percentual ser aceitável como variação da produção total, é curioso ver como as produções das meso e microrregiões têm variações poucos aceitáveis tanto para mais quanto para menos (Tabela 14). Isso reflete muito mais problema com os dados do que o comportamento efetivo da produção. Ao analisar os dados de pesquisas mais estruturais, como os censos agropecuários e de pesquisas sistemáticas, como a Pesquisa Trimestral do Leite, também do IBGE, fica evidente que os dados da produção brasileira e catarinense (além da de vários outros estados) podem estar bem acima dos níveis reais.



Tabela 14/I. Leite – Produção de Santa Catarina, segundo as meso e microrregiões – 2009-13

(milhões de L)

Micro e mesorregião geográfica	2009	2010	2011	2012	2013
São Miguel do Oeste	424,2	447,6	503,6	558,9	606,7
Chapecó	579,0	638,0	656,4	695,4	752,4
Xanxerê	218,4	236,5	237,5	254,0	286,2
Joaçaba	137,6	149,4	157,7	149,9	144,8
Concórdia	239,8	270,7	291,5	349,5	356,8
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>1.599,0</b>	<b>1.742,3</b>	<b>1.846,7</b>	<b>2.007,7</b>	<b>2.146,9</b>
Canoinhas	47,9	48,6	50,4	54,5	74,5
São Bento do Sul	5,5	5,4	5,4	6,0	5,8
Joinville	28,1	27,6	26,5	23,4	31,4
<b>Norte Catarinense</b>	<b>81,6</b>	<b>81,6</b>	<b>82,3</b>	<b>83,9</b>	<b>111,6</b>
Curitibanos	34,3	34,7	37,5	36,7	34,5
Campos de Lages	66,2	90,2	113,4	113,8	47,0
<b>Serrana</b>	<b>100,4</b>	<b>124,8</b>	<b>150,9</b>	<b>150,5</b>	<b>81,5</b>
Rio do Sul	120,2	108,1	112,3	116,1	127,3
Blumenau	30,7	37,1	30,9	29,4	29,5
Itajaí	8,7	31,2	33,5	38,0	41,2
Ituporanga	45,9	40,9	46,2	53,0	55,9
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>205,6</b>	<b>217,3</b>	<b>222,9</b>	<b>236,5</b>	<b>253,9</b>
Tijucas	15,4	14,8	15,8	16,5	16,3
Florianópolis	20,5	20,0	21,0	22,9	30,5
Tabuleiro	16,3	16,8	17,9	19,1	20,2
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>52,2</b>	<b>51,6</b>	<b>54,6</b>	<b>58,6</b>	<b>67,0</b>
Tubarão	147,1	131,5	141,0	145,5	158,8
Criciúma	27,6	27,4	28,1	28,1	84,8
Araranguá	4,3	4,6	4,7	7,0	13,7
<b>Sul Catarinense</b>	<b>179,0</b>	<b>163,5</b>	<b>173,7</b>	<b>180,6</b>	<b>257,4</b>
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.217,8</b>	<b>2.381,1</b>	<b>2.531,2</b>	<b>2.717,7</b>	<b>2.918,3</b>

Fonte: IBGE – Pesquisa pecuária municipal.

Isso não significa que a produção brasileira de leite não tenha crescido em taxas bem superiores às do crescimento populacional, o que, conseqüentemente, fez aumentar substancialmente a disponibilidade de leite per capita. Entre 2004 e 2014, considerando apenas a produção adquirida pelas indústrias inspecionadas (Tabela 9), saltou de 80 para 122 litros/per capita/ano (Tabela 8).

Isso não necessariamente significou problemas de preço aos produtores. Mesmo com o decréscimo (em termos reais) de 2013 para 2014 e de 2014 para os sete primeiros meses de 2015, em geral, os preços estiveram em patamares satisfatórios para boa parte dos produtores (Tabela 15).

Com isso, a expectativa para 2015 era de continuidade do crescimento da produção catarinense. Entretanto, com um inverno muito quente e com falta de chuva em níveis adequados em algumas regiões (prejudicando as pastagens de inverno) e a tendência de excesso de chuva no período da primavera/verão (ver análise climática, que informa 2015 como ano de El Niño e a expectativa de volumes de chuva maiores que o normal), não se descarta a possibilidade de um crescimento discreto ou até alguma redução na produção estadual de 2015.

**Tabela 15/I. Leite – Preço nominal médio aos produtores de Santa Catarina – 2011-15**

(R\$/L na indústria)

Mês	2011	2012	2013	2014	2015
Janeiro	0,66	0,76	0,78	0,91	0,81
Fevereiro	0,65	0,78	0,81	0,90	0,79
Março	0,66	0,77	0,81	0,90	0,80
Abril	0,68	0,77	0,83	0,95	0,85
Mai	0,73	0,77	0,86	0,98	0,91
Junho	0,77	0,75	0,89	1,00	0,94
Julho	0,77	0,74	0,93	0,99	0,96
Agosto	0,78	0,75	0,96	0,99	-
Setembro	0,79	0,76	0,99	0,97	-
Outubro	0,81	0,76	1,00	0,95	-
Novembro	0,79	0,77	1,00	0,89	-
Dezembro	0,77	0,78	0,97	0,85	-
<b>Média</b>	<b>0,74</b>	<b>0,76</b>	<b>0,90</b>	<b>0,94</b>	<b>0,87</b>

Nota: Média aritmética simples dos preços diários mais comuns nas principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Desempenho da aquicultura catarinense

### Piscicultura de água-doce

Fernando Soares Silveira – Oceanógrafo – Epagri/Cedap – fernando@epagri.sc.gov.br;  
Fabiano Müller Silva – Eng. agr. – Epagri/Cedap – fabiano@epagri.sc.gov.br;  
André Torquato Novaes – Eng. agr. – Epagri/Cedap – novaes@epagri.sc.gov.br;  
Alex Alves dos Santos – Eng. agr. – Epagri/Cedap – alex@epagri.sc.gov.br

### A aquicultura e a pesca extrativa mundial<sup>1</sup>

Segundo a FAO, a aquicultura mundial (cultivo de ostras, mexilhões, camarões, peixes, algas etc.) tem crescido mais do que a pesca extrativa. Há vários anos, com pequenas variações, a captura da pesca se estabilizou no patamar dos 90 milhões de toneladas. O principal motivo disso é a “sobrepesca”, que tem comprometido a capacidade de reposição natural dos estoques pesqueiros. Assim, mesmo com maior “esforço de pesca” (mais barcos, mais redes, mais homens, etc.), as capturas não aumentam de forma significativa.

A aquicultura, por sua vez, está em franca evolução, e a projeção da FAO de que a produção da aquicultura ultrapassaria a produção da pesca apenas por volta de 2020 deve ser bem antecipada. Dados de 2014 referentes à safra 2012 mostram que a produção mundial da aquicultura e da pesca foi de 181,7 milhões de toneladas, sendo 90,4 milhões de toneladas (49,75%), da aquicultura e 91,3 milhões de toneladas (50,25%), da pesca. Assim, a previsão é que em não muito tempo o pescado para consumo humano será obtido principalmente da aquicultura, o que aliviará a pressão sobre os estoques naturais. No ritmo atual, em um ou dois anos a produção da aquicultura ultrapassará a da pesca extrativa. Segundo a FAO, a produção da piscicultura ocupa a primeira posição em relação às demais atividades da aquicultura (moluscos, crustáceos, algas, etc.).

### Piscicultura de água doce no Brasil e em Santa Catarina

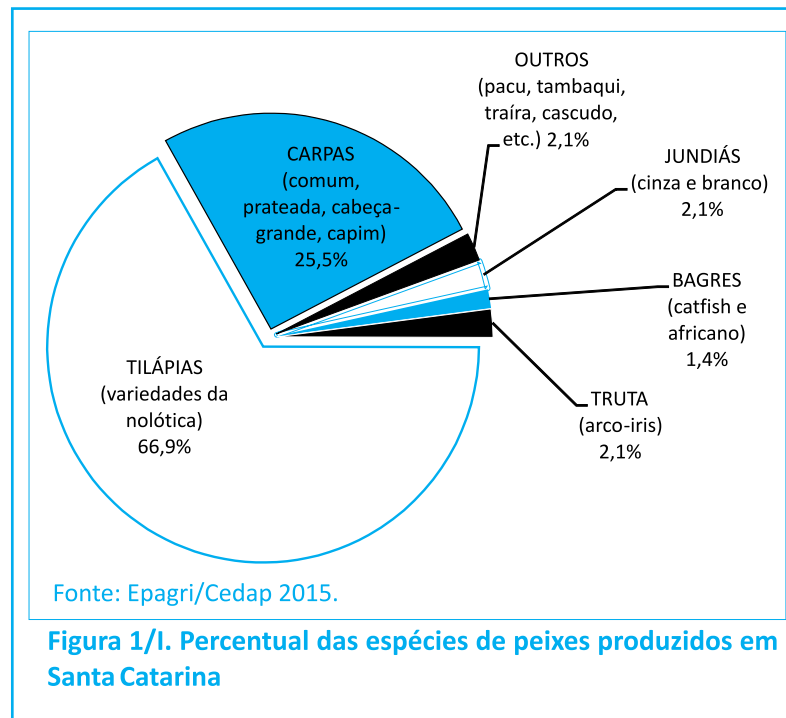
No Brasil, segundo dados de 2014 do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), alguns estados se destacam na produção de peixes de água doce, tais como Paraná, Ceará, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

A piscicultura catarinense tem algumas características que a distinguem da de outros estados. Uma delas é a forma de alimentar os peixes durante o cultivo. Em termos alimentares, existem diversas maneiras de criar peixes, algumas com maior custo para produzir do que outras. Entre as diversas tecnologias praticadas em Santa Catarina pode-se dizer que existem três maneiras de criar peixes: 1) alimentando-os somente com rações balanceadas é a forma de cultivo de maior custo de produção entre todas, mas a mais produtiva e rápida, sendo viável conforme o mercado comprador. No momento, existe uma parcela considerável de produtores utilizando essa técnica no Estado; 2) alimentando-os com alimentos naturais na fase inicial da criação e rações balanceadas apenas no final (últimos 2 a 3 meses). Demora um pouco mais para finalizar do que a anterior, mas seu custo de produção é aproximadamente 25% a 30% menor do que aquela, o que atrai e mantém muitos adeptos no Estado; 3) alimentando-os unicamente com alimentos naturais durante todo o cultivo. Produz menos, demora mais para ficar pronto, mas é a que tem o menor custo de produção, com mais de 50% de diferença para a arraçoada (só ração). Isso a torna a escolhida por quem não consegue bancar os custos de um cultivo arraçoado, ou seu mercado paga preços baixos. As técnicas que utilizam alimentos naturais só são praticadas aqui em Santa Catarina.

<sup>(1)</sup> Os dados e as informações relativos à aquicultura e à pesca extrativa mundial foram retirados do documento da FAO El estado mundial de la pesca y la acuicultura 2014: Oportunidades y desafíos (<http://www.fao.org/fishery/sofia/es>).

Uma característica do Estado é ter inverno com frio bastante acentuado, principalmente nas regiões altas. Tal característica limita a produção de diversas espécies de peixes nessas áreas, como a tilápia, que atualmente é o principal produto da piscicultura nacional e estadual, mas sua produção fica limitada ou inviabilizada em locais com baixas temperaturas. No entanto, nas regiões mais baixas do Estado a tilápia é produzida durante todo o ano e em boa quantidade.

Outra implicação dos períodos frios é que, enquanto nas regiões quentes do Brasil se encontram alevinos (filhotes) praticamente durante o ano todo, aqui a produção fica restrita apenas ao período de verão, o que se reflete no número possível de engordas anuais. Mesmo assim, Santa Catarina consegue produzir grande variedade e quantidade de peixes (Figura 1)<sup>(2)</sup>.



Os períodos frios geram, ainda, problemas de sazonalidade, ou seja, refletem-se na questão de mercado. Todos os produtores têm o peixe pronto na mesma época (verão), o que faz cair o preço devido à abundância de oferta naquele período. Então, o fator climático será sempre um empecilho para o desenvolvimento da atividade no Estado.

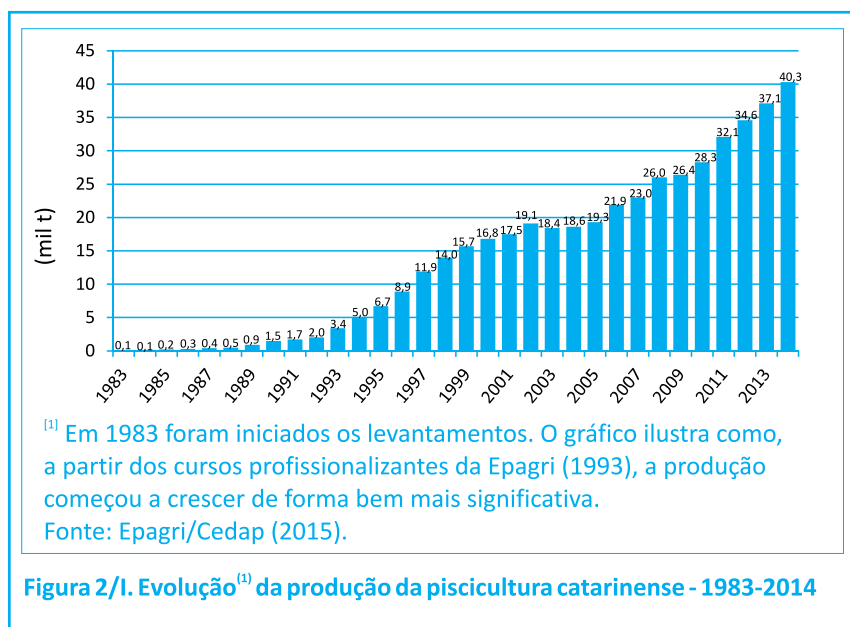
A topografia declivosa também distingue Santa Catarina de alguns estados brasileiros de topografia bem mais plana, o que facilita a construção de grande número de viveiros. Devido aos terrenos “quebrados”, os produtores catarinenses têm dificuldade de encontrar áreas planas o suficiente para construir viveiros. Na maioria das propriedades, a área ocupada pela piscicultura não ultrapassa dois ou três hectares por falta de terrenos planos. Financeiramente, tal fato relega a atividade como “complementar” e não como a principal, diferentemente de outras regiões. No entanto, a grande vantagem catarinense é o volume hídrico. Aqui chove proporcionalmente durante o ano todo, permitindo o desenvolvimento dos cultivos sem grandes problemas de falta d’água.

## Produção, valores e tendências de mercado

A produção de peixes em Santa Catarina é levantada anualmente pela Epagri. Os dados são obtidos nos 295 municípios do Estado. Em cada um deles existe um Escritório Local da empresa. Tal permeabilidade permite levantar a produção com uma aproximação bastante razoável, e também separar os produtores

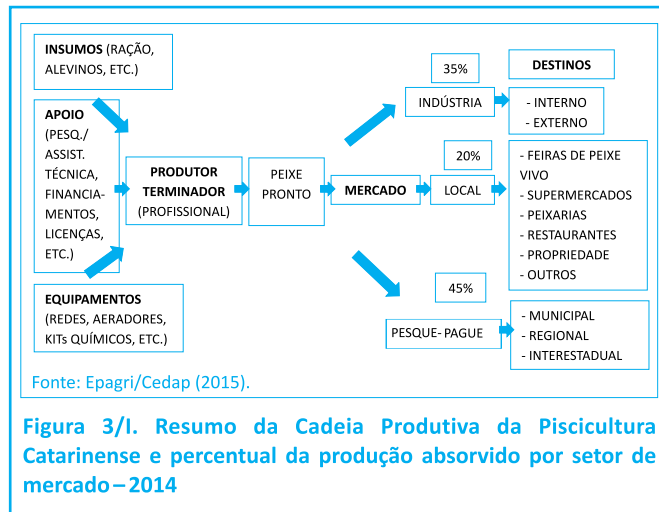
<sup>(2)</sup> A produção de jundiás está separada da dos demais bagres para destacar a recente importância que vem adquirindo. Após o domínio, em 2006, pela Epagri, de sua biologia reprodutiva e dos manejos de cultivo, a produção tem aumentado aceleradamente, igualando-se a algumas espécies mais “antigas”.

por categoria. Conforme a forma de trabalho, o produtor pode ser classificado como amador (produção para lazer e venda eventual) ou comercial (venda sistemática e regular). Dessa forma, os dados já chegam separados por categoria. Existe um total de 29.926 produtores no Estado, dos quais 26.493 são amadores e apenas 3.433 são comerciais/profissionais. No ano de 2014 foram produzidas, por ambas as categorias, 40.324 toneladas de peixes, sendo 15.613 toneladas oriundas dos amadores e 24.709 toneladas dos comerciais (Figura 2). Embora estejam em menor número, os profissionais se destacam com uma produção bem maior (61% do total) em relação aos amadores (38%) por se manterem atualizados com novas tecnologias adquiridas, principalmente, em cursos ou reuniões de associações.



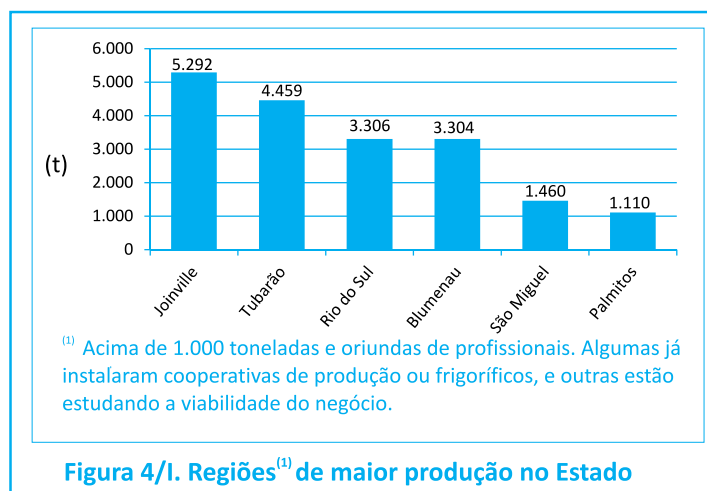
Os dois principais mercados atacadistas no Estado para os produtores que engordam peixes são as indústrias e os pesque-pague. Cada um absorve grande volume de matéria-prima. Um terceiro mercado é o chamado mercado local (restaurantes, peixarias, na própria propriedade etc.), considerado varejo por vender baixos volumes a cada vez. Até o levantamento de 2013, a participação de cada um desses mercados no segmento era: 30% para as indústrias, 50% para os pesque-pague e 20% para o mercado local, números estabilizados já há algum tempo. No entanto, no levantamento de 2014 foi possível perceber uma leve tendência dos produtores a entregar os peixes para as indústrias e abatedouros em detrimento dos pesque-pague, até então os principais compradores atacadistas. Dessa forma, a quantidade de peixes absorvida por cada mercado ficou assim distribuída: 35% para as indústrias/abatedouros; 45% para os pesque-pague e mantendo-se em 20% para o mercado local (Figura 3).

Entre os mercados atacadistas, os pesque-pague pagam entre 10% e 15% a mais pelo quilograma do peixe, tendo por isso a preferência do produtor. Contudo, no momento, há uma tendência dos produtores a direcionar suas entregas para as indústrias. Os principais motivos são: compram peixes menores (menos tempo de cultivo e, por conseguinte, menores custos); compram todos os peixes de uma vez só (os pesque-pague compram em parcelas, precisando que o produtor realize várias despesas anuais, elevando os custos); reduzido número de pesque-pague no Estado para absorver o crescente aumento da produção (atualmente constam apenas 115 pesque-pague nos registros da Epagri, embora na realidade exista um pouco mais). A indústria não tem limites de compras; pelo contrário, queixa-se da falta de matéria-prima. Além disso, tem pago um pouco a mais pelo quilograma do peixe, atraindo um número maior de fornecedores. Já o mercado local é muito instável, com variação de preços acentuada de região para região, e também com preços que dependem das festividades tradicionais (Páscoa, por exemplo). Existem regiões que cobram preços maiores do que qualquer outro mercado nas épocas festivas e têm dificuldade para vender nos demais períodos. Essa instabilidade e os preços altos reduzem o volume de vendas para uma parcela restrita de público.



Em termos financeiros, se forem desconsiderados valores pecuniários pela produção dos piscicultores amadores, as 24.709 toneladas de peixes produzidas somente pelos piscicultores comerciais/profissionais geraram aproximadamente R\$182 milhões diretamente para os mesmos, considerando os seguintes valores médios: R\$3,75/kg obtidos pelos 35% da produção vendidos para a indústria; R\$4,00/kg obtidos pela venda dos 45% para os pesque-pague; e R\$7,00/kg obtidos pelos 20% vendidos no mercado local. A renda total retorna ao Estado na forma de impostos, bens de comércio e serviços, além de gerar alimento e empregos.

Outra tendência é a instalação de cooperativas de produção/abate de peixes, possibilitando a seus membros obter uma margem de lucro mais elevada. Em algumas regiões com boa produção (Figura 4), os produtores organizados em associações estão se encaminhando cada vez mais para esse sistema de vendas (as associações não podem comercializar). Algumas regiões já instalaram a estrutura produtiva/abate, e outras ainda estão em fase de estudos para a implantação. A procura por mercados mais estáveis tem feito com que os produtores comerciais busquem entidades organizadas como forma de viabilizar suas criações.



Uma terceira tendência é a instalação de frigoríficos especializados em abate de peixes de água doce, sejam de grande ou pequeno porte. Normalmente, são empresários que tomam a dianteira, e o número de abatedouros tem crescido. Todavia, os estudos necessários para saber da viabilidade econômica do empreendimento nem sempre são bem feitos e têm levado ao fechamento de vários frigoríficos, ou eles têm tido constantes problemas de caixa. A falta de matéria-prima tem sido o principal fator. Mas, se isso for bem equacionado, tal tipo de negócio tem boas chances de se manter, a exemplo dos já existentes há muitos anos em diferentes pontos do Estado. Estima-se que o conjunto de tendências citadas acima seja de longo prazo.

Essa é a piscicultura de água doce realizada por Santa Catarina, com suas virtudes e problemas, mas avançando gradualmente.

## Maricultura<sup>3</sup>

Alex Alves dos Santos - Eng. agr. – Epagri/Cedap – alex@epagri.sc.gov.br;

Sergio Winckler da Costa – Oceanógrafo – Epagri/Cedap – winckler@epagri.sc.gov.br

### Produção<sup>4</sup> e mercado estaduais

A produção total de moluscos (mexilhões, ostras e vieiras) comercializados em 2014 por Santa Catarina foi de 21.554 toneladas (t), representando um aumento de 12,95% em relação a 2013 (Tabela 1).

Tabela 1/I. Moluscos – Evolução da produção de Santa Catarina de 2009/14

Molusco	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Mexilhões	10.663	13.722	15.965	21.027	16.147	17.853
Ostras	1.792	1.908	2.285	2.468	2.932	3.670
Vieiras	5,4	5,2	3,8	5,6	28,7	30,2
<b>Total</b>	<b>12.462</b>	<b>15.635</b>	<b>18.253</b>	<b>23.495</b>	<b>19.082</b>	<b>21.554</b>

Fonte: Epagri/Cedap.

Atuou diretamente na produção um contingente de 610 maricultores, representando um aumento de 3,56% em relação a 2013 (589 maricultores). Os produtores estão organizados em 21 associações municipais e 1 estadual, 1 cooperativa e 2 federações, distribuídos em 12 municípios do litoral, compreendidos entre Palhoça e São Francisco do Sul. O número total de trabalhadores envolvidos diretamente na cadeia produtiva de moluscos é 3.388 pessoas.

Esta safra apresentou mortalidade de verão maior do que a média histórica, durante os meses de fevereiro e março, principalmente nos municípios de Porto Belo, Governador Celso Ramos, Biguaçu, São José, Florianópolis e Palhoça. Tal fato foi motivo de diversas matérias na mídia, e as investigações decorrentes indicaram que a melhor hipótese para explicar o fenômeno estava relacionada a fatores ambientais adversos. Análises microbiológicas de mexilhões e testes de biologia molecular em berbigões descartaram a ação de patologias e agentes infecciosos, mas constataram alta debilidade fisiológica em mexilhões.

Apesar de não haver monitoramento da qualidade da água referente a salinidade e turbidez, a convergência de três fatores ambientais combinados – excesso de chuvas + altas temperaturas da água + alta concentração de sólidos suspensos na água causada pelo arrasto do sedimento do fundo dos rios que chegam às baías – apontados pela Nota Meteorológica da Epagri, pode explicar a mortalidade dos moluscos por estresse fisiológico e obstrução das brânquias pelo excesso de sedimento. O fato de a mortalidade verificada ter atingido mais de uma espécie e não ser pontual, mas distribuídas por diversos municípios, reforça a tese de que o agente causador é o ambiente.

Apesar de Santa Catarina liderar o ranking da produção nacional de moluscos, apenas 30,24% da capacidade total dos parques aquícolas já licitados está sendo explorada, sendo que o potencial de produção é de 71.256,9t/ano, área que ainda poderá ser ampliada com a nova licitação que está sendo esperada ainda para 2015.

<sup>(3)</sup> Esta análise é a mesma publicada na Síntese Informativa da Maricultura 2014, com algumas alterações de forma, particularmente a troca de gráficos por tabelas, e arredondamentos de números.

<sup>(4)</sup> As informações quantitativas foram coletadas pelos extensionistas dos seguintes Escritórios Municipais da Epagri: Palhoça (Milton Francisco de Quadros), Florianópolis e São José (Sérgio Stedile), Biguaçu (Rafael Marçal), Governador Celso Ramos (Fabiani Sokoloski), Porto Belo e Balneário Camboriú (Romilto Poluceno), Itapema (Wilmar Benjamin Schmitt), Bombinhas (Hugo Mazon e Ricardo Arno da Silva), Penha (Philippe Medeiros da Costa), Itajaí (Everton Dellagiustina), Balneário Barra do Sul (José Eduardo Calcinoni) e São Francisco do Sul (Edir Tedesco).

## Mexilhões

A comercialização de mexilhões (*Perna perna*) na safra 2014 foi de 17.853t, representando um aumento de 10,57% em relação à safra 2013 (16.147t). Atuou na produção um total de 558 mitilicultores, 4,1% a mais que em 2013 (536 mitilicultores). O maior número de produtores está concentrado nos municípios de Palhoça (223), Governador Celso Ramos (90) e Bombinhas (80).

Os municípios que mais contribuíram para a produção total do Estado foram: Palhoça, com produção de 12.580t, representando aumento de 26,94% em relação à safra 2013 (9.910t); Bombinhas, com produção de 1.394t, representando diminuição de 20,28% (1.750t); Governador Celso Ramos, com produção de 1.300t, representando diminuição de 23,48% (1.699t); e Florianópolis, com produção de 1.006,1t, representando diminuição de 11% (1.133t).

Nos últimos 5 anos, os três municípios que se destacaram na produção de mexilhões (Palhoça, Bombinhas e Governador Celso Ramos) apresentaram estagnação ou redução da safra, o que está relacionado à indisponibilidade de sementes. A dependência do setor produtivo da captação natural de sementes através dos coletores artificiais fragiliza a produção e demonstra que há necessidade de migrar para novas tecnologias que sustentem e promovam o crescimento da cadeia produtiva de mexilhões em atendimento à demanda reprimida. O assentamento remoto de mexilhões é uma das respostas a essa realidade.

A Epagri, a UFSC e alguns produtores obtiveram bons resultados com o assentamento remoto de mexilhões e vislumbram que essa tecnologia permitirá maior produtividade, além do escalonamento e do planejamento da produção, promovendo o crescimento e consolidando essa cadeia produtiva.

## Ostras

A comercialização de ostras (*Crassostrea gigas*) na safra 2014 foi de 3.670,36t. Essa produção é o recorde estadual, representando aumento de 25,16% em relação à safra 2013 (2.932,5t). O número total de produtores de ostras no Estado aumentou 10,25%, passando de 117 para 129 ostreicultores. Desses, 55% estão em Florianópolis, 15,5% em São José (20) e 10,85% em Palhoça (14). Além disso, 81,4% estão localizados nas Baías Norte e Sul, o que mostra a importância dessa região para o Estado e, ao mesmo tempo, a fragilidade relacionada à concentração produtiva em uma única região.

Os municípios que mais contribuíram para a produção total do Estado foram: Florianópolis, com produção de 2.707,46t, representando um aumento de 33,17% em relação à safra 2013 (2.033t); Palhoça (576t) e São José (180,5t). Considerando que todos esses municípios fazem parte da Grande Florianópolis e localizam-se dentro das Baías Norte e Sul, equivale dizer que essas Baías são responsáveis por 94,37% (3.463,96t) da produção estadual de ostras cultivadas (3.670,36t). A comunidade do Ribeirão da Ilha, no município de Florianópolis, destaca-se como a maior produtora de ostras, com 2.256,8t, representando 83,4% da produção de Florianópolis e 61,48% da produção estadual.

## Vieiras

A comercialização de vieiras (*Nodipecten nodosus*) na safra 2014 foi de 30,2t, representando um aumento de 10,52% em relação à safra 2013 (28,7t). O Estado possui apenas 8 produtores, sendo 5 em Florianópolis e 3 no município de Penha. Esse número reduzido de produtores está relacionado a dois fatores: 1) Falta de capacitação dos produtores para manejar a vieira. Por ser um molusco de baixa rusticidade, as operações de manejo devem ser realizadas sempre dentro da água e preferencialmente com aeração; 2) A necessidade de áreas de cultivo com profundidades maiores que 10m, permitindo o deslocamento das lanternas ou dos long lines para camadas mais profundas da coluna d'água como estratégia para fugir da água doce durante os períodos chuvosos, que podem levar à alta mortalidade pela presença de água doce na superfície. Esses requisitos têm limitado o cultivo de vieiras no Estado apesar do alto preço



comercial desse molusco. O município de Florianópolis liderou a produção, com 20,2t, representando 66% da produção estadual, seguido por Penha (10t).

## Estimativa econômica da produção de moluscos

A estimativa econômica da comercialização de moluscos na concha está baseada nos preços médios praticados pelos produtores de Santa Catarina para o comércio de moluscos no varejo. O volume de produção de moluscos em 2014 proporcionou uma movimentação financeira bruta estimada em R\$70.084.887,20 para o Estado (Tabela 2), registrando um aumento de 26,41% em relação a 2013 (R\$55.441.700,00).

**Tabela 2/I. Estimativa de valor da produção de moluscos - Santa Catarina - 2014**

Molusco	Produção	Unidade	R\$/unidade	Valor total (R\$)
Mexilhões	17.954.000	Quilo	2,32	41.653.280,00
Ostras	3.670.360	Dúzia	7,52	27.601.107,20
Vieiras	30.200	Dúzia	27,5	830.500,00
<b>Total</b>				<b>70.084.887,20</b>

Nota: Conversão da quantidade de ostras de dúzias para toneladas tem como base de cálculo a relação uma dúzia = um quilograma. A conversão da quantidade de vieiras de unidades para toneladas tem como base de cálculo uma vieira (tamanho médio estimado de 7cm) = 80 gramas.

Fonte: Epagri/Cedap.

## Camarões

A produção estadual de camarões (*Litopenaeus vannamei*) cultivados foi de 180,45t, apresentando uma queda de 19,9% em relação a 2013. Atuou diretamente na produção um contingente de 7 produtores, 4 a menos que na safra de 2013, explorando uma área alagada de 74,9 hectares, 41,1 hectares a menos do que em 2013. Entre os municípios produtores, São Francisco do Sul apresentou a maior produção, com um volume de 136,4t, representando 75,61% da produção total, seguido por Balneário Barra do Sul e Imbituba. A estimativa econômica da comercialização de camarões praticados pelos produtores em Santa Catarina está baseada no preço médio de R\$18,00/kg, totalizando uma movimentação financeira bruta de R\$3.248.100,00.

# Desempenho do Setor Florestal

Luiz Toresan – Eng. agr., Dr. – Epagri/Cepa  
 toresan@epagri.sc.gov.br

## Produção e mercado mundiais

*A produção e o comércio mundial de produtos florestais se recuperam e superam os níveis pré-crise de 2008*

A produção e o consumo mundiais de madeira de uso industrial se recuperaram da forte queda provocada pela crise de 2008, atingindo o maior nível em 2014 (Tabela 1). Nos últimos quatro anos a produção mundial cresceu 7%, com os maiores crescimentos relativos apresentados pela Rússia, Indonésia, Brasil e Canadá, grandes produtores mundiais.

**Tabela 1/I. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial<sup>(1)</sup> segundo os principais países – 2010-14**

País	2010	2011	2012	2013	2014
	(mil m <sup>3</sup> )				
EUA	336.135	354.704	347.076	354.937	356.812
Rússia	161.595	175.625	177.455	180.379	188.300
China	161.810	160.928	159.562	168.681	168.681
Canadá	138.802	146.735	146.741	147.751	149.934
<b>Brasil</b>	<b>128.400</b>	<b>139.969</b>	<b>146.804</b>	<b>144.478</b>	<b>144.478</b>
Suécia	66.300	66.000	63.599	63.700	64.200
Indonésia	54.106	60.706	62.606	62.606	62.606
Índia	48.759	49.517	49.517	49.517	49.517
Finlândia	45.977	45.526	44.614	49.331	49.202
Alemanha	45.388	45.358	42.863	42.052	43.243
Demais países	514.832	523.484	527.638	536.496	551.101
<b>Total Mundial</b>	<b>1.702.102</b>	<b>1.768.553</b>	<b>1.768.475</b>	<b>1.799.929</b>	<b>1.828.072</b>

<sup>(1)</sup> Refere-se a toda madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, além de outros fins industriais.

Fonte: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: ago2015.

A produção mundial de celulose de mercado vem diminuindo ligeiramente nos últimos anos. De 2010 a 2014, dos dez países maiores produtores mundiais, apenas o Brasil, o Chile e a Indonésia apresentaram crescimento na produção (Tabela 2). A produção brasileira cresceu quase 18%, mantendo a tendência do País em expandir sua participação na produção e no comércio mundial dessa matéria-prima. Projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) mostram que essa tendência será mantida nos próximos dez anos, o que deve consolidar o País como um dos mais importantes atores no mercado internacional de celulose. Em relação à celulose de fibra curta, o Brasil é o principal fornecedor mundial, e nos próximos anos deverá ampliar ainda mais sua importância.

**Tabela 2/I. Produção mundial de celulose de mercado segundo os principais países – 2010-14**

País	2010	2011	2012	2013	2014
EUA	50.251	50.460	49.520	48.185	46.882
China	20.420	21.102	19.212	17.470	17.543
Canadá	18.576	17.782	17.189	17.293	17.001
<b>Brasil</b>	<b>14.164</b>	<b>13.922</b>	<b>13.977</b>	<b>15.129</b>	<b>16.645</b>
Suécia	11.702	11.654	11.658	11.222	10.991
Finlândia	10.508	10.362	10.160	10.320	10.271
Japão	9.426	9.029	8.664	8.792	8.963
Rússia	7.346	7.845	7.572	7.571	7.903
Indonésia	5.820	6.560	6.710	6.782	6.782
Chile	4.102	4.896	5.080	5.157	5.209
Demais países	32.675	33.364	32.947	31.695	31.184
<b>Total Mundial</b>	<b>184.991</b>	<b>186.976</b>	<b>182.688</b>	<b>179.616</b>	<b>179.195</b>

Fonte: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: ago./2015.

No segmento de papéis e cartões, a China e os EUA são, destacadamente, os grandes produtores e consumidores, responsáveis por 45% da produção mundial em 2014. De 2010 a 2014, dentre os maiores produtores, apenas a China e a Coreia do Sul apresentaram crescimento expressivo da produção. Os EUA, o segundo maior produtor mundial, vêm apresentando nos últimos anos decréscimos significativos em sua produção (Tabela 3).

**Tabela 3/I. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2010-14**

País	2010	2011	2012	2013	2014
China	96.545	103.226	106.569	105.150	108.750
EUA	77.689	76.431	75.423	72.744	71.767
Japão	27.364	26.609	25.957	26.093	26.477
Alemanha	23.072	22.706	22.603	22.401	22.540
Coreia do Sul	11.022	11.368	11.432	11.801	12.486
Canadá	12.755	12.057	10.756	11.174	11.102
Suécia	11.410	11.298	11.417	10.792	10.419
Finlândia	11.758	11.329	10.847	10.592	10.408
<b>Brasil</b>	<b>9.978</b>	<b>10.159</b>	<b>10.260</b>	<b>10.444</b>	<b>10.397</b>
Índia	10.111	10.172	10.247	10.247	10.247
Demais países	102.889	105.258	104.535	104.841	105.205
<b>Total Mundial</b>	<b>394.593</b>	<b>400.613</b>	<b>400.046</b>	<b>396.279</b>	<b>399.798</b>

Fonte: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: ago./2015.

Nos últimos 15 anos ocorreram importantes mudanças no consumo mundial de produtos florestais, com reflexos diretos nas linhas de produção. Na oferta de madeira para energia, enquanto a produção de lenha para uso como combustível teve um crescimento muito pequeno, surgiu no período um importante mercado para o pellet como fonte energética. Em 2014 foram consumidas no mundo 26 milhões de toneladas de pellets de madeira, com destaque para o continente europeu.

O aumento anual previsto no consumo de pellets no mundo, de mais de 10% ao ano até 2025, deverá ser sustentado pela Europa devido à tendência de alguns países privilegiarem fontes de energia renováveis em suas matrizes energéticas. Atualmente o Canadá é o principal abastecedor mundial de pellets, mas o Brasil tem potencial competitivo para no futuro atender boa parte da demanda mundial do produto.

O segmento de madeira serrada, que teve um crescimento importante na produção até 2007 e depois ficou praticamente estável até 2014, sofreu uma forte substituição pelo consumo de painéis de madeira. A produção mundial de madeira compensada aumentou em quase 150% desde 2000, e a de painéis de fibra de madeira se expandiu em 240% no período, com destaque para o MDF, com quase 400% de crescimento da produção. Isso mostra uma mudança mundial do perfil de consumo de madeira na indústria de construção civil e moveleira, com clara tendência de substituição gradativa da madeira serrada e maciça pelos painéis de madeira, em especial de madeira reconstituída.

O comércio mundial de produtos florestais vem se intensificando ao longo do tempo. Em 2014 as transações comerciais foram 12% superiores às de 2010 (Tabelas 4 e 5). EUA, China, Alemanha e Canadá são os maiores atores do mercado.

No grupo dos exportadores, destacam-se, pelo maior valor de superavit comercial, Canadá, Suécia, Finlândia, Rússia, Brasil e Indonésia. Estes dois últimos vêm ganhando espaço no mercado internacional frente a tradicionais exportadores como Suécia e Finlândia.

China, Japão, Reino Unido e Itália se destacam como países grandes importadores. A China tem se destacado ao longo do tempo pela elevada taxa de crescimento de suas importações de produtos florestais. Os EUA, que com a crise de 2008 passaram de importadores a exportadores líquidos, à medida que saírem da crise deverão voltar à condição de importadores líquidos. Para os próximos anos espera-se uma redução no ritmo de crescimento das importações chinesas e uma intensificação das importações de produtos florestais por parte dos EUA.

**Tabela 4/I. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2010-14**

País	(US\$ milhões)				
	2010	2011	2012	2013	2014
EUA	22.862	25.209	26.196	26.496	27.138
Canadá	21.258	22.746	21.725	24.042	24.294
Alemanha	20.615	22.710	20.217	22.430	20.293
China	10.148	12.836	13.562	14.576	16.304
Suécia	15.483	17.234	15.272	15.920	15.006
Finlândia	13.161	14.386	13.100	13.948	12.842
Rússia	8.598	9.758	9.384	9.926	10.386
<b>Brasil</b>	<b>7.607</b>	<b>7.953</b>	<b>7.512</b>	<b>8.029</b>	<b>8.283</b>
Indonésia	7.193	7.830	7.575	8.258	8.171
França	7.530	8.430	7.250	7.311	7.350
Demais países	88.165	97.822	90.319	97.491	99.640
<b>Total mundial</b>	<b>222.620</b>	<b>246.913</b>	<b>232.112</b>	<b>248.428</b>	<b>249.707</b>

Fonte: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: ago./2015.

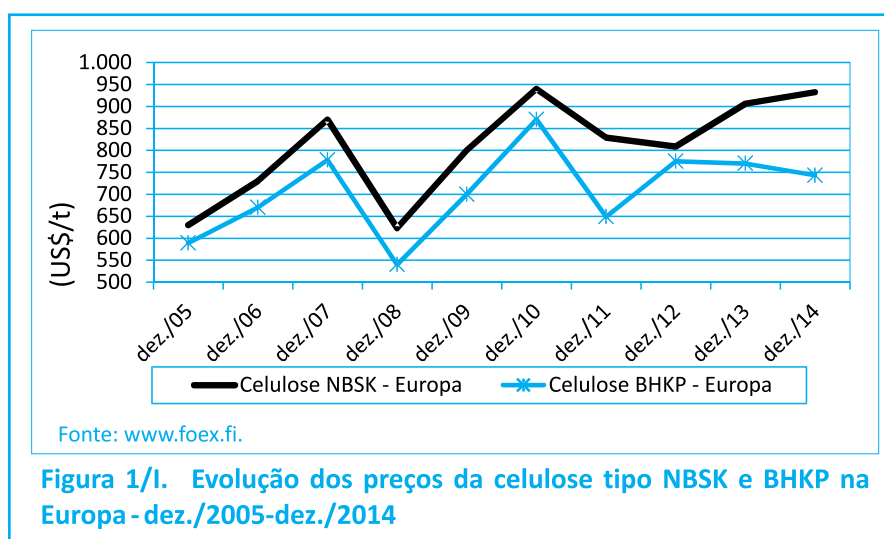
Tabela 5/I. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2010-14

País	(US\$ milhões)				
	2010	2011	2012	2013	2014
China	32.821	42.737	39.393	43.107	46.952
EUA	19.541	19.525	20.725	22.931	24.596
Alemanha	19.213	21.586	18.960	20.779	18.965
Japão	11.869	14.106	13.352	12.939	12.444
Reino Unido	10.452	10.727	10.141	10.524	11.797
Itália	10.564	11.357	9.337	10.021	10.232
França	9.852	10.631	9.068	9.383	9.228
Países Baixos	6.284	7.118	6.137	6.803	6.742
Índia	4.151	5.649	5.492	5.890	6.658
Coreia	5.478	5.756	5.319	5.637	6.051
Demais países	101.259	112.069	104.432	107.230	108.170
<b>Total mundial</b>	<b>231.484</b>	<b>261.263</b>	<b>242.355</b>	<b>255.244</b>	<b>261.833</b>

Fonte: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em: <<http://www.fao.org>>. Acesso em: ago./2015.

A celulose, principal commodity florestal do mercado internacional, tem apresentado preços com bastante instabilidade nos últimos anos (Figura 1). Nos dois últimos anos, os preços dos dois principais tipos de celulose, a de fibra longa, tipo NBSK (de coníferas) e a de fibra curta, tipo BHKP (de eucalipto), apresentaram comportamentos bem distintos. A fibra curta, produto em que o Brasil é líder no comércio mundial, fechou 2014 com preços 4% inferiores aos do final de 2012. A fibra longa teve seu preço reajustado em 15% no período, ficando cotada a US\$932/t, posta na Europa, no encerramento de 2014.

No primeiro semestre de 2015, devido à redução dos estoques mundiais com manutenção do consumo em níveis elevados, os principais exportadores de celulose de fibra curta conseguiram aumentar seus preços, que poderão fechar o ano em níveis significativamente superiores em relação ao final de 2014, caso a China mantenha seus níveis de demanda pela commodity.



## Produção e Mercado Nacionais

### Exportações se expandem e mercado interno se encolhe

O setor florestal brasileiro é bastante desenvolvido e tem importante presença na pauta de exportações do País. O Brasil, devido às condições climáticas bastante favoráveis e ao desenvolvimento tecnológico

alcançado, consegue produzir madeira em florestas plantadas com ciclos curtos, com alta produtividade e baixos custos, o que torna o País bastante competitivo no mercado internacional de produtos florestais.

Segundo o IBÁ (Indústria Brasileira de Árvores), o Valor Bruto da Produção da indústria de base florestal em 2014 foi estimado em 60,6 bilhões de reais, 1,7% superior ao de 2013. Este desempenho foi puxado pelas exportações do setor, que cresceram 3,4% entre 2013 e 2014, frente a uma queda de 7% nas exportações totais do País no período. Em 2014, o montante exportado pelo setor de base florestal atingiu US\$10,06 bilhões, equivalendo a 4,5% das exportações totais do País. Os EUA, a Europa e a China são os destinos de 72% das exportações brasileiras. O segmento de celulose e papel responde por igual participação no total exportado pelo País em produtos de origem florestal.

No primeiro semestre de 2015, as exportações brasileiras de produtos florestais aumentaram sua participação no valor total exportado pelo Brasil. Enquanto no total as exportações se encolheram em 15% em valor, os produtos florestais tiveram crescimento de 2%, em comparação com igual período do ano passado. Essa expansão se deve ao expressivo crescimento de 12% no valor exportado no semestre pelo segmento madeiras, em relação ao mesmo período de 2014. Por fatores como a melhoria dos preços obtidos pela celulose no mercado internacional, a retomada do crescimento dos EUA e a forte desvalorização observada no câmbio, espera-se para 2015 um crescimento expressivo das receitas brasileiras com exportações de produtos florestais, mesmo que a China reduza suas compras.

O setor é responsável por cerca de 5,5% do PIB industrial Brasileiro. Em 2013 a produção primária e a indústria de base florestal eram compostas por mais de 38 mil empresas, que detinham mais de 693 mil empregados formais. O segmento de produção de móveis de madeira é o mais expressivo em relação ao número de empresas envolvidas e em relação ao montante de empregos diretos gerados (Tabela 6).

**Tabela 6/I. Número de empresas e empregados formais no setor florestal – Brasil – 2012-13**

Grupo de atividade	Nº de empresas por segmento			Nº de empregados por segmento		
	2012	2013	Var. (%)	2012	2013	Var. (%)
Produção florestal e atividades de apoio	9.513	10.007	5,19	122.403	111.832	-8,64
Desdobro e indústria da madeira	13.280	13.139	-1,06	196.792	192.868	-1,99
Indústria de celulose, papel e embalagens	2.525	2.601	3,01	177.230	181.634	2,48
Móveis de madeira	12.459	12.722	2,11	204.743	207.208	1,20
<b>Total silvicultura e indústria florestal</b>	<b>37.777</b>	<b>38.469</b>	<b>1,83</b>	<b>701.168</b>	<b>693.542</b>	<b>-1,09</b>

Fonte: Rais, 2013. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>.

Para fortalecer o desenvolvimento do setor de base florestal no Brasil, uma importante medida foi tomada pelo Governo Federal, com o Decreto n. 8.375 da Presidência da República, de 11 de dezembro de 2014, que define a Política Agrícola para Florestas Plantadas no País. Esse Decreto estabelece os princípios e os objetivos da Política Agrícola para as atividades de produção, processamento e comercialização dos produtos, subprodutos, derivados, serviços e insumos relativos às florestas plantadas. Pelo Decreto caberá ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) coordenar o planejamento, a implementação e a avaliação da Política Agrícola para Florestas Plantadas.

Em decorrência do Decreto foi criada no MAPA a Comissão Setorial de Florestas Plantadas, com o objetivo de elaborar o Plano Nacional de Desenvolvimento de Florestas Plantadas (PNDF), com horizonte de dez anos. Suas bases, definidas pela Câmara Setorial de Florestas, foram divulgadas em abril de 2015. O Plano define como objetivos específicos: I - Estimular o aumento do consumo doméstico de produtos de base florestal legalizados; II - Alcançar sólida posição de liderança no mercado externo. Tem como meta expandir de 7,6 milhões de ha para 10,6 milhões de hectares a área coberta por florestas plantadas no período 2015-2025. Também estabelece uma série de metas parciais de produção, consumo e exportação de produtos de vários segmentos da cadeia produtiva de base florestal, com destaque para a criação de 800 mil novos empregos no setor e o alcance de 20 bilhões de dólares em exportações em 2025.

Desse modo, o governo brasileiro definiu metas altamente desafiadoras para o setor de base florestal, almejando quase duplicar o nível atual de suas operações.

## Produção e consumo de matéria-prima florestal

### *Demanda fraca reduz expansão da produção de matéria-prima*

Em 2014 eram cultivados no Brasil 7,74 milhões de hectares com florestas para fins comerciais, segundo o IBÁ. O eucalipto e o pinus respondem, respectivamente, por 72% e 21% da área cultivada. Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Bahia detêm 78% da área plantada com eucalipto e pinus no País (Tabela 7). No último ano, os maiores crescimentos de área plantada foram observados nos estados do Mato Grosso do Sul, do Piauí e do Rio Grande do Sul, enquanto os estados do Pará, de São Paulo e de Minas Gerais tiveram redução de área plantada.

Tabela 7/I. Área plantada com eucalipto e pinus no Brasil, por estado – 2013 e 2014

Estado	Eucalipto		Pinus		Total		Variação (%) 2013 para 2014
	2013	2014	2013	2014	2013	2014	
MG	1.404.429	1.400.232	46.807	39.674	1.451.236	1.439.906	-0,8
SP	1.010.444	976.186	127.693	123.996	1.138.137	1.100.182	-3,3
PR	200.473	224.089	662.296	673.769	862.769	897.858	4,1
MS	699.128	803.699	8.330	7.135	707.458	810.834	14,6
SC	107.345	112.944	540.542	541.162	647.887	654.106	1,0
BA	623.971	630.808	7.298	6.499	631.269	637.307	1,0
RS	316.446	309.125	164.174	184.585	480.620	493.710	2,7
MT	187.090	187.090	-	-	187.090	187.090	0,0
ES	221.559	228.781	2.801	2.660	224.360	231.441	3,2
MA	209.249	211.334	-	-	209.249	211.334	1,0
PA	159.657	125.110	-	-	159.657	125.110	-21,6
TO	111.131	115.564	609	430	111.740	115.994	3,8
GO	121.375	124.297	9.151	9.087	130.526	133.384	2,2
AP	57.169	60.025	445	-	57.614	60.025	4,2
PI	28.053	31.212	-	-	28.053	31.212	11,3
Outros estados	15.657	18.157	-	-	15.657	18.157	16,0
<b>Total do Brasil</b>	<b>5.473.176</b>	<b>5.558.653</b>	<b>1.570.146</b>	<b>1.588.997</b>	<b>7.043.322</b>	<b>7.147.650</b>	<b>1,5</b>

Fonte: Relatório IBÁ 2015.

Devido ao crescimento contínuo e expressivo dos cultivos de eucalipto, a espécie tem aumentado sua participação na área total plantada com espécies florestais no Brasil. Nos últimos anos vem ocorrendo também um deslocamento das áreas de expansão do setor florestal do Sul e do Sudeste para as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do País. Mato Grosso do Sul, Tocantins, Piauí e Maranhão apresentam crescimento de área plantada bem maior do que tradicionais estados produtores, como São Paulo, Minas Gerais e Bahia.

As florestas plantadas são responsáveis pela totalidade do fornecimento de madeira ao setor de papel e celulose e pela maior parte da matéria-prima consumida pela indústria da madeira e de móveis. A indústria de papel e celulose, de forma direta ou através dos fomentados, detém quase a metade da área plantada com florestas (47%); o setor de siderurgia detém 19%; o produtor florestal independente, não verticalizado (Timos, empresas e individuais), possui 18%; e a indústria da madeira é proprietária de 14% da área cultivada (Consufor, 2015).

O valor bruto da produção da silvicultura brasileira cresceu 1,3% de 2012 para 2013, alcançando 14,8 bilhões de reais. O crescimento foi garantido pelo aumento do valor da produção de toras para fabricação de celulose e papel e de painéis de fibra, uma vez que o valor da produção de toras para processamento mecânico se reduziu em quase 10% (Tabela 8).

**Tabela 8/I. Valor da produção da silvicultura – Brasil – 2009-13**

Tipo de produto da silvicultura	(mil reais)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Madeira em toras p/ outras finalidades	2.827.460	3.389.775	4.272.164	4.899.940	4.417.465
Madeira em toras p/ papel e celulose	3.255.171	3.841.347	4.589.921	4.512.815	4.731.883
Carvão vegetal	1.494.748	1.685.924	2.181.583	2.403.494	2.627.459
Lenha	1.344.232	1.653.710	1.953.777	2.236.568	2.317.955
Erva-mate (folha verde)	156.385	160.778	173.589	234.199	406.518
Palmito	110.588	259.399	191.691	338.367	309.880
<b>Total</b>	<b>9.188.584</b>	<b>10.990.933</b>	<b>13.362.725</b>	<b>14.625.383</b>	<b>14.811.160</b>

Fonte: IBGE – Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul./2015.

Em 2013 foram processados 130,8 milhões de metros cúbicos de madeira pela indústria brasileira, volume 0,8% inferior ao do ano anterior. Essa retração se deve ao decréscimo pelo segundo ano consecutivo na produção de madeira para transformação em papel e celulose (Tabela 9). Em 2014 estima-se ter havido crescimento na produção brasileira de madeira para uso industrial.

**Tabela 9/I. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2008-13**

Produto	Medida	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Extração vegetal</b>							
Carvão vegetal	mil t	2.222	1.640	1.503	1.351	1.160	1.007
Erva-mate	t	219.773	218.102	227.462	229.681	252.700	344.594
Lenha	mil m <sup>3</sup>	42.118	41.440	38.207	37.574	34.314	30.955
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	14.127	15.248	12.658	14.117	14.926	13.678
Palmito <sup>(1)</sup>	t	5.873	5.076	4.920	5.563	4.787	4.620
Pinhão	t	4.768	5.066	5.715	8.032	9.638	8.889
<b>Silvicultura</b>							
Carvão vegetal	mil t	3.975	3.378	3.448	4.128	5.098	5.583
Erva-mate	t	434.727	443.126	430.305	443.635	513.256	515.451
Lenha	mil m <sup>3</sup>	42.038	41.411	48.103	51.741	56.762	55.295
Madeira p/ papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	58.182	65.346	69.779	75.882	73.837	72.569
Madeira p/ outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	43.080	41.566	45.963	49.971	58.042	58.234
Palmito <sup>(2)</sup>	t	84.006	70.784	116.870	103.419	194.138	106.418

<sup>(1)</sup> Inclui palmito juçara, açai e pupunha.

<sup>(2)</sup> Inclui palmito juçara, palmeira-real, açai e pupunha. Fonte: IBGE – Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul. 2015.

O setor de papel e celulose é o maior consumidor de madeira em toras no Brasil. Segundo a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), a indústria de papel e celulose consome cerca de 60% da produção de madeira de florestas plantadas no Brasil, enquanto a indústria madeireira consome cerca de 30% da produção, e a indústria de painéis de madeira reconstituída consome os 10% restantes.

Em 2014 e no primeiro semestre de 2015 o mercado vem apresentando, nos principais estados produtores, uma tendência de apreciação das toras para uso em serrados e compensados. Segundo a Consufor, essa pressão altista de preços é oriunda de um desequilíbrio na oferta de toras de maior diâmetro, bem como da retomada do setor madeireiro nos últimos anos.



## Desempenho da indústria de processamento mecânico da madeira

### Consumo interno sofre importante redução

Em 2014, os indicadores da indústria brasileira de produtos sólidos da madeira apresentaram um fraco desempenho. Ao final do ano o segmento de produção de produtos de madeira sólida empregava quatro mil trabalhadores a menos do que no início do ano. Devido ao fraco desempenho da indústria de construção civil no Brasil em 2014, o consumo interno de madeira serrada de florestas plantadas foi significativamente menor do que em 2013 (Tabela 10). As exportações de serrados tiveram forte crescimento em 2014, mas não compensaram a retração do mercado interno.

**Tabela 10/I. Produção, exportação e consumo interno de madeira serrada de florestas plantadas – Brasil – 2013-14**

Produto	Discriminação	(mil m <sup>3</sup> )		Variação (%) 2013 para 2014
		2013	2014	
Madeira Serrada de florestas plantadas	Produção	9.370	9.230	-1,5
	Exportação	864	1.240	43,6
	Consumo aparente	8.510	7.990	-6,1

Fonte: Cenários IBÁ, (2014 e 2015).

Na indústria de compensados, verificou-se um comportamento semelhante ao da madeira serrada, com queda no consumo interno e aumento nas exportações, invertendo o comportamento de anos anteriores. A produção brasileira de compensados em 2014 foi 5,7% superior à verificada em 2013 (Tabela 11).

**Tabela 11/I. Produção, exportação e consumo interno de madeira compensada de florestas plantadas - Brasil – 2013-14**

Produto	Discriminação	(mil metros cúbicos)		Variação (%) 2013 para 2014
		2013	2014	
Madeira compensada de florestas plantadas	Produção	2.270	2.400	5,7
	Exportação	1.080	1.320	22,3
	Consumo aparente	1.190	1.080	-9,4

Fonte: Cenários IBÁ (2014 e 2015).

O valor das exportações brasileiras de madeira e suas obras (exceto móveis) em 2014 foi 12% superior ao obtido em 2013. No primeiro semestre de 2015 as exportações de madeira e seus produtos foram 12,1% superiores em valor, em relação ao mesmo semestre do ano anterior. Para o segundo semestre espera-se um crescimento ainda maior devido à forte desvalorização cambial que deve estimular as exportações. A expectativa é de que até 2016 as exportações de serrados de pinus venham a apresentar um vigoroso crescimento.

A tendência da indústria brasileira de processamento mecânico de madeira é continuar perdendo espaço para a indústria de painéis de madeira reconstituída devido à substituição de seus produtos por chapas de MDP, MDF e OSB.

## Desempenho da indústria de painéis de madeira reconstituída

### *Exportações podem não compensar queda nas vendas internas*

O segmento de produção de painéis de madeira reconstituída é formado por poucas e grandes empresas, apresentando nos últimos anos crescimento bastante expressivo da produção e de sua capacidade instalada. A capacidade efetiva de produção de painéis de madeira industrializada é de cerca de 9,2 milhões de metros cúbicos. A indústria de MDF, que se instalou no Brasil há menos de duas décadas, foi a que mais cresceu e já dispõe de mais da metade da capacidade produtiva de painéis. De 2005 a 2014 o crescimento médio anual do mercado brasileiro de MDF foi de 12,3%, enquanto para o MDP esse crescimento foi de 3,9% ao ano no mesmo período.

A produção brasileira de painéis de madeira em 2014 teve um pequeno crescimento em relação a 2013, enquanto o consumo interno teve uma ligeira retração em relação ao ano anterior (Tabela 12). A produção de móveis no Brasil consome a maior parte da produção brasileira. As importações desses produtos seguem em queda e as exportações experimentam forte expansão.

No primeiro semestre de 2015 o consumo interno foi 3% menor em relação àquele do mesmo período do ano passado, segundo o Ibrá. As importações seguem encolhendo e as empresas têm conseguido aumentar a produção e as exportações (mais 100 mil m<sup>3</sup> em relação ao mesmo período de 2014 – 31,9% de crescimento) facilitadas pelo câmbio favorável.

**Tabela 12/I. Produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira – Brasil – 2012-14**

Produto	Discriminação	(mil m <sup>3</sup> )			Varição (%)
		2012	2013	2014	2013 para 2014
	Produção	7.304	7.893	7.977	1,1
Painéis de madeira (MDF,MDP,HDF)	Importação	112	112	81	-27,7
	Exportação	252	349	421	20,6
	Consumo aparente	7.164	7.656	7.637	-0,2

Fonte: Cenários IBÁ (2014 e 2015).

Em 2013 e 2014, algumas empresas haviam anunciado importantes expansões da capacidade produtiva desses produtos para os próximos anos, mas devido à retração do mercado interno e às incertezas que pairam sobre o comportamento da economia brasileira em relação aos próximos anos, vários programas de crescimento de capacidade produtiva foram adiados. No médio prazo, porém, as perspectivas são de continuidade do crescimento da produção brasileira, com aumento da demanda doméstica de painéis de MDF e MDP.

## Desempenho da indústria de móveis de madeira

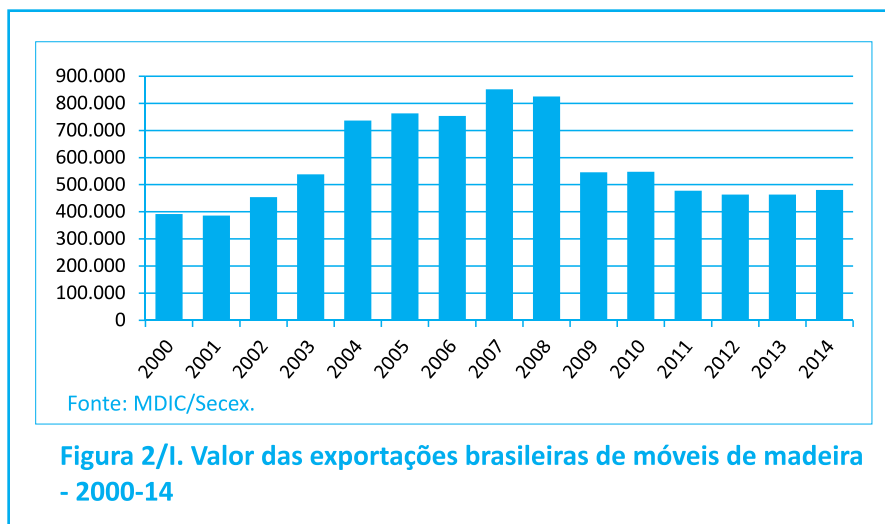
### *Mercado interno deixa de sustentar o crescimento do setor*

A indústria brasileira de móveis de madeira é representada por cerca de quatorze mil empresas, que geram mais de 200 mil empregos formais diretos. Nos últimos dez anos houve um crescimento consistente na geração de novos empregos pela indústria moveleira, garantido pela ampliação do mercado interno, que passou por um período de grande expansão da construção civil. Em 2014, o segmento experimentou um ligeiro recuo na produção e nas vendas domésticas.

Nas exportações, a indústria de móveis de madeira teve um desempenho um pouco melhor em 2014, quando comparado com o ano anterior, mas ainda não mostra tendência de recuperação (Figura 2). Em

2014 foram exportados pelo Brasil 480,8 milhões de dólares em móveis de madeira, um crescimento de 3,6% em relação a 2013.

No primeiro semestre de 2015 o valor exportado pelo Brasil em móveis foi semelhante a igual período do ano anterior, um desempenho muito fraco quando se considera que a melhoria ocorrida no câmbio poderia ter servido de estímulo aos exportadores. Uma recuperação mais firme das exportações brasileiras de móveis vai depender da manutenção das condições favoráveis da taxa de câmbio, da expansão das exportações para a América Latina e da continuidade do crescimento da economia dos EUA, o grande importador de móveis.



No mercado interno, devido à crise política e econômica por que passa o País, acompanhada de uma forte retração da indústria da construção civil, é esperado uma redução expressiva nas vendas de móveis, com reflexos bastante negativos na atividade industrial.

## Desempenho da indústria de celulose e papel

### *Prosseguem os investimentos em expansão da capacidade produtiva*

A fabricação de celulose e de papel no Brasil é tarefa de 2.600 empresas, que empregam na fase industrial mais de 180 mil pessoas. O País é um dos mais competitivos do mundo na produção de celulose, em especial da celulose de fibra curta. A base florestal integrada e de elevada produtividade, os elevados investimentos industriais em novas e modernas plantas e o câmbio mais favorável às exportações têm assegurado a capacidade competitiva do Brasil.

Em 2014, a produção de celulose de mercado foi 8,8% maior que a de 2013, sendo que 64% dela foi exportada (Tabela 13). As exportações brasileiras de celulose vêm crescendo ano após ano, tendo alcançado uma receita de 5,3 bilhões de dólares em 2014 – crescimento de 2,2% em relação a 2013. A celulose é responsável por mais da metade do valor exportado pelo Brasil em produtos florestais. Os preços médios em 2014 foram quase 10% inferiores aos praticados em 2013.

Os países europeus são os maiores importadores de celulose brasileira, seguidos pela China e pela América do Norte. Os estados de São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul responderam por 78% do valor das exportações do segmento de celulose e papel.

Tabela 13/I. Produção, importação, exportação e consumo interno de papel e celulose – Brasil – 2010-14

Produto	Discriminação	(mil toneladas)					Variação (%) 2013 para 2014
		2010	2011	2012	2013	2014	
Papel	Produção	9.844	10.159	10.260	10.444	10.405	-0,4
	Importação	1.502	1.455	1.396	1.274	1.262	-0,9
	Exportação	2.074	2.052	1.875	1.866	1.849	-1,1
	Consumo aparente	9.272	9.562	9.781	9.852	9.821	-0,3
Celulose	Produção	14.164	13.922	13.977	15.129	16.645	8,8
	Importação	412	392	411	430	416	-3,3
	Exportação	8.375	8.478	8.513	9.430	10.614	12,6
	Consumo aparente	6.201	5.836	5.875	6.129	6.263	2,2

Fonte: Cenários IBÁ (2014 e 2015).

No primeiro semestre de 2015, em relação ao mesmo período de 2014, a produção brasileira de celulose cresceu 3,5% e as exportações, 7,1%, porém com uma redução de 2% no valor, indicando queda do preço médio de exportação. Para o ano a expectativa é de que os preços internacionais da celulose fiquem em patamares superiores aos de 2014, pois as maiores empresas brasileiras conseguiram reajustar por duas vezes seus preços no primeiro semestre, com projeção de novos aumentos para o segundo semestre. O mercado internacional da commodity continua aquecido e com estoques mais baixos que os usuais.

Para o segmento de papéis, 2014 foi um ano de ligeiro recuo de desempenho em relação a 2013, com queda na produção, no consumo e nas exportações e importações (Tabela 13). De janeiro a junho de 2015 houve nova queda na produção brasileira de papéis, induzida pela redução de 5% nos volumes vendidos no mercado interno.

A produção de embalagens de papel e de papel sanitário apresentou um pequeno crescimento no primeiro semestre de 2015 (1,1%) em relação ao mesmo período de 2014. Já a produção de papel cartão e papel de imprimir e escrever teve, no período considerado, redução de 5% na produção. Essa redução se deve à menor demanda doméstica pelos produtos. Os aumentos nas exportações evitaram uma queda maior no volume produzido, especialmente dos papéis de imprimir e de escrever. A América Latina é o destino da maior parte dos papéis exportados pelo Brasil.

O primeiro semestre de 2015 vem mostrando que o ano será bastante desafiador para a indústria de base florestal no Brasil, porém com impactos diferenciados entre os segmentos. A indústria de celulose de mercado, ajudada pelo real fortemente depreciado e pelo mercado internacional relativamente aquecido, deverá fechar o ano com importante aumento na produção e forte desempenho exportador, mantendo elevada a utilização da capacidade de produção instalada.

A indústria de painéis de madeira poderá vir a compensar grande parte da redução esperada no mercado interno pelo aumento do volume exportado. Desempenho semelhante pode ser esperado para a indústria de processamento mecânico, embora o provável aumento do volume exportado não deva compensar a forte redução que deve ocorrer nas vendas domésticas. Ainda mais difícil será 2015 para a indústria de móveis, que vem sentindo forte queda nas vendas internas e aumentos ainda pequenos nas exportações.

O setor de papel e celulose no Brasil vem apresentando sucessivos movimentos de expansão de sua capacidade produtiva. A forte demanda da China dos últimos anos impulsionou novos investimentos pelo setor em expansão de capacidade. No estado do Maranhão, uma nova planta de celulose de eucalipto iniciou suas operações no final de 2014, acrescentando 1,5 milhão de toneladas na produção brasileira de celulose de fibra curta, tendo como destino a exportação. Com esse mesmo objetivo, encontram-se em implantação, no Rio Grande do Sul, no Paraná e no Mato Grosso do Sul, mais três grandes plantas industriais que acrescentarão mais de quatro milhões de toneladas anuais na capacidade brasileira de produção de celulose, cujo destino também será o mercado externo.

Segundo estimativas do Ibrá, a previsão de investimentos no Brasil no período de 2015 a 2020, em aumento de capacidade de produção e modernização tecnológica na indústria de celulose e papel, ultrapassa 50 bilhões de reais. A expectativa do Instituto é de que até 2022 a produção brasileira de celulose possa aumentar em quase 50% e a de papel, em pelo menos 25%, em relação aos níveis alcançados em 2013. As Projeções do Agronegócio do MAPA, em sua 6ª edição, indicam uma produção de celulose de 22,5 milhões de toneladas em 2025, sendo 70% destinada à exportação.

Importantes avanços tecnológicos vêm ocorrendo no setor. No segmento florestal a engenharia genética e o desenvolvimento de organismos geneticamente modificados prometem novos ganhos de produtividade com introdução de características específicas às matérias primas, permitindo novos ganhos aos processos industriais. Na indústria, a tendência tecnológica passa pelo desenvolvimento do conceito de biorrefinaria nas fábricas de celulose. Isso promete expandir a produção para além da celulose, adicionando a produção de bioprodutos e de bioenergia, com novas e diversificadas aplicações. O Brasil tem tudo para “embarcar e se beneficiar desta nova rota tecnológica”.

## Produção e mercado estaduais

### *Exportações de produtos florestais tem forte crescimento e seguem em recuperação*

Santa Catarina é um dos estados brasileiros em que o setor florestal tem grande importância econômica. Com pouco mais de 9% da área plantada no País com pinus e eucalipto, o Estado foi o sexto maior exportador de produtos florestais em 2014, respondendo por 10,1% do valor. São quase quatro mil empresas que atuam no setor, gerando mais de 90 mil empregos formais diretos, o que representa 13% dos empregos do setor no Brasil (Tabela 14).

**Tabela 14/I. Número de empresas e empregados formais no setor florestal – Santa Catarina – 2012-13**

Grupo de atividade	Nº de empresas por segmento			Nº de empregados por segmento		
	2012	2013	Var. (%)	2012	2013	Var. (%)
Produção florestal e atividades de apoio	841	814	-3,21	6.870	6.595	-4,00
Desdobro e Indústria da madeira	1.840	1.739	-5,49	38.660	39.742	2,80
Indústria de celulose, papel e embalagens	192	213	10,94	20.196	20.244	0,24
Móveis de madeira	1.109	1.122	1,17	25.113	25.988	3,48
<b>Total silvicultura e industria de base florestal</b>	<b>3.982</b>	<b>3.888</b>	<b>-2,36</b>	<b>90.839</b>	<b>92.569</b>	<b>1,90</b>

Fonte: Rais, 2013. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>.

A indústria de celulose, papel e embalagens tem ampliado continuamente, ao longo dos últimos 10 anos, o número de empregos gerados. A indústria da madeira, após ter passado um período de redução dos postos de trabalho entre 2007 e 2009, vem recuperando uma parte dos empregos perdidos. A indústria de móveis de madeira, após vários anos de encolhimento nos empregos, voltou a admitir pessoal a partir de 2012, impulsionada pelo crescimento do mercado brasileiro. A crise atual deve comprometer essa recuperação.

A indústria da madeira e de móveis de Santa Catarina tem destacada importância socioeconômica, contribuindo para o desenvolvimento do Estado. A Federação das Indústrias de Santa Catarina (FIESC), em seu Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC 2022), escolheu o setor de móveis e madeira como um dos setores da indústria em Santa Catarina que tem mais condições de competir. Para essa indústria, contando com a participação de diversos atores, a Federação realizou um Estudo de Tendências para o Setor, que serviu de base para o estabelecimento de Rotas Estratégicas Setoriais. O objetivo é fortalecer a capacidade competitiva desse setor da indústria catarinense.

## Produção catarinense de matérias-primas e de produtos florestais

### Dados do IBGE apontam redução da produção da silvicultura catarinense

A área plantada com florestas comerciais em Santa Catarina, segundo o Ibá, é de mais de 654 mil hectares, sendo 82% com pinus e 18% com eucalipto. Nos últimos anos ocorreu uma redução da área de pinus no Estado, enquanto a área de eucalipto se expandiu.

Em 2013, o valor da produção de matérias primas da silvicultura em Santa Catarina foi de 1,6 bilhões de reais, 5% inferior ao de 2012 (Tabela 15). A participação das florestas plantadas no valor bruto de toda a produção da agropecuária e silvicultura catarinense tem variado nos últimos anos entre 8% e 10%.

**Tabela 15/I. Valor da produção da silvicultura – Santa Catarina – 2009-13**

Tipo de produto da silvicultura	(mil reais)				
	2009	2010	2011	2012	2013
Madeira em toras p/ outras finalidades	669.781	727.805	838.514	820.584	733.250
Madeira em toras p/ papel e celulose	383.117	490.914	463.044	496.355	426.349
Lenha	191.895	253.143	298.409	304.052	324.511
Carvão vegetal	4.319	5.171	5.605	6.309	9.417
Erva-mate (folha verde)	11.888	10.688	11.377	24.842	32.545
Palmito	13.141	21.531	20.494	50.455	86.721
<b>Total</b>	<b>1.274.141</b>	<b>1.509.252</b>	<b>1.637.443</b>	<b>1.702.597</b>	<b>1.612.793</b>

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul./2015.

Segundo o IBGE, em 2013 houve uma forte redução da quantidade de toras produzidas pela silvicultura para transformação industrial (Tabela 16).

**Tabela 16/I. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2008-13**

Produto	Unidade medida	2008	2009	2010	2011	2012	2013
<b>Extração vegetal</b>							
Carvão vegetal	t	4.885	4.386	3.719	2.561	2.417	2.109
Erva-mate	t	39.637	36.493	36.274	36.117	36.105	69.683
Lenha	mil m <sup>3</sup>	1.803	1.667	1.521	1.430	1.374	909
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	126	120	61	75	85	127
Palmito	t	10	9	-	-	-	-
Pinhão	t	1.788	1.790	1.799	2.476	2.790	3.213
<b>Silvicultura</b>							
Carvão vegetal	t	7.459	6.613	7.792	8.294	8.601	12.578
Erva-mate	t	41.890	46.254	38.602	45.614	69.064	50.740
Lenha	mil m <sup>3</sup>	5.602	6.128	8.097	8.322	8.322	8.088
Madeira p/ papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	6.525	7.427	9.665	10.399	9.839	8.146
Madeira p/ outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	7.955	8.097	8.966	9.609	9.649	8.541
Palmito <sup>1</sup>	t	5.378	4.251	6.571	7.641	16.899	20.853

<sup>(1)</sup> Inclui juçara e palmeira-real.

Fonte: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: jul./2015.

## Preços de fatores, insumos e das matérias-primas de origem florestal

### Preços da madeira de pinus e de eucalipto não acompanham a inflação

Os preços dos principais insumos usados na produção florestal mantiveram-se relativamente estáveis nos últimos anos, com exceção das mudas de pinus, que tiveram preços crescentes. As áreas mais utilizadas para plantio de pinus e de eucalipto nas propriedades agrícolas – terras de segunda e terras de alta declividade – tiveram aumentos reais expressivos de preços nos últimos cinco anos, seguindo a tendência de valorização das terras observada em períodos anteriores (Tabela 17).

Tabela 17/I. Preço médio de insumos e fatores de produção para silvicultura – Santa Catarina – 2010-15

Produto	Unidade	(R\$/unidade)					
		2010	2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Muda de eucalipto	unidade	0,19	0,19	0,20	0,21	0,21	0,24
Muda de pinus	unidade	0,22	0,23	0,23	0,25	0,28	0,30
Muda de erva-mate	unidade	4,63	4,59	4,94	5,27	5,34	5,32
Formicida granulado	500 g	4,63	4,59	4,94	5,27	5,34	5,32
Muda de palmeira-real	unidade	0,19	0,19	0,20	0,21	0,21	0,24
Muda de palmito-juçara	unidade	0,28	0,27	0,28	0,26	0,26	0,30
Terra de terceira (alta declividade) <sup>(2)</sup>	ha	5.798,08	6.054,14	6.458,76	7.584,31	8.401,55	...
Terra de segunda <sup>(2)</sup>	ha	10.787,71	11.807,02	12.710,27	15.166,29	16.246,05	

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a junho.

<sup>(2)</sup> Referência - mês de dezembro.

Fonte: Epagri/Cepa.

Em 2014 quase todos os produtos primários e matérias-primas florestais tiveram redução de preços ou cresceram menos que a inflação (Tabelas 18 e 19). A grande exceção ocorreu com os preços da erva-mate que tiveram uma exuberante valorização média de 136% em 2014 quando comparados a 2013. Nos seis primeiros meses de 2015 os preços médios da arroba da erva-mate no pé apresentaram um recuo em relação a 2013 (Tabela 18).

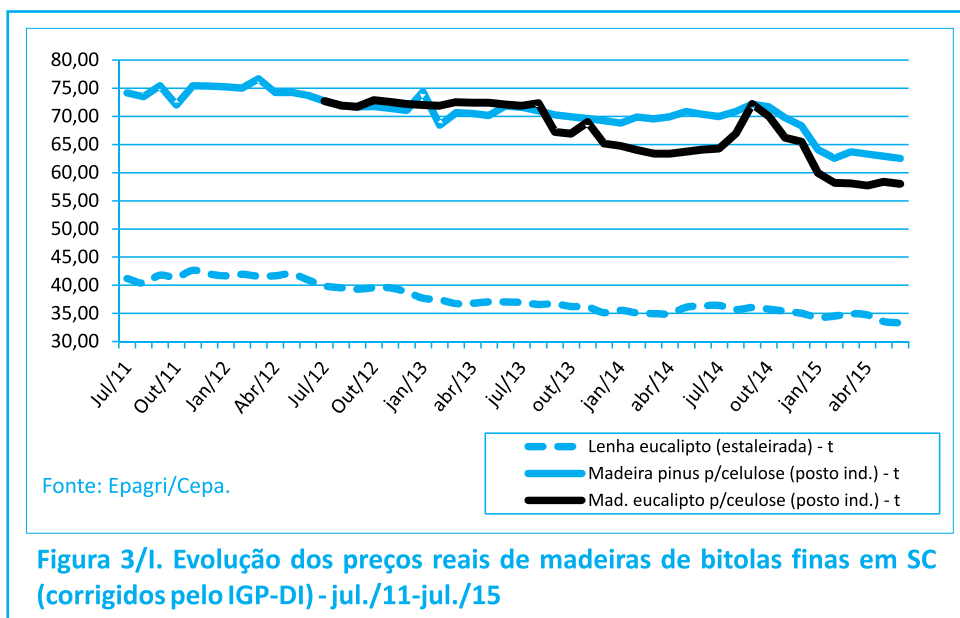
Tabela 18/I. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais – Santa Catarina – 2011-15

Produto	Unidade	(R\$/unidade)				
		2011	2012	2013	2014	2015 <sup>(1)</sup>
Erva-mate verde nativa (no pé)	arroba	5,89	6,40	7,10	16,73	15,75
Erva-mate verde plantada (no pé)	arroba	3,66	4,25	4,90	13,84	12,87
Lenha de eucalipto (estaleirada)	estéreo	32,47	34,14	32,77	33,48	33,61
Lenha de eucalipto (posto indústria)	estéreo	46,79	48,50	47,72	49,66	50,77
Madeira pinus p/celulose (estaleirada)	t	41,35	45,46	47,13	46,90	43,78
Madeira pinus p/celulose (posto indústria)	t	59,64	61,78	63,10	66,03	62,07
Madeira eucalipto p/celulose (estaleirada na propriedade)	t	...	...	45,00	48,52	45,11
Madeira eucalipto p/celulose (posto indústria)	t	61,00	62,50	62,96	61,83	57,36
Madeira roliça p/construção (estaleirada na propriedade)	m	1,66	1,95	2,05	2,27	2,12
Madeira roliça p/escora (estaleirada na propriedade)	unidade	2,86	2,97	3,09	3,01	2,92

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a junho.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nos últimos anos os preços da lenha de eucalipto e das toras mais finas destinadas a processo (fabricação de celulose e papel ou painéis de fibra) não tem acompanhado a inflação (Figura 3). Esses tipos de madeira estão com oferta relativamente abundante na maioria das regiões consumidoras de Santa Catarina, situação que deve perdurar para os próximos anos. A expectativa é de que os preços da madeira fina de pinus e de eucalipto sigam pressionados para baixo devido à grande oferta ainda existente na base florestal.



As madeiras destinadas ao processamento mecânico tiveram evolução diferenciada de preços em 2014 e nos primeiros seis meses de 2015, segundo a bitola das toras. As toras de até 30cm de diâmetro, tanto de pinus quanto de eucalipto, tiveram queda nominal de preços no intervalo mencionado (Tabela 19). Já as madeiras mais grossas (acima de 30 cm) tiveram algum aumento de preços no período considerado. Isso é um reflexo da oferta ainda elástica de toras de bitolas intermediárias e da menor disponibilidade de madeiras grossas nos povoamentos florestais do Estado. Nos últimos quatro anos todos os tipos de madeira destinados às serrarias em Santa Catarina tiveram evolução de preços inferior à evolução dos índices de inflação (Figura 4).

**Tabela 19/I. Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico – 2011-15**

Produto	2011 <sup>(1)</sup>	2012	2013	2014	2015 <sup>(2)</sup>
Madeira tora eucalipto – até 30cm de diâmetro (em pé)	56,39	53,60	51,69	50,38	47,09
Madeira tora eucalipto – mais de 30cm de diâmetro (em pé)	84,59	81,52	80,95	86,62	86,44
Madeira tora eucalipto – até 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	91,25	85,96	77,06	73,83	68,10
Madeira tora eucalipto – mais de 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	100,07	103,30	107,71	114,03	113,34
Madeira tora pinus – 20 a 30cm de diâmetro (em pé)	57,46	58,65	59,08	55,87	47,47
Madeira tora pinus – 30 a 40cm de diâmetro (em pé)	76,73	79,72	78,74	78,00	68,86
Madeira tora pinus – mais de 40cm de diâmetro (em pé)	98,76	101,38	99,42	99,11	97,99
Madeira tora pinus – 20 a 30cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	80,27	83,05	81,32	79,73	73,06
Madeira tora pinus – 30 a 40cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	107,09	109,36	106,22	104,49	97,89
Madeira tora pinus – mais de 40cm de diâmetro <sup>(3)</sup>	125,34	128,50	128,04	124,12	136,05
Madeira tora pinus – 20 a 30cm de diâmetro (posto indústria)	102,17	107,02	103,24	103,42	101,53
Madeira tora pinus – 30 a 40cm de diâmetro (posto indústria)	129,62	127,78	126,60	129,01	128,79
Madeira tora pinus – mais de 40cm de diâmetro (posto indústria)	147,35	148,90	150,30	152,32	156,80

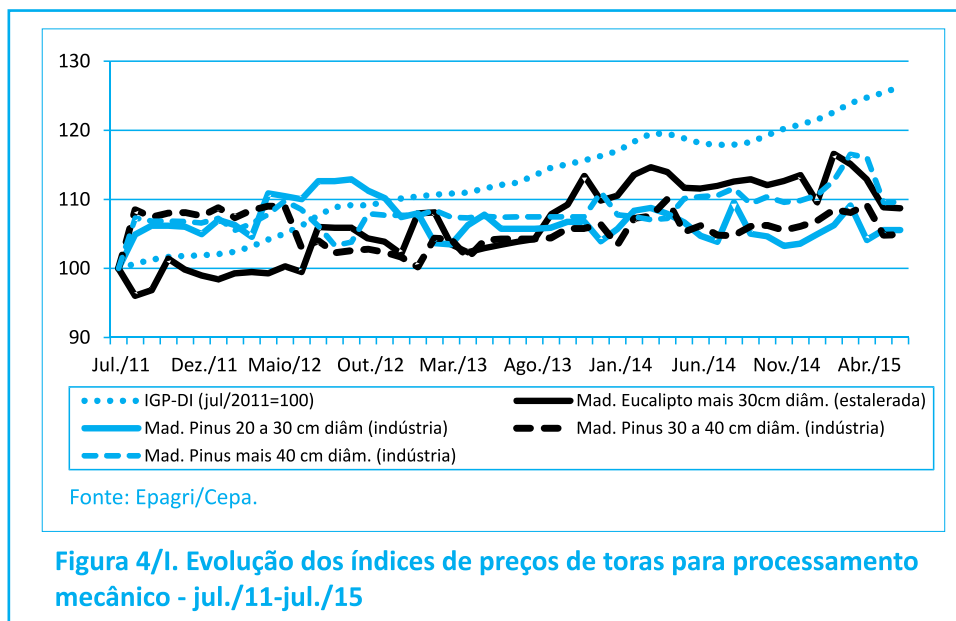
<sup>(1)</sup> Média de julho a dezembro.

<sup>(2)</sup> Média de janeiro a junho.

<sup>(3)</sup> Estaleirada na propriedade.

Fonte: Epagri/Cepa.



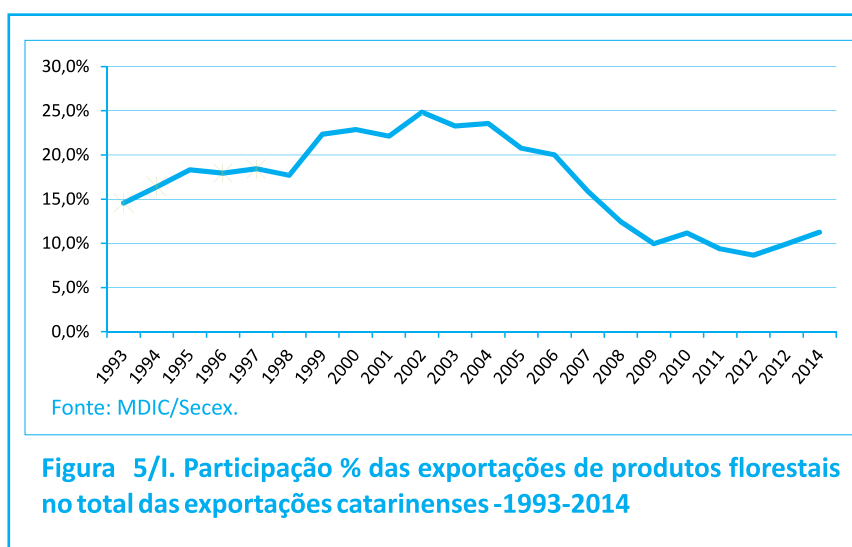


Este quadro presenciado nos últimos anos, de oferta elevada e de pouca demanda, tende a se reverter daqui a alguns anos. Isso porque são esperados uma menor oferta de madeira para serraria e um aumento dos volumes de madeira exportada, se o câmbio continuar favorável à exportação e a economia dos EUA se mantiver em crescimento.

## Exportações catarinenses de produtos florestais

### *Exportações tem forte crescimento*

Em 2014, o valor exportado pela indústria catarinense de base florestal foi 17,3% superior ao de 2013, enquanto o total das exportações do Estado cresceu apenas 3,4% no período (Tabela 20). Com isso, a participação da indústria florestal nas exportações catarinenses cresceu para 11,3%, nível ainda muito distante dos 24,8% que representou em 2002, ano de melhor participação do setor no presente século (Figura 5).



**Tabela 20/I. Valor das exportações de produtos florestais – Santa Catarina – 2009-14**

Item	(US\$1000-FOB)					
	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Erva-mate e derivados	14.034	17.728	15.706	5.709	7.429	10.061
Madeira e obras de madeira	349.382	410.139	390.124	401.153	479.383	574.788
Madeira serrada	58.203	68.952	76.118	70.583	68.199	101.746
Madeira laminada	497	676	2.615	2.811	5.639	5.656
Madeira perfilada	9.950	17.353	18.293	29.169	37.844	46.134
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	9.053	7.289	4.990	5.888	8.656	18.153
Painéis de madeira compensada	95.973	112.693	91.652	103.889	117.667	123.370
Molduras de madeira	10.613	14.079	13.516	20.396	25.825	33.835
Caixas, engradados e paletes	5.550	9.088	8.798	6.720	20.236	19.228
Ferramentas, armações e cabos	20.102	25.436	30.537	19.054	21.404	27.316
Portas/janelas/assoalhos e outras marcenarias/ carpintarias	122.283	137.669	126.410	124.665	146.018	152.969
Outras madeiras e obras de madeira	17.158	16.904	17.195	18.996	28.446	46.381
Papéis	157.311	184.048	226.517	188.486	201.431	235.805
Papel sanitário	1.662	2.573	3.156	3.836	5.068	5.711
Embalagens de papel	37.355	40.314	50.032	54.731	55.086	51.819
Papel e cartão kraft kraftliner	111.120	130.946	163.551	120.587	130.601	167.310
Outros papéis	7.174	10.215	9.778	9.331	10.676	10.965
Móveis de madeira	240.680	245.171	187.895	176.451	173.951	190.878
Móveis de madeira p/ escritório	5.698	5.121	3.031	3.589	2.231	2.104
Móveis de madeira p/ cozinha	13.718	12.785	9.270	8.487	7.665	8.705
Móveis de madeira p/ quartos	106.964	107.599	94.698	90.206	90.063	107.103
Outros móveis de madeira	90.921	96.017	62.735	58.993	58.946	58.633
Componentes p/ móveis de madeira	22.381	23.235	16.263	14.281	14.718	14.333
<b>Total produtos florestais</b>	<b>754.250</b>	<b>846.873</b>	<b>810.464</b>	<b>771.923</b>	<b>862.249</b>	<b>1.011.532</b>
<b>Total das exportações</b>	<b>6.427.614</b>	<b>7.582.027</b>	<b>9.051.047</b>	<b>8.920.648</b>	<b>8.688.406</b>	<b>8.987.359</b>

Fonte: MICT/Secex – Sistema Aliceweb.

As maiores contribuições para o bom desempenho exportador foram das madeiras, dos papéis e da erva-mate, impulsionadas pelo avanço expressivo do valor exportado em madeira serrada (+49,2%), erva-mate (+35,4%), papel e cartão kraft (+28,1%), ferramentas, armações e cabos de madeira (+27,6%) e madeira perfilada (+23,8%). As exportações catarinenses de móveis de madeira em 2014 cresceram 9,7% em valor, depois de vários anos de queda.

No primeiro semestre de 2015 a indústria florestal de Santa Catarina exportou, em valor, 10,9% a mais que no mesmo período de 2014, enquanto o total das exportações do Estado foi 10% menor. Esse desempenho aponta para um ano novamente favorável ao setor de exportação de produtos florestais, ao contrário de outros setores que caminham para o encolhimento. Para o setor, isso não deverá ser suficiente para compensar a retração projetada para o mercado interno, especialmente nos segmentos de painéis, de móveis e de madeiras para a construção civil.

## Análise climática de janeiro de 2014 a junho de 2015 para o Estado de Santa Catarina

Wilian da Silva Ricce – Eng. agr., Dr. – Epagri/Ciram  
wilianricce@epagri.sc.gov.br

Angelo Mendes Massignam – Eng. agr., Dr. – Epagri/Ciram  
massigna@epagri.sc.gov.br

Cristina Pandolfo – Eng. agr., Dra. – Epagri/Ciram  
cristina@epagri.sc.gov.br

Gláucia de Almeida Padrão – Economista, Dra. – Epagri/Cepa  
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br

O estado de Santa Catarina, pela localização geográfica e pelo relevo, apresenta grande variabilidade climática, permitindo o desenvolvimento de grande número de atividades agropecuárias. Porém, algumas adversidades podem interferir no desempenho das culturas ou criações. A seguir, será caracterizado o clima e serão discutidos possíveis impactos que ocorreram na agricultura catarinense durante a safra de 2014/15.

No ano de 2014, com o aquecimento anormal das águas superficiais no oceano Pacífico Tropical, houve a transição da “La Niña”, que vinha atuando no ano anterior, para o “El Niño”. No ano de 2015 houve uma intensificação do “El Niño” (Figura 1), com alguns episódios de chuvas com volumes elevados. Em anos de El Niño, esperam-se volumes de chuva maior que o normal (CPTEC/INPE, 2015).

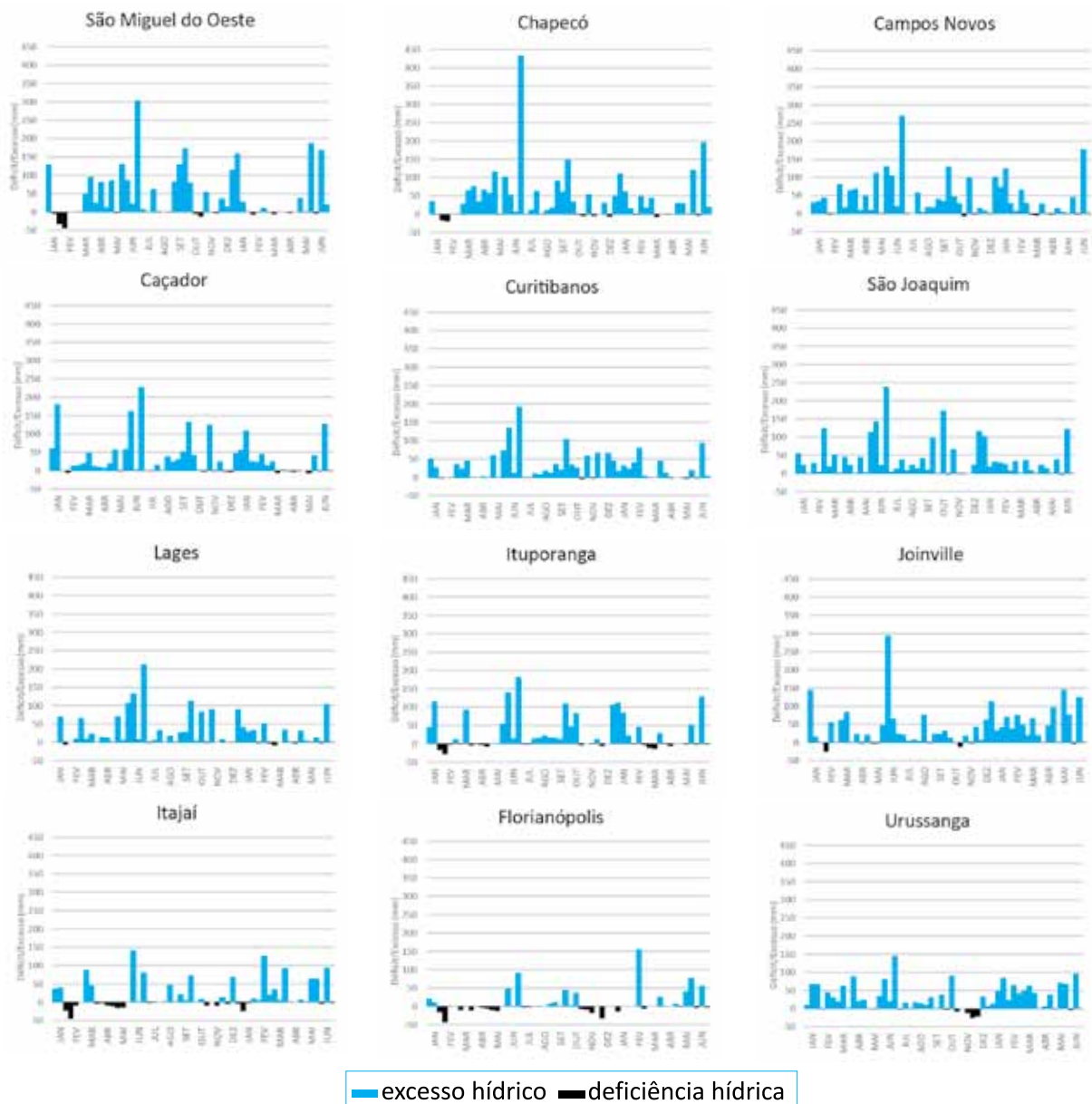
Na safra de inverno não foram observados eventos fortes de deficiência hídrica em Santa Catarina, sendo observado na maior parte do Estado a ocorrência de excedentes hídricos (Figura 1). Em junho de 2014, período em que as principais culturas de inverno estão na fase de estabelecimento, ocorreram volumes expressivos de excesso hídrico na Região Oeste (São Miguel do Oeste e Chapecó). Entretanto, no Litoral Sul e Grande Florianópolis foi possível notar alguns períodos de deficiência hídrica.

No início da safra de verão, houve períodos com deficiência hídrica, mas nenhum evento de grande proporção. Em Urussanga e Florianópolis, o período de outubro e novembro apresentou maior deficiência hídrica do Estado, mas de janeiro a março de 2015, foi observado um período contínuo de excesso hídrico na primeira estação. Em São Miguel do Oeste, no primeiro trimestre do ano de 2015, foi observado um período de irregularidade de precipitação, resultando um período de alternância entre pequenos excessos e deficiências hídricas.

Na Figura 2 são apresentadas as comparações da temperatura média decendial no período de janeiro de 2014 a junho de 2015, com a média histórica para algumas estações meteorológicas no Estado. As temperaturas médias do ano foram superiores à média histórica no segundo semestre de 2014. Essa condição de temperatura mais alta combinada com excedentes hídricos (Figura 1), levou maior favorabilidade climática a doenças fúngicas nas plantas, como observado em Ituporanga na cultura do arroz.

Em concordância com o período de temperaturas médias superiores à média histórica (Figura 2), também foi observado menor número de geadas e acúmulo de horas de frio no ano de 2014 (Figura 3). As geadas ocorreram dentro da época normalmente esperada, sem registro de geadas precoces ou tardias no ano de 2014.

O menor acúmulo de horas de frio pode prejudicar as espécies de frutas de clima temperado com maior exigência para a quebra de dormência no inverno. Sem o frio adequado, a quebra de dormência das gemas florais pode ser irregular, a floração não é sincronizada e as produções podem ser deficientes em função do decréscimo da frutificação efetiva.



Fonte: Epagri/Ciram, 2015.

**Figura 1/I. Excesso/deficiência hídrica (mm) decenal para o período de janeiro de 2014 a junho de 2015 para estações meteorológicas distribuídas no estado de Santa Catarina**

Diante do que foi exposto e com base na avaliação da expectativa da safra e no acompanhamento fenológico, a seguir serão discutidos os efeitos do clima na safra de 2014/15 nas culturas do arroz, do milho (1ª safra) e da soja. Serão apresentados mapas e tabelas com os dados da variação do rendimento final em relação ao esperado no início da safra (%). Nas tabelas foram apresentados valores das microrregiões com variações do rendimento médio maiores ou menores que 1%. Em seguida serão apresentados também os dados de excesso/deficiência hídrica e a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita para as microrregiões mais afetadas.

A microrregião de Itajaí apresentou maior rendimento final em relação à expectativa inicial no Estado (Figura 4). No Sul Catarinense, Alto Vale do Itajaí e Norte Catarinense, principalmente as microrregiões de Ituporanga, Araranguá e Joinville, conforme referenciado nos Boletins Agropecuários publicados no

decorrer da safra (Epagri/Cepa, 2015), houve redução da produtividade obtida em relação à esperada no início da safra. Os produtores nessas regiões tiveram problemas devido às condições climáticas desfavoráveis, como chuvas excessivas, alta umidade do ar e temperaturas altas, favorecendo o aparecimento de pragas e doenças, tais como a brusone. As microrregiões que têm cultivo de arroz e não foram citadas apresentaram rendimento final de acordo com a expectativa inicial da safra. No Estado houve redução de 1,4% da produtividade média. Na Figura 5 observa-se a possível causa de frustração na expectativa inicial. No Norte do Estado, onde encontra-se a microrregião de Itajaí, os estádios de floração e colheita ocorreram em condições de menor excedente hídrico quando comparados às regiões do Alto Vale do Itajaí e Sul Catarinense.

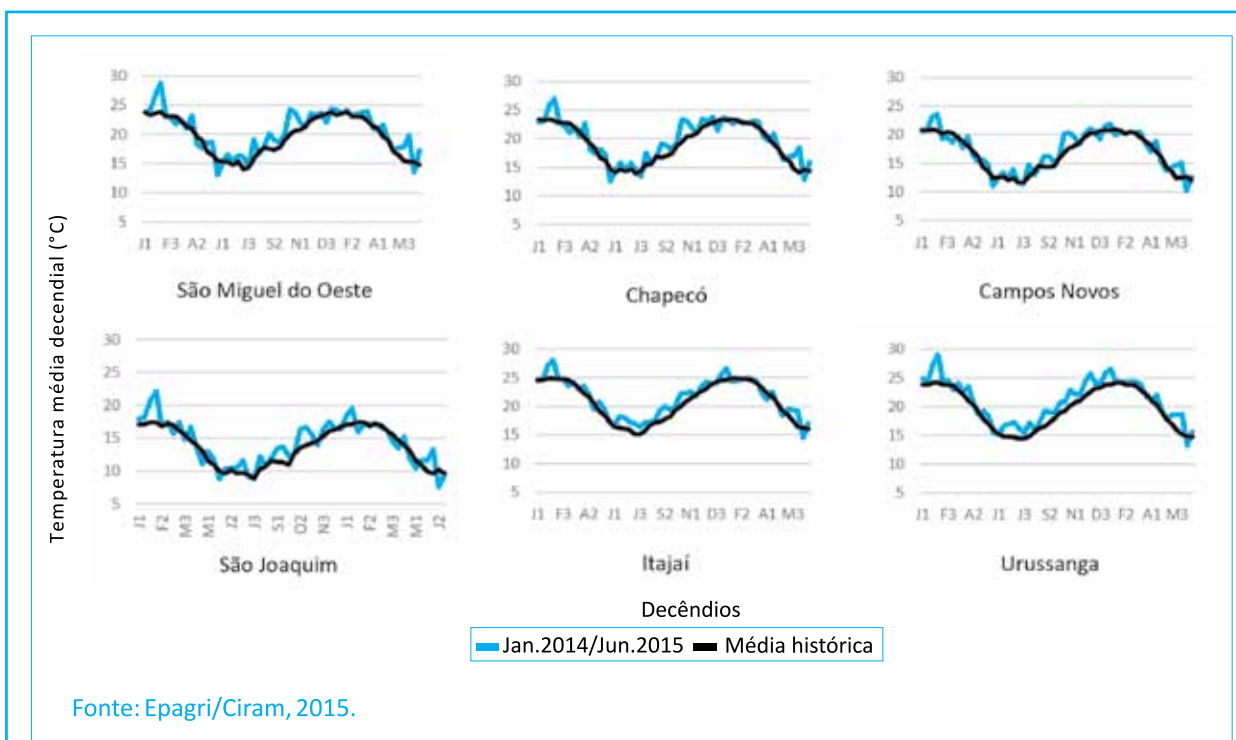


Figura 2/I. Temperatura média decendial (°C) e temperatura média histórica de janeiro de 2014 a junho de 2015 para as estações meteorológicas em Santa Catarina

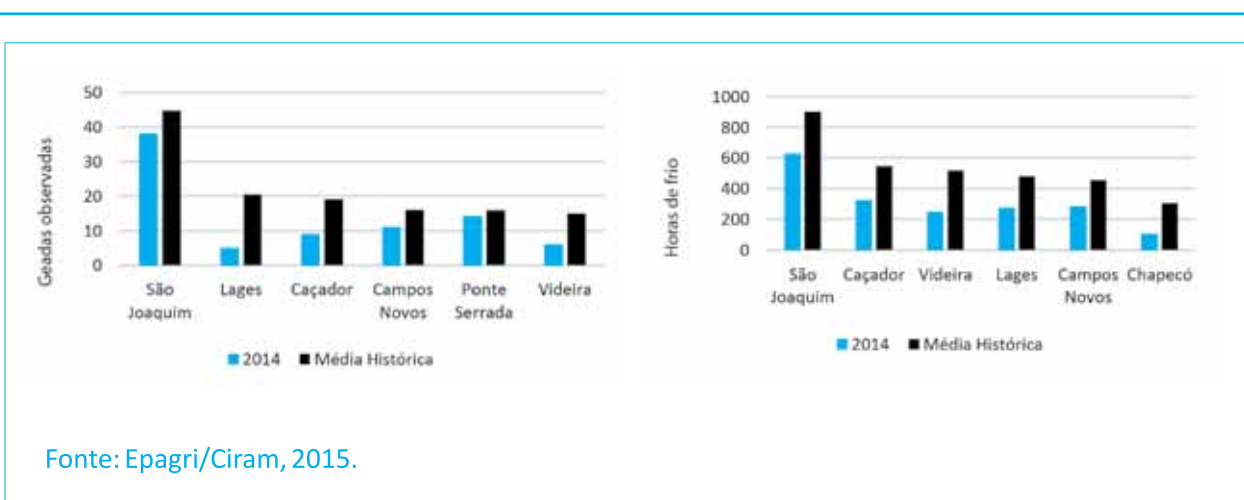


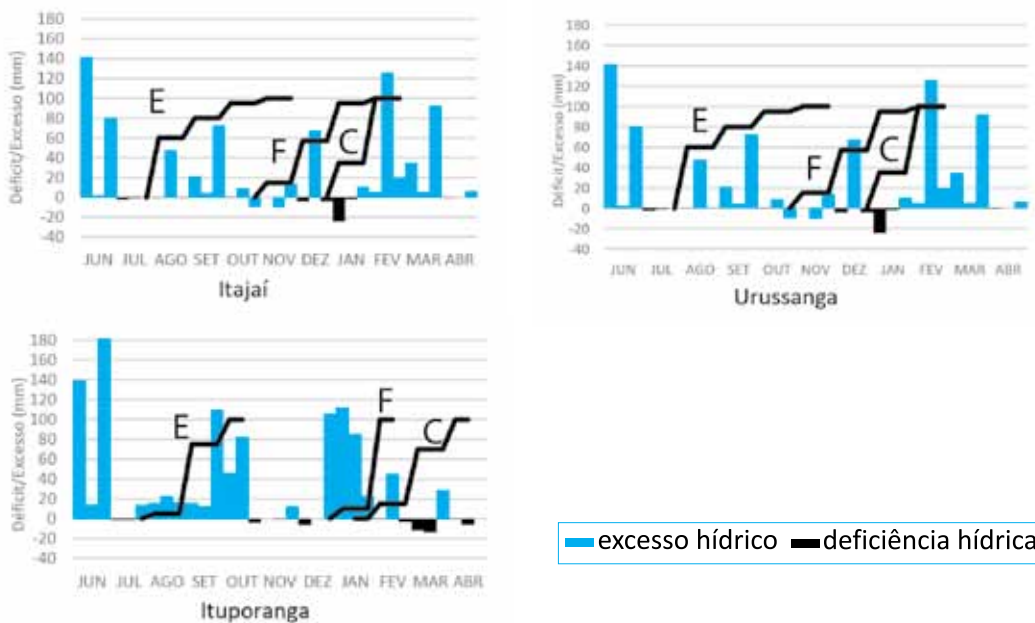
Figura 3/I. Número de geadas observadas e total de horas de frio ( $\leq 7,2^{\circ}\text{C}$ ) acumuladas de abril a outubro em 2014 e a média histórica de estações meteorológicas em Santa Catarina



Microrregião	%
Itajaí	2,8
Araranguá	-2,7
Joinville	-4,1
Ituporanga	-24,2
Santa Catarina	-1,4

Fonte: Epagri/Cepa, 2015.

Figura 4/I. Distribuição espacial das classes (maior, igual e menor) e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra (%) para a cultura do arroz - Santa Catarina - Safra 2014/2015



OBS: As linhas em preto representam a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita.

Fonte: Epagri/Cepa, Epagri/Ciram, 2015.

Figura 5/I. Excesso/deficiência hídrica (mm) decenal para o período de junho de 2014 a abril de 2015 para as estações meteorológicas de Itajaí, Urussanga e Ituporanga e a evolução percentual do estabelecimento da cultura (E), floração (F) e colheita (C) para a cultura do arroz no estado de Santa Catarina

Nas figuras 6 e 7 são apresentados os valores para a cultura do milho.

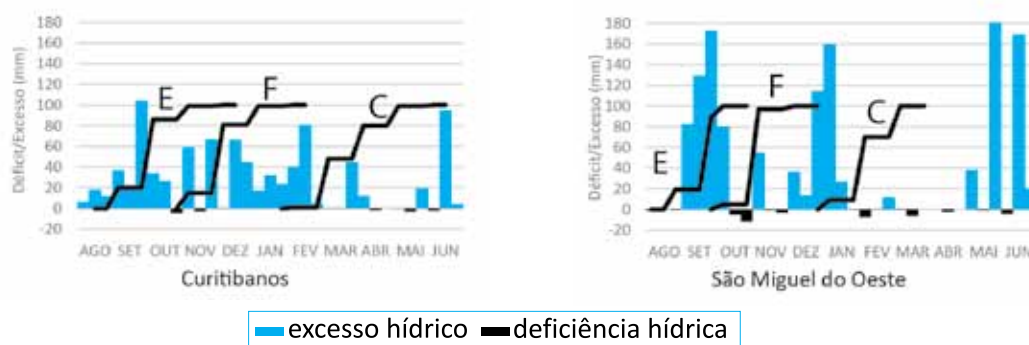
A microrregião de Curitibaanos teve um aumento do rendimento em relação ao rendimento inicial da safra (Figura 6). A maior porcentagem da floração e enchimento do grão da cultura do milho nessa microrregião ocorreu em época sem ocorrência de deficiência hídrica e no período de colheita não houve excesso hídrico (Figura 7).



Microrregião	%
São Bento do Sul	30,4
Curitibaanos	17,3
Rio do Sul	12,9
Ituporanga	10,7
Joaçaba	9,4
Canoinhas	5,2
Criciúma	-1,5
Araranguá	-1,5
Chapecó	-2,4
Xanxerê	-3,5
São Miguel do Oeste	-4,4
<b>Santa Catarina</b>	<b>2,5</b>

Fonte: Epagri/Cepa, 2015.

**Figura 6/I. Distribuição espacial das classes (maior, igual e menor) e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra (%) para a cultura do milho - Santa Catarina - Safra 2014/15**



OBS: As linhas em preto representam a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita.

Fonte: Epagri/Cepa, Epagri/Ciram, 2015.

**Figura 7/I. Excesso/deficiência hídrica (mm) decenal para o período de agosto de 2014 a junho de 2015 para as estações meteorológicas de Curitibaanos e São Miguel do Oeste e a evolução porcentual do estabelecimento da cultura (E), floração (F) e colheita (C) para a cultura do milho no estado de Santa Catarina**

A microrregião de São Miguel do Oeste teve a maior redução do rendimento em relação ao rendimento inicial da safra, representando a maior redução registrada no Estado na safra 2014/2015 para a cultura do milho (Figura 6). Essa redução provavelmente está associada ao período com deficiência hídrica. Na fase final de enchimento de grão ocorreu um excesso hídrico, com redução da radiação solar no final da floração e início do enchimento de grãos. Conforme destacado nos Boletins Agropecuários publicados

no decorrer da safra (Epagri/Cepa, 2015), apesar do clima propício para o bom desempenho da cultura no Estado, a deficiência hídrica ocorrida em algumas microrregiões, principalmente no Extremo Oeste e Oeste, fizeram com que a cultura apresentasse menor produtividade. Em regiões como o Alto Vale do Itajaí e Meio Oeste, a condição climática favorável ocasionou aumento da produtividade esperada, resultando bom desempenho. Provavelmente, outros fatores não ambientais podem ter influenciado os resultados dos rendimentos de grãos da cultura do milho.

Nas figuras 8 e 9 são apresentados os valores para a cultura da soja.

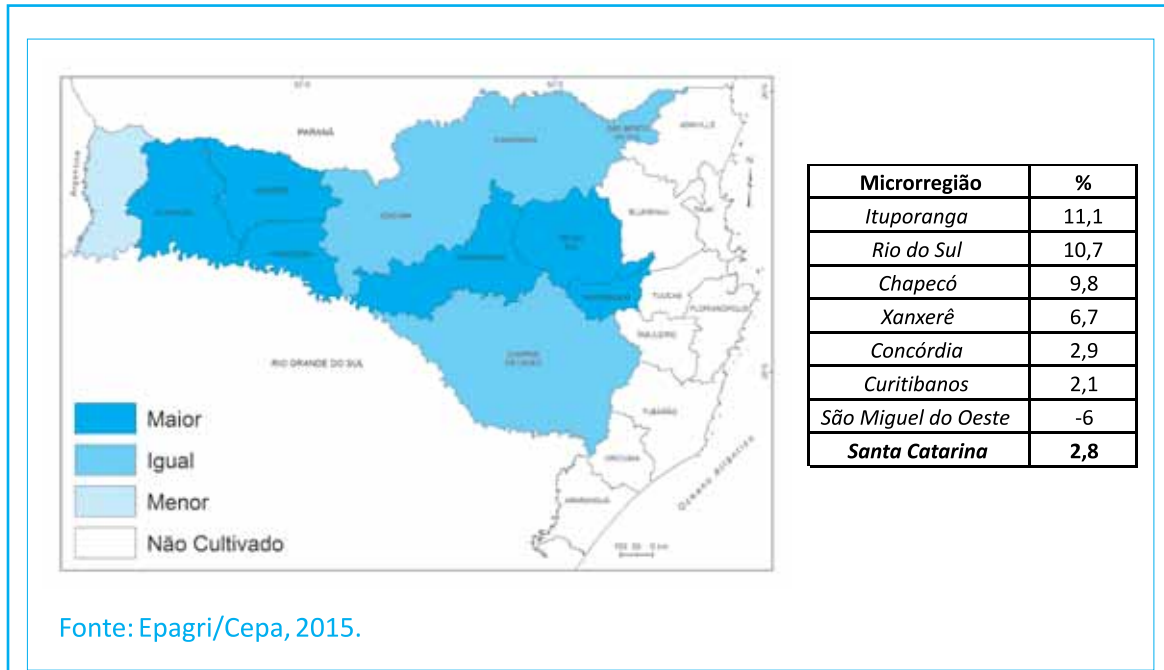


Figura 8/I. Distribuição espacial das classes (maior, igual e menor) e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra (%) para a cultura da soja - Santa Catarina - Safra 2014/15

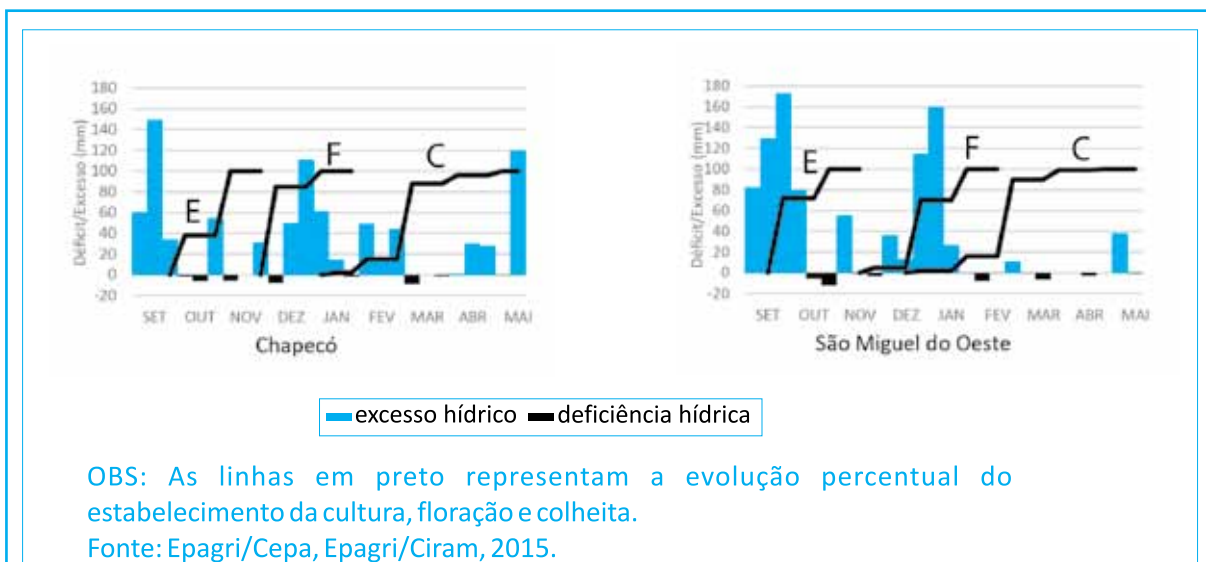


Figura 9/I. Excesso/deficiência hídrica (mm) decenal para o período de setembro de 2014 a maio de 2015 para as estações meteorológicas de Chapecó e São Miguel do Oeste e a evolução percentual do estabelecimento da cultura (E), floração (F) e colheita (C) para a cultura da soja no estado de Santa Catarina



Em relação à cultura da soja, maior parte do Estado ficou dentro da expectativa ou teve aumento de rendimento em relação a expectativa inicial (Figura 8). Somente a microrregião de São Miguel do Oeste apresentou rendimento menor que o esperado. Assim como aconteceu na cultura do milho, embora o clima fosse propício à produção de soja, em regiões como o Extremo Oeste, a deficiência hídrica pode ter prejudicado o desempenho da cultura. Contudo, em algumas microrregiões, principalmente do Alto Vale do Itajaí, a safra apresentou desempenho acima do esperado, fazendo com que no total do Estado fosse percebido um aumento da produtividade, equivalente a 2,8%.

A precipitação foi melhor distribuída em Chapecó do que em São Miguel do Oeste, como pode ser observado na Figura 9. Em São Miguel do Oeste o estabelecimento da cultura, em termos percentuais, foi mais cedo que em Chapecó; na fase de enchimento de grãos observou-se distribuição irregular das chuvas, o que pode justificar esse menor rendimento.

De maneira geral, durante essa safra não ocorreram eventos adversos de grande magnitude. Mesmo com a variabilidade climática observada, os resultados foram positivos para a agropecuária catarinense.

## Parte II

### Séries históricas

**Tabela 1/II. Número e área dos estabelecimentos agropecuários por grupos de área total - Santa Catarina - 1975-2006**

Grupos de área total (ha)	Número (unidade)					Área (mil ha)				
	1975	1980	1985	1995	2006	1975	1980	1985	1995	2006
< 10	69.921	75.724	91.883	72.462	69.390	344,5	376,8	449,0	364,7	334,2
10 < 20	55.203	58.943	63.950	60.051	56.411	766,7	824,6	888,2	838,1	787,2
20 < 50	58.035	57.588	56.245	49.865	45.310	1.739,0	1.720,4	1.673,5	1.481,6	1.339,4
50 < 100	14.693	14.257	13.341	12.120	10.723	979,7	953,4	891,8	811,3	715,7
100 < 200	4.779	4.946	4.897	4.585	4.124	642,7	670,4	660,2	617,6	553,6
200 < 500	2.559	2.901	2.959	2.729	2.389	773,1	881,6	901,6	831,1	726,6
500 < 1000	832	1.009	1.005	917	743	570,2	694,0	695,2	625,6	501,9
1000 e mais	475	624	571	508	451	1.061,4	1.352,5	1.260,2	1.042,9	1.081,5
Sem área/declaração	8	167	122	110	4.122	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>206.505</b>	<b>216.159</b>	<b>234.973</b>	<b>203.347</b>	<b>193.663</b>	<b>6.877,3</b>	<b>7.473,8</b>	<b>7.419,5</b>	<b>6.612,8</b>	<b>6.040,1</b>

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários

**Tabela 2/II. Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização das terras - Santa Catarina - 1975-2006**

Utilização das terras	(mil ha)				
	1975	1980	1985	1995	2006
Lavouras	1.434,4	1.803,8	1.868,8	1.570,4	1.723,3
Pastagens	2.404,0	2.490,9	2.469,3	2.338,9	1.707,6
Matas e florestas	1.628,1	1.782,2	1.909,7	1.910,2	2.235,4
Outras utilizações	1.410,7	1.396,9	1.171,8	793,4	373,8
<b>Total</b>	<b>6.877,3</b>	<b>7.473,8</b>	<b>7.419,5</b>	<b>6.612,8</b>	<b>6.040,1</b>

OBS: 1) 1975/1995: Outras utilizações - Terras produtivas não utilizadas e Terras inaproveitáveis;  
2) 2006: Outras utilizações - áreas com tanques, lagos, açudes e/ou águas públicas para aquicultura, construções, benfeitorias e/ou caminhos, terras degradadas e terras inaproveitáveis.

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário.

**Tabela 3/II. Número e área dos estabelecimentos agropecuários por condição dos produtores - Santa Catarina - 1975-2006**

Condição dos produtores	Número (unidade)					Área (mil ha)				
	1975	1980	1985	1995	2006	1975	1980	1985	1995	2006
Proprietário	167.616	168.063	178.453	166.664	169.594	5.677,9	5.656,1	5.434,9	5.011,8	4.985,2
Arrendatário, parceiro	20.138	25.733	31.212	17.912	8.904	271,4	359,5	381,6	267,6	147,4
Administrador	2.020	4.012	4.912	5.375	4.435	684,8	1.193,2	1.349,7	1.144,8	846,1
Ocupante	16.731	18.351	20.396	13.395	6.613	243,2	265,0	253,3	188,7	83,8
Produtor sem área	0	0	0	0	4.122	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>206.505</b>	<b>216.159</b>	<b>234.973</b>	<b>203.346</b>	<b>193.668</b>	<b>6.877,3</b>	<b>7.473,8</b>	<b>7.419,5</b>	<b>6.612,8</b>	<b>6.062,5</b>

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

**Tabela 4/II. Pessoal ocupado e número de tratores em estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006**

Discriminação	1975	1980	1985	1995	2006
Pessoal ocupado (pessoas)	858.734	836.755	887.287	718.694	571.522
Número de tratores (unidades)	15.641	33.105	46.435	63.148	69.884

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário

**Tabela 5/II. Efetivo de animais em estabelecimentos agropecuários por espécie - Santa Catarina - 1975-2006**

(cab.)

Espécie de efetivo	1975	1980	1985	1995	2006
Aves (galinhas, galos, frangas e frangos)	25.632.000	43.698.000	54.051.000	85.567.000	179.864.000
Suínos	3.505.778	3.896.822	3.185.301	4.535.571	6.569.714
Bovinos	2.236.830	2.615.629	2.742.896	3.097.351	3.126.002
Ovinos	125.619	144.404	159.095	202.694	194.819
Equinos	157.444	141.455	143.268	127.483	80.579
Caprinos	41.501	48.621	42.869	23.253	40.411
Bubalinos	2.647	7.877	20.043	15.048	10.651

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário.

**Tabela 6/II. Produção animal em estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006**

Tipo de produção animal	1975	1980	1985	1995	2006
Leite de vaca (mil litros)	409.837	534.157	603.704	869.419	1.396.222
Leite de cabra (mil litros)	131	101	86	367	575
Lã (t)	121	151	170	185	158
Ovos de galinha (mil dúzias)	28.631	53.918	65.349	110.330	239.620

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário.

**Tabela 7/II. Área e produção dos estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006**

Tipo de produção	Área colhida (mil ha)					Produção (mil t)				
	1975	1980	1985	1995	2006	1975	1980	1985	1995	2006
Arroz em casca	119,4	111,9	120,4	111,4	132,9	207,7	247,5	327,6	497,4	846,4
Batata-inglesa	...	...	...	...	...	62,9	80,4	115,1	106,4	87,9
Cana-de-açúcar	16,4	25,5	32,0	24,7	6,6	502,1	898,4	907,8	518,2	145,6
Cebola	...	...	...	...	...	17,9	77,2	99,5	225,5	278,6
Feijão em grão	130,1	179,6	340,9	254,8	122,6	95,2	127,5	248,0	223,3	185,2
Fumo em folha	77,0	87,1	103,7	101,5	154,7	96,5	127,0	161,6	163,3	306,5
Mandioca	80,5	71,0	74,1	40,4	36,2	995,3	1.002,8	882,6	431,1	597,0
Milho em grão	728,9	877,7	850,6	755,0	886,8	1.661,6	2.018,0	1.943,0	2.305,1	4.110,2
Soja em grão	263,9	428,0	403,5	167,7	274,0	270,9	529,4	519,7	408,9	726,5
Tomate	...	...	...	...	...	11,0	22,8	20,2	78,0	15,3
Trigo em grão	32,4	10,7	35,0	29,9	38,6	21,2	8,0	38,3	44,8	97,7
Uva	3,9	3,8	5,6	2,9	2,8	39,9	32,6	57,7	27,3	29,8

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 2006.

## Área e população

Tabela 8/II. Área territorial e população residente por situação do domicílio - Santa Catarina - 2000 e 2010

Micro/Mesorregião geográfica	Área (km <sup>2</sup> )	População residente (mil pessoas)								
		Total			Urbana			Rural		
		2000	2010	Var. %	2000	2010	Var. %	2000	2010	Var. %
São Miguel do Oeste	4.242	171,2	174,7	2,1	81,8	101,2	23,8	89,4	73,5	-17,7
Chapecó	6.046	361,3	405,1	12,1	233,1	299,0	28,3	128,3	106,1	-17,3
Xanxerê	4.806	142,3	152,5	7,1	85,9	104,3	21,4	56,5	48,2	-14,6
Joaçaba	9.052	304,0	326,5	7,4	224,3	262,7	17,1	79,7	63,7	-20,1
Concórdia	3.129	137,9	142,0	3,0	77,6	93,4	20,3	60,3	48,6	-19,4
Oeste Catarinense	27.275	1.116,8	1.200,7	7,5	702,6	860,6	22,5	414,2	340,1	-17,9
Canoinhas	9.420	232,5	243,7	4,8	147,4	161,9	9,9	85,2	81,8	-3,9
São Bento do Sul	1.900	114,8	126,4	10,1	101,3	114,8	13,3	13,4	11,6	-13,8
Joinville	4.616	679,3	842,7	24,1	627,5	787,2	25,5	51,8	55,5	7,1
Norte Catarinense	15.937	1.026,6	1.212,8	18,1	876,2	1.063,9	21,4	150,4	148,9	-1,0
Curitibanos	6.597	116,0	122,6	5,7	87,4	99,3	13,7	28,6	23,3	-18,6
Campos de Lages	15.726	285,0	284,1	-0,3	225,2	233,1	3,5	59,8	51,0	-14,7
Serrana	22.323	401,0	406,7	1,4	312,5	332,4	6,4	88,4	74,3	-16,0
Rio do Sul	5.268	182,5	204,9	12,2	115,3	141,1	22,4	67,2	63,8	-5,1
Blumenau	4.753	547,6	677,4	23,7	472,6	609,7	29,0	75,0	67,7	-9,8
Itajaí	1.558	404,9	570,9	41,0	382,0	542,0	41,9	22,8	28,9	26,8
Ituporanga	1.530	51,2	55,8	8,9	23,0	29,2	27,1	28,2	26,6	-6,0
Vale do Itajaí	13.109	1.186,2	1.509,0	27,2	992,9	1.322,0	33,1	193,3	187,0	-3,3
Tijucas	2.128	69,9	91,9	31,5	43,4	68,6	58,1	26,5	23,3	-12,0
Florianópolis	2.873	709,9	878,3	23,7	675,0	838,8	24,3	34,9	39,5	13,1
Tabuleiro	2.349	23,3	23,9	2,5	7,1	8,5	19,7	16,2	15,4	-5,0
Grande Florianópolis	7.350	803,2	994,1	23,8	725,5	915,9	26,2	77,6	78,2	0,8
Tubarão	4.656	337,8	374,9	11,0	238,7	295,7	23,9	99,1	79,1	-20,1
Criciúma	2.091	324,7	369,4	13,7	268,2	331,9	23,7	56,6	37,5	-33,6
Araranguá	2.963	160,2	180,8	12,9	101,4	125,6	23,9	58,8	55,2	-6,0
Sul Catarinense	9.710	822,7	925,1	12,4	608,2	753,2	23,8	214,4	171,9	-19,8
<b>Santa Catarina</b>	<b>95.703</b>	<b>5.356,4</b>	<b>6.248,4</b>	<b>16,7</b>	<b>4.217,9</b>	<b>5.247,9</b>	<b>24,4</b>	<b>1.138,4</b>	<b>1.000,5</b>	<b>-12,1</b>

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Tabela 9/II. Participação % das regiões na área territorial e população residente - Santa Catarina - 2000 e 2010

Micro/Mesorregião geográfica	Área	População residente					
		Total		Urbana		Rural	
		2000	2010	2000	2010	2000	2010
São Miguel do Oeste	4,4	3,2	2,8	1,9	1,9	7,9	7,3
Chapecó	6,3	6,7	6,5	5,5	5,7	11,3	10,6
Xanxerê	5,0	2,7	2,4	2,0	2,0	5,0	4,8
Joaçaba	9,5	5,7	5,2	5,3	5,0	7,0	6,4
Concórdia	3,3	2,6	2,3	1,8	1,8	5,3	4,9
Oeste Catarinense	28,5	20,8	19,2	16,7	16,4	36,4	34,0
Canoinhas	9,8	4,3	3,9	3,5	3,1	7,5	8,2
São Bento do Sul	2,0	2,1	2,0	2,4	2,2	1,2	1,2
Joinville	4,8	12,7	13,5	14,9	15,0	4,6	5,6
Norte Catarinense	16,7	19,2	19,4	20,8	20,3	13,2	14,9
Curitibanos	6,9	2,2	2,0	2,1	1,9	2,5	2,3
Campos de Lages	16,4	5,3	4,5	5,3	4,4	5,3	5,1
Serrana	23,3	7,5	6,5	7,4	6,3	7,8	7,4
Rio do Sul	5,5	3,4	3,3	2,7	2,7	5,9	6,4
Blumenau	5,0	10,2	10,8	11,2	11,6	6,6	6,8
Itajaí	1,6	7,6	9,1	9,1	10,3	2,0	2,9
Ituporanga	1,6	1,0	0,9	0,5	0,6	2,5	2,7
Vale do Itajaí	13,7	22,1	24,1	23,5	25,2	17,0	18,7
Tijucas	2,2	1,3	1,5	1,0	1,3	2,3	2,3
Florianópolis	3,0	13,3	14,1	16,0	16,0	3,1	3,9
Tabuleiro	2,5	0,4	0,4	0,2	0,2	1,4	1,5
Grande Florianópolis	7,7	15,0	15,9	17,2	17,5	6,8	7,8
Tubarão	4,9	6,3	6,0	5,7	5,6	8,7	7,9
Criciúma	2,2	6,1	5,9	6,4	6,3	5,0	3,8
Araranguá	3,1	3,0	2,9	2,4	2,4	5,2	5,5
Sul Catarinense	10,1	15,4	14,8	14,4	14,4	18,8	17,2
<b>Santa Catarina</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 2000 e 2010.

# Exportações e importações

Tabela 10/II. Valor das exportações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14

(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>2.242.879</b>	<b>2.598.978</b>	<b>3.230.080</b>	<b>3.045.747</b>	<b>2.828.442</b>	<b>3.021.851</b>
Carne suína	330.992	337.891	507.286	538.019	442.508	591.546
Carne de frango	1.721.412	2.019.803	2.406.209	1.922.817	1.884.483	1.900.722
Outras carnes de aves	69.245	96.106	88.763	123.205	81.320	59.427
Carne bovina	23.494	38.120	43.360	47.131	44.787	42.528
Outras carnes	50.538	58.059	125.649	337.046	312.098	340.194
Pescados e crustáceos	26.247	26.798	36.832	51.127	37.393	38.774
Mel natural	7.910	4.215	1.640	4.873	7.800	22.530
Outros produtos de origem animal	13.042	17.987	20.341	21.529	18.053	26.130
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>1.102.926</b>	<b>1.257.834</b>	<b>1.521.706</b>	<b>1.645.741</b>	<b>1.594.652</b>	<b>1.601.229</b>
Soja - óleo	60.875	72.746	96.567	94.089	49.328	35.022
Soja em grão - para semeadura e outros	97.863	141.006	217.935	306.808	482.350	833.597
Soja - farelos e farinhas	1.244	16.107	147.493	89.282	16.700	36.656
Milho	7.089	4.183	931	47.707	55.326	38.721
Arroz	17.388	1.665	31.883	20.293	7.049	3.851
Banana	16.522	16.253	14.715	9.283	8.730	10.085
Maçã	15.508	19.173	4.990	8.964	11.081	7.766
Outras frutas frescas ou secas	3.190	1.684	1.344	1.466	1.409	1.561
Frutas em conserva e doces	905	807	986	944	766	948
Sucos de frutas	26.065	33.217	35.484	39.472	26.808	20.384
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	2.201	1.626	1.516	1.548	1.664	1.554
Produtos hortícolas	437	410	1.202	1.936	29	513
Fécula de mandioca	542	1.164	1.334	1.391	1.233	1.184
Erva-mate	14.034	17.728	15.706	5.709	7.429	10.061
Plantas ornamentais	492	401	129	73	60	203
Gomas e resinas	2.305	1.726	1.616	1.334	1.360	1.347
Fumo	813.660	873.880	898.886	961.398	882.723	550.477
Bebidas fermentadas e destiladas	1.443	2.153	1.504	1.479	1.605	1.675
Outros produtos vegetais e da agroindústria	21.163	51.908	47.484	52.567	39.002	45.623
<b>Produto da indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>746.248</b>	<b>838.886</b>	<b>802.629</b>	<b>765.300</b>	<b>854.491</b>	<b>1.001.472</b>
Madeira e obras de madeiras	349.382	410.139	390.124	401.153	479.383	574.788
Móveis de madeira	239.539	244.697	185.988	175.537	173.622	190.878
Papel e papelão	157.326	184.051	226.517	188.610	201.486	235.805
<b>Total do agronegócio</b>	<b>4.092.053</b>	<b>4.695.699</b>	<b>5.554.415</b>	<b>5.456.789</b>	<b>5.277.585</b>	<b>5.624.551</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>6.427.614</b>	<b>7.582.027</b>	<b>9.051.047</b>	<b>8.920.648</b>	<b>8.688.406</b>	<b>8.987.359</b>

Fonte: MDIC/Secex /Sistema Aliceweb.

Tabela 11/II. Valor das importações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14

(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	2009	2010	2011	2012	2013	2014
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>151.028</b>	<b>197.924</b>	<b>299.114</b>	<b>347.054</b>	<b>437.450</b>	<b>446.848</b>
Animais vivos	0	0	220	450	0	15
Carnes de animais	9.233	15.094	19.800	19.204	27.429	43.145
Pescados e crustáceos	99.742	125.883	204.859	231.043	280.199	266.581
Laticínios e ovos	9.875	14.247	22.568	22.468	29.191	47.609
Preparações e conservas de carnes e pescados	6.614	20.802	29.255	47.330	79.707	68.623
Outros produtos origem animal não comestíveis	25.564	21.898	22.413	26.559	20.923	20.876
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>671.967</b>	<b>721.795</b>	<b>933.965</b>	<b>998.650</b>	<b>1.099.249</b>	<b>1.083.215</b>
Soja e derivados	34.543	18.804	7.051	26.552	2.355	0
Milho	18.665	20.296	37.171	23.145	30.386	23.066
Trigo	60.400	100.224	117.205	101.484	70.798	42.955
Arroz	4.460	6.964	3.464	7.053	7.381	3.578
Malte	99.268	35.009	1.343	1.362	1.842	2.164
Outros cereais, grãos e prod. de moagem	89.110	40.375	56.625	28.545	31.107	25.209
Óleos e gorduras vegetais	76.147	80.964	123.423	113.307	138.451	125.106
Fumo	2.267	3.021	8.018	10.004	20.496	22.801
Uva	11.542	14.469	19.443	24.352	23.151	23.915
Maçã	6.567	8.211	15.345	10.199	18.796	20.647
Pera	22.399	26.131	27.935	244	166	62
Ameixa	9.234	8.993	10.977	12.920	16.068	19.940
Outras frutas frescas ou secas	10.155	21.800	33.253	78.606	71.693	89.458
Gomas e resinas	20.110	7.469	2.435	2.536	3.786	1.919
Cebola	4.282	11.108	9.867	6.513	21.953	5.719
Alho	12.721	38.545	60.287	42.529	40.379	32.312
Outros produtos hortícolas	25.273	48.942	60.315	99.662	105.431	69.477
Batatas preparadas ou conservadas	27.454	43.709	64.464	78.068	90.246	128.974
Leveduras	1.690	2.838	5.333	4.499	1.805	4.534
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	3.055	5.243	7.636	22.694	13.816	17.810
Outros prod vegetais e da agroindústria	132.626	178.681	262.374	304.375	389.143	423.570
<b>Produto da indústria de papel e papelão</b>	<b>88.370</b>	<b>117.325</b>	<b>149.384</b>	<b>130.357</b>	<b>142.867</b>	<b>158.496</b>
Madeira e obras de madeiras	16.010	20.418	25.600	26.552	24.711	26.755
Papel e papelão	72.360	96.906	123.784	103.804	118.155	131.741
<b>Total do agronegócio</b>	<b>911.365</b>	<b>1.037.043</b>	<b>1.382.463</b>	<b>1.476.060</b>	<b>1.679.565</b>	<b>1.688.559</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>7.283.252</b>	<b>11.974.291</b>	<b>14.847.049</b>	<b>14.550.221</b>	<b>14.778.889</b>	<b>16.018.766</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

**Tabela 12/II. Balança comercial de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14**

(US\$ FOB 1.000)

<b>Discriminação</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>
<b>Exportações</b>						
Produto animal e derivados	2.242.879	2.598.978	3.230.080	3.045.747	2.828.442	3.021.851
Produto vegetal e derivados	1.102.926	1.257.834	1.521.706	1.645.741	1.594.652	1.601.229
Produto da indústria da madeira, papel e papelão	746.248	838.886	802.629	765.300	854.491	1.001.472
<b>Total do agronegócio</b>	<b>4.092.053</b>	<b>4.695.699</b>	<b>5.554.415</b>	<b>5.456.789</b>	<b>5.277.585</b>	<b>5.624.551</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>6.427.614</b>	<b>7.582.027</b>	<b>9.051.047</b>	<b>8.920.648</b>	<b>8.688.406</b>	<b>8.987.359</b>
<b>Importações</b>						
Produto animal e derivados	151.028	197.924	299.114	347.054	437.450	446.848
Produto vegetal e derivados	671.967	721.795	933.965	998.650	1.099.249	1.083.215
Produto da indústria de papel e papelão	88.370	117.325	149.384	130.357	142.867	158.496
<b>Total do agronegócio</b>	<b>911.365</b>	<b>1.037.043</b>	<b>1.382.463</b>	<b>1.476.060</b>	<b>1.679.565</b>	<b>1.688.559</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>7.283.252</b>	<b>11.974.291</b>	<b>14.847.049</b>	<b>14.550.221</b>	<b>14.778.889</b>	<b>16.018.766</b>
<b>Saldo</b>						
Produto animal e derivados	2.091.851	2.401.054	2.930.965	2.698.693	2.390.993	2.575.003
Produto vegetal e derivados	430.959	536.040	587.742	647.092	495.403	518.014
Produto da indústria de papel e papelão	657.878	721.562	653.245	634.944	711.624	842.976
<b>Total do agronegócio</b>	<b>3.180.688</b>	<b>3.658.655</b>	<b>4.171.952</b>	<b>3.980.729</b>	<b>3.598.020</b>	<b>3.935.992</b>
<b>Total catarinense</b>	<b>-855.637</b>	<b>-4.392.264</b>	<b>-5.796.002</b>	<b>-5.629.573</b>	<b>-6.090.482</b>	<b>-7.031.407</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.



Tabela 13/II. Valor das exportações catarinense e brasileira e participação de Santa Catarina no Brasil - 2014  
(US\$ FOB 1.000)

Discriminação	SC	Brasil	SC/Brasil (%)	Produto/SC (%)	Produto/BR (%)
<b>Produto animal e derivados</b>	<b>3.021.851</b>	<b>19.058.359</b>	<b>15,9</b>	<b>33,6</b>	<b>8,5</b>
Carne suína	591.546	1.588.542	37,2	6,6	0,7
Carne de frango	1.900.722	7.457.331	25,5	21,1	3,3
Outras carnes de aves	59.427	345.002	17,2	0,7	0,2
Carne bovina	42.528	7.389.234	0,6	0,5	3,3
Outras carnes	340.194	678.607	50,1	3,8	0,3
Pescados e crustáceos	38.774	207.217	18,7	0,4	0,1
Mel natural	22.530	98.576	22,9	0,3	0,0
Outros produtos de origem animal	26.130	1.293.851	2,0	0,3	0,6
<b>Produto vegetal e derivados</b>	<b>1.601.229</b>	<b>61.602.289</b>	<b>2,6</b>	<b>17,8</b>	<b>27,4</b>
Soja - óleo	35.022	1.129.659	3,1	0,4	0,5
Soja em grão - para semeadura e outros	833.597	23.277.378	3,6	9,3	10,3
Soja - farelos e farinhas	36.656	7.000.776	0,5	0,4	3,1
Milho	38.721	3.947.662	1,0	0,4	1,8
Arroz	3.851	396.799	1,0	0,0	0,2
Banana	10.085	31.750	31,8	0,1	0,0
Maçã	7.766	31.903	24,3	0,1	0,0
Outras frutas frescas ou secas	1.561	727.619	0,2	0,0	0,3
Frutas em conserva e doces	948	63.291	1,5	0,0	0,0
Sucos de frutas	20.384	2.168.269	0,9	0,2	1,0
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	1.554	9.953.676	0,0	0,0	4,4
Produtos hortícolas	513	61.237	0,8	0,0	0,0
Fécula de mandioca	1.184	5.527	21,4	0,0	0,0
Erva-mate	10.061	114.087	8,8	0,1	0,1
Plantas ornamentais	203	23.812	0,9	0,0	0,0
Gomas e resinas	1.347	95.436	1,4	0,0	0,0
Fumo	550.477	2.501.868	22,0	6,1	1,1
Bebidas fermentadas e destiladas	1.675	1.068.798	0,2	0,0	0,5
Outros produtos vegetais e da agroindústria	45.623	9.002.742	0,5	0,5	4,0
<b>Produto da indústria da madeira, papel e papelão</b>	<b>1.001.472</b>	<b>9.942.712</b>	<b>10,1</b>	<b>11,1</b>	<b>4,4</b>
Madeira e obras de madeiras	574.788	2.243.112	25,6	6,4	1,0
Móveis de madeira	190.878	479.274	39,8	2,1	0,2
Papel e papelão	235.805	7.220.326	3,3	2,6	3,2
<b>Total do agronegócio</b>	<b>5.624.551</b>	<b>90.603.359</b>	<b>6,2</b>	<b>62,6</b>	<b>40,3</b>
<b>Total geral</b>	<b>8.987.359</b>	<b>225.100.885</b>	<b>4,0</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: MDIC/Secex/Sistema Aliceweb.

## Preços aos produtores

Tabela 14/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15

Ano/mês	Milho (sc 60 kg) Chapecó	Soja (sc 60 kg) Chapecó	Feijão preto (sc 60 kg)		Feijão carioca (sc 60 kg)		Arroz Irrigado (sc 50 kg) SC	Trigo Intermediário (sc 60 kg) SC	
			Chapecó	Canoinhas	Chapecó	Joaçaba			
2013	Jan.	28,35	61,03	122,65	116,25	145,88	144,09	31,10	35,00
	Fev.	27,06	57,38	127,81	119,38	165,00	197,78	30,67	36,06
	Mar.	24,17	54,26	130,00	129,47	152,11	196,67	30,68	35,50
	Abr.	21,34	51,45	130,23	130,00	169,55	218,41	30,67	34,95
	Mai	21,95	53,43	141,00	133,50	195,50	205,00	31,26	35,50
	Jun.	22,40	59,70	142,50	139,44	145,00	185,00	31,67	35,50
	Jul.	21,59	60,17	140,00	141,33	140,00	174,78	31,67	35,50
	Ago.	21,36	59,45	140,00	...	121,36	140,00	31,67	37,55
	Set.	22,43	63,79	140,00	...	103,33	120,00	31,67	41,98
	Out.	21,83	64,50	140,00	...	94,50	120,00	31,59	42,31
	Nov.	23,62	66,48	127,62	...	85,24	120,00	31,55	40,05
	Dez.	23,56	68,75	120,00	...	76,88	88,57	31,85	37,24
2014	Jan.	22,15	62,35	127,39	132,92	74,74	80,00	...	...
	Fev.	22,83	63,18	120,00	126,25	74,85	99,50	34,73	37,07
	Mar.	24,86	64,67	127,22	125,71	80,00	130,00	33,65	37,11
	Abr.	24,85	63,53	134,71	132,93	75,59	128,42	33,29	38,12
	Mai	23,33	62,58	112,25	122,75	70,56	85,56	33,36	38,39
	Jun.	22,29	61,87	85,94	94,74	70,00	80,00	33,58	38,00
	Jul.	21,18	57,40	88,75	90,00	70,00	80,00	33,56	34,02
	Ago.	21,45	56,90	90,00	90,00	70,00	70,00	33,57	28,90
	Set.	21,14	54,49	90,00	88,75	...	70,00	33,61	27,42
	Out.	21,15	56,10	90,00	89,09	...	70,00	33,61	26,00
	Nov.	23,06	59,35	90,00	92,94	...	70,00	33,56	25,69
	Dez.	23,00	59,38	90,00	95,00	...	70,00	33,87	25,67
2015	Jan.	22,20	54,20	130,00	100,88	...	130,00	34,39	26,33
	Fev.	23,39	56,97	130,00	109,00	...	135,36	34,91	26,33
	Mar.	24,08	60,23	121,67	126,67	...	138,00	34,04	28,30
	Abr.	23,37	58,40	105,33	115,77	...	120,00	33,81	31,73
	Mai	21,85	57,44	88,24	99,10	...	120,00	34,10	32,00
	Jun.	21,56	57,75	80,56	90,75	...	120,00	33,91	31,08
	Jul.	23,32	62,06	80,00	90,00	...	120,00	33,63	30,50

OBS: Os preços de Santa Catarina são médias aritméticas simples dos preços mais comuns das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 15/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15

Ano/mês	Cebola Pera (sc 20 kg)	Batata não lavada esp./1ª (sc 50 kg)	Alho tipo 5 (kg)	Farinha de mandioca grossa (sc 50 kg)	Mandioca (t)	Banana Caturra (cx 20 a 22 kg)	Banana Prata (cx 20 a 22 kg)	Fumo TO <sub>2</sub> (kg)	
	Rio do Sul	SC	Joaçaba	Sul Cat.	SC	Norte Cat.	Sul Cat.	SC	
2013	Jan.	21,78	32,25	4,09	...	...	3,00	...	6,64
	Fev.	27,65	44,13	...	69,00	...	3,00	12,06	6,82
	Mar.	36,84	...	4,80	69,84	...	4,16	14,58	6,82
	Abr.	36,38	...	5,04	72,91	322,50	9,23	16,50	6,82
	Maio	...	...	5,50	73,80	318,83	8,72	17,00	6,82
	Jun.	...	...	5,50	70,32	276,89	8,58	17,89	6,82
	Jul.	...	...	5,50	67,35	268,37	10,43	19,00	6,99
	Ago.	...	...	...	68,55	271,02	9,18	19,00	6,99
	Set.	...	...	...	72,19	270,00	14,02	17,90	6,99
	Out.	...	...	...	76,90	...	15,76	16,80	6,99
	Nov.	8,57	...	...	83,30	...	11,75	14,45	6,99
	Dez.	9,93	...	3,50	87,07	...	10,00	9,00	6,99
2014	Jan.	16,00	...	4,00	88,00	...	9,29	14,00	...
	Fev.	16,30	28,67	4,00	87,00	...	6,05	17,55	7,20
	Mar.	16,00	29,78	5,00	84,95	...	13,14	18,05	7,41
	Abr.	17,00	29,57	4,00	81,00	300,00	18,50	19,85	7,41
	Maio	18,95	35,00	3,97	72,80	283,33	15,00	20,15	7,41
	Jun.	...	37,21	3,80	51,89	263,89	9,56	20,32	7,41
	Jul.	...	...	3,80	43,65	245,08	9,80	21,00	7,41
	Ago.	...	...	3,80	41,48	240,30	8,60	21,05	7,41
	Set.	...	...	...	41,32	239,47	8,79	19,41	7,41
	Out.	...	...	...	41,32	...	9,95	13,09	7,41
	Nov.	15,33	...	...	41,00	...	6,89	10,63	7,41
	Dez.	13,47	...	...	41,00	...	5,67	11,13	7,41
2015	Jan.	18,00	...	4,00	...	...	4,78	...	...
	Fev.	27,17	35,56	4,00	40,50	...	4,00	15,50	7,41
	Mar.	28,29	31,66	4,87	40,09	...	8,05	20,64	7,65
	Abr.	39,25	30,58	5,50	38,93	...	10,67	20,60	7,88
	Maio	...	36,75	5,97	37,10	171,64	...	20,55	7,88
	Jun.	...	38,50	...	37,00	168,68	...	21,65	7,88
	Jul.	...	...	...	37,00	163,40	...	21,91	7,88

OBS: Os preços de Santa Catarina são médias aritméticas simples dos preços mais comuns das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Tabela 16/II. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15

Ano/mês	Suíno vivo (kg)		Frango vivo (kg)	Boi gordo (arroba)		Leite (litro)		
	Prod. Indep.	Prod. Integrados				(na indústria)	(na propriedade)	
	Chapecó	Chapecó	Chapecó	Chapecó	Rio do Sul	Santa Catarina		
2013	Jan.	3,09	3,02	2,04	97,26	105,83	0,78	0,72
	Fev.	3,09	3,02	2,05	97,50	105,12	0,81	0,74
	Mar.	2,98	2,90	2,02	97,50	105,00	0,81	0,74
	Abr.	2,70	2,69	1,96	97,50	105,00	0,83	0,76
	Mai	2,53	2,47	1,90	97,50	103,05	0,86	0,79
	Jun.	2,53	2,47	1,83	97,15	102,75	0,89	0,82
	Jul.	2,53	2,47	1,79	98,61	107,13	0,93	0,86
	Ago.	2,74	2,65	1,77	99,00	105,27	0,96	0,89
	Set.	3,11	2,90	1,77	99,71	105,00	0,99	0,92
	Out.	3,49	3,20	1,81	106,00	104,90	1,00	0,94
	Nov.	3,50	3,24	1,82	108,80	106,00	1,00	0,94
	Dez.	3,50	3,24	1,84	108,00	111,21	0,97	0,91
2014	Jan.	3,30	3,21	...	...	114,00	0,91	0,86
	Fev.	3,30	3,19	1,96	117,00	117,50	0,90	0,85
	Mar.	3,30	3,11	1,99	119,11	123,16	0,90	0,85
	Abr.	3,34	3,21	1,97	125,00	124,47	0,95	0,89
	Mai	3,35	3,22	2,00	125,00	127,50	0,98	0,93
	Jun.	3,35	3,22	1,97	125,00	127,50	1,00	0,93
	Jul.	3,40	3,27	1,92	125,00	128,36	0,99	0,93
	Ago.	3,62	3,42	1,87	125,00	129,24	0,99	0,93
	Set.	3,87	3,54	1,86	127,73	132,00	0,97	0,90
	Out.	3,95	3,70	1,85	135,30	136,50	0,95	0,88
	Nov.	3,98	3,86	1,85	138,00	138,67	0,89	0,82
	Dez.	3,98	3,86	1,87	138,00	145,20	0,85	0,79
2015	Jan.	3,68	3,61	1,97	137,40	147,00	0,81	0,75
	Fev.	3,40	3,35	2,02	134,22	150,00	0,79	0,73
	Mar.	3,38	3,32	2,04	137,21	150,00	0,80	0,74
	Abr.	3,33	3,21	2,12	145,00	151,25	0,85	0,78
	Mai	3,20	3,11	2,12	150,00	153,00	0,91	0,85
	Jun.	3,20	3,11	2,10	150,00	154,67	0,94	0,88
	Jul.	3,19	3,11	2,03	150,00	156,75	0,96	0,90

OBS: Os preços de Santa Catarina são médias aritméticas simples dos preços mais comuns das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

# Calendário agrícola

Tabela 12/II. Calendário Agrícola de Santa Catarina

Produto	Fase	Mês											
		Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Alho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Arroz	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Banana	Colheita												
	Comerc.												
Batata	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Cebola	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 1ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Feijão 2ª Safra	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Fumo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Mandioca	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Milho	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Soja	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Trigo	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Tomate	Plantio												
	Colheita												
	Comerc.												
Maçã	Colheita												
	Comerc.												

Maior concentração.

Menor concentração.

Fonte: Epagri/Cepa.

## Lista de Figuras (Parte I)

### Desempenho da produção vegetal

#### Arroz

1. Evolução da produção, consumo e estoque mundial - 1990-15 .....	11
2. Valor das exportações e importações catarinenses – 2010-15 .....	15
3. Equivalência de preços entre arroz e principais insumos – 2010-14 .....	16
4. Evolução do preço do arroz – Santa Catarina – 1972-2015.....	17

#### Banana

1. Principais frutas produzidas no mundo – 2013 .....	18
---	----

#### Cebola

1. Desempenho da produção brasileira – 2010-14 .....	27
2. Evolução da produtividade no Brasil – 2010-14 .....	28
3. Desempenho da produção catarinense – 2010-14 .....	29
4. Evolução da área colhida em Santa Catarina – 2010-14 .....	29
5. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 2012/13-2014/15 .....	30

#### Maçã

Preços médios anuais na Ceagesp – Brasil – 2010-15 .....	49
--	----

#### Milho

1. Equivalência de preços mensais entre soja e milho – 2013-15 .....	55
2. Equivalência de preços entre milho e principais insumos – 2012-15.....	56

#### Soja

1. Soja e derivados – Composição das exportações brasileiras – 2014-15.....	61
---	----

### Desempenho da produção animal

#### Carne de frango

1. Peso médio das carcaças de frangos – Brasil – 2014.....	85
2. Evolução dos preços de frango vivo – Santa Catarina – 2014-15 .....	87
3. Quantidade de frango vivo necessário para adquirir um saco de milho – Santa Catarina - 2014.....	87

### Desempenho da aquicultura catarinense

#### Piscicultura de água-doce

1. Percentual das espécies de peixes produzidos em Santa Catarina .....	105
2. Evolução da produção da piscicultura catarinense – 1983-2014 .....	106
3. Resumo da Cadeia Produtiva da Piscicultura Catarinense e percentual da produção absorvida por setor de mercado – 2014 .....	107
4. Regiões de maior produção no Estado.....	107

## Desempenho do Setor Florestal

1. Evolução dos preços da celulose tipo NBSK e BHKP na Europa – dez./2005-dez./2014 .....	114
2. Valor das exportações brasileiras de móveis de madeira – 2000-14 .....	120
3. Evolução dos preços reais de madeiras de bitolas finas em SC – jul./11-jul./15.....	126
4. Evolução dos índices de preços de toras para processamento mecânico – jul./11-jul./15.....	
5. Participação % das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses – 1993-2014.....	126

## Análise climática de janeiro de 2014 a junho de 2015 para o Estado de Santa Catarina

1. Excesso/deficiência hídrica decendial para o período de janeiro de 2014 a junho de 2015 para as estações meteorológicas distribuídas no estado de Santa Catarina .....	129
2. Temperatura média decendial e temperatura média histórica de janeiro de 2014 a junho de 2015 para as estações meteorológicas em Santa Catarina .....	130
3. Número de geadas observadas e total de horas de frio acumuladas de abril a outubro em 2014 e a média histórica de estações meteorológicas em Santa Catarina .....	130
4. Distribuição espacial das classes e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra para a cultura do arroz - Santa Catarina - Safra 2014/15 .....	131
5. Excesso/deficiência hídrica decendial para o período de junho de 2014 a abril de 2015 para as estações meteorológicas de Itajaí, Urussanga e Ituporanga e a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita para a cultura do arroz no estado de Santa Catarina.....	131
6. Distribuição espacial das classes e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra para a cultura do milho – Santa Catarina – Safra 2014/15.....	132
7. Excesso/deficiência hídrica decendial para o período de agosto de 2014 a junho de 2015 para as estações meteorológicas de Curitibanos e São Miguel do Oeste e a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita para a cultura do milho no estado de Santa Catarina.....	132
8. Distribuição espacial das classes e variação do rendimento final em relação ao rendimento esperado no início da safra para a cultura da soja – Santa Catarina – Safra 2014/15.....	133
9. Excesso/deficiência hídrica decendial para o período de setembro de 2014 a maio de 2015 para as estações meteorológicas de Chapecó e São Miguel do Oeste e a evolução percentual do estabelecimento da cultura, floração e colheita para a cultura da soja no estado de Santa Catarina.....	133

## Lista de Tabelas (Parte I)

### Desempenho da agropecuária catarinense - safra 2013/14

1. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária - SC e posição dentre os produtos .....8
2. Índice de variação da quantidade e do preço da agropecuária catarinense e de seus principais segmentos - safra 2013/14.....9

### Desempenho da produção vegetal

#### Arroz

1. Arroz beneficiado – Principais países produtores – Safras 2011/12-2015/16 .....10
2. Arroz beneficiado – Principais países exportadores – Safras 2011/12-2015/16 .....11
3. Arroz beneficiado – Principais importadores mundiais – Safras 2011/12-2015/16 .....12
4. Arroz beneficiado – Estoque final mundial e dos países selecionados – Safras 2011/12-2015/16.....
5. Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – Safras 2010/11 –2015/16 ..... 13
6. Exportações brasileiras por países de destino – 2010-15 .....13
7. Importações brasileiras por países de destino – 2010-15 .....14
8. Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – Safras 2009/10-2014/15.....15

#### Banana

1. Quantidade produzida – Mundo e principais países – 2009-13 .....19
2. Maiores exportadores mundiais – 2012.....19
3. Maiores importadores mundiais – 2012 .....20
4. Maiores rendimentos mundiais – Produtividade média – 2009 a 2013 .....20
5. Quantidade disponível para abastecimento per capita em países selecionados – 2011-13 .....20
6. Área colhida, produção e rendimento no Brasil e nos principais estados produtores – 2011-15.....22
7. Principais mercados compradores – Brasil – 2010-15.....23
8. Preço mensal ao produtor – Santa Catarina – 2010-15.....24
9. Preço mensal no atacado – Santa Catarina – 2010-15 .....25
10. Exportação por estado da Federação – 2010-15.....25

#### Cebola

1. Produção, exportação e importação – Mundial e principais países – 2012 e 2013 .....26
2. Área colhida, produção e rendimento dos principais estados produtores – 2012-14 .....27

#### Feijão

1. Produção mundial – 2009-13 .....31
2. Consumo nos países maiores consumidores e mundial – 2009-13.....31
3. Exportações dos principais países exportadores e mundial – 2008-12.....32
4. Importações dos principais países importadores e mundial – 2008-12.....32
5. Safra brasileira – 2010/11–2014/15.....32
6. Safra dos principais estados produtores e do Brasil – 2010/11–2014/15.....33
7. Importação brasileira por país de origem – 2011-15 .....33
8. Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 2010/11–2014/15 .....34
9. Safra de Santa Catarina – 2010/11–2014/15 .....34
10. Safra por microrregião geográfica de Santa Catarina – 2012/13–2014/15.....35
11. Feijão-preto – Preço médio aos produtores – 2011-15.....35
12. Feijão-carioca – Preço médio aos produtores – 2011-15 .....36



## Fumo

1. Produção dos principais países produtores e mundial – 2009-13.....	37
2. Exportações dos principais países exportadores e mundial – 2008-12.....	38
3. Importações dos principais países importadores e mundial – 2008-12.....	38
4. Safra brasileira – 2010/11- 2014/15.....	38
5. Número de fumicultores – Brasil – Safras 2010/11–2014/15.....	39
6. Distribuição fundiária dos fumicultores do Sul do Brasil – Safra 2013/14.....	39
7. Safras da Região Sul do Brasil – 2012-15.....	40
8. Produção e exportação do Brasil – 2010-15.....	40
9. Safra de Santa Catarina – 2010/11–2014/15.....	40
10. Safra por micro e mesorregião geográfica de Santa Catarina – 2012/13–2014/15.....	41
11. Preço médio aos produtores do Sul do Brasil – Safras 2009/10–2013/14.....	42
12. Preço médio aos produtores do Sul do Brasil, por estado – Safras 2009/10–2013/14.....	42
13. Exportações brasileira e catarinense – 2010-15.....	42
14. Exportações catarinenses, por país de destino – 2011-15.....	42

## Maçã

1. Quantidade produzida – Mundo e principais países – Safras 2008/08-2012/13.....	43
2. Maiores exportadores mundiais – 2012.....	44
3. Maiores importadores mundiais – 2012.....	44
4. Maiores rendimentos mundiais – Produtividade média – safras 2008/09-2012/13.....	45
5. Área colhida, produção e rendimento – Brasil e principais estados produtores – Safras 2010/11-2014/15.....	46
6. Exportação brasileira de maçã fresca – 2010-15.....	47
7. Exportação brasileira de suco de maçã – 2010-15.....	47
8. Importação brasileira de maçã fresca – 2010-15.....	48
9. Preço médio mensal no atacado – Brasil e Santa Catarina – 2014-15.....	50
10. Exportação de maçã fresca e suco de maçã por estado da Federação – 2010-15.....	50

## Milho

1. Principais países produtores – safras 2011/12-2015/16.....	51
2. Estoque final mundial e de países selecionados – Safras 2011/12-2015/16.....	51
3. Principais países exportadores – Safras 2011/12-2015/16.....	52
4. Principais importadores mundiais – Safras 2011/12-2015/16.....	52
5. Área plantada e quantidade produzida do Brasil e dos principais estados produtores – 2009-14.....	53
6. Valor das exportações brasileiras por países de destino – 2010-15.....	53
7. Consumo no Brasil – Safras 2011/12-2015/16.....	54
8. Área plantada e quantidade produzida de Santa Catarina e microrregiões – 2010-14.....	55

## Soja

1. Principais países produtores do grão, farelo e óleo – Safras 2011/12-2015/16.....	57
2. Exportações mundiais e dos principais exportadores, milhões de toneladas – Safras 2011/12-2015/16.....	58
3. Soja em grão – Estoque mundial e de países selecionados – Safras 2011/12-2015/16.....	58
4. Área plantada, quantidade produzida e rendimento do Brasil e principais estados produtores – 2011-15.....	59
5. Soja e derivados – Balanço de oferta e demanda nacional – 2009-15.....	59
6. Evolução do processamento no Brasil – 2010-15.....	60
7. Comparação das exportações brasileiras totais e do complexo soja – 2002-15.....	60
8. Soja e derivados – Exportações brasileiras – 2014-15.....	61
9. Área plantada e quantidade produzida no Estado e microrregiões – 2009-14.....	62
10. Soja e derivados – Exportações catarinenses por países de destino – 2011-15.....	62

## Tomate

1. Comparativo da safra mundial e dos principais países – Safra 2010/11-2012/13.....	63
2. Comparativo de safras da América do Sul – 2010/11–2012/13.....	63
3. Comparativo de safras do Brasil e principais estados – 2012/13–2014/15.....	64

4. Comparativo de safra de Santa Catarina – 2010/11–2014/15 .....	64
5. Comparativo de safras das principais microrregiões de SC – 2010/11 a 2012/13 .....	65
6. Preço aos produtores da microrregião de Joaçaba – 2011-15 .....	65
7. Preço no atacado da microrregião de Joaçaba – 2011-15 .....	65

## Trigo

1. Produção mundial e dos principais países produtores – Safras 2011/12–2015/16 .....	66
2. Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 2011/12–2015/16.....	66
3. Principais países consumidores – 2009-13 .....	67
4. Consumo per capita no mundo – 2009-13 .....	67
5. Principais países exportadores de trigo e seus derivados – 2008-12 .....	67
6. Principais países importadores de trigo e seus derivados – 2008-12.....	68
7. Comparativo das safras do Brasil – Safras 2011-2015.....	68
8. Comparativo de safras, segundo os principais estados produtores do Brasil – Safras 2013/15 .....	68
9. Oferta e demanda brasileiras – Safras 2011/15 .....	69
10. Trigo em grão – Quantidade importada pelo Brasil – Safras 2010/11-2014/15 .....	69
11. Farinha de trigo – Quantidade importada pelo Brasil – Safras 2010/11-2014/15 .....	70
12. Comparativo das safras de Santa Catarina – Safras 2011/15.....	70
13. Comparativo de safras, segundo as microrregiões de Santa Catarina – Safras 2013/15 .....	71
14. Preços médios mensais aos produtores de Santa Catarina – 2011–15.....	71

## Uva e Vinho

1. Área de vinhedos nos principais países – 2011-14.....	72
2. Produção Mundial de vinhos (excluído sucos e mostos) – 2011-14.....	73
3. Uva – Comparativo das safras 2014 e 2015.....	74

## Desempenho da produção animal

### Carne bovina

1. Produção mundial – 2011-15 .....	76
2. Consumo mundial – 2011-15 .....	77
3. Importações mundiais – 2011-15.....	77
4. Exportações mundiais – 2011-15 .....	78
5. Evolução do rebanho bovino brasileiro – 2008-14 .....	79
6. Balanço de oferta e demanda – Brasil – 2010-14.....	79
7. Exportações do Brasil segundo os principais destinos – 2010-2014 .....	80
8. Principais produtos exportados – Brasil – 2014 .....	80
9. Rebanho bovino catarinense por faixa etária, sexo e aptidão – 2013 .....	80
10. Bovinos abatidos por destino – Santa Catarina – 2013 .....	81
11. Bovinos abatidos por aptidão e sistema de inspeção em SC – 2014.....	81
12. Oferta em Santa Catarina – 2015 .....	81
13. Boi gordo – Preços médios ao produtor – Santa Catarina – 2010-14 .....	82

### Carne de frango

1. Produção mundial – 2011-15 .....	83
2. Consumo mundial – 2011-15 .....	84
3. Principais países exportadores – 2011-15.....	84
4. Principais países importadores – 2011-15.....	84
5. Abate SIF de frangos de corte no Brasil – 2010-14.....	85
6. Pintos alojados e produção – Brasil – 2010-14.....	86
7. Efetivo do rebanho de frango de corte – Santa Catarina – 2008-2014 .....	86
8. Exportação de carne de frango total brasileira e dos principais estados – 2014 .....	86
9. Custo da produção do frango de corte em diferentes sistemas – Santa Catarina – 2014 .....	87

## Carne suína

1. Produção por país – 2011-15 .....	88
2. Consumo doméstico por país – 2011-15 .....	89
3. Importação mundial – 2011-15 .....	89
4. Maiores exportadores mundiais – 2011-15 .....	90
5. Efetivo do rebanho por Grandes Regiões – 2008-14 .....	90
6. Produção industrial de carne suína do Brasil e dos principais estados – 2004-13 .....	91
7. Oferta e demanda de carne suína – Brasil – 2004-14 .....	91
8. Exportações brasileiras de produtos suínos – 2009-14 .....	92
9. Produção industrial de carne suína do Brasil e de Santa Catarina – 2004-14 .....	92
10. Efetivo do rebanho suíno por mesorregião geográfica – Santa Catarina – 2012 e 2014 .....	93
11. Exportações catarinenses de produtos suínos – 2009-14 .....	93
12. Exportações de carne suína fresca/refrigerada/ congelada – Santa Catarina – 2009-13 .....	93

## Leite

1. Produção mundial e dos principais países segundo as espécies animais – 2013 .....	95
2. Produção mundial e por continente – 1980-2013 .....	96
3. Produção mundial e dos principais países – 2000 e 2013 .....	96
4. Exportação mundial de lácteos segundo os principais exportadores – 2011/13–2015 .....	97
5. Importação mundial de lácteos, segundo os principais importadores – 2011/13–2015 .....	97
6. Produção por grandes regiões e do Brasil – 2000 e 2013 .....	98
7. Produção dos principais estados e do Brasil – 2000 e 2013 .....	98
8. Produção dos principais estados e do Brasil – 2009-13 .....	99
9. Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas – BR e principais UFs – 2010-14 .....	99
10. Balança comercial brasileira de lácteos – 2010-14 e janeiro a julho de 2011-15 .....	100
11. Importação brasileira de lácteos segundo as principais origens – 2013 e 2014 .....	100
12. Exportação brasileira de lácteos para os dez maiores compradores – 2013 e 2014 .....	101
13. Produção por mesorregião de Santa Catarina – 2000 e 2013 .....	101
14. Produção de Santa Catarina, segundo as meso e microrregiões – 2009-13 .....	102
15. Preço nominal médio aos produtores de Santa Catarina – 2011-15 .....	103

## Desempenho da aquicultura catarinense

### Piscicultura de água-doce

1. Moluscos – Evolução da produção de Santa Catarina de 2009-14 .....	108
2. Estimativa de valor da produção de moluscos - Santa Catarina – 2014 .....	110

### Desempenho do Setor Florestal

1. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial segundo os principais países – 2010-14 .....	111
2. Produção mundial de celulose de mercado segundo os principais países – 2010-14 .....	112
3. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 2010-14 .....	112
4. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2010-14 .....	113
5. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 2010-14 .....	114
6. Número de empresas e empregados formais no setor florestal – Brasil – 2012-13 .....	115
7. Área plantada com eucalipto e pinus no Brasil, por estado – 2013 e 2014 .....	116
8. Valor da produção da silvicultura – Brasil – 2009-13 .....	117
9. Produção brasileira das principais matérias-primas de origem florestal – 2008-13 .....	117
10. Produção, exportação e consumo interno de madeira serrada de florestas plantadas – Brasil – 2013-14 .....	118
11. Produção, exportação e consumo interno de madeira compensada de florestas plantadas - Brasil – 2013-14 .....	118
12. Produção, importação, exportação e consumo interno de painéis de madeira – Brasil – 2012-14 .....	119
13. Produção, importação, exportação e consumo interno de papel e celulose – Brasil – 2010-14 .....	121

14. Número de empresas e empregados formais no setor florestal – Santa Catarina – 2012-13 .....	122
15. Valor da produção da silvicultura – Santa Catarina – 2009-13.....	123
16. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 2008-13 .....	123
17. Preço médio de insumos e fatores de produção para silvicultura – Santa Catarina – 2010-15 .....	124
18. Preço médio de produtos e matérias-primas florestais – Santa Catarina – 2011-15 .....	124
19. Preços médios da madeira de pinus e eucalipto para processamento mecânico – 2011-15.....	125
20. Valor das exportações de produtos florestais – Santa Catarina – 2009-14.....	127

## Lista de Tabelas (Parte II)

### Séries históricas

1. Número e área dos estabelecimentos agropecuários por grupos de área total - Santa Catarina - 1975-2006.....	135
2. Área dos estabelecimentos agropecuários por utilização das terras - Santa Catarina - 1975-2006.....	135
3. Número e Área dos estabelecimentos agropecuários por condição dos produtores - Santa Catarina - 1975-2006 .....	135
4. Pessoal ocupado e Número de tratores em estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006.....	136
5. Efetivo de animais em estabelecimentos agropecuários por espécie - Santa Catarina - 1975-2006.....	136
6. Produção animal em estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006.....	136
7. Área e Produção dos estabelecimentos agropecuários - Santa Catarina - 1975-2006.....	136

### Área e população

8. Área territorial e população residente por situação do domicílio - Santa Catarina - 2000 e 2010 .....	137
9. Participação % das regiões na área territorial e população residente - Santa Catarina - 2000 e 2010 .....	138

### Exportações e importações

10. Valor das exportações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14 .....	139
11. Valor das importações de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14 .....	140
12. Balança comercial de produtos do agronegócio e total catarinense - 2009-14.....	141
13. Valor das exportações catarinense e brasileira e participação de Santa Catarina no Brasil - 2014 .....	142

### Preços aos produtores

14. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15.....	143
15. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15.....	144
16. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2013-15.....	145